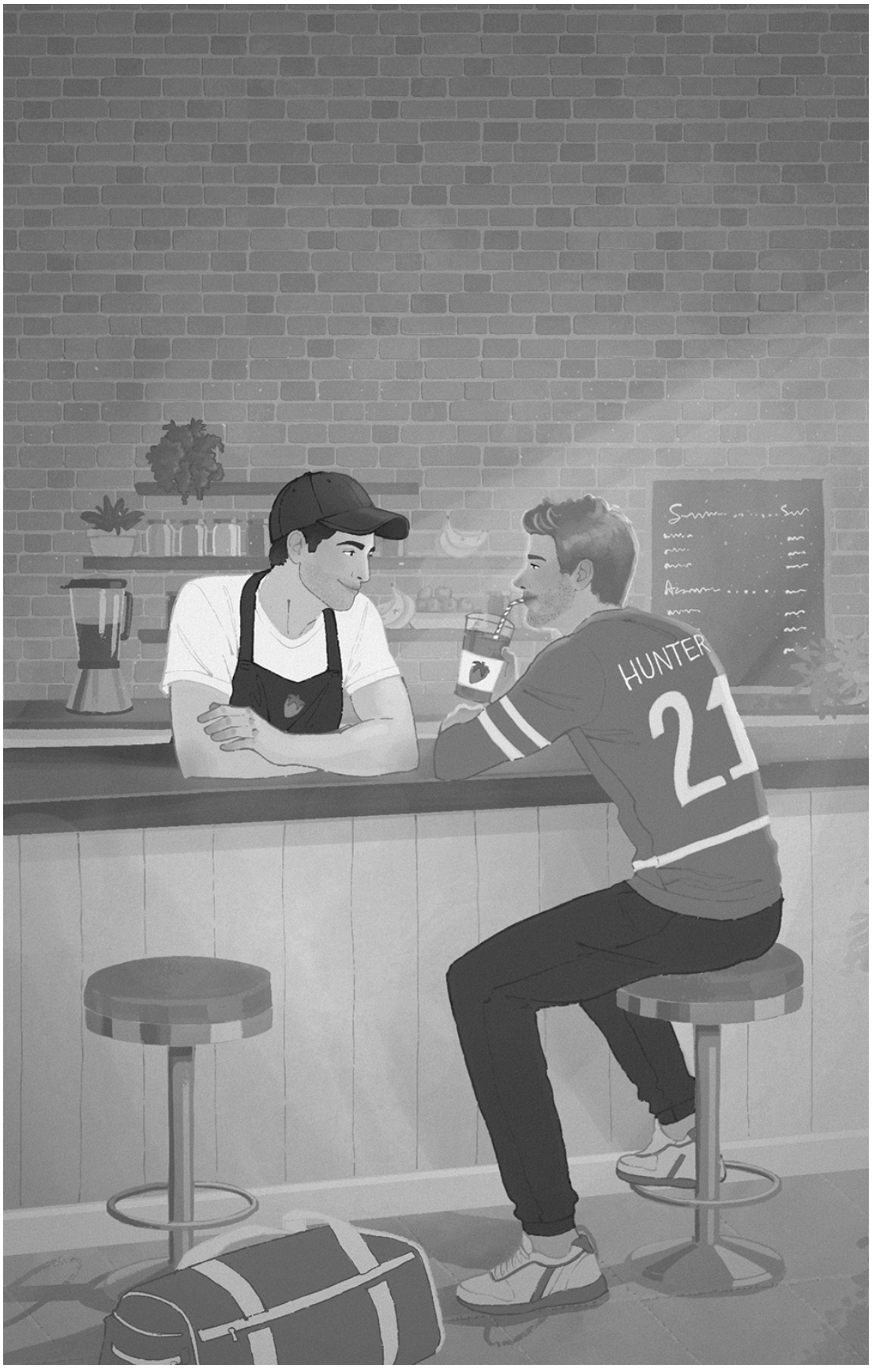
RACHEL REID

VIRADA DE JOGO

Game Changer




HUNTER
21

RACHEL REID

VIRADA DE JOGO

Tradução
Vitor Martins

Alt



© Caleb Latreille

Rachel Reid é autora *best-seller* do *New York Times* da série de romances de hóquei Game Changers, além de outros títulos. Ela mora na Nova Escócia, no Canadá — sempre morou lá e, ao que tudo indica, provavelmente sempre vai morar. Tem dois diplomas sem graça e dois filhos muito interessantes.


Atenção!
Se você pagou por este arquivo,
em qualquer formato (epub, pdf etc),
você está sendo enganado.
Estes arquivos de ebooks são
disponibilizados gratuitamente pela
comunidade leitora em sites e
apps como Z-library, Anne's Archive etc.
Não pague por serviços de pirataria.
Se for para pagar, compre o original e
valorize o autor e demais
profissionais envolvidos.
So many
BOOKS
so little
TIME
Booklover

Sumário

Pular sumário [»»]

Dedicatória

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Epílogo

Agradecimentos

Este livro é para todos aqueles que me encorajaram a tentar publicar esta história, principalmente para o Matt, que me apoia de coração em tudo. E também para o modelo aleatório da GAP que serviu como referência para o físico do Kip.

Capítulo um

Terça-feira, 14 de janeiro, foi o dia em que Kip Grady aprendeu que liquidificadores barulhentos e ressaca não combinam.

Não queria ter bebido tanto na noite anterior, mas Chuck e Jimmy estavam na cidade, e fazia meses que não via os caras. Não é como se ele tivesse ficado *bebaço*. Não esquecera em nenhum momento que, *sim*, precisava estar no trabalho na manhã seguinte, às seis, porém ainda assim tinha conseguido beber o suficiente para que o liquidificador potente se tornasse seu inimigo mortal.

Mas tinha um trabalho a fazer. E o trabalho era preparar a melhor desgraça de smoothie para a mulher com aparência de gente ocupada esperando no balcão.

— Aqui está, senhora. — Tentou não fazer careta ao entregar o pedido para a cliente. — Um smoothie Guerreiro Verde com um shot de grama de trigo.

Ele olhou para o relógio. Seis e meia. Minha nossa.

Não havia tempo para descansar a cabeça na convidativa pilha de laranjas sobre o balcão. As manhãs de dias de semana na Straw+Berry costumavam ser bem agitadas até as nove. Maria também estava trabalhando naquele turno, o que era bom. Eles trabalhavam bem juntos porque, muito embora nenhum dos dois estivesse lá muito investido naquele serviço, levavam o emprego a sério e faziam o que tinham que fazer. Além do mais, ela era engraçada.

— Qual desses smoothies malditos é bom pra curar ressaca? — grunhiu Kip quando o estabelecimento ficou vazio por um breve momento.

— Hum, nenhum. Mas, supostamente, o de melancia.

— Beleza. Vou fazer um copo gigante do de melancia com, tipo, uns cinco ibuprofenos pra mim.

— Acho que você quis dizer cinco "potencializadores de bem-estar".

Kip preparou um smoothie gigante de melancia e de fato se sentiu um pouco melhor depois de bebê-lo. Tomou *dois* ibuprofenos.

— Onde você se meteu ontem à noite, aliás? — perguntou Maria.

— Ah, só saí com uns amigos da faculdade.

— Ah, é? Eles são bonitinhos?

— Não. Sei lá. Não fazem meu tipo. — Chuck era grande, parrudo e barbudo. Jimmy era o completo oposto: baixinho, magro e parecia uns sete anos mais novo do que realmente era.

— Eles são baristas de suco super bem-sucedidos também?

— *Eles* conseguiram trabalho na área. Os dois trabalham em Boston. Gerentes de alguma coisa? Seguros? Finanças? Sei lá. Trabalham de terno.

— Você usa um avental. Isso é bom, né?

— Sim, tô superorgulhoso.

— E um boné com um moranguinho bordado. Fala sério!

Kip jogou um pedaço de abacaxi congelado nela.

— Quer saber, Kipper? Vou ser boazinha e preparar tudo lá nos fundos agora de manhã, assim você pode descansar essa sua cabecinha linda quando a hora do rush passar.

— Sério?

— Juro!

— Você é a melhor do mundo e eu te amo — disse ele num suspiro feliz.

— Eu sei. Agora melhora essa cara! Temos mulheres de negócios chegando e elas querem suco de couve!

Uma hora de movimento intenso se passou antes que Kip enfim pudesse aproveitar o silêncio que Maria prometera. Ela foi para a sala dos fundos picar frutas e vegetais, e ele se jogou em uma cadeira que tinha arrastado para trás do balcão e pressionou o rosto contra a parede. Era uma parede gostosa e geladinha.

Nem percebeu que havia fechado os olhos até se assustar com o som de alguém pigarreando. Não de forma agressiva. Apenas alto o bastante para que Kip notasse sua presença.

Ele abriu os olhos e se levantou às pressas.

— Perdão, senhor — gaguejou ele. — Como posso…?

A boca de Kip se abriu como a de um personagem de desenho animado. Deve ter ficado de queixo caído, e sua língua deve ter rolado para fora da boca como um tapete. É que por acaso o *homem mais gostoso que já havia visto* estava parado na frente dele.

— Hum, como posso ajudar? — Kip conseguiu dizer.

O homem era alto, loiro e, bom, *sarado*. E Kip *soube* que o cara era sarado porque ele vestia uma jaqueta da Under Armour ridiculamente apertada e calça de moletom. Parecia ter terminado uma corrida, pelo jeito como o cabelo

molhado grudava na testa e a pele brilhava de suor.

— Bom dia — disse o homem suado, com animação. — Desculpa por te acordar.

As bochechas de Kip ficaram coradas. Ele abaixou um pouco a cabeça para que a aba do boné idiota o escondesse. *Meu deus, o homem mais gostoso do mundo está na minha frente e eu estou vestindo um avental e um boné de estampa de morango.*

— Você não… Eu não estava… — Kip respirou fundo. *Acorda!* — Desculpa. Acabei me divertindo um pouco demais ontem à noite.

O homem arqueou uma sobrancelha.

— Numa segunda-feira?

— Bom, sabe como é a vida de quem faz smoothies… o negócio é viver cada segundo como se fosse o último, né?

O homem riu. Kip quase desmaiou.

— Então, o que temos de bom aqui? — perguntou o sujeito, analisando o cardápio.

— Hum, tem um de mirtilo, abacaxi e couve… mas quase não dá pra sentir o gosto da couve, juro! É bom. Eu gosto.

— Esse seria o… Lua Azul no Céu do Brooklyn?

— Sim. Todos os nomes aqui são meio bobos.

O homem apontou o dedo comprido para o crachá de Kip.

— Eu gostei do *seu* nome.

Kip olhou para o próprio crachá como se não soubesse o que estava escrito ali. Feito um idiota.

— É tipo um apelido — disse ele, como se o cara gostoso tivesse pedido mais informações. O que não era o caso. Mas Kip continuou falando porque era o que sempre fazia: — Quer dizer, todo mundo me chama de Kip. Então *é* o meu nome. Mas não é, tipo, meu nome *de verdade*. É, hum… Enfim. Quer um de mirtilo mesmo?

— Me parece bom — disse o homem, educadamente ignorando o quanto Kip estava sendo tonto para cacete.

Kip pôs a mão na massa, enchendo o liquidificador com várias frutas congeladas e couve fresca. Felizmente era algo que exigia foco, mas o eletrodoméstico também era barulhento o suficiente para que não conseguisse falar por cima do ruído. Deu uma olhada no homem, que estava agora com as mãos na cintura, analisando as fotos desinteressantes de frutas que decoravam o pequeno espaço. Os olhos de Kip não sabiam onde parar, saltando depressa

dos ombros largos para os braços ridículos de tão grandes até as costas musculosas que terminavam na cintura fina e numa bunda que, sinceramente…

Kip meneou a cabeça e desligou o liquidificador. Se atrapalhou para pegar um copo de plástico e o encheu com o smoothie azulado.

— Prontinho, senhor.

O homem se virou, assentiu e entregou uma nota de vinte dólares dobrada e levemente molhada de suor, que tirou do bolso da calça de moletom. Ele abanou a mão quando Kip tentou entregar o troco.

— Pode ficar.

— Sério? — perguntou Kip, observando o sujeito dar o primeiro gole. Observando seus lábios rosados envolverem a ponta do canudo.

— Aham. — O homem sorriu. — Fica como uma gorjeta pela dica. Isso aqui é uma delícia!

Kip sorriu de volta.

— Que bom que gostou. Tenha um ótimo dia.

O desconhecido fez um gesto de brinde com o copo de smoothie.

— Você também, Kip.

Kip ficou meio tonto com o som do seu nome saindo da boca daquele sujeito. Enquanto o homem dos sonhos ia embora, outro, que não era nem de longe tão atraente, entrou na loja.

— Puta merda! — disse o novo cliente, apontando para a porta com o polegar. — Aquele era o Scott Hunter!

— Hã?

O homem olhou para Kip como se ele fosse muito burro.

— Scott *Hunter*.

— Tipo, aquele jogador de hóquei? — perguntou Kip.

— *Quê?* — disse uma voz vindo de trás dele. Maria estava parada na porta da sala dos fundos. — Sério que eu perdi o Scott Hunter?

— Acho que não… acha mesmo que era ele? — perguntou Kip.

O cliente assentiu.

— Ah, sim. Com certeza. O que me surpreende é ele estar passeando pela cidade assim, considerando o quanto anda fazendo merda no gelo.

— Ele não está jogando bem? — Kip sabia *por alto* quem era Scott Hunter, claro. Todo mundo sabia, fosse fã de esportes ou não. Ele era o central principal e capitão do New York Admirals. Três anos antes, garantira o ouro olímpico para a seleção dos Estados Unidos. Mas Kip só o conhecia por causa das

campanhas para a Hugo Boss. Era muito fã daquelas campanhas.

Kip até que gostava de hóquei, mas não acompanhava a liga principal de perto. Scott Hunter sempre fora, até onde ele sabia, celebrado e amado nesta cidade. O Rei de Nova York, inclusive. Mas, pelo visto, Kip estava por fora.

— Sim, ele tá péssimo nessa temporada — continuou o cliente. — Não marca um gol sequer desde novembro! Não sei por que pagam aquela grana toda pro cara. Deveriam trocar esse vagabundo de time.

— Bom… — disse Kip, sem saber como concluir. Era ridículo, mas estava pessoalmente ofendido pelas críticas do rapaz, e se sentiu obrigado a defender Scott Hunter. — Talvez ele só esteja passando por um momento difícil.

O cliente bufou.

— Ele pode deixar o momento difícil pro verão. A gente não vai passar das eliminatórias esse ano se ele continuar com essa merda.

Kip continuava inexplicavelmente irritado, mas deixou o assunto para lá e preparou o smoothie para que o cliente fosse embora.

Quando ficaram sozinhos de novo, Maria disse:

— O Scott Hunter passou mesmo aqui?

— Não sei. Talvez. Assim, agora que aquele cara mencionou, acho que era ele mesmo. Ele era tão gostoso que eu cheguei a ficar meio distraído, mas, sim, parecia mesmo com o Hunter. E, hum, ele me deu uma boa gorjeta.

— Boa quanto? Sabe que a gente tem que dividir, né?

— Sim, sim, eu sei. Foram treze dólares de gorjeta!

— *Quê?*

— Bom, se era *mesmo* o Hunter, isso não é nada pra ele, né? O cara não deve estar nem aí pro dinheiro.

— Ai, deve ser bom.

— Pois é.

— Mas me diiiiiiz — exclamou Maria, invadindo o espaço pessoal de Kip. — Ele era gostoso?

— Meu deus. — Kip sorriu. — Ele era *delicioso*. Nem parecia de verdade.

— O que ele estava vestindo?

— Roupa de treino. Parecia ter acabado de correr, acho. Uma roupa de treino muito *justa*.

— Ai, meu deus.

— Juro.

— Não acredito que perdi. Se ele voltar, você tem que me chamar. Mesmo se eu estiver no *banheiro*, você tem que me chamar!

— Claro, isso não vai ser nem um pouco esquisito.

Maria começou a encher as geladeiras com as frutas e vegetais recém-picados. Kip ajudou. Trabalharam em silêncio por alguns minutos.

— Ei — chamou Kip. — Ele disse meu nome.

— Quem? O Hunter? Ele realmente disse a palavra "Kip"?

— Sim — respondeu Kip, todo sonhador.

— Meu deus, aposto que quando *ele* diz, esse apelido nem deve soar idiota.

Kip jogou um morango nela.

Kip viu a manchete na manhã seguinte, no metrô: *A noite foi de Hunter!* Ele se inclinou um pouco adiante para ler a primeira página do jornal de um passageiro sentado à sua frente. Ao que parecia, Hunter marcara um *hat trick* e tinha dado duas assistências na noite anterior, numa vitória esmagadora de 7 a 1 contra o time de Washington. Kip sorriu. De um jeito curioso, estava orgulhoso dele.

Nossa, que legal que esse astro milionário teve uma noite boa ontem. Ai, ai…

Segundo o jornal, os Admirals iriam jogar em Nova Jersey naquela noite. Enquanto Kip caminhava os dois quarteirões da estação de trem até a Straw+Berry, pensou na última vez em que fora a um jogo dos Admirals. Devia ter sido pelo menos uns oito anos antes. Não, mais que isso, porque nunca tinha visto Hunter jogar ao vivo, só pela TV.

Minha nossa, mas será que agora vou passar o tempo todo pensando no Scott Hunter?

Bocejou ao pegar a chave e destrancar a porta da lanchonete. Precisava arrumar um emprego em que não tivesse que começar o expediente tão cedo. Acordar antes das cinco para chegar no trabalho antes das seis era ridículo. Ainda mais em troca de um salário mínimo.

A manhã passou como a maioria delas nos dias de semana: movimento intenso das sete até as nove, e depois um pouco de tranquilidade antes que as clientes que Maria chamava de "mamães da yoga" começassem a aparecer.

— Seu namorado teve uma noite boa ontem — disse Maria enquanto reabastecia a tigela de laranjas.

— Que história é essa?

— Scott Hunter. Ele marcou, tipo, um milhão de gols ou sei lá o quê.

— *Três* gols — Kip corrigiu. — E deu duas assistências.

— Ai, desculpa. Eu não sabia que você era *tão* fã assim.

— Não sou! Eu li no jornal vindo pra cá. É, tipo, a notícia mais importante

do dia, sei lá.

— Ai, meu deus! Você tá caidinho por ele! Voltou pra casa ontem e ficou procurando fotos do Scott Hunter no Google, aposto!

— Não! — *Sim.*

— Enfim. Você todo fãzoca. Que fofo.

— Te odeio.

— Odeia nada.

Maria empilhou as laranjas e Kip varreu o chão atrás do balcão, embora nem estivesse tão sujo assim. É que odiava ficar parado sem fazer nada.

E, pouco depois das dez, a porta se abriu e Kip estava mais uma vez encarando Scott Hunter com roupas de treino suadas.

Desta vez, Maria estava lá para testemunhar.

— Puta merda.

Kip deu uma cotovelada nela da forma mais sutil possível.

— Bom dia de novo, Kip — disse o homem que, definitivamente, era Scott Hunter.

— Bom dia, hum… *Nossa*. Você é o Scott Hunter, não é?

— Sim, eu sou. — Ele parecia estar se divertindo.

— Que demais! — Maria suspirou.

— É, hum… — Kip gaguejou, e depois mudou a rota. — Ótimo jogo ontem.

— Obrigado! Pensei em tomar mais um daquele smoothie de mirtilo. Quando algo dá certo num jogo, gosto de tentar repetir tudo o que fiz naquele dia.

— Beleza — respondeu Kip. Os olhos de Scott eram azuis. Tão azuis.

— Então… outro smoothie de mirtilo, por favor.

— Beleza! — Kip saiu do transe e foi preparar a bebida.

Scott Hunter, mais uma vez, vestia uma jaqueta da Under Armour absurdamente justa e calça de moletom. O cabelo estava molhado e bagunçado, e a pele, levemente corada por causa do exercício. Kip Grady, mais uma vez, vestia um avental idiota pra cacete e um boné com um maldito bordado de morango. Mas pelo menos dessa vez não estava de ressaca.

Entregou a bebida ao astro do esporte e tentou não focar tanto na forma como os lábios dele envolviam o canudo. Era difícil, porque Scott olhava *diretamente para ele* enquanto dava o primeiro gole. Seus lábios se curvaram um pouco ao notar o olhar de Kip.

— Obrigado mais uma vez, Kip — disse ele. — Espero te ver no próximo dia de jogo.

Ele ergueu o copo de smoothie num gesto de despedida e foi embora.

Quando Kip se virou para Maria, ela estava boquiaberta.

— Espero te ver no próximo dia de jogo? — repetiu ela. — Tá me *zoando*?

— Quê?

— Ele tá muito a fim de você, Grady!

Kip ficou vermelho como o morango no seu boné.

— Ai, nem vem. Não foi isso que ele quis dizer.

— Aham, tá bom.

— Não foi! Ele só é supersticioso. Só quis dizer que espera que dê certo e que o jogo de hoje seja ótimo, daí ele volta num próximo dia de jogo! Só isso!

— Eu sei que era isso que *parecia* que ele estava dizendo, seu idiota, mas tinha muito *mais* nas entrelinhas.

— Ele nem é… Ai, meu deus. Não acredito que estou falando disso. Scott Hunter *não gosta* de outros caras. E ele *com certeza* não gosta de caras que trabalham em lanchonetes de smoothie.

— Se você acha…

— Vou lá pros fundos picar uns abacaxis — resmungou Kip.

— Já aproveita pra conferir se nosso estoque de mirtilo está bem cheio — cantarolou Maria atrás dele.

Kip estava na sala de estar do apartamento de sua melhor amiga em Tribeca, bairro de Manhattan, admirando a vista do Rio Hudson. Nem imaginava quanto deveria custar um lugar daqueles.

Morar em Nova York era *caro*, mas Kip tinha uma estratégia superimpressionante que o permitia receber um salário mínimo *e* conseguir pagar o empréstimo estudantil no prazo todo mês: ainda morava com os pais.

Sim, tinha 25 anos. Sim, se formou na faculdade aos 22. Mas, assim, o mercado de trabalho para graduados em história não estava exatamente *bombando*.

Kip tinha sonhos. Aspirações. Queria trabalhar em um museu. Talvez se mudar para a Europa a trabalho um dia. Talvez escrever um livro ou dois. Talvez apresentar um programa de TV popular em que viajaria pelo mundo mostrando diferentes locais históricos importantes para os telespectadores. Talvez ser consultor para filmes históricos de Hollywood…

Ou talvez transformar frutas e vegetais numa gororoba bebível para pessoas ocupadas a caminho de seus trabalhos que eram importantes de verdade.

Elena, a dona do apartamento onde ele estava agora, tinha um emprego de

verdade e uma vida que parecia muito adulta comparada com a de Kip. Era engenheira de segurança digital na Equinox Tech, uma das empresas de TI que mais crescia no país. Kip não sabia exatamente o que era uma engenheira de segurança digital, mas o serviço parecia pagar bem e soava impressionante.

Ela era, de longe, a pessoa mais inteligente que Kip conhecia. Além de ser brilhante e engraçada, também era muito bonita — uma combinação incomum da altura e estrutura óssea do seu pai norueguês, com o cabelo escuro e a pele marrom que herdara da mãe libanesa.

A amizade dela com Kip no ensino médio o ajudara a perceber que ele não sentia atração sexual por mulheres. Porque, se não se interessava por *ela*, bom…

Enfim, é provável que Elena soubesse que Kip era gay antes dele. Ela sabia tudo antes dele.

— Tá precisando de um colega de apartamento? — perguntou Kip, dando as costas para a janela.

— Não — respondeu ela. — Nunca.

Se acomodaram no sofá para comerem comida sichuanesa (Elena *nunca* cozinhava). Kip mal deu uma mordida antes de Elena perguntar, como quem não quer nada:

— Então. Quem é ele?

O macarrão escorregou dos palitinhos de Kip, voltando para a caixa de onde vieram.

— Quê? Quem? Como assim?

— Você está a noite toda com essa carinha de bobo. Está pensando em quem?

O rosto de Kip corou. Ele cutucou o macarrão com os palitinhos.

— Ninguém.

— Christopher. — Elena gostava de usar seu nome de verdade toda vez que se cansava do papinho dele.

— Você vai rir.

— Eu não sou de rir dos outros.

Kip sorriu com a resposta.

— É só que… você conhece o Scott Hunter?

— Se eu conheço o Scott Hunter? Pessoalmente, não.

— Mas já ouviu falar dele, né?

— Já.

— Então. Ele tem aparecido lá na lanchonete.

— Na lanchonete de smoothies?

— Sim. Nos dois últimos dias. Pra dar sorte, ele diz, porque jogou muito bem depois de tomar um smoothie ontem de manhã. Daí apareceu hoje e pediu mais um porque tem outro jogo esta noite.

— Entendi.

— Ele é… Ele é muito gostoso, só isso.

Os lábios de Elena tremeram um pouco, mas ela não riu.

— Bacana!

— Pois é.

Continuaram comendo em silêncio. E Kip, que aparentemente *não* conseguia ficar de boa, levou menos de um minuto antes de voltar a falar:

— Ele sabe meu nome.

Elena arqueou uma sobrancelha.

— Ele disse "Bom dia, Kip" quando apareceu lá hoje. — Kip tentou não abrir um sorriso bobão e falhou.

— Deve ter sido uma emoção e tanto.

— Sim e, hum, ele disse que espera me ver de novo. Caso, tipo, o lance do smoothie dê certo e tal…

— O smoothie mágico do hóquei?

— Para de me zoar.

— Não estou te zoando! E digo mais: vamos assistir ao jogo de hóquei hoje.

Kip estava vergonhosamente nervoso enquanto assistia ao jogo de hóquei. A cada pancada que Scott levava, Kip se encolhia. A cada lance de Scott rumo ao gol, Kip prendia o ar. Queria que o jogo fosse bom para Hunter, e não adiantava se enganar quanto ao motivo.

Ao fim do primeiro período, o placar estava empatado, 1 a 1. Scott parou no caminho até o vestiário para uma rápida entrevista. Tirou o capacete e o cabelo molhado se espevitou para todas as direções. O coração de Kip acelerou. Scott estava encharcado de suor, muito mais do que quando aparecia na lanchonete depois de suas corridas. Kip conseguia ver o brilho do suor descendo pelo pescoço do Scott, escorrendo até a gola vermelha do uniforme.

Scott falava algo sobre uma defesa forte e trabalho em equipe. Sua boca linda pairava sobre o microfone e os olhos azuis não encaravam nem a câmera nem o entrevistador. A impressão era de que mal estava presente na entrevista, como se já estivesse onde quer que preferisse estar naquele momento.

— Tá bom, ele é mesmo muito gostoso — comentou Elena.

— Pois é… — Kip suspirou.

O jogo continuou acirrado no segundo período. Foi só no terceiro, quando Scott marcou dois gols e deu assistência a mais um, que os Admirals silenciaram os fãs na arena Newark. Kip ficou tonto.

— Meu deus, ele é incrível. Aquele último gol, o disco deve ter voado a uns 160 quilômetros por hora, mas parecia estar em câmera lenta.

— Ele tem mãos talentosas — concordou Elena, com um sorrisinho.

Ela pegou o celular e digitou alguma coisa.

— O próximo jogo é sábado, aqui em Nova York, contra Tampa Bay — anunciou. — Você trabalha no sábado?

Kip grunhiu.

— Merda! Preciso estar lá. Tenho que trocar de turno! Quem vai trabalhar no sábado?

Ele pegou o celular e mandou mensagem para Maria. Você trabalha no sábado?

A resposta chegou um minuto depois. Sim?

Kip: Posso trocar com você?

Maria: Pq?

Kip: Meu turno é sexta. Vamos trocar. Por favor?

Maria: Isso tem a ver com o Scott Hunter?

Kip se sentiu idiota, mas, ainda assim, digitou: Talvez.

Maria: Meu deus, Kip.

Kip: POR FAVOR?!

Maria: Tá bom.

Depois de uma pausa, ela acrescentou: Você vai trabalhar com o Jeff.

Aff. Jeff era o pior de todos. Muito preguiçoso e praticamente vivia chapado. Kip mal podia acreditar que ele ainda trabalhava lá.

Mas valeria a pena, porque, quando o jogo acabou, o placar era de 6 a 2 para os Admirals. Ou seja, Scott com certeza passaria lá no sábado.

Provavelmente com certeza.

Quase certamente com certeza.

Capítulo dois

Talvez Kip tenha acordado ainda mais cedo no sábado para cuidar um pouco mais da própria aparência.

Não havia nada que pudesse fazer quanto ao uniforme, mas pelo menos garantiu que seus jeans mais bonitos estivessem limpos, e decidiu calçar os tênis novos e estilosos que havia comprado algumas semanas antes mesmo sem poder pagar por eles, mas não conseguira resistir.

Ele até se deu ao trabalho de ajeitar um pouco o cabelo, apesar de saber que teria que colocar aquele boné idiota na cabeça. Passou fio dental. Colocou pastilhas de menta no bolso para disfarçar o derradeiro bafo de café.

Entrou no estabelecimento dez minutos mais cedo após uma viagem de metrô relativamente relaxante, e não ficou nada surpreso ao ver que foi o primeiro a chegar. Começou a trabalhar nos preparativos, garantindo especialmente que todos os ingredientes para o Lua Azul no Céu do Brooklyn de Scott estivessem prontos.

Vinte minutos depois que a loja abriu, às seis, Kip continuava sozinho. Até aí, nenhuma surpresa, considerando que Jeff era quem estava na escala, mas era irritante.

Às seis e meia, o telefone tocou; era Jeff avisando que estava "doente". Kip mal conseguiu reunir a energia para ficar bravo, ainda mais porque aquilo significava que ele estaria sozinho quando Scott…

Você está empolgado demais com a possibilidade de uma interação de dois minutos com um homem que não está nem um pouco interessado em você, Kip.

Sábados eram sempre mais tranquilos do que os dias de semana. A manhã se arrastou, com poucos clientes aparecendo para quebrar a monotonia. Kip acabou pegando o celular e, é claro, lendo reportagens antigas sobre Scott Hunter.

Havia muitas. A maioria reunia as mesmas informações: Scott nasceu e cresceu em Rochester, e sempre fora o melhor jogador de todos os times dos quais participou, desde a adolescência. Os artigos geralmente destacavam sua

devoção generosa à instituições de caridade, especialmente as que ajudam crianças doentes, e o descreviam como um exemplo brilhante, dentro e fora do gelo.

Outra coisa que as matérias *sempre* mencionavam era que Scott Hunter era um dos melhores partidos de Nova York. Ele nunca se relacionara com nenhuma mulher por um tempo significativo (interessante) e costumava fugir de perguntas sobre sua vida pessoal (mais interessante ainda).

Kip estava ocupado salvando fotos da matéria sobre Scott na GQ quando a porta se abriu. Ele se atrapalhou todo para enfiar o celular no bolso enquanto Scott Hunter ia entrando.

Seria ridículo dizer que o rosto de Scott se iluminou ao ver Kip, mas… parecia *muito* que aquilo havia acontecido mesmo.

— Kip! — exclamou ele, com um sorriso prazeroso se espalhando pelo rosto suado. — Fiquei com medo de você não estar trabalhando hoje.

— Sério? — perguntou Kip, chocado demais para falar qualquer coisa mais inteligente.

— Quer dizer… — Peraí, Scott Hunter por acaso parecia *envergonhado*? — Eu gosto de manter as coisas na minha rotina o mais parecidas possível, e foi você quem preparou os outros smoothies, então…

— Deve ser alguma coisa no jeito como eu preparo — disse Kip, arriscando corajosamente um sorriso de flerte.

— Deve ser.

Kip juntou os ingredientes e começou a jogá-los no liquidificador.

— Eu assisti ao último jogo — disse ele. — Aquele gol final foi incrível.

— Obrigado. — Scott parecia lisonjeado de verdade. — Fiquei orgulhoso daquele.

Ele sorriu para Kip, que ficou com a boca seca. Ele ligou o liquidificador antes que pudesse dizer algo estúpido, tipo, *Qual é o gosto do seu tanquinho?*

— Está sozinho hoje? — perguntou Scott quando Kip o entregou sua bebida de sempre.

— Sim, hum, eu deveria estar com outro funcionário, mas ele ficou doente. Acho que nem está doente de verdade. Ele é meio inútil. — Kip se encolheu por dentro ao dizer isso. *Até parece que Scott Hunter dá a mínima para os seus colegas de trabalho.*

— Que pena — disse Scott. — Já tive colegas de time assim também.

Kip riu, porque Scott Hunter estava *mesmo* comparando as duas áreas de trabalho?

— Você... Hum, tudo bem se eu beber aqui? — perguntou Scott, como se não houvesse mesas e cadeiras bem ao lado dele. — É só que… eu tenho alguns e-mails para ler. — Ele tirou o celular do bolso e balançou o aparelho no ar.

— Sim, claro — respondeu Kip, sem acreditar na própria sorte.

Scott se sentou sozinho em uma das mesinhas de bistrô, de costas para a porta (e de frente para Kip). Kip se esforçou muito para não ficar encarando enquanto Scott lia os e-mails no celular e dava goladas ocasionais no smoothie azul. Ele parecia beber bem devagar.

Depois de quinze minutos, Kip deixou seu posto atrás do balcão e foi limpar mesas que não precisavam ser limpas.

Quando chegou na mesa ao lado de Scott, se arriscou e rompeu o silêncio.

— Tem certeza de que isso não vai bagunçar seu jogo? Quebrar a rotina desse jeito?

— Como é? Ah, não. Eu não preciso fazer *tudo* igual. Quer dizer, não sou *tão* obsessivo assim.

— Claro — respondeu Kip, com uma leve risadinha.

Scott sorriu e até mesmo riu.

— Eu devo parecer um esquisitão mesmo, né? Achando que esse smoothie é uma poção mágica e tal…

Kip deu de ombros.

— Eu já li sobre atletas. Vocês são todos doidos, não são? Vestem o uniforme de um jeito específico, não trocam de meia, ficam sem se barbear…

Scott apontou um dedo acusador para ele.

— Ei! Só nas eliminatórias, e isso é uma tradição consagrada pelo tempo!

— Supernormal, então.

Kip não acreditou no que estava prestes a fazer, mas precisava tentar. Só um pouquinho.

— Não estou dizendo que vejo problema nisso — comentou ele, da forma mais descontraída que conseguiu. — Vocês ficam com um ar muito bruto quando levantam a taça. Parecem um bando de lenhadores gostosos.

Pronto. Jogou no ar.

Scott olhou para ele, e Kip poderia jurar que o fantasma de um sorriso passou pelos lábios do jogador.

Mas então Scott se levantou de repente e o sorriso foi embora.

— Bom, tenho que ir.

Kip quis *morrer*. Ele estava flertando com o *gostoso* do Scott Hunter e agora

Scott iria embora pra sempre? Que *porra* foi essa?

— Obrigado mais uma vez, Kip — disse Scott. Mais gentil do que Kip merecia.

No entanto, quando chegou à porta, Scott parou e se virou.

— Quer ir ao jogo hoje à noite?

— Quê?

— Ninguém vai usar os meus ingressos. Posso te dar dois, caso queira levar… alguém… se quiser.

— Tá falando sério?

— Por que não estaria?

Kip ficou boquiaberto diante daquela celebridade impossível de tão linda preenchendo a entrada da loja, oferecendo um presente a ele sem motivo algum.

— Se você tiver certeza, eu adoraria ir!

— Certeza *absoluta*, e fico feliz que você vá. É só dizer seu nome na entrada.

— Tá bom. Te vejo hoje à noite, então — respondeu Kip, *como um idiota*.

Scott só sorriu e foi embora.

Kip não deveria ter ficado surpreso ao descobrir que os assentos pessoais de Scott Hunter eram *fenomenais*. A seis fileiras do gelo, na fila azul de frente para o banco do time da casa. Surreal.

— Porra — disse Elena. — Eu sei que a Equinox tem um camarote aqui, mas esses lugares são muito melhores.

— Não acredito que estamos aqui. Não acredito que estamos usando os ingressos do *Scott Hunter*!

— Mas é um encontro meio esquisito, né? Você está aqui com uma mulher e ele está trabalhando.

— *Não é* um encontro.

— Ah, claro, aposto que ele dá ingressos de graça para todos os funcionários de lanchonetes de smoothie.

Kip vinha tentando não pensar muito no motivo pelo qual Scott lhe dera os ingressos.

— Ele só estava me agradecendo porque acha que, de alguma forma, sou responsável por essa sequência de vitórias. Como eu disse, ele é doido.

— Doido por *você*, eu acho.

— Deixa de ser idiota.

— Kip — disse ela, apoiando a mão no porta-copos do assento. — Você tem noção de como *você* é, não tem?

— Como ass…?

— Você é gostoso, Grady. Extremamente gostoso.

— Eu sou… normal.

— Não, olha aqui. Você é ridículo de tão lindo. Acha que eu fico feliz por você ser gay? Não, eu não fico.

Kip revirou os olhos.

— Até parece. Além do mais… — Ele abaixou o tom de voz até sussurrar, chegando mais perto. — Nós não sabemos se o Hunter… joga no meu time.

— Não sabemos?

— Não! Quer dizer… eu percebo umas coisinhas aqui e ali que talvez…

— Tipo o fato de estarmos sentados nas cadeiras dele porque ele te deu *pessoalmente* os ingressos *pessoais* dele ao te visitar no trabalho pela terceira vez só essa semana?

Agora, Kip estava corando.

— Ele só é supersticioso — murmurou. — Só isso.

Os jogadores entraram no gelo para o aquecimento. Kip observou todos patinando, ajoelhando no gelo e alongando, revezando lances contra seus goleiros. Tentou, em vão, não prestar tanta atenção no camisa 21, Scott Hunter. O homem que estava fazendo um afundo para alongar o posterior da coxa, mostrando o quão flexível era. Kip imaginou como ele ficaria naquela posição sem as calças pesadas e acolchoadas de hóquei.

Sua mente abstinente de sexo o levou para uma linda jornada por alguns minutos, e Kip ficou tão distraído que quase não notou quando Hunter patinou até o vidro na frente deles — parecendo ter saído de um cartaz promocional com seu uniforme vermelho, branco e azul impecável — e acenou com a cabeça.

Não. Não para mim. Deve ser para alguém sentado atrás de mim.

Kip virou a cabeça. Ainda não havia ninguém sentado atrás dele. Ninguém na frente também.

Hum.

O aquecimento encerrou, as Zambonis apareceram para limpar o gelo e, então, o espetáculo do pré-jogo começou. As luzes se apagaram e vídeos dos Admirals em ação foram projetados no gelo enquanto uma música de rock tocava nas alturas. Houve gelo seco, pirotecnia e, quando os jogadores surgiram, a arena foi à loucura.

Kip se surpreendeu com duas coisas: Scott Hunter era um grande astro. Tipo, *muito* grande. Um atleta colossal, e a cidade o *amava*. Parecia que metade da multidão estava vestindo a camisa dele. E quando o nome de Scott foi anunciado como o central titular, o grito da plateia foi ensurdecedor. Ele não era apenas o cara que gostava de smoothies de mirtilo e era gentil com os funcionários que os preparavam. O cara era a *própria* cidade de Nova York.

E Kip estava ali como convidado *dele*.

Puta merda.

A outra coisa que o surpreendeu foi como Scott era respeitado por seus colegas de time. Kip podia ver o jeito como os jogadores mais novos ficavam radiantes quando ganhavam um tapinha no ombro ou um elogio por uma boa jogada. Até os juízes pareciam gostar dele, dando tapinhas em seu cotovelo depois de explicarem alguma decisão de penalidade.

O jogo foi incrível. Scott foi incrível. Ele não apenas marcou um gol em cada período e deu assistência a outro, mas também fez a multidão rugir quando derrubou um ala adversário no centro do rinque dando uma pancada nele com o quadril. Kip ficou ainda mais impressionado quando Scott apartou uma briga antes que ela acontecesse, acalmando seu colega de time com uma pegada forte no braço e palavras que Kip desejou ter escutado.

Era inegavelmente sexy ver Scott demonstrar tanta habilidade e autoridade durante o jogo. Ele era espetacular.

— Foi foda pra caralho! — Kip exclamou, alto até demais, enquanto caminhavam para o metrô depois do jogo. — Quero assistir a mais um! Quero assistir a todos!

— Bom, você vai ter que esperar, fãzoca — respondeu Elena. — Os Admirals vão jogar fora de casa nas duas próximas semanas.

Kip não deveria ter ficado tão devastado assim com aquela notícia. De repente, a ideia de trabalhar um turno inteiro sem ver Scott lhe pareceu insuportável.

Ao chegar em casa e se deitar na cama naquela noite, não conseguia deixar de pensar se Scott também estava triste por ter que viajar, de ficar longe de sua rotina segura.

Era idiotice. Scott era um jogador profissional de hóquei que *não* iria sentir falta dos seus smoothies idiotas enquanto estivesse longe. Kip suspirou e aceitou que iria passar pelo menos duas semanas trabalhando sem Scott por perto.

Capítulo três

Scott observou a ilha de Manhattan desaparecer conforme o avião atravessava as nuvens espessas que cobriram a cidade por dias.

Ele se sentia estranho, mas não sabia o motivo. Não tinha nada a ver com hóquei, porque ele estava no seu melhor momento durante toda a temporada. O time estava numa ofensiva de vitórias consecutivas e livre de lesões sérias. Além do mais, o jatinho particular do time os levava para Phoenix, o que ofereceria uma bela folga do frio cruel de janeiro em Nova York.

Pelo menos o seu agente estava feliz. Algumas semanas antes, Scott recebera uma ligação bem desesperada de Todd Wheeler, o homem que o representava desde a época em que ele jogava na faculdade.

— Estamos encrencados de verdade — dissera Todd. — Os patrocinadores não estão gostando do que você está entregando. O povo da Gillette disse que não vai renovar no ano que vem. Até o pessoal da Under Armour está ficando nervosinho. A porra da *Under Armour*, Scott! Não podemos perder eles!

Se a intenção da conversa era motivar Scott, não funcionara. Não era como se ele não soubesse que estava jogando mal, ou como se estivesse feliz com aquilo.

— Vai por mim, Todd — respondera Scott. — Ninguém está mais decepcionado comigo do que eu mesmo.

Mas, no dia anterior, Scott recebera uma ligação bem diferente.

— Seja lá o que você tenha feito pra voltar a jogar bem, continue fazendo! — dissera Todd, aliviado.

Só que Scott não poderia continuar fazendo. Passaria duas semanas viajando, basicamente jogando contra os times da Conferência Oeste. Os Admirals tinham sete jogos agendados, terminando com um em Toronto, antes de voltarem para casa. Scott nunca se importou com as viagens. Ele gostava dos colegas de time, e não ficava nervoso em aviões como alguns dos caras. Além disso, diferente da maioria do time, ele não tinha esposa e filhos para deixar pra trás.

No entanto, pela primeira vez em toda a sua carreira, Scott sentia — por mais absurdo que pudesse parecer — que estava deixando alguém para trás.

No assento ao lado, Carter Vaughan, um dos capitães substitutos do time, estava particularmente empolgado com a futura parada em Los Angeles. Ele andava saindo com Gloria Grey, uma atriz de TV muito famosa e bastante atraente, já havia alguns meses.

— Não é nada sério — Carter insistira na última vez em que Scott perguntou sobre ela. — Só duas pessoas lindas e de boa aproveitando a companhia um do outro sempre que estamos na mesma cidade.

Scott achava que poderia ser mais que aquilo, mas não disse nada. Ele era a última pessoa que poderia se meter na vida dos outros.

Carter já estava com seus fones de ouvido. Como não havia nada para admirar da janela, Scott pegou um livro. Era um romance de espionagem bobo, mas pelo menos servia para passar o tempo.

Scott tentou ler, mas sua mente não parava de divagar. Continuava conjurando a imagem de um funcionário de uma lanchonete de smoothies charmoso, com olhos castanhos deslumbrantes e o sorriso mais fofo do mundo…

Virou a cabeça para que Carter não reparasse no seu sorriso bobo.

Ele tinha ido ao jogo na noite anterior. Kip. Scott acenara para ele, mas Kip não retribuíra. Talvez não tivesse visto. Talvez tivesse achado Scott esquisito.

De qualquer forma, Scott ficara absurdamente feliz ao vê-lo sentado na arena. E ainda mais feliz ao ver que ele havia levado uma *amiga*, porque Kip já havia deixado implícito que sentia atração por homens. Pelo menos foi o que Scott entendera. Ele não tinha a menor noção das coisas quando o assunto era flertar.

Ele franziu o cenho. Kip poderia ser bissexual. Talvez a mulher que estava com ele *fosse* sua namorada. Ela com toda certeza era bonita o bastante.

Scott não era bissexual. O que o mundo não sabia é que também não era hétero. *Ele* sabia que era gay havia um bom tempo. Desde que jogava no ensino médio, na verdade. Tivera uma quedinha terrível por um colega de time na época, uma paixonite que ele tinha certeza de que não era correspondida. E, mesmo se fosse, ele sabia que Jacob nunca teria feito nada a respeito. Que nunca teria admitido. Tomar alguma atitude só teria deixado Scott com um olho roxo ou coisa pior. Teria custado toda a sua carreira se o rumor se espalhasse. Porque jogadores de hóquei não eram gays. A NHL *nunca* teve um jogador gay.

Scott sabia, agora que era mais velho e mais sábio, que não tinha como

aquilo ser verdade. Mas nada mudava o fato de que ninguém na liga era abertamente gay, ou sequer abertamente bi. Jogadores da NHL se casavam cedo, tinham um monte de filhos e levavam a família para um chalé no verão. Jogadores da NHL brincavam e bebiam e jogavam pôquer e comiam churrasco e frequentavam casas de striptease e dormiam com as maria-patins e usavam xingamentos homofóbicos à vontade.

Então, Scott mantinha sua vida amorosa para si mesmo. Ou a falta dela.

Já era difícil o suficiente ser discreto para um cara comum. Mas era infinitamente mais difícil para um atleta superfamoso. Scott não podia entrar num aplicativo e sair com homens aleatórios; sempre teria medo de que algum deles vazasse para a imprensa. Se sentia do mesmo jeito em relação a profissionais do sexo. Evitava bares e baladas gays, mas, de qualquer forma, nem iria curtir esse tipo de ambiente. Era um péssimo dançarino.

A maioria dos seus encontros sexuais acontecia durante os verões. Ele viajava para lugares diferentes, onde as pessoas não sabiam nada sobre hóquei. Itália, Espanha, Brasil, Grécia. Lugares onde era apenas um dentre muitos homens jovens e sarados em busca de uma única coisa.

Muito tempo já tinha se passado desde o verão.

O que Scott não fazia — o que nunca, *nunca* fazia — era flertar com funcionários de lanchonetes em Manhattan. Porque isso seria idiota, inconsequente e não valeria o risco. Ele certamente nunca lhes daria pistas de que tinha interesse em homens. Scott ficara bom em esconder esse fato; afinal de contas, tinha anos de prática.

Mas havia alguma coisa em Kip.

Scott não conseguia nem sequer nomeá-la. Ele era obviamente bonito (*lindo pra cacete, Scott, faça o favor*), com aquelas covinhas e aqueles olhos. No jogo da noite anterior, Scott finalmente pôde ver Kip sem boné e avental. E gostaria de poder olhar bem mais de perto em algum momento.

Meu deus.

Então, sim, ele era atraente. Muitos homens em Nova York eram atraentes. Porra, muitos homens no *time* de Scott eram atraentes. Então esse não era o único motivo pelo qual Scott não conseguia parar de pensar nesse cara.

É que havia algo nele. Scott queria conversar com ele por horas, descobrir tudo a seu respeito. Mostrar tudo a ele. *Dar* tudo a ele.

Seu motivo para retornar à lanchonete nos dias de jogo não era só uma artimanha. Ele sentia de verdade que era importante se ater à rotina quando jogava bem. Estava no pior momento da sua carreira antes de entrar naquela

loja e receber aquele smoothie das mãos de Kip, e vinha pegando fogo desde então.

Sendo bem sincero, o fogo era tanto que chegava a dar calor.

— Oi, sumido.

— Oi, pai — respondeu Kip ao abrir o armário para pegar a caixa de cereal. Era o dia de folga de Kip, ou seja, uma manhã rara de tomar café em casa.

— Nem te perguntei como foi o jogo aquele dia — o pai comentou.

— Foi incrível! — Kip sorriu para si mesmo ao dizer. — De verdade.

O pai bebericou café e olhou para Kip de onde estava, sentado na pequena mesa da cozinha.

— Foi muito gentil da parte do Scott Hunter te dar aqueles ingressos.

— Foi mesmo.

— Acho que sua mãe já contou isso pra cidade inteira.

— Meu deus, nem é grande coisa.

— Não acontece nada muito empolgante na nossa vida. — O pai sorriu.

Kip se juntou ao pai na mesma mesa redonda onde passara a vida inteira tomando café da manhã.

Ele amava os pais. Amava aquela casa, mas também queria desesperadamente sair dali.

— Como vai a Elena? — perguntou o pai.

— Ótima. Sabe como é, sempre arrasando de todo jeito possível.

— Nenhuma vaga de emprego pra você na Equinox Tech?

— O que diabos eu faria na Equinox? Sou apenas um nerd viciado em história igual ao meu velho.

— Bom, e os Nova York Admirals? Não estão contratando?

— Sim, como historiador do time.

O pai riu e se recostou na cadeira.

— Então, esse lance com o Scott Hunter…

— Não tem *lance* nenhum com o Scott Hunter.

— Tá bom… — disse o pai num tom cantarolante de *Beleza, não é da minha conta*.

— Sério, ele só acha que… os smoothies idiotas que eu faço são um amuleto da sorte ou algo do tipo. Não tem nada a ver comigo.

— Sua mãe vai ficar muito decepcionada quando souber.

Kip revirou os olhos, mas sorriu.

— Acho que a Megan vem jantar aqui hoje — disse o pai dele. — Andrew

também.

— Ah. Legal. — Megan era a irmã mais velha de Kip, e Andrew, o namorado dela. Os dois moravam juntos em Williamsburg.

Sempre que Megan aparecia para qualquer ocasião, Kip se lembrava de que ela tinha que *vir para casa*. Ela era quase quatro anos mais velha que Kip, mas ainda assim…

— Está planejando ficar aqui hoje à noite? — o pai perguntou.

— Claro — disse Kip, forçando outro sorriso. — Onde mais eu ficaria?

Scott se jogou contra a parede da sauna seca, exausto e frustrado. Era para terem vencido aquele jogo.

Tinham jogado com o goleiro reserva, um garoto da Suécia chamado Tommy Andersson, e não dera muito certo. Mas a culpa não era de Andersson. Ninguém o ajudara.

Scott passou as mãos pelo rosto coberto de suor, até o cabelo molhado.

Foi *Scott* quem não representou no jogo. O time inteiro havia se saído muito mal, e deveria ter sido uma vitória fácil.

O treinador Murdock já tinha feito com que sentissem vergonha de si mesmos. Ele havia entrado na sala, meneado a cabeça e saído — o que foi pior do que se tivesse gritado.

Ninguém apareceu na sauna para perturbar Scott. Sabiam que era melhor evitá-lo.

Ele suspirou e se levantou, ajustando a toalha ao redor do quadril. Precisava de um banho. E de algo para beber.

Caminhou pelo saguão, ainda só de toalha, e pegou uma garrafa d'água na geladeira. Bebeu tudo de uma vez só e, ao se virar, encontrou Greg Huff sentado no balcão atrás dele.

— Que merda de jogo, hein? — comentou Huff.

— Tem razão — respondeu Scott. — Nem sei o que dizer.

— Olha, eu não sou o capitão, mas talvez algo tipo "Ei, bando de cabeçudos. Parem de jogar tão mal assim, cacete." Ou algo do tipo.

Scott sorriu um pouquinho.

— Eu estava pensando em algo nessa linha mesmo.

— Coitado do Andersson, cara. Tô com pena do garoto.

— Pois é… — disse Scott, olhando na direção do vestiário. — Como ele está?

— Ótimo. Como você *acha* que ele está?

— Vou conversar com ele. *Você* saiu impune. Marcou nosso único gol da noite. E foi ótimo.

Huff fez uma saudação preguiçosa.

— É nisso que eu sou bom.

Era verdade. Greg Huff era um dos melhores artilheiros em atividade. Tinha uma mira incrível e fora eleito astro da NHL por oito temporadas consecutivas por causa disso.

Scott pegou um Gatorade na geladeira. Huff estendeu as mãos, então Scott jogou uma garrafa para ele também.

— Vou tomar um banho — disse Scott. — Mas peça ao Andersson para ficar por aqui, beleza?

— Pode deixar.

Se Scott pudesse ter um time inteiro de Greg Huffs, ele adoraria. Greg era um cara confiável e honesto, com um tremendo espírito de equipe, dentro e fora do gelo. Não era o jogador de maior destaque e nem de longe o cara mais forte, mas contribuía muito para o time.

Scott foi até os chuveiros. Alguns dos outros estavam lá. A maioria dos jogadores já havia tomado banho e estava se preparando para retornar ao Hotel San Jose.

Um dos caras no chuveiro era Frank Zullo. O único jogador do time de quem Scott simplesmente não gostava. Era um ótimo defensor, sem dúvidas, grande, durão e um lutador brutal quando necessário. Mas, na verdade, também bancava o valentão e era meio esquisito. Havia muitos caras como Zullo na NHL.

Scott deixou a água um pouco mais quente, para que ela lavasse aquele jogo terrível. Na manhã seguinte, voariam para Chicago. Teriam uma noite de folga, e depois um jogo na tarde seguinte. Então um curto voo noturno para um jogo em Toronto na próxima noite e, por fim, voltariam para casa em Nova York.

Ele saiu do chuveiro e foi até os armários. Vestiu shorts e uma camiseta e foi encontrar Andersson no vestiário. O jovem goleiro estava guardando o uniforme e parecia arrasado.

— Ei — disse Scott, se sentando no banco ao lado da enorme bolsa com os equipamentos de Andersson. — Desculpa pelo time não ter te ajudado hoje.

Andersson bufou e soltou uma risada furiosa.

— Eu fiz merda — disse ele com um sotaque carregado.

— Todos nós fizemos.

— Fiz papel de idiota naquela porra de jogo.

— O treinador acertou ao te colocar no rinque — falou Scott. — Eu não te culpo nem um pouco. Culpo é o resto do time. É tudo psicológico. Colocar o goleiro reserva deixou todo mundo meio metido, eu acho. O treinador achava que esse jogo seria moleza, e nós acreditamos nele, só que…

— Só que fiz papel de idiota.

Scott tombou a cabeça, confirmando.

— Todos nós vamos ficar repassando nossos erros desta noite antes de dormir. Ninguém no time está orgulhoso do que fez. Mas ninguém te culpa, também. Preciso que você saiba disso.

O jovem goleiro abriu um sorriso relutante.

— Obrigado — disse ele, jogando seus últimos equipamentos na bolsa e se levantando. — Estou indo para o hotel. Repassar alguns daqueles erros. E depois esquecer tudo e me preparar para o próximo jogo.

— Isso aí. Você está dividindo quarto com o Burke, né? — Scott perguntou, só para puxar assunto enquanto saíam do vestiário.

— Sim.

— Cara, sinto muito. Boa sorte.

Tommy riu.

— Pois é, valeu. Eu finjo que não entendo nada quando quero que ele pare de falar.

Scott riu também. O inglês de Tommy era excelente.

— Vou ajeitar minhas coisas — anunciou Scott. — Até amanhã, Tommy.

— Boa noite.

Kip procurou pelo bar lotado até avistar Shawn sentado sozinho numa mesa pequena. Shawn sorriu para ele do outro lado do salão.

— E aí, cara — disse Shawn, se levantando para abraçá-lo quando Kip chegou na mesa. — Que bom que você conseguiu vir.

— Tenho andado muito com héteros ultimamente — brincou Kip, soltando Shawn e se acomodando na cadeira de madeira em frente a ele.

Era o mesmo bar que vinham frequentando havia anos: o Kingfisher. Tinha a mesma vibe desgastada e aconchegante de qualquer pub britânico antigo, com madeira escura, luz baixa e placas de cerveja nas paredes. Uma televisão nos fundos exibia o canal local de esportes. À primeira vista, não parecia em nada com um bar gay, ou pelo menos com a ideia que a maioria das pessoas hétero tinham de um bar gay. Mas os homens se sentavam um pouquinho mais próximos, e os bartenders eram, na opinião do Kip, um pouquinho mais

gostosos. Ele amava aquele lugar.

— Nosso garçom é bonitinho — comentou Shawn. — Você vai gostar dele.

— Aff, eu não consigo competir com você.

Shawn meneou a cabeça e ergueu o copo.

— Ele é muito arrumadinho pra mim. Todo seu.

Shawn era bonito, com a pele negra, olhos delicados e um sorriso caloroso. E também se vestia de forma impecável, sempre parecendo um modelo da J. Crew.

Ele e Kip já tinham se pegado algumas vezes na faculdade. Nada sério demais, mas é que, na época, os dois estavam ávidos para experimentar coisas. Porém, Shawn tinha uma quedinha pelos bad boys. Apesar da aparência mais formal, sempre se atraiu por homens tatuados com um ar de perigo. Kip era apenas um nerd obcecado em agradar e perdido na vida.

O garçom parou ao lado da mesa, e Shawn não estava brincando. Com o corpo esguio e atlético e o cabelo loiro caindo sobre o rosto, o cara fazia exatamente o tipo de Kip.

Kip abriu um sorrisinho de flerte ao fazer seu pedido; não conseguiu se segurar. O sorriso foi retribuído, e o sujeito se apresentou como Kyle.

Shawn riu depois que Kyle se retirou.

— Você sempre chegando de mansinho.

— Até parece — respondeu Kip. — Eu sou um desastre na maior parte do tempo.

— É nada, você é todo charmoso. O cara já está pensando em te dizer que horas o turno dele termina.

Kip olhou por cima do ombro na direção do bar onde Kyle estava esperando, provavelmente pela cerveja que ele havia pedido.

— Bom…

— Mas, primeiro, precisamos falar de uma coisa — anunciou Shawn.

— O quê?

— Eu venho pensando no nosso rolê com Jimmy e Chuck na semana passada.

— Ah? — Kip precisava mesmo daquela cerveja.

— Primeiramente, acho que nós acabamos te intimidando quando…

— Me perguntaram que porra eu estou fazendo da vida?

— Te *encorajamos* a seguir seus sonhos.

— Certo.

Kyle, um anjo maravilhoso, apareceu com a *red ale* artesanal de Kip. Ao se

abaixar para colocar o copo na mesa, ele aproveitou a oportunidade para apoiar a mão no ombro de Kip, que sentiu a ponta dos dedos do garçom tocando sua nuca.

— Se precisar de qualquer coisa, é só me chamar — disse Kyle, sem nenhuma sutileza.

— Olha — disse Kip para Shawn, depois de receber um sorriso de despedida de Kyle. — Sei que vocês só estavam…

— Tenho uma proposta pra você — interrompeu Shawn.

Kip arqueou uma sobrancelha.

— Suas propostas nunca terminaram lá muito bem.

— Uma proposta de *trabalho*. E eu me lembro de algumas outras propostas minhas que não foram de se jogar fora.

Kip sorriu com o copo de cerveja na boca.

— Eu também.

— Eu *proponho* — disse Shawn. — Que você tente arrumar um emprego melhor.

Kip se segurou para não revirar os olhos.

— Tipo onde?

— Eu tenho um *amigo*…

— Amigo, sei…

— Que trabalha no Museu da Cidade de Nova York.

Beleza. Agora Kip estava prestando atenção.

— Ele me disse que estão prestes a divulgar uma vaga para educador-assistente. Sabe, alguém que ajude a organizar visitas escolares e tal. Ensinar às criancinhas tudo sobre a nossa linda cidade.

Kip murchou na cadeira.

— Não tenho qualificação pra isso.

Shawn olhou bem no fundo dos olhos dele.

— Vou ter que usar minha voz de Elena?

— Não — murmurou Kip.

— Você *vai* se candidatar a esta vaga, Kip Grady. E vai deixar todo mundo maravilhado com seu charme, seu amor por história, e com o fato de você ter morado aqui a vida inteira.

— Eu não vou chegar nem na etapa da entrevista!

— Vou ligar pra Elena.

— Pode ligar. Ela não vai atender. Aquela lá odeia ligações.

— Se candidata pra vaga, Kip.

Kip suspirou. *Por que não, não é mesmo?*

— Tá bom. Eu vou me candidatar. Obrigado por me avisar.

— De nada, seu babaca. Agora… — Shawn se recostou na cadeira e olhou em volta do bar fazendo pose. — Que tal ver se nosso amigo Kyle está no clima pra comemorar sua nova carreira glamourosa?

Desta vez, Kip revirou *mesmo* os olhos.

— Não vou comemorar porra nenhuma. E… — Ele se segurou, porque não sabia o que dizer. *Estou a fim de outra pessoa no momento. Você deve conhecê-lo… é o capitão do Nova York Admirals. Talvez se lembre de ter visto ele na lista de "50 Pessoas Mais Bonitas" da revista* People*? Ah, sim, eu estou a fim desse cara. E ele é quase com certeza heterossexual. Dedinhos cruzados!*

Em vez disso, apenas falou:

— Acho que vou pra casa mais cedo hoje. Mas vamos ver se encontramos alguém pra *você*.

— Não foi *charging* coisa nenhuma, cacete! Foi só uma porra de uma jogada! Isso aqui é *hóquei*, seu cego filho de uma…

— Já chega! — Scott agarrou Zullo com força pelos dois braços e o puxou para longe do juiz.

Zullo virou a cabeça e continuou gritando:

— Que foi? Não posso mais encostar em ninguém, porra? Isso aqui não é mais um esporte de contato? Abre a porra do olho, seu…

— Vou falar com ele. Só vai pro banco, Zullo.

Zullo meneou a cabeça. Carter se aproximou patinando para levá-lo ao banco de penalidades. Se Zullo continuasse gritando, acabaria recebendo também uma punição por má conduta na partida.

Scott se virou novamente para o juiz.

— *Charging*, Hal? Sério?

— Tá me dizendo que eu não sei fazer meu trabalho, Hunter? Eu sei o que eu vi. — Hal Coleman, um dos juízes favoritos de Scott, batia na altura do peito dele, mas era durão pra caramba por trás daquele jeito calmo. E inteligente também.

— Bom… — falou Scott, olhando para o banco de penalidades que agora estava ocupado por um Frank Zullo furioso. — Talvez seja melhor ele esfriar a cabeça um pouco, de qualquer forma.

— Ele é um querido — concordou Hal.

Scott olhou para o outro lado do rinque, onde ficava o banco do Chicago.

— O Becker está bem?

— Vou dar uma olhada nele. Ainda parece vivo. — Ele olhou diretamente para Scott. — Fala pro teu garoto lá que se ele fizer merda de novo, está fora do jogo.

— Anotado.

O juiz saiu na direção do banco do Chicago, e Scott foi para o banco de penalidades.

— Não consegui fazer ele mudar de ideia — disse. — Tira uns dois minutos para esfriar a cabeça e depois a gente termina de decepcionar os torcedores adversários.

— Aquilo não foi *charging*! Eu não ataquei de propósito! — vociferou Zullo.

— Só que foi, sim.

— Ah, não fode, Hunter. Tá de brincadeira, porra? Tá jogando pro Chicago agora? O Becker mergulhou!

Scott já estava patinando de volta para o banco.

— Dois minutos, Frank — gritou por cima do ombro.

Carter o alcançou.

— Quanto eu tenho que subornar o Hal para ele suspender o Zullo por alguns jogos?

— Sem essa — disse Scott num tom seco. — Zullo é perfeitamente capaz de ganhar suspensão sem sua ajuda.

— Psicopata do caralho — murmurou Carter. — A gente ainda vai jantar no Chicago Cut depois do jogo, né? Tô *precisando* daqueles bifes.

— Sim, sim.

Hal apitou para o *face-off*. Scott patinou até o círculo, na metade deles do rinque, e disse algumas palavras motivacionais para o goleiro do time ao se aproximar da rede.

— Bom jogo, Benny!

— Não diga uma palavra sequer. Se você me der azar, acabo com você.

Scott riu. Eric Bennett era tranquilíssimo fora do gelo, mas, quando estava na frente do gol, era um dos competidores mais implacáveis que Scott já conhecera.

Scott se posicionou no círculo e colocou o taco no gelo. Levantou a cabeça para olhar nos olhos do seu oponente, um *center* astro do time de Chicago chamado Clarke.

— Se o Zullo tentar uma merda daquelas de novo — grunhiu Clarke —, vou mandar o Harvey pra cima dele.

— Cara, fica à vontade. Só não sei por que você faria isso com o Harvey. — Scott sorriu.

— Zullo é um merda.

— Calma lá. Se não tem nada positivo pra dizer…

Assim que Scott venceu o *face-off*, acelerou para o lado do time adversário e deu um passe rápido para Carter. Ele lançou o disco na rede e o observou voar por cima do ombro do goleiro para um gol mesmo com um jogador a menos.

Era bom pra caralho voltar a jogar bem.

Capítulo quatro

Kip tinha mais de um emprego.

Além do serviço na Straw+Berry, estava na lista de uma empresa que contratava garçons para eventos, como jantares beneficentes e cerimônias. Um amigo o colocara na lista, e Kip trabalhara em uns dez eventos nos últimos dezoito meses.

Recebera uma ligação perguntando se estava disponível para trabalhar em um evento beneficente para um hospital infantil em uma noite de quarta-feira, um coquetel black-tie com alguns discursos no Chelsea Piers.

Kip *estava* disponível, e precisava *muito* do dinheiro. Então, na quarta-feira, saiu da Straw+Berry às duas da tarde com o avental e o boné na mochila, junto de seus sapatos pretos de couro, calça social preta e alguns itens básicos de higiene pessoal para dar uma ajeitada no visual antes do evento de elite.

Desceu do metrô em Chelsea com umas duas horinhas para matar. O clima miserável de fevereiro o arrebatou até a Starbucks mais próxima, onde ele levou seu café americano até uma mesa vazia e se sentou para pensar em um certo astro da NHL.

Ele meio que estava esperando que a seca de Scott Hunter por duas semanas seria o suficiente para acabar com aquela paixonite ridícula. Era improvável que visse Scott com certa frequência, ou no geral, por muito mais tempo. Um jogo ruim em casa e tudo estaria acabado. Ou talvez Scott já tivesse encontrado um novo amuleto da sorte.

Enfim, a seca não dera fim à paixonite.

Ele teria folga do outro emprego no dia seguinte, mas trabalharia na sexta-feira. Com sorte, Scott passaria por lá, e Kip queria ao menos agradecê-lo pelos ingressos.

Quando Kip ficava *muito* entediado, como estava naquela mesa pequena da Starbucks em Chelsea, ele se permitia fantasiar um pouquinho sobre como seria namorar Scott Hunter. Para começo de conversa, só de ter acesso àquele corpo… Como seria sentir todos aqueles músculos com as mãos? Como seria

sentir todo o peso de Scott em cima dele, pressionando-o no colchão? Ou contra a parede…

Ele se perguntava como seria o beijo. Se os lábios cheios e rosados de Scott eram tão macios quanto pareciam. Se perguntava qual sabor tinham. E como seria passar a língua naqueles dentes perfeitos.

E como seria namorar alguém tão famoso quanto Scott? Tão *rico* quanto Scott. Kip não conseguia imaginar como seria ter tanto dinheiro assim. Nem sequer uma fração de todo aquele dinheiro. Porra, naquele momento, Kip não conseguia imaginar nem como seria poder pagar pelo sanduíche da Starbucks que ele meio que queria ter pedido junto com o café.

Se permitiu sonhar acordado, se imaginar indo aos jogos como namorado de Scott. Se sentar no lugar de sempre, gritando de orgulho toda vez que Scott fizesse uma jogada incrível. Eles comemorariam a grande vitória de Scott em casa. Juntos.

Talvez recebesse Scott na porta quando ele voltasse de uma longa viagem. Scott ficaria tão feliz em vê-lo…

Kip estava começando a ficar meio encalorado e excitado no meio da cafeteria.

Suspirou e deu um gole no café, quente demais. A dor o trouxe de volta para a realidade. *Se você colocasse metade dessa energia em encontrar um namorado de verdade, realista, em vez de fantasiar com um astro milionário que provavelmente nem gosta de* homens*, quem dirá de* você…

Kip não transava fazia o quê? Um mês? Não, dois meses?

Jesus, quase três meses.

Era tudo culpa dele, de verdade. Não vinha saindo muito. Antigamente saía o tempo todo. Nunca esteve num relacionamento que pudesse chamar de sério, mas costumava amar o desafio de dar em cima de outros caras em bares, academias ou até no mercado. Era um conquistador nato, ou pelo menos costumava ser. Algo nesse lance todo de ter 25 anos, morar com os pais e trabalhar numa lanchonete de smoothies sem nada promissor no horizonte havia matado seu borogodó.

Bebeu mais um gole do café que *continuava quente demais* — como?

Talvez algum cara bonitinho fosse trabalhar com ele mais tarde. Talvez ele conseguisse sair daquela seca.

Scott puxou seu blazer azul-marinho e remexeu nas abotoaduras. Odiava aqueles eventos, mas queria usar sua fama para o bem, e hospitais infantis eram

uma das suas causas favoritas.

Fora convidado para fazer um discurso naquela noite, mas não estava nervoso. Falar em público nunca fora problema e, de qualquer forma, seria um discurso breve. O que odiava *era*: ficar exposto num salão cheio de doadores ricos e bajuladores. Conversa-fiada com gente entediante. Usar smoking. Ficar repensando cada movimento, cada palavra.

Estava cansado. A viagem fora longa e tinham chegado naquela manhã. Seria um desafio manter o bom humor. Mas ele conseguiria. Porque aquele era seu trabalho.

Havia um burburinho alto no salão cheio de pessoas conversando e rindo. Era um mar de smokings escuros e vestidos majoritariamente escuros também. No canto do salão, um trio tocava jazz melódico.

Ele encarou seu caneco de cerveja e se deu conta de que estava faminto. A única comida ali parecia estar em pequenas bandejas, sendo servida por garçons todos de preto. Ele se aproximou de um deles, na esperança de pegar um camarão ou algo do tipo.

O garçom se virou e Scott ficou em choque ao ver quem era.

— Kip!

Kip parecia tão surpreso quanto Scott. Deu um passo para trás e a bandeja vacilou perigosamente em seu braço antes que a segurasse com a outra mão.

— Scott! Hum, quer dizer…

Scott se recompôs e sorriu.

— Pode me chamar só de Scott.

— Eu não sabia que você estaria aqui.

— Digo o mesmo.

Os olhos de Kip eram encantadores, contrastando com todo o preto do uniforme. Ele era ainda mais lindo do que Scott se lembrava.

— Você faz muitos trabalhos como esse? — perguntou ele, tentando manter a conversa normal.

— Alguns. Hoje fui chamado de última hora.

Scott assentiu. Tentou desesperadamente pensar em outra coisa para perguntar. Porém, só conseguia pensar em como o cabelo de Kip parecia macio.

— Ah — disse Kip. — Obrigado mais uma vez pelos ingressos. Foi incrível assistir ao jogo.

— Sem problemas. Fico feliz que você tenha se divertido. Gostei de te ver lá.

— Ah. Você me viu?

— Eu acenei pra você quando passei patinando. Acho que fui sutil demais.

— Ah! Não, eu vi. Eu só… não achei que fosse pra mim.

— Era, sim — afirmou Scott, sincero até demais. Ele deu um passo para trás e pigarreou. — Enfim…

— Você deve estar ocupado.

— Certo. E você está trabalhando, óbvio.

— Pois é. Então…

— Vou te deixar trabalhar.

— Beleza.

Scott apoiou a mão no braço desocupado de Kip; precisava fazer contato de alguma forma.

— Gostei de te ver, Kip.

— Eu… sim, eu também. A gente se vê por aí hoje à noite, eu acho.

Scott assentiu e Kip saiu para servir canapés. A mão de alguém tocou o braço de Scott imediatamente, e ele se virou para conversar com um dos organizadores do evento. Se sentia muito mais leve do que antes.

Scott passou o resto da noite conversando com pessoas diferentes, mas seus olhos não paravam de procurar Kip. Os dois fizeram contato visual algumas vezes. Na primeira, Scott desviou o olhar na mesma hora, envergonhado. Na segunda, porém, deixou o olhar se demorar, e foi recompensando com um sorriso adorável de Kip, que provocou um friozinho em sua barriga.

Ai, não, Hunter. Você está encrencado.

Depois de ter feito o discurso e socializado por mais uma hora, tudo o que Scott queria era arrancar aquele smoking. Ir embora daquele lugar.

Só que…

Avistou Kip colocando taças vazias numa bandeja.

— Ainda precisa ficar muito tempo por aqui? — perguntou Scott.

— Mais uma hora, talvez? Não tem muita limpeza para fazer dessa vez.

Scott deu um sorrisinho. Não conseguia pensar em mais nada para dizer. Só não queria ir embora.

Mas *deveria*. Senão, poderia acabar dizendo algo perigoso…

Scott era um homem supersticioso. Ele acreditava que tudo acontecia por um motivo, e não poderia ser coincidência Kip estar ali naquela noite. O destino colocara os dois no mesmo lugar. Era uma oportunidade. Scott só não sabia o que fazer com ela.

— Eles nunca servem comida suficiente nesses eventos — disse ele, da forma mais casual possível.

Kip levantou os olhos da mesa que limpava.

— Pelo menos você comeu *alguma coisa* — respondeu ele. — Passei a noite inteira carregando bandejas com comidas que não posso comer. Estou morrendo de fome.

Ele manteve os olhos nos de Scott, esperando. E Scott *sabia* que aquele era o seu momento. Bem ali.

— Tem um lugar a uns dois quarteirões daqui que serve uns hambúrgueres muito bons — disse Scott, ainda cauteloso. Não era um convite direto. Ainda não. — Fica aberto até tarde.

— Ah, é?

— Eu estava pensando em passar lá depois…

Kip se endireitou para olhar Scott nos olhos.

— Está me convidando para comer um hambúrguer com você?

Scott ficou terrivelmente assustado. Mas, caramba, como queria aquilo.

— Estou.

Kip sorriu, mostrando as covinhas.

— Tá bom. Te encontro assim que eu terminar aqui. Na porta da frente?

— Sim… — De repente, Scott lembrou que estava de terno, e não havia levado uma muda de roupas. — Uma hora, que tal?

Kip deu de ombros.

— Talvez um pouco menos. Talvez um pouco mais se você continuar me distraindo.

— Tá bom! — Scott se segurou para não bater palmas de alegria. Estava rolando. Iriam comer um hambúrguer juntos. Ele resolveria a situação do terno e deixaria aquilo acontecer.

Ele achava que não conseguiria passar no apartamento e voltar a tempo. Não havia nenhuma loja de roupas por perto que ainda estivesse aberta, a não ser que…

Quando Kip viu Scott de novo, ele estava perto das portas da frente do prédio, vestindo um casaco de moletom cinza com a palavra BROOKLYN escrita na frente e uma touca preta que dizia NYC. Carregava uma bolsa furreca no ombro contendo, Kip imaginou, seu terno.

— Eu, hum, não trouxe uma muda de roupas, então passei numa bodega que vendia essas coisinhas de turista — explicou Scott.

Vestido assim, quase não dava para dizer que aquele era Scott Hunter. Mas Kip sabia. E sabia que Scott Hunter havia comprado roupas de turista no

impulso só para que pudesse *sair num encontro com ele*.

Talvez. Talvez fosse um encontro.

Kip sorriu.

— Você está bonito.

E *estava mesmo*. Um pouco estranho, talvez, com casaco de moletom, calça social azul-marinho e sapatos, mas bonito. Kip estava meio desgrenhado, com o mesmo jeans que vestira mais cedo e uma camiseta preta que passara a noite inteira debaixo do uniforme.

Ele fechou o zíper do casaco antes de seguir Scott pela noite fria. E estava *muito* fria.

— Você deve estar congelando — disse ele. — Tem certeza de que quer ir andando até lá?

— Eu sou calorento — respondeu Scott com um sorrisinho. — Vou ficar bem.

Caminharam juntos pelas ruas silenciosas. Não havia muita gente fora de casa naquela noite congelante de quarta-feira. Uma neve fraca caía, mas não ventava. Apesar de ter afirmado que não estava com frio, Scott enfiou as mãos no bolso do moletom.

— Como foi a viagem? — perguntou Kip, depois de passar um minuto inteiro tentando pensar em algo para dizer.

— Boa! Deu tudo certo. Ganhamos cinco dos sete jogos, deveríamos ter vencido a partida em San Jose, mas essa é uma reclamação que você não vai querer ouvir.

— Você gosta de viajar?

— Pra mim não fede nem cheira. Gosto mais de algumas cidades do que de outras. Algumas gostam mais de *mim* do que outras…

— Todo mundo te ama se você jogar no time deles.

— Talvez.

Caminharam por mais um quarteirão em silêncio. Kip ainda não conseguia acreditar com quem estava andando. *Ele é só um cara. Só um cara gostoso e enorme que é famoso e amado e… está com frio.*

Scott estava, sem dúvida, bufando um pouco enquanto andavam. E seus ombros estavam encolhidos.

— Você está bem? — perguntou Kip.

— Ah, sim. É só que… está *mesmo* bem frio.

Kip sorriu.

— Tá bom, seu durão. — Ele tomou coragem e deu uma cotovelada de leve

em Scott.

Scott riu, e sua boca soltou fumaça gelada.

Kip engoliu em seco.

— A hamburgueria é perto?

— Sim. É, hum… Ah. É bem ali. — Scott apontou para o outro lado da rua.

— Vamos entrar.

Eles entraram e Scott sorriu para Kip quando sentiram o ar quente. Kip não conseguia acreditar em como ele era lindo.

Fizeram o pedido no balcão (Scott pagou) e se sentaram em uma mesa no canto para esperar os lanches. O restaurante estava silencioso.

Kip queria entender o que estava rolando ali. Normalmente, quando um cara o chamava para comer ou beber algo, não havia dúvidas do que poderia acontecer depois.

Mas aquele não era um cara qualquer. E era possível que Scott não soubesse que aquilo parecia um encontro. Talvez só fosse… solitário.

Como diabos Scott Hunter poderia ser solitário?

— Você mora em Manhattan? — perguntou Scott de repente.

— Não. Brooklyn. Nascido e criado lá.

— Ah. Eu sou do norte do estado. Rochester.

Kip abriu um sorrisinho.

— Eu sei.

— Beleza. Eu, hum, acho que minha vida é meio que de conhecimento geral.

— Tipo isso — falou Kip e, se sentindo corajoso, acrescentou: — Mas aposto que você tem *alguns* segredos.

Scott ficou corado. Foi fofo. Ele brincou com o canudo no copo de refrigerante, o que pareceu inspirar sua pergunta seguinte:

— Você trabalha no Straw Mais Berry há muito tempo?

— Hum, na verdade — disse Kip, fingindo estar ofendido —, a pronúncia correta é Straw *and* Berry, então…

Scott levantou as mãos e sorriu.

— Desculpa! Não quis te ofender.

— Tudo bem. — Kip suspirou, dramático. — Aposto que as pessoas erram o nome do seu time o tempo todo.

Scott meneou a cabeça, ainda sorrindo.

— Você gosta? De trabalhar lá, no caso.

Kip riu de verdade com a pergunta.

— Até que é legalzinho. Quer dizer… não. Eu não gosto muito.

— Tem alguma outra coisa que você preferiria estar fazendo?

— Claro que sim! Só não sei o que ainda. Tipo, eu sou formado em história.

— Jura? Eu nunca terminei a faculdade.

Kip abriu um sorrisinho gentil de novo.

— Eu sei.

— Ah, é.

— Mas você queria? Terminar a faculdade?

Scott pareceu surpreso com a pergunta.

— Eu… sim. Eu queria. Queria ter terminado. Me formado. Minha mãe… ela teria gostado. E eu curtia as aulas. Sempre gostei de aprender.

— E o que você estudava?

— Um pouco de tudo. Não consegui me comprometer com uma especialização, e nem precisei. A universidade não se importava com o que eu estudava, desde que tivesse um bom rendimento no gelo.

Kip ficou um pouco triste por Scott.

— Deve ser estranho — disse ele. — Todo mundo queria um pedaço de você desde a sua adolescência. Capaz de você nunca ter sentido que sua vida era de fato sua.

Scott pareceu assustado.

Kip ficou vermelho; tinha passado dos limites.

— Desculpa. Meu deus, esquece o que eu disse, tá? Eu nem te conheço, e…

— Não! — exclamou Scott. — Eu… Eu me sentia exatamente assim. E não quero reclamar, óbvio, mas… sim.

— Você tem permissão para reclamar.

Scott sorriu para ele.

— Não tenho, não. Todo mundo me odiaria.

— Bom, pode reclamar para mim, então.

Kip jamais se esqueceria do jeito como Scott o olhou naquele momento. Se estivessem sozinhos, se ele fosse outra pessoa e Scott fosse outra pessoa também, teria esperado que Scott avançasse sobre a mesa e o puxasse para um beijo sedento.

Em vez disso, os hambúrgueres foram colocados na frente deles por um garçom e o momento passou.

Enquanto comiam, os olhos de Scott passeavam pelo pequeno restaurante, e Kip se deu conta de que ele não havia tirado a touca de inverno.

— Está com medo de ser reconhecido? — perguntou Kip.

— Medo não. Só estou… torcendo para não ser. Não agora. — Scott pegou seu hambúrguer, depois o colocou de volta no prato sem dar outra mordida. Brincou com o canudo de novo.

Por fim, suspirou e olhou nos olhos de Kip.

— É tão bom. Fazer isso.

— Sair com alguém?

— Com você.

Kip ficou sem palavras. E Scott parecia absolutamente *torturado*. Seus olhos imploravam para que Kip o compreendesse. Que não o obrigasse a soletrar.

— Ah. — Foi o que Kip disse, por fim.

O rosto de Scott relaxou um pouco.

— Hum, eu não… levo muito jeito com isso — disse ele. — É importante que eu mantenha minha vida pessoal privada, e isso vem ficando cada vez mais difícil. Então, eu nunca…

— Sai com outros caras?

Scott ficou um pouco corado. Kip adorou.

— Isso.

Kip não conseguia acreditar que aquela coisa que estava tentando não fingir que era um encontro era *mesmo* um encontro. Era surreal. Mas, de repente, não queria mais continuar comendo aquele hambúrguer idiota. Queria era levar Scott Hunter para um lugar com privacidade e deixar que ele o jogasse contra a parede.

Decidiu ser ousado.

— Tem algum lugar para onde a gente possa ir? — perguntou em voz baixa.

— Tem — respondeu Scott, com a voz mais rouca do que estava um segundo antes. Com os olhos um pouco mais sombrios.

Kip não era inocente. Sabia o que aquilo significava. Hunter não era assumido e precisava que tudo rolasse da maneira mais discreta possível. Nada sério ou a longo prazo; só precisava matar a vontade, e Kip estava mais do que satisfeito em ajudá-lo com aquilo. Se sentia honrado por Scott confiar seu segredo a ele, de verdade.

— Vamos — disse Kip.

Capítulo cinco

Jogaram o resto dos lanches numa lixeira e saíram sem dizer nada um para o outro. Scott pegou o celular quando chegaram do lado de fora e ligou para algum tipo de serviço de transporte.

— O carro vai estar aqui em um minuto ou dois — disse, depois de desligar.

Kip apenas assentiu, vibrando de empolgação.

O carro chegou, uma SUV preta, e os dois se acomodaram nos bancos de couro por trás de uma divisória. Scott se sentou inclinado para a frente com as mãos nos joelhos, sem olhar para Kip. Ficava flexionando os dedos sem parar.

Kip apoiou a mão na coxa de Scott, sentindo o músculo forte sob o tecido macio da calça social. Não mexeu a mão, mas a deixou apoiada ali como uma presença reconfortante.

Scott olhou para a mão de Kip e depois se virou para olhar nos olhos dele.

— Eu sei guardar segredo — disse Kip, quase sussurrando porque não sabia se o motorista conseguia escutá-los. — E prometo que vou fazer ser bom pra você.

— Eu sei. — Scott apoiou a mão na de Kip e entrelaçou os dedos. Ele pressionou os lábios, como se tentasse conter um sorriso. Como se estivesse *todo bobo* com a situação. Com *Kip*.

Incrível pra cacete.

O carro os levou até um prédio novo no Lower East Side. Kip ficou surpreso. Esperava algo… bom, ele sabia que tinha que ser perto da Straw+Berry, só que… num bairro mais chique, talvez? Se bem que todos os bairros em Manhattan estavam ficando chiques ultimamente, supôs, e aquele parecia um prédio recém-construído.

E também, é claro, um prédio bem *caro*. O saguão de entrada fez Kip se lembrar da sala que abrigava o templo egípcio no MET — vasta e serena, com mármore por toda parte. Scott o guiou até o elevador e digitou um código. Quando as portas se abriram, estavam bem em frente à porta de Scott; não havia outros apartamentos no andar. Scott digitou mais um código e abriu a

casa. Foram recebidos por uma vista do teto ao chão das luzes do Brooklyn, do outro lado do East River.

— Puta merda — murmurou Kip, caminhando até as janelas como se estivesse em transe.

Scott deixou as luzes do apartamento apagadas. Parou atrás de Kip e disse:

— Essa vista com certeza foi o principal atrativo daqui.

— Nossa, sim.

A mão de Scott estava no ombro de Kip, que esperou um instante e então se virou para encará-lo. As luzes da cidade brincavam com o rosto de Scott no escuro. Sua testa estava franzida, como se estivesse discutindo consigo mesmo, mas seus olhos não paravam de repousar na boca de Kip.

Kip decidiu se jogar.

Agarrando o casaco de Scott, ele o puxou para baixo e pressionou os lábios contra os dele. Scott respondeu no mesmo instante com um grunhido cheio de desejo. Ele abriu os lábios e depois colocou as mãos no rosto de Kip enquanto enfiava a língua em sua boca, beijando-o como um homem faminto. Como se tivesse passado eras sem beijar ninguém…

Kip correspondeu ao beijo, explorando a boca de Scott. Sentindo seu gosto pela primeira vez. Kip ficou tonto. *Não acredito que isso está acontecendo*.

Scott abriu o zíper do casaco de Kip e o tirou pelos braços, deixando a peça cair no chão. Suas mãos buscaram a cintura de Kip e, por baixo da camiseta, foram deslizando para cima. Kip estremeceu com a sensação das mãos grandes e calejadas de Scott resvalando sua pele.

Eles se beijaram pelo que pareceu uma eternidade naquele apartamento escuro, até Kip finalmente perguntar, ofegante:

— Você tem um quarto?

— Tenho — respondeu Scott com uma risada. Ele parecia nervoso, mas gesticulou para que Kip o seguisse.

Ele o levou até uma porta que revelava um quarto gigante, com uma vista ainda melhor da ponte do Brooklyn. Havia uma cama king na parede dos fundos. Além disso, o cômodo não era muito decorado, mas tinha um estilo masculino e impressionante.

Scott manteve as luzes baixas no ambiente. Ele abriu um sorriso tímido antes de tirar o moletom de turista e o jogar numa poltrona. A camiseta branca que ainda estava usando se esticava contra o peitoral.

— Tudo… Tudo bem por você? — perguntou Scott. — Desculpa se eu… Eu não faço isso com frequência.

— Tá tudo *muito* bem — respondeu Kip, se aproximando de Scott e tocando aqueles bíceps que chegavam a ser ridículos. — Deixa eu cuidar de você. Esta noite, você pode ser apenas o Scott de Rochester, tá bom?

Scott olhou para ele com tanta gratidão que era de partir o coração. Então, seu olhar caiu para a mão de Kip tocando seu braço, e a gratidão logo se transformou em outra coisa. Scott o beijou, com força, e levantou-lhe a camisa. Kip entendeu a deixa e recuou um passo para tirá-la. Scott fez o mesmo e, *meu deus…*

Kip já havia visto fotos de Scott. Até mesmo algumas entrevistas sem camisa no vestiário. Mas vê-lo na frente dele, uma muralha de músculos e pele macia e pálida…

— Cacete — murmurou Kip.

Hipnotizado, observou o peitoral imenso de Scott subir e descer a cada respiração. Depois, viu que Scott estava observando seu peito nu do mesmo jeito. Como se Kip estivesse no mesmo nível que ele. Claro, Kip se mantinha em forma. Frequentava a academia sempre que tinha tempo. Mas Scott era…

— Você é lindo — disse Scott.

Ao que parecia, estava impressionado.

Kip sorriu e mordeu o lábio ao caminhar de costas na direção da cama. Scott retribuiu o sorriso e o seguiu, parando na beirada da cama enquanto Kip caía de costas no colchão. Kip se apoiou nos cotovelos e encarou Scott de um jeito que ele esperava ser sedutor.

— O que você quer fazer comigo? — perguntou Kip com a voz arrastada.

— Não sei. Eu já… Eu pensei em muitas coisas.

Kip ficou boquiaberto e com o pau desconfortavelmente mais duro na calça. *Scott já tinha pensado nisso. Comigo!*

Ele tentou ficar de boa. Aquela era uma oportunidade única na vida, e não poderia estragar tudo de jeito nenhum.

— Escolhe a sua favorita — disse ele. — Ou, porra, escolhe seu top dez. Eu tenho tempo de sobra.

Scott se moveu depressa, cobrindo o corpo de Kip com o dele enquanto se apossava de sua boca outra vez. Kip beijou de volta, ávido. Ele não se cansava da boca de Scott, e queria que Scott soubesse o quanto ele desejava aquilo. Que Scott se sentisse confiante para realizar tudo o que havia fantasiado.

Quando Scott tocou com firmeza a virilha de Kip, agarrando a ereção por cima do jeans, Kip gemeu dentro da boca dele. Elevou o quadril, fazendo pressão contra a palma da mão de Scott. *Isso. Por favor. Me toque por inteiro.*

Scott interrompeu o beijo e o encarou com um olhar selvagem.

— Pode fazer — suspirou Kip. — O que quer que você esteja pensando. Por favor.

Kip se aproximou para beijá-lo de novo, mas Scott já estava descendo pelo corpo dele. Suas mãos grandes abriram rapidamente a calça de Kip, puxando-a até a altura das coxas. Kip nem teve a chance de reagir antes que Scott caísse de boca por cima da cueca.

— Meu deus! Porra! — gritou Kip, em partes por estar surpreso e em partes porque a boca linda de Scott Hunter era gostosa *pra cacete*. Ele continuou apoiado nos cotovelos para poder assistir, porque *puta merda*.

Talvez encorajado pelo entusiasmo de Kip, Scott puxou o elástico da cueca dele para baixo, libertando a ereção. Ele levou os lábios até a cabeça e depois o encarou como se pedisse permissão. Kip assentiu e murmurou:

— Sim, por favor.

Quando Scott envolveu aqueles lábios macios nele, envelopando o pau num calor delicioso e molhado, Kip se controlou para não começar a meter naquela boca. A única coisa que o impediu foi a presunção de que Scott *provavelmente* não tinha muita experiência em chupar pau. Não que ele fosse *ruim*. Só estava um pouco agitado, movendo a boca pelo pau de Kip como se eles estivessem num beco deserto, e não na casa de Scott — como se estivesse preocupado que alguém fosse aparecer e pará-los a qualquer momento.

— Ei — disse Kip, um pouco engasgado. — Tá tudo bem. Não precisa se apressar… é melhor… *porra*… é melhor desacelerar um pouco senão eu vou gozar.

A tensão pareceu sumir dos ombros de Scott enquanto ele desacelerava a língua. Ele estava fazendo barulhos maravilhosos, como se *ele* é quem estivesse sendo chupado e não o contrário, mas teria que parar logo senão seria o *fim* de Kip. A cena inteira era demais para aguentar.

Kip apoiou a mão na lateral do rosto de Scott, que olhou para cima, ainda com os lábios envoltos no pau dele.

— O que você quer? — perguntou Kip.

A boca de Scott deslizou para longe do pau de Kip, arrastando a língua de forma demorada e obscena, e Kip revirou os olhos. *Caralho*. Scott poderia dizer literalmente qualquer coisa naquele momento e Kip toparia.

— Quero que você me coma — disse Scott.

— Quer? — Kip, certamente, toparia tudo, mas é que tinha presumido que o capitão de um time da NHL seria meio que… ativo?

— Quero — respondeu Scott com um sorriso tímido. — Tudo bem? É… É nisso que eu mais venho pensando.

Kip fez uma nota mental para parar de presumir coisas sobre as preferências sexuais de astros gigantes e musculosos do esporte.

— Claro, porra. Com certeza.

Scott sorriu.

— Tira essa calça. — Kip mal podia *esperar* para ver Scott por inteiro.

Scott se levantou e pareceu analisá-lo de cima abaixo. Esparramado na cama, com as calças abaixadas na altura das coxas e o pau ereto e molhado com a saliva de Scott, Kip se imaginou como uma visão e tanto.

— Você também — disse Scott, finalmente, com a voz contida. — Tira a roupa.

Com rapidez, Kip tirou os tênis, calça, cueca e meias, e se deitou na cama, observando Scott.

Scott deu as costas para Kip ao se abaixar para tirar as últimas peças de roupa, oferecendo uma vista maravilhosa da bunda incrível. Ele observou os músculos se flexionando enquanto Scott tirava as meias. Seus olhos desceram pelas coxas fortes de Scott, pálidas como todo o resto dele, mas cobertas por pelos loiro-escuros. Ele era tão forte, tão masculino. Era tudo com que Kip sempre sonhara, quase perfeito demais para ser real.

Depois de ficar completamente nu, Scott se virou para a cama.

— Você só pode tá de brincadeira — murmurou Kip.

Scott prendeu o riso, como se estivesse aliviado por Kip ter gostado do que viu. O que era ridículo.

Ele se esticou na cama ao lado de Kip e uniu seus lábios aos dele mais uma vez. Kip estava esperando aquela mesma urgência, mas o jeito como Scott o beijava agora era tão carinhoso, como se estivesse o saboreando, e Kip se perdeu no beijo.

— Meu deus, sua boca… — murmurou Scott.

Kip sorriu contra os lábios dele.

— Essa boca sabe fazer outras coisas também.

Ele precisava provar cada centímetro de Scott. Aquela poderia ser sua única chance.

Scott mordiscou o lábio inferior de Kip, depois o soltou e sussurrou:

— Me mostra.

Scott não precisou pedir duas vezes. Kip o virou de barriga para cima e montou nas coxas enormes dele.

— Porra, você é gigante — disse Kip.

— Bom, eu tô com *muito* tesão agora.

Kip riu.

— Estava falando de você inteiro, mas sim. Isso aqui é bem impressionante também.

Ele se abaixou e deu um beijo na clavícula de Scott, que gemeu e arqueou o corpo para cima. Kip então deixou sua boca descer pelo corpo dele, lambendo as curvas dos músculos do peitoral e da barriga, junto da linha dos oblíquos absurdamente definidos. O caminho o levou até o pau, que estava duro e implorando por atenção. Kip ignorou e subiu de novo até a boca de Scott.

— Desgraçado — grunhiu Scott, mas beijou Kip com vontade.

Como pedido de desculpas, Kip moveu os quadris para que os dois paus deslizassem um contra o outro. Scott gemeu em aprovação.

— Isso, porra.

Kip repetiu o movimento algumas vezes, e depois pressionou a mão contra o peito de Scott e se sentou.

— Lubrificante?

— Aham. Um segundo.

Kip saiu de cima para que Scott pudesse rolar para o lado e alcançar a gaveta da mesa de cabeceira. Ele entregou o frasco pequeno para Kip.

— Esse é dos bons — comentou Kip, examinando a embalagem.

— Gosto de gastar com coisas importantes — respondeu Scott num tom seco.

Kip segurou o pau de Scott e foi batendo para ele num movimento lento, deixando-o melado e brilhante. Os músculos abdominais de Scott se flexionavam conforme ele se contorcia na cama enquanto Kip acariciava as bolas e as puxava gentilmente. Scott xingou baixinho e arqueou as costas. Kip sorriu.

Ele passou dois dedos lubrificados pelo cu de Scott, e o astro da NHL *gemeu fininho.*

— Isso, *porra*… Meu deus, faz tanto tempo. Tempo pra cacete…

Kip masturbou o pau de Scott com uma das mãos e brincou com o cu dele usando a outra.

— Não tem mais ninguém — murmurou ele. — Só eu e você nesse quarto. Não existe nada lá fora. Nada mais importa além de darmos prazer um para o outro, tá bom?

— Tá bom. — Scott não disse, ele exalou. Todos os seus músculos

pareceram relaxar um pouco. Ele fechou os olhos, os cílios lindos e longos tocando as maçãs do rosto. — Eu vou te dar tanto prazer, Kip. Mal posso esperar para ter você dentro de mim.

— Eu também. Acho que vou te comer assim. Com você de barriga pra cima. Quero te olhar. Te fazer gozar nesse seu corpo gostoso todinho.

— Isso, sim. — Scott parecia estar em outro mundo.

Quando Kip conseguiu enfiar um terceiro dedo dentro dele, Scott estava ofegante e com o pau babando.

— Você é lindo pra caralho — disse Kip.

— Então me come — grunhiu Scott.

— Camisinha?

Scott respondeu se esticando até a gaveta de novo e jogando uma camisinha na direção dele. Kip a colocou o mais rápido possível antes de se posicionar.

Começou enfiando devagar, mantendo uma das mãos no pau de Scott e o masturbando gentilmente enquanto metia nele. A expressão de Scott não dava nenhum indicativo de dor. É claro que não. Ele era um cara durão. Um atleta. Um cara que levava pontos no banco e voltava pro gelo quando era sua vez de novo. Ele aguentava.

Scott dobrou os joelhos até tocarem no peito, incentivando Kip a ir mais fundo. Kip agarrou Scott pela cintura e o puxou para mais perto, então tirou e enfiou de novo, mais forte, mais rápido. Scott gritou, mas estava sorrindo. Parecia estar em êxtase.

— Assim — pediu Scott, ofegante. — Mais forte. Por favor.

Ele enganchou a perna no ombro de Kip e ergueu o quadril, implorando para que metesse ainda mais fundo.

Kip observava, encantado, enquanto Scott masturbava o próprio pau. Ele já estava quase explodindo, mas quando Scott murmurou seu nome, Kip perdeu todo o controle. O ritmo se descompassou por completo, e ele estava apenas fodendo Scott o mais rápido e o mais forte possível enquanto sua mente explodia. Era demais para aguentar.

De repente, Scott jogou a cabeça para trás, empurrou o queixo para o alto e os músculos do pescoço se retesaram. Ele arqueou as costas e gozou com uma bela tremedeira que Kip jamais esqueceria. Ele soltou um jato, lindo e interminável, em cima da própria barriga e peitoral. Até no pescoço caiu um pouco. Kip gemeu, xingou e gozou na metida seguinte, quase gritando de tão bom que era.

Quando as últimas ondas de prazer se acalmaram, ele caiu em cima de

Scott, ofegante e sorridente. Depois de um minuto, Scott se moveu gentilmente para alcançar a boca de Kip e o beijou.

— Obrigado — murmurou Scott, todo feliz. — Você não faz ideia… Obrigado.

— Você está *me* agradecendo?

— Eu estava precisando — falou Scott. — Fazia muito tempo.

Kip se sentiu corajoso.

— Quanto tempo?

— Agosto.

— Tá brin…

— *Começo* de agosto.

Kip queria perguntar como aquilo era possível, mas a resposta poderia cair num território meio desagradável para uma conversa pós-sexo. Scott obviamente não se sentia confortável em sair com outros homens.

O que ele *realmente* queria saber era: *Por que agora? Por que* eu?

Em vez disso, ele disse:

— Preciso me limpar.

— O banheiro fica ali — indicou Scott, apontando para uma porta do outro lado do quarto. — Eu uso o do corredor.

Kip se limpou e saiu do banheiro (incrível). Scott estava sentado, apoiado na cabeceira, coberto com um lençol fino.

Kip começou a recolher suas roupas. Não iria se iludir em relação ao que aquilo era. O sexo havia sido ótimo, mas Scott provavelmente iria querer que ele fosse embora agora.

— Bom… — disse ele. — Obrigado por hoje.

— Tá indo embora? — Scott parecia decepcionado.

Kip parou, segurando a calça jeans com uma das mãos e a camiseta com a outra.

— Sim, é que…

— Não precisa ir — disse Scott. — Você pode ficar. Eu… eu gostaria que ficasse. Se você quiser.

Kip encarou, embasbacado, o astro do hóquei lindo e todo desgrenhado por causa do sexo que estava, com muita timidez, o convidando para passar a noite ali. Ele de fato parecia nervoso, como se achasse que Kip talvez fosse recusar o convite.

Kip largou a calça e a camiseta no chão e voltou para a cama, sorrindo.

— Já que você *insiste*…

Ele se esparramou de lado na cama, todo brincalhão, e apoiou a cabeça na coxa de Scott.

— Quero saber mais sobre você. — Scott sorriu para Kip e começou a fazer cafuné nele. — Me conta alguma coisa? Não consigo pensar nas perguntas certas.

Kip levantou o rosto, olhando para ele.

— Meu nome de verdade é Christopher, mas quase ninguém me chama assim. Tenho 25 anos. Eu… ainda moro com os meus pais no Brooklyn porque preciso pagar a dívida da faculdade ou arrumar um emprego muito melhor pra conseguir sair de lá.

— Não precisa ter vergonha disso. Eu cresci muito pobre. Acha que não sei como sou sortudo?

— Sortudo nada — Kip rebateu. — Você trabalhou muito para conquistar tudo o que tem.

— Eu tive ajuda. Consegui uma bolsa num colégio interno com um programa de hóquei muito bom quando eu tinha catorze anos. Tinha carona de graça para a faculdade. Passei uns dez anos sem ter que pensar em dinheiro. Só queria que a minha mãe…

— Ela, hum…?

— Morreu. Sim. Quando eu tinha quinze anos.

— Sinto muito.

— Obrigado. Ela era incrível mesmo. Queria ter cuidado dela do jeito que ela merecia. Comprar uma casa bacana. A coisa toda.

— Filho único, né?

— Sim — respondeu Scott. — Sim, éramos só nós dois. — Ele pigarreou. — Enfim. Melhor a gente falar de coisas mais felizes.

— Não precisamos nem falar, se você não quiser — disse Kip, estendendo o braço para acariciar o rosto de Scott. Sentiu vestígios da barba por fazer.

Scott sorriu para ele.

— Preciso dormir logo. Tenho treino amanhã cedo. Dos longos.

— Uhum — disse Kip, se sentindo mais sonolento a cada minuto, com o cafuné que Scott continuava fazendo. — Tem certeza de que quer que eu fique?

— Claro que tenho. — O jeito como Scott respondeu pareceu tão aconchegante. Tão *afetuoso*. O coração de Kip errou a batida.

Ops.

É só uma noite, Grady. Não faça papel de idiota. Aproveite a oportunidade que

você recebeu.

Kip entrou embaixo do lençol com Scott. Apoiou a cabeça no peito dele e foi deixando o sobe e desce da respiração de Scott o fazer cair no sono.

Capítulo seis

Scott piscou até acordar com o som do despertador. Levou um momento para entender o que era o peso em seu peito dificultando que ele alcançasse o celular.

Kip.

Scott sorriu ao desligar o alarme e deixou as lembranças da noite anterior tomarem conta. *Tinha conseguido*! Ele, com sucesso, pegara um homem em Manhattan. Um homem de quem realmente *gostava*. Um homem que, agora, estava pelado e dormindo tranquilamente na cama dele, aninhado ao seu lado.

Mas Scott precisava ir embora. *Merda*. O carro chegaria em o quê? Quarenta minutos?

Suspirou e se virou para beijar a testa de Kip antes de se arrastar de debaixo dele. Kip soltou um barulho sonolento de protesto, mas logo caiu num sono profundo de novo.

Scott tomou um banho rápido e já estava no quarto, vestindo a camiseta, quando escutou um farfalhar.

— Oi — disse Kip, ainda grogue.

Ele estava apoiado no cotovelo, com o cabelo todo bagunçado e um olho ainda fechado. Coisa mais linda.

— Desculpa te acordar — disse Scott. — Tenho que sair. Você pode ficar, se qui…

— Não! Tenho que ir também. Eu, hum…

— Trabalha hoje?

— Não. Se eu trabalhasse hoje, já estaria atrasado uma hora atrás. É só que… tenho que ir pra casa.

— Tá bom.

— Beleza.

Kip já estava fora da cama, recolhendo suas roupas do chão. Se vestiu rapidamente e depois foi para o banheiro.

Scott expirou. Aquele era um território desconhecido para ele. Kip não era

seu namorado, mas também não era um caso de uma noite. Pelo menos, não para Scott.

— Amanhã eu trabalho — disse Kip ao sair do banheiro. Ele parecia tão incerto quanto Scott. — Você joga amanhã à noite, né?

— Jogo. E sábado também.

— Bom, a gente se vê amanhã de manhã, então? A não ser que você ache que o smoothie mágico não está mais funcionando.

Scott sorriu.

— Acho que ainda funciona, sim. Te vejo amanhã de manhã, então.

— Tá bom.

Kip saiu do quarto e Scott o seguiu. Ele observou Kip pegando o casaco e mochila no chão, e depois calçando os tênis.

— Então, hum… bom treino — disse Kip quando estava pronto para ir embora.

— Obrigado. — Scott franziu o cenho. Por que aquilo era tão esquisito?

— Amanhã de manhã, então.

— Isso. Amanhã.

Que se foda.

Scott se aproximou de Kip a passos largos e o beijou. Segurou o rosto dele nas mãos e, já que não conseguia dizer, tentou *mostrar* o que estava sentindo. Kip pareceu escutá-lo, porque retribuiu o beijo com a mesma efervescência, e Scott teve que se segurar para não pressioná-lo contra a parede, desabotoar o jeans dele, e…

— A gente se vê — disse Kip, murmurando as palavras contra os lábios de Scott. — Amanhã.

Relutante, Scott o soltou. Queria levá-lo até o portão principal, mas não havia necessidade. Kip não precisava dos códigos para sair do prédio. Além do mais, era melhor que ninguém visse os dois juntos tão cedo de manhã.

Depois que a porta se fechou, Scott se jogou contra a parede, puto porque aquilo era difícil pra caralho. A questão não era apenas ser gay ou ser famoso. Era ser as duas coisas combinadas e *saber* que, em sua área de trabalho, não seria possível ser quem era abertamente.

Ele costumava pensar que aquele era o preço a se pagar. Já tivera muita sorte em tantas áreas, e aquela era a moeda de troca. Conseguiu sair da pobreza para jogar na NHL — jogar na cidade de *Nova York*, até — e curtir uma vida dos sonhos que era quase perfeita.

Só não podia se apaixonar. Não podia compartilhar com os colegas de time

as histórias de namoro, casamento e filhos. Podia tentar preencher aquele vazio com tudo que tornava sua vida empolgante e invejável, mas o vazio sempre continuava ali. Sempre o corroendo.

Suas primeiras temporadas na NHL não haviam sido tão difíceis. Ele era um garoto, e não buscava nada além de dar umazinha de vez em quando. Os caras mais velhos tinham família, é claro, mas, na época, Scott vivia saindo com os outros jogadores mais novos. Conforme foi envelhecendo, tinha começado a ficar mais difícil. Aos 28, não dava para dizer que era um homem *velho*, mas, na idade do hóquei, já estava chegando lá. A cada temporada que passava, ele sofria mais para esconder quem era de verdade.

Scott não era exatamente solitário. Tinha os colegas de time, que eram como família. Mas às vezes desejava ter alguém em sua vida que não tivesse nada a ver com hóquei. Nada a ver com ser famoso.

Acontece que a vida dele pertencia a muita gente: a NHL, aos Nova York Admirals, ao agente, aos treinadores, aos patrocinadores, à imprensa e aos fãs. Talvez torcer por algo que o afastasse de tudo aquilo já fosse pedir demais.

Ou talvez esse "algo" tivesse acabado de sair do apartamento dele após uma promessa sussurrada de que os dois se veriam no dia seguinte.

Kip recebeu uma mensagem de Elena enquanto estava no metrô de volta para o Brooklyn.

Vamos comigo nesse negócio ou acabou a amizade.

Ela enviou um link em seguida. Era um artigo descrevendo o baile de gala da Equinox Foundation em prol de oportunidades para jovens nas áreas de ciências, tecnologia, engenharia e matemática. Um evento beneficente anual de muito prestígio, que reunia apenas os mais mais de Nova York. O tipo de coisa que Kip jamais se imaginou frequentando. A não ser que fosse para servir aperitivos.

Kip deu uma lida no artigo. O baile de gala aconteceria em três semanas.

Ele respondeu: Eu não tenho smoking!

Elena mandou outra mensagem em seguida e, como ele tinha imaginado, estava irritada. Aluga um.

Será que Scott estaria lá? Certeza de que ele havia sido convidado…

Kip sorriu. O baile da Equinox! As coisas estavam melhorando! Ele ainda estava surfando na onda da noite que acabara de ter com Scott Hunter. E a possibilidade de noites similares no futuro parecia ter ficado implícita quando

se despediram…

Não viaja. Não cria expectativas.

O ano estava começando. Talvez aquele fosse um ponto de virada para Kip Grady. Um convite para um baile de gala. Uma possível vaga de emprego. Um novo… amigo.

Ele esperava *muito* que Scott quisesse vê-lo de novo. Depois da noite anterior, os padrões de Kip agora estavam ridiculamente altos, e seria muito difícil sair por aí e ficar com um cara qualquer.

Kip fez um plano para o resto do dia, que envolvia ir à academia, preparar seu currículo e outras coisas responsáveis que não tinham nada a ver com ficar sonhando acordado sobre Scott Hunter.

Kip estava trabalhando com Maria quando Scott entrou na loja na manhã seguinte.

Ele não tinha certeza, mas notou uma pitada de decepção no rosto de Scott quando viu que Kip não estava sozinho.

— Oi de novo — disse Scott, obviamente se esforçando para parecer casual.

— Oi — disse Kip, tentando não demonstrar como estava feliz só por vê-lo novamente. — Quanto tempo… — *Bem natural.*

— Pois é — disse Scott.

Por um momento, os dois meio que só se encararam, sem dizer nada. Kip queria poder saltar por cima do balcão e agarrar Scott. Queria tanto beijá-lo.

— Bom — disse Scott. — Vou querer o de sempre, eu acho.

— Deixa comigo — Kip respondeu com um sorrisinho. Os lábios de Scott tremeram um pouquinho também.

Kip preparou o smoothie e o entregou para Scott. Olhou para Maria, que estava o tempo todo em silêncio, observando os dois. Ele desviou o olhar depressa quando notou que estava corando. Ao olhar de volta para Scott, ele também estava corado.

— Então… tem jogo hoje e amanhã à noite, né? — perguntou Kip, como se já não tivessem tido aquela conversa.

— Tem. Depois um dia de folga antes de uma viagem curta.

— Dia de folga?

— Aham — disse Scott ao beber um gole do smoothie.

— Grandes planos para aproveitar o descanso? — Kip estava tentando ser o mais sutil possível, o que de sutil não tinha nada.

— Estava pensando em ficar em casa. Talvez assistir a um filme. — Ele

soou descontraído, mas o olhar de Scott parecia querer derreter Kip bem ali.

— Me parece um bom plano.

— Acho que sim — Scott falou. — Enfim, preciso ir. — Entregou a nota de vinte dólares, e talvez o toque tenha se demorado um pouco quando seus dedos encostaram na palma da mão de Kip. — Até mais, Kip.

— Até… — disse o barista com a voz fraca.

Então Scott foi embora a passos rápidos.

— Ai. Meu. *Deus!* — exclamou Maria.

— Que foi?

— *Que foi?* Que *porra* foi essa, Grady? Vocês estão *noivos* ou o quê?

— Não sei do que você está…

— Você precisa me explicar o que eu acabei de presenciar.

— Nada! — Kip sabia que seu rosto estava o entregando. Suas bochechas continuavam quentes e ele mordia o lábio para conter o sorriso.

Por sorte, foi salvo pela chegada de uma cliente. Maria lançou um demorado olhar de "essa conversa não acabou" antes de se virar para a jovem que lia o cardápio no alto da parede.

Kip desdobrou o dinheiro para guardar na gaveta do caixa e encontrou um pedacinho de papel escondido no meio da cédula. O papel quase caiu no chão, mas ele pegou. Quando leu, Kip precisou ir para os fundos da loja para que Maria não visse sua expressão.

O bilhete continha, numa caligrafia perfeita, o número de celular de Scott Hunter e a palavra *Domingo* escrita embaixo.

Puta merda. *Puta merda!*

Com rapidez, Kip pegou o celular e salvou o número nos contatos. Depois, tirou uma foto do pedaço de papel por precaução, antes de guardá-lo com todo cuidado na carteira.

Tinha criado esperança, mas não ousara presumir que Scott iria querer vê-lo de novo. Mesmo se fosse só para transar, já estava bom. Mais do que bom.

Ele se permitiu um minuto para fazer uma dancinha de "Scott Hunter tá super a fim de mim" na privacidade da sala dos fundos antes de voltar praticamente nas nuvens para servir smoothies para os clientes.

O domingo pareceu demorar uma eternidade para chegar. Kip vira Scott de novo no sábado, quando ele passara na Straw+ Berry para comprar o seu smoothie costumeiro em dias de jogo, mas a lanchonete estava lotada e ele não havia se demorado muito.

Provavelmente quis ir embora antes de ser reconhecido. As chances disso acontecer andavam bem altas, porque a cidade inteira estava comentando do retorno triunfal de Scott Hunter. Kip assistira a Scott sendo entrevistado depois do jogo, e perguntaram de forma direta ao que ele atribuía sua recuperação.

Ele simplesmente abrira um sorriso tímido e dissera:

— Acho que eu só encontrei alguma coisa que me reacendeu.

Desde então, Kip ficou todo bobo.

E agora enfim era domingo e ele não fazia ideia de como proceder. Tinha o número de Scott. Tinha a vaga instrução de telefoná-lo hoje. Mas não sabia a que horas deveria ligar.

Ou seria melhor mandar uma mensagem?

Só que ainda eram onze da manhã. Até mesmo uma mensagem pareceria carente demais a uma hora dessas.

Né?

Kip decidiu ir à academia. Iria treinar, tomar um banho, comer alguma coisa, e *só depois* mandar mensagem para Scott.

Às duas da tarde se sentou na cama e encarou o celular, se perguntando o que deveria escrever. Estava pensando demais. Tudo o que precisava era que Scott soubesse que ele não havia perdido o número e que iria gostar de vê-lo.

Na ausência de uma ideia melhor, enviou: Oi. Aqui é o Kip.

E largou o celular. Pronto. Scott provavelmente responderia mais tarde. Agora tinha o número de Kip.

Ele tem meu número agora!

Kip estava prestes a se levantar e ir assistir a um filme ou algo do tipo quando o celular vibrou.

Scott: Que bom receber uma mensagem sua, Kip.

Será que Scott tinha ficado *esperando*?

Mais uma mensagem chegou: Tava com medo de você ter perdido meu número.

Kip xingou a si mesmo. Deveria ter mandado mensagem antes.

Estava prestes a responder quando o celular tocou. Era o número de Scott.

— Scott?

— Sim. Oi.

— Oi.

— Desculpa por ligar. É que eu digito muito devagar.

— De boa.

— Você está ocupado, ou…

— Não! Não, tô tranquilo. Eu, hum, é bom ouvir sua voz. — Kip ficou

envergonhado. Mas dava para *escutar* o sorriso de Scott pela ligação.

— É bom te ouvir também, Kip. Andei pensando. Bastante. Naquela noite.

Kip deitou na cama, sorrindo.

— Andou, é?

— Aham. E queria saber se você gostaria de vir aqui mais tarde.

— Acho que consigo abrir um espacinho na agenda — brincou Kip.

— A gente pode pedir comida. Assistir a um filme. Não precisa ser só…

— Me parece um plano perfeito. Desde que também possa rolar um…

— Ah, mas com certeza.

Kip mordeu o lábio. A voz de Scott ficou mais baixa e mais rouca na última frase.

— Então, que horas você me quer aí? — perguntou Kip, tentando ao máximo igualar seu timbre ao tom de Scott.

— Não estou fazendo nada agora.

Porra.

— Quer que eu vá agora?

— Se você quiser…

— Sim. Eu quero. Te encontro daqui a pouco.

Kip quase desligou, mas pensou um pouco e perguntou:

— Ah. Quer que… Quer que eu leve uma mochila pra passar a noite aí?

Scott ficou em silêncio por um momento, e Kip se odiou por ter sido tão presunçoso.

— Quero. Pode trazer. Com certeza. — Scott desligou.

Kip exalou e abriu um sorriso bobo para o teto. Depois, foi pesquisar o caminho mais rápido para chegar no apartamento de Scott.

Capítulo sete

Scott não conseguia sossegar o facho enquanto esperava por Kip.

Tinha passado a manhã com medo de Kip não entrar em contato, fosse porque ele não queria ou porque havia perdido o número. Era besteira; Kip parecera muito interessado em vê-lo de novo e também parecia ser inteligente o suficiente para salvar um contato no celular.

Kip era inteligente. Inteligente e lindo. E beijava muito bem.

Scott perambulou pelo apartamento, vez ou outra fazendo algo desnecessário como reorganizar as almofadas no sofá ou endireitar um quadro perfeitamente reto na parede. Ele parou diante da janela e observou os barcos no East River, e os carros atravessando as pontes nos dois lados da vista panorâmica.

Escovou os dentes (de novo) e deu uma conferida no cabelo.

Scott ponderou sobre a roupa que vestia. Era um visual bem casual — obviamente — porque, afinal de contas, estava relaxando em casa. Mas estava vestindo seu melhor par de jeans e uma camiseta azul-bebê que tinha certeza de que destacava seus olhos. Infelizmente, também tinha um hematoma bem grande no braço direito, bem acima do cotovelo, presente que ganhou do taco de um dos defensores do Buffalo numa jogada fortíssima.

Você está bonito. Tá tudo bem.

Ele desceu até o saguão para encontrar Kip. Cronometrou direitinho, porque Kip chegou menos de cinco minutos depois.

— Oi — disse Kip, se sacudindo para espantar o frio. As bochechas estavam rosadas. Coisa mais fofa.

— Oi. — Scott sorriu para ele, todo bobo. Foi recompensado com um sorriso que mostrava as covinhas de Kip.

Os dois foram para o elevador e trocaram uma conversinha fiada enquanto subiam. O clima estava tenso, mas de um jeito bom. A promessa do que estava por vir crepitava entre eles.

Entraram no apartamento e Scott pegou o casaco de Kip, que tirou os

sapatos, largou a mochila e caminhou sem pressa até a sala de estar. Scott o seguiu, admirando o jeito como a camiseta de manga comprida e os jeans escuros valorizavam seus braços e pernas compridos e esguios.

— Mais uma vitória ontem — comentou Kip. — Parabéns.

— Ah, pois é. Obrigado.

Scott não conseguia mais se segurar. Estendeu o braço para Kip, que se aproximou imediatamente. Scott o beijou e uma sensação instantânea de calma se alastrou por seu corpo. Tinha precisado tanto daquilo. Passara mais de dois dias sem conseguir pensar em quase nada além da boca de Kip. Foi um milagre ter conseguido jogar bem nas duas partidas desde a noite que tiveram juntos.

— Fiquei com saudades — disse Scott. As palavras escaparam, mas ele não se arrependeu. Ainda mais depois de ver o jeito como Kip sorriu.

— Ah, é?

— Uhum… Você é um cara difícil de esquecer. — Ele apoiou as mãos na cintura de Kip e agarrou os ossinhos do quadril. Depois, se aproximou ainda mais para que Kip pudesse sentir o quanto havia deixado saudade.

— Meu deus… — Kip suspirou.

Eles se beijaram e se agarraram freneticamente, até Kip tombar para trás sobre o braço do sofá, e Scott cair em cima dele.

— Desculpa — disse Scott, rindo. — Você tá bem?

— Muito bem.

Kip agarrou a ereção de Scott por cima do jeans, e Scott grunhiu e sarrou contra a mão dele.

— Vem cá — disse Kip. — Vamos… Você senta, e deixa que eu…

Ele se contorceu até sair de debaixo de Scott, que se sentou no sofá e observou Kip escorregar para o chão até ficar entre os seus joelhos. Kip se aproximou e o beijou enquanto abria a braguilha de Scott. Continuaram se beijando enquanto Kip colocava o pau de Scott para fora e o masturbava de leve, sem pressa.

Porra, era tão gostoso. Só de estar com alguém daquele jeito. Ser tocado. Ser estimulado e poder se aliviar. Ele precisava de mais momentos assim na vida.

Kip avistou o hematoma no braço de Scott e o acariciou com os dedos.

— Deve ter doído.

— Já tive piores.

— Vou fazer melhorar. — Kip deu beijos macios, de boca aberta, na pele arroxeada. Era brega e estúpido, e Scott amou.

Kip continuou aplicando seu "remédio" enquanto os dedos brincavam com a

bainha da camiseta de Scott, que queria era *arrancá-la de vez*.

— Acho que tenho mais alguns hematomas — ele comentou. — Caso esteja a fim de explorar.

— Hum… Melhor eu dar uma olhada.

Meu deus, a voz de Kip ficava tão sexy quando ele estava com tesão, toda rouca e ofegante. A excitação dele parecia desenterrar o sotaque do Brooklyn, e, por algum motivo, Scott achava aquilo um tesão absurdo.

— Não estou vendo nenhum hematoma aqui — provocou Kip, descendo com os beijos pela barriga de Scott. — Mas só pra garantir…

— Acho que tem u-umas… — Scott puxou o ar com a boca. — Pode ter umas lesões mais pra baixo.

Kip riu contra a pele dele, e isso fez Scott rir também. Ele lambeu o abdômen do jogador, pressionando as mãos na parte interna das coxas e acariciando gentilmente suas bolas com as costas dos dedos. Scott estremeceu.

— *Porra.*

— Eu pensei tanto nisso — murmurou Kip, com a boca pairando sobre o pau de Scott. — Da última vez, não tive a chance.

— Por favor. — Foi tudo que Scott conseguiu dizer.

Kip passou a língua pela cabeça, e fez força contra a pele sensível logo abaixo dela. Scott agarrou o sofá para não empurrar a cabeça de Kip para baixo sem querer. Seu saco doía de tanto que precisava gozar.

Mas Kip o chupou devagar, relaxado, como se os dois tivessem todo o tempo do mundo. Coisa que, como Scott imaginava, tinham mesmo. Ele observou Kip o máximo que podia, às vezes perdendo o foco quando algum movimento dele o fazia revirar os olhos.

Ele era tão bonito. Kip. Scott decidiu dizer isso a ele.

— Você é lindo. — Scott o encarou com o que deve ter sido um olhar de pura adoração. — E também é bom pra cacete nisso. Minha nossa.

Kip sorriu e redobrou os esforços. Engoliu o pau de Scott quase inteiro, envolvendo a mão na base e acariciando as bolas com a ponta dos dedos.

Scott estava com muito tesão. Sentia que era capaz de morrer. Não conseguia nem pensar, e tudo o que saía de sua boca eram obscenidades.

— Ai, porra. Caralho. Tomara que você queira me comer depois. Meu deus, eu pensei tanto nisso. Foi tão bom naquela noite. Nunca foi tão gostoso assim… Tem tanta coisa que eu quero fazer com você…

Kip gemeu com o pau na boca e apertou a própria ereção por cima do jeans.

— Eu vou cuidar disso — prometeu Scott. — Assim que você terminar,

pode colocar seu pau onde você quiser em mim… Ah… Porra… Nossa… Eu vou…

Aquilo foi o máximo de aviso que conseguiu dar a Kip. Ele gozou tanto e tão rápido que arqueou o quadril um pouco e curtiu as ondas de prazer que atravessavam seu corpo enquanto ele se esvaziava dentro da boca perfeita de Kip.

Quando acabou, Kip tirou a boca e apoiou a cabeça na coxa de Scott.

— Puta que pariu — disse Scott. — Vem cá.

Kip foi até ele e o beijou, e Scott pegou Kip no colo, o envolvendo com seus braços.

— O que você quer? — Scott ofegou.

— Não importa. Não vou durar muito tempo mesmo.

Scott abriu a braguilha de Kip e botou o pau dele para fora. Na falta de algo melhor, Scott cuspiu na própria mão e segurou o pau de Kip, misturando a saliva com a lubrificação que já estava escorrendo pela cabeça.

Kip grunhiu e sarrou na mão de Scott, que olhou para baixo e observou sua mão se mover pelo pau lindo e inchado de Kip.

— Quero te ver gozar. Quero que você goze em cima de mim todinho. Mais tarde, talvez, você pode me mostrar como você gosta de fazer, eu posso te ver batendo punheta. Porra, eu ia gostar muito…

Kip soltou um ganido repentino e agudo, e deu a Scott exatamente o que ele queria, gozando em jatadas longas sobre o abdômen, o peito e ao longo da mão dele.

Quando Kip abriu as pálpebras, estava com os olhos semicerrados, intoxicados de prazer e as bochechas coradas. Ele era a coisa mais sexy que Scott já vira.

— Caramba, não é à toa que você é o capitão do time — comentou Kip com a voz arrastada. — Você é bom em incentivar, viu?

Scott riu e o beijou.

— Vamos nos limpar.

— Uhum — disse Kip, se recostando de volta no sofá.

Scott se levantou e foi buscar uma toalha úmida. A pressão inicial havia sido resolvida, mas só alimentara sua necessidade por *mais*.

Quando voltou para a sala de estar, encontrou Kip esparramado, de zíper aberto, com o pau melado e amolecendo por cima da coxa. Ele cobria os olhos com o antebraço.

Mais. Muito mais.

Exausto, suado e feliz, Kip se jogou de barriga para cima ao lado de Scott. Eles estavam esticados meio diagonalmente na cama gigante de Scott depois da segunda rodada. E ainda nem tinha anoitecido.

Scott virou a cabeça na direção de Kip.

— Tô morrendo de fome, e você?

Kip riu.

— Sim. Com certeza. Mas queria tomar um banho antes.

Scott se levantou num movimento rápido e muito atlético. Estendeu a mão para Kip, que aceitou, sorrindo. Scott o beijou depois de levantá-lo da cama, e o levou para o banheiro espetacular.

O banheiro da suíte era maior que o quarto de Kip. Era maior que o quarto dos *pais* dele. Tinha uma banheira gigante no meio e, atrás dela, uma parede de pedras que escondia um longo box aberto dos dois lados. No teto, bem no meio, um chuveiro retangular enorme com luzes nas duas pontas. As paredes eram de um azulejo cinza estonado. Sexy pra cacete.

Scott ligou o chuveiro girando os registros chiques e a água caiu do teto. Ele entrou e puxou Kip para perto.

Kip amou o banho quase tanto quanto amou beijar Scott Hunter *durante* o banho. A água tracejava os músculos de Scott ao descer por aquele torso ridículo de gostoso. Kip se abaixou para pegar com a boca uma gota d'água que estava prestes a pingar da curva da coxa de Scott, e depois seguiu o caminho inverso com a língua.

— Kip. Meu deus. — Scott estremeceu enquanto Kip lambia o tanquinho dele. Scott o levantou e o empurrou contra a parede, beijando-o ferozmente.

Era inacreditável: não tinham feito nada além de gozar a tarde inteira, mas ainda assim não conseguiam tirar as mãos um do outro.

Em determinado momento, conseguiram se limpar, usando o sabonete muito cheiroso (e com certeza caro) de Scott. Quando saíram do banho, o banheiro estava opaco com o vapor e Kip estava *morrendo de fome*.

Ele vestiu o jeans e a camiseta. Scott, para a alegria de Kip, ficou só de toalha enrolada na cintura enquanto pedia comida no celular. Kip não se surpreendeu com o quão confortável Scott era com o próprio corpo; ele passara boa parte da vida vestindo nada, ou quase nada, em vestiários cheios de gente.

— Tem um restaurante aqui perto que faz um ravióli incrível — disse Scott. — O que acha?

— Perfeito.

Scott acabou se vestindo e se juntou a Kip no sofá para esperarem pela

comida.

— Ei — disse Kip. — Você vai naquele baile de gala da Equinox?

Scott olhou para ele, curioso.

— Vou, já confirmei minha presença. Por quê?

— Ah, é só que… eu também vou.

— A trabalho?

— Não! Não, eu… Minha amiga me convidou.

— Ah! — exclamou Scott. E depois: — Meu deus, desculpa, Kip. Eu não deveria ter deduzido que…

— Relaxa, de boa. Quer dizer, é mesmo meio esquisito que alguém como eu vá a um evento de gala como esse. Como convidado e tal. Mas a Elena, minha amiga, trabalha na Equinox e quer que eu seja o acompanhante dela.

— É a mesma amiga que você levou pro jogo?

— Sim. Ela é a minha melhor amiga. Uma pessoa incrível de verdade.

Scott assentiu.

Um silêncio desconfortável recaiu sobre os dois. Kip não sabia ao certo no que Scott estava pensando, mas *ele* com certeza estava desejando poder ir como acompanhante de Scott. Se imaginou dançando com ele naquele salão chique, os dois elegantérrimos, o flash das câmeras…

O sonho esmaeceu.

— Enfim — Kip concluiu. — Estarei lá.

Scott estava franzindo o cenho e desviando o olhar. Kip esperou que ele dissesse as palavras que sabia que viriam, mas morria de medo de ouvir. *Então, isso aqui foi divertido, mas não quero que você comece a ter ideias…*

Em vez disso, Scott se levantou e perguntou:

— Quer beber alguma coisa? Uma cerveja ou algo assim?

— Claro — respondeu Kip, surpreso, mas tentando parecer tranquilo. — Sim, uma cerveja cairia bem. Ou qualquer coisa.

Scott assentiu e foi para a cozinha.

Uma tensão esquisita preencheu o recinto. Kip não gostou. No que ele estava pensando ao comentar sobre um evento onde os dois estariam dali a três semanas? Foi burrice. Ele não deveria ter deduzido que…

Scott voltou e entregou uma garrafa de cerveja gelada para Kip.

— Quer um copo, ou…

— Não, bebo na garrafa de boa. — Kip forçou um sorriso. Ele observou Scott mexendo na própria garrafa, as feições contorcidas em uma careta.

— Eu, hum, estou animado pra te ver todo arrumado no baile de gala. —

Scott abriu um sorriso nervoso adorável para Kip.

Kip sorriu de volta, aliviado.

— Ah, é? Quando eu quero eu me visto muito bem.

— Não tenho dúvidas — disse Scott, apoiando o joelho no sofá e se esticando para beijá-lo. Kip suspirou e o beijou de volta. Queria Scott inteiro em cima dele. Queria sentir o peso dele por todo o corpo.

Ele se esticou para trás até se deitar e depois olhou para Scott, cheio de expectativa.

— Vem cá — disse ele.

Scott tirou a cerveja da mão de Kip e colocou a garrafa na mesinha de centro com tampo de vidro, ao lado da própria garrafa. Ele se abaixou com cuidado — até demais — para cobri-lo com seu corpo gigante.

— Eu sou pesado — alertou Scott, como se aquilo fosse convencer Kip a não desejar ser completamente sufocado por ele.

— Eu não vou quebrar. — Kip envolveu o braço nas costas de Scott para puxá-lo pra mais perto.

Quando Scott soltou seu peso sobre ele, Kip deu um gemidinho que poderia ser vergonhoso, mas ele estava feliz demais para se importar. Scott mordiscou a pele sensível do pescoço dele, e, porra, o pau de Kip endureceu pela quarta vez naquela tarde. Ele moveu o quadril para pressioná-lo contra a coxa de Scott.

— Meu deus, Kip — gemeu Scott com a boca no pescoço dele.

Então seu celular vibrou.

— A comida chegou — anunciou Scott com um sorriso arrependido. — Já volto.

Ele desceu até o saguão e Kip ficou atordoado no sofá.

Kip achava que já havia entendido o que estava rolando: Scott precisava de alguém para transar e que esse alguém não vazasse para a imprensa nem postasse nada na internet. Ele, sabe-se lá o porquê, sentia que podia confiar seu segredo a Kip. Os dois se pegariam no sigilo algumas vezes, depois Scott voltaria para sua vida de astro do hóquei e Kip voltaria para sua vidinha patética. Simples assim.

Mas, *porra*, não seria fácil ir embora dali quando o inevitável momento chegasse.

Comeram o ravióli no sofá, e Scott ligou a TV para assistir a um pedaço do jogo de Pittsburgh contra Boston. Era interessante assistir a hóquei com Scott Hunter. Às vezes ele se envergava para a frente, focado e pensativo enquanto mastigava. Como se estivesse elaborando algo na cabeça. Kip se perguntou o

que ele estava vendo na tela. Quais detalhes notava que quase ninguém no planeta perceberia.

— Você joga em Boston essa semana, né? — perguntou Kip.

— Sim. Na quinta — respondeu Scott, ainda com os olhos na TV. — E jogamos na Filadélfia na terça.

— E volta no sábado?

— Sim. Montreal joga contra a gente aqui no sábado.

— Eu, hum, não trabalho no sábado.

Houve uma pausa e então Scott pareceu registrar o que Kip acabara de dizer. Ele desviou a atenção da TV.

— Ah.

— Sim, eu trabalho de terça a sexta essa semana.

— Tudo bem. — Ele franziu o cenho.

— Tipo… eu posso ver se a Maria quer tro…

— Não! Não, nada a ver. É só uma bobeira, né?

Kip deu de ombros.

— Se é importante pra você, eu posso trocar de turno.

Scott balançou a cabeça.

— Não, é só que… — Ele colocou a comida na mesinha de centro, desligou o jogo de hóquei e se virou para Kip. — Acho melhor a gente conversar.

O coração de Kip apertou. Ele se preparou para as palavras que já vinha esperando desde que haviam transado pela primeira vez.

— Eu, hum… — Scott começou, perdido nas palavras de um jeito que não era do feitio dele. — Você sabe, eu…

— Tudo bem. Você não precisa…

— Eu não sou assumido — Scott continuou. — Acho. Quer dizer, acho não. Isso é um fato. Preciso esconder essa parte de mim. Se descobrirem que eu…

— Certo — disse Kip, os olhos focados no chão para que Scott não visse o quão abatido ele se sentia.

— Eu nunca… namorei ninguém.

Kip levantou o olhar, surpreso.

— Já saí com outros caras. Aqui não. Nunca saí com ninguém em Nova York. Nunca trouxe ninguém para a minha casa antes.

O estômago de Kip deu um nó.

— Nunca?

Scott olhou sério para ele.

— Nunca.

— Ah.

— Como falei, nunca namorei ninguém — disse Scott. — Eu nunca… Eu achava que não precisava. Que conseguiria viver sem isso.

Kip percebeu como Scott usou a frase no passado.

— E agora?

Scott soltou o ar.

— Não sei. Parece que… talvez eu não tivesse encontrado a pessoa certa ainda, sabe?

Puta merda.

— Só estou dizendo que… — Scott continuou. — Acho que não são os smoothies.

Kip não se manifestou. Queria ouvir o que Scott iria dizer em seguida.

— Eu quero. Namorar você. Sei que a gente mal se conhece, mas…

A emoção borbulhou dentro dele, formando um nó em sua garganta.

— Eu também — ele soltou, engasgado.

Scott sorriu para ele, um pouco triste.

— Quer dizer, é óbvio que sim. Eu topo — disse Kip.

— Eu *quero* — esclareceu Scott. — Mas não sei como podemos fazer isso.

— A gente dá um jeito — argumentou Kip, ainda completamente afobado. — Eu consigo guardar segredo, e não precisa ser… Sei lá, pode ser algo mais casual. Sempre que você tiver tempo.

— Você merece mais do que isso, Kip.

Kip riu, porque… *sério mesmo?*

— Eu me contento com você.

Scott sorriu e o beijou. Kip o beijou de volta com tudo o que tinha, porque estava certo de que aquele homem incrível dos sonhos tinha acabado de pedir para ser seu *namorado*.

— Você não vai se contentar com nada — murmurou Scott no ouvido dele. — Pelo menos não no que depender de mim.

Eles chegaram no quarto, mas foi por pouco. Scott jogou Kip contra a parede assim que passaram pela porta. Arrancaram as camisetas, e depois Scott se esfregou tanto nele que os pés de Kip estavam quase sendo erguidos do chão. Kip era um cara alto e forte, mas Scott fazia com que ele se sentisse pequeno. Ele amava como Scott conseguia pegá-lo de jeito.

— O que você quer? — perguntou ele. — Me diz.

— Será que… — Kip gaguejou, ofegante. — Que você gostaria de dar uma mudada?

— Quer dar pra mim?

— Quero. Você quer?

Scott soltou um grunhido grave e o beijou de novo.

— Com certeza.

Kip soltou uma risadinha de alívio. Ele amava comer Scott, mas *precisava* ser fodido naquele colchão, ou contra aquela parede, com a força que ele sabia que Scott tinha.

Os dois se separaram apenas para tirarem as calças, e depois Scott puxou Kip para cama, não com grosseria, mas com força. Kip obedeceu de bom grado, se permitindo ser jogado no colchão e coberto imediatamente por Scott. O peso do peitoral de Scott pressionou Kip contra o colchão, assim como no sofá, momentos antes. Era exatamente o que ele desejava.

Scott moveu o quadril para que o comprimento do seu pau grosso e enorme deslizasse contra o de Kip.

— Por favor — grunhiu Kip. — Eu quero.

— Vira — ordenou Scott, soando exatamente como o capitão respeitado que era. Aquilo mandou um rompante de calor que atravessou Kip, e ele obedeceu num piscar de olhos. Quando assumiu a posição, Scott começou a beijar as costas dele, descendo pela coluna.

— Você é — murmurou Scott entre um beijo e outro — simplesmente. Maravilhoso. — Ele pontuou sua afirmação fincando os dentes no lado esquerdo da bunda de Kip, mordendo de forma brincalhona, porém possessiva. Kip gemeu e agarrou um dos travesseiros. Estava tão necessitado que achava que seria capaz de explodir a qualquer momento.

Scott continuou dando mordidinhas na bunda de Kip, descendo pelas coxas e subindo de novo. Era tão gostoso; cada parte do Kip vibrava de empolgação. Ele não sabia ao certo se Scott iria de fato fazer o que sua boca estava insinuando. Sabia que Scott era relativamente inexperiente, e talvez fosse pedir demais esperar que…

Mas então Scott abriu a bunda dele com as mãos fortes e, lentamente, passou a língua entre as nádegas de Kip.

— Porra — Kip gemeu. — Isso.

Scott deu voltas na pele sensível ao redor do cu de Kip, passando a ponta da língua no buraco apertado enquanto suas mãos agarravam a bunda dele. Scott o deixou relaxado com lambidas quentes e molhadas, cada uma provocando

calafrios em Kip.

Deus, me deixa ficar nesse momento pra sempre.

Quando Kip já estava relaxado o suficiente, Scott pegou o frasco de lubrificante e enfiou um dedo lustroso e forte. As mãos dele eram *enormes*, e os dedos eram muito longos e grossos. Kip queria todos os dedos que Scott estivesse disposto a lhe dar.

Scott apoiou uma das mãos com firmeza no meio das costas de Kip — talvez fosse mais para se equilibrar, mas Kip adorou. Scott deve ter notado, porque pressionou um pouco mais forte e enfiou um segundo dedo. Kip arquejou com o aumento de pressão nos dois lugares.

— Gostou, é? — grunhiu Scott.

— Gostei — respondeu Kip, rouco. — Eu amo como você é grande. Forte pra cacete. Porra, eu quero muito você dentro de mim. Quero você em todos os lugares.

Scott respondeu com um grunhido muito másculo e possessivo, acrescentando um terceiro dedo. Kip estremeceu e gemeu.

— Tudo bem? — perguntou Scott, parando o movimento dos dedos. — Foi demais?

— Não… Não, tá tudo bem. Tá gostoso. Tá tão gostoso… — Kip ia continuar balbuciando. Sua boca sempre falhava quando estava daquele jeito, perdido no prazer. — Estou pronto — disse ele. — Mais do que pronto pra você, Scott. Por favor. Eu gosto com força. Quero passar dias sentindo…

Scott tirou os dedos e então Kip escutou o som agitado de uma embalagem de camisinha sendo aberta. Ele se virou para olhar por cima do ombro da melhor maneira que podia, e viu Scott movendo a mão sobre o membro ereto, passando uma camada generosa de lubrificante.

Kip esperou ansioso para a pressão inicial do pau de Scott entrando. Fazia tempo demais desde que havia dado pela última vez, e ele passara a semana inteira fantasiando com aquele exato momento. Depois de um longo minuto onde nada aconteceu, Kip olhou de novo por cima do ombro. Scott estava segurando a cintura dele e se posicionando, mas não se movia.

— Tudo certo aí? — perguntou Kip.

— Sim — disse Scott. Ele estava corado. — Desculpa. É só que… eu não quero te machucar.

— Não vai. — Kip rebolou a bunda, brincando. — Mas se você não começar a me foder agora, talvez eu morra, então…

Scott segurou a risada, mas continuou parado.

— Eu só fiz isso uma vez — confessou ele.

Ai, meu deus.

Kip vivia se esquecendo da falta de experiência de Scott. É que parecia algo tão… improvável.

— Você não vai me machucar — prometeu Kip. — Eu aviso se doer. Mas… eu gosto com força. Eu aguento.

Scott mordeu o lábio e franziu o cenho, e Kip precisava que ele parasse de pensar tanto.

— Confia em mim — disse Kip.

Scott o olhou nos olhos e assentiu.

Finalmente, Kip sentiu a cabeça do pau de Scott roçando na entrada do cu, e teve que se segurar muito para não jogar a bunda pra trás de uma vez. Esperou pacientemente enquanto Scott enfiava devagar.

— Isso, sim — sussurrou Kip. — Eu queria tanto te dar.

Scott era *grande*, e Kip sentiu o cu abrindo e queimando da melhor forma possível. Depois de enfiar tudo, Scott voltou a colocar a mão no meio das costas de Kip, botando peso sobre ele. Kip gemeu.

Scott foi cuidadoso nas primeiras metidas. Desesperado por mais, Kip deu uma encorajada.

— Que gostoso. Tá gostoso pra caralho, Scott. Não precisa ser bonzinho comigo. Você é perfeito. Anda, vai.

O encorajamento funcionou. Scott começou a meter com vontade, uma das mãos apoiada na cama para se ancorar, e a outra espalmada com firmeza nas escápulas de Kip, que estava no paraíso.

— Você é tão forte — suspirou ele. — Não para. Tô amando.

— Você é uma delícia. Porra.

Kip sentia Scott em todo lugar — as coxas fortes pressionadas contra suas pernas, a mão firme nas costas enquanto ele o socava com força contra o colchão. Kip amava como Scott podia ser fofo e tímido, mas, naquele momento, estava fodendo Kip como o atleta que era. A cada estocada, o corpo inteiro de Kip se eletrizava, e seu pau se esfregava contra o colchão de um jeito que normalmente não seria o bastante, mas que dessa vez…

Vai dar certo. Meu deus, talvez eu goze antes.

— Não goza — advertiu Scott, como se estivesse lendo a mente dele. — Eu quero ver. Não goza.

Kip gemeu, amando o tom autoritário de Scott, e fez o que pôde para obedecer. Ele levantou o quadril para reduzir a fricção com a cama, mas, pelo

jeito como Scott metia, ele nem precisava da fricção. Estava tudo gostoso demais.

— Não sei… — disse Kip, engasgando. — Não sei se consigo obedecer a essa ordem, Hunter.

Scott *rosnou* e, sem aviso, tirou a pica e virou Kip de barriga para cima. Ele levantou os calcanhares de Kip até a altura dos ombros e meteu tudo de novo, mais forte e mais rápido do que antes.

— Puta merda! — gritou Kip. — *Porra!*

— *Agora* você pode gozar.

Kip gozou. E agora nem havia um colchão tocando o pau dele. Gozou sem tocar no pau porque Scott mandou, e porque tudo naquele momento estava tão perfeito e tão gostoso. Ele observou, maravilhado, enquanto a porra esguichava em sua barriga e peitoral.

— Ai, meu deus. Cacete, Kip! — Scott deu mais algumas estocadas, e depois se jogou para a frente enquanto gozava dentro dele.

Quando a tremedeira passou, Scott tirou o pau gentilmente e se jogou na cama ao lado de Kip. Ele estava corado e sorrindo.

— Isso foi… — ele começou, e depois só balançou a cabeça e sorriu ainda mais.

— Sim — Kip ofegou. — Surreal.

Era a única palavra na qual conseguia pensar. Ele achava que sabia o que era um sexo bom, mas ficou empolgadíssimo ao perceber que não sabia de nada.

— Já volto — disse Scott, dando um beijinho na bochecha dele. — Não se mexe.

— Nem sonhando.

Scott rolou para fora da cama e entrou no banheiro, deixando Kip sorrindo para o teto e tentando guardar cada detalhe do que acabara de acontecer na memória. Ele amou como Scott perdeu suas inibições rápido; ele não tinha se segurado ao usar sua força e vigor impressionantes para foder Kip até ele perder os sentidos.

Esse homem é meu namorado agora.

Scott retornou com uma toalha úmida e, gentilmente, limpou a barriga de Kip. O tecido quente deslizando pela pele de Kip provocou uma sensação muito boa. Ele suspirou de felicidade e estendeu o braço para Scott.

— Vem cá.

Scott sorriu e o beijou.

— Isso foi incrível — disse ele. — *Você* é incrível.

— Se não me engano, foi você quem fez a maior parte do trabalho.

— Não é trabalho — disse Scott, beijando a ponta do nariz de Kip, então a bochecha e depois o canto da boca. — Não é trabalho mesmo.

Kip o empurrou de barriga para cima e subiu em cima dele, beijando-o com todo o carinho que sentia naquele momento.

Os dois se afastaram e Scott olhou para cima, para Kip. Passou os dedos pelo cabelo dele e analisou seu rosto, claramente querendo dizer alguma coisa.

— Que foi? — perguntou Kip.

— Posso comprar um smoking pra você?

— Como é?

— Você não tem um, tem? Pretende alugar? Pro baile de gala da Equinox?

— Sim. Quer dizer, não. Eu não tenho. Mas não precisa…

— Vou ligar pra Hugo Boss amanhã — disse Scott. — Eu faço campanha para eles.

— Sim, eu sei.

— Vou ligar para a loja. Pedir para te receberem. Fala que você é um amigo meu. Eles cobram na minha conta. — Scott explicou mais para si mesmo do que para Kip.

— Me parece um pouco… generoso demais. Não acha?

Scott passou os dedos pelo rosto de Kip.

— É completamente egoísta, na verdade. Quero te ver num smoking que seja ajustado sob medida para o seu corpo maravilhoso. Posso não poder dançar com você no baile, mas você vai saber que é isso que eu queria fazer.

Kip perdeu o ar. Scott o beijou de novo e murmurou:

— Quero que você vista o terno que eu vou te dar. E depois, quando estivermos sozinhos, quero tirar ele do seu corpo.

Kip puxou o ar com a boca.

— Não — disse ele, com uma quantidade tremenda de esforço.

Scott se afastou.

— Não?

— É demais. Além disso… não vai parecer estranho? Se você pedir pra loja cobrar na sua conta um smoking pra um cara aleatório?

— Eu…

— Tipo, não é muito discreto, né?

Scott pareceu considerar.

— Você acha que eles sacariam?

Kip se espreguiçou voluptuosamente e sorriu.

— Ah, sim. Eu sou bonito demais da conta.

Scott deu uma risadinha.

— É mesmo. — Ele o beijou de novo. — E se você usar um dos meus?

— Por quê? Quantos você tem?

— Mais do que o suficiente. Você pode pegar um e mandar ajustar.

Kip franziu o cenho.

— Mas aí você não vai poder usar de novo.

— Eu não preciso. Já tenho muitos.

Ter muitos smokings era um problema que Kip nunca soubera que alguém poderia ter. Não no círculo social dele, pelo menos.

— Tá bom — disse ele, com uma exaustão exagerada. — Vou te libertar de um dos seus smokings. Mas só porque eu gosto de ajudar.

— Preto clássico? — perguntou Scott, passando o polegar pelo maxilar de Kip. — Ou talvez um azul meia-noite?

— Você escolhe, Hunter.

Scott desviou o olhar e ficou um pouquinho corado de verdade.

— É meio sexy quando você me chama assim — disse ele. — Mas isso vai acabar comigo quando me chamarem assim no gelo.

Kip riu.

— Talvez eu queira você pensando em mim durante os jogos.

Scott grunhiu.

— Já ficou de pau duro usando uma jockstrap? Não é a coisa mais agradável do mundo.

— Parece que *você* já.

Scott pressionou os lábios.

— Tá bom. — Kip suspirou. — Só vou te chamar de Scott.

Scott se aproximou.

— Tenho a sensação de que, de um jeito ou de outro, vou pensar muito em você.

Ele parecia tão *feliz*, admirando Kip e fazendo cafuné. E Kip sabia que também estava assim. Fazia poucos dias. Aquilo já estava muito intenso e indo muito além de seus sonhos mais insanos.

— Você vai pensar em mim? — perguntou Scott, envergonhado.

Kip sorriu.

— Acho que não vou conseguir pensar em mais nada, *Hunter*.

Capítulo oito

— Trinca de noves — anunciou Greg Huff, abrindo o leque de cartas sobre a mesa. — O que você tem aí, Hunter?

— Ah, vai se foder! — exclamou Scott, abaixando suas cartas inúteis.

— Sabia! — disse Huff. — Você mente mal pra caralho, Scotty.

Todo feliz, ele puxou a pilha de notas de vinte para si. Carter riu e entregou uma garrafa de cerveja novinha para Scott, que aceitou, agradecido.

— Sua vez de dar as cartas, Bennett — disse Carter.

Os quatro estavam reunidos no quarto de hotel de Huff, na Filadélfia. Huff havia expulsado seu colega de quarto mais novo por algumas horas, para que os quatro pudessem curtir uma jogatina de pôquer só com a galera "das antigas".

— E aí, Carter… — perguntou Huff. — Como vão as coisas com a *Gloria Grey*?

— Tudo bem. Ela vai pra Nova York esse fim de semana. Vai estar no jogo no sábado… e no meu apartamento de noite e o dia inteiro no domingo.

— Parabéns, cara! — exclamou Eric Bennett. — Isso é ótimo.

— Filho da puta sortudo. — Huff deu uma risadinha. — E você, Hunter? Tá saindo com alguém?

— Por que eu contaria pra vocês, bando de cuzão? — Scott fugiu do assunto.

— Ah, nem vem — disse Bennett. — Somos velhos e casados. Conta alguma coisa pra gente.

— Foi mal decepcionar vocês.

— Scott está se guardando pro casamento — brincou Carter, apoiando a mão no ombro de Scott. — E está guardando o casamento pra depois que ele morrer.

Os outros riram.

— Só estou ocupado — argumentou Scott. — Vocês sabem disso.

— Sim, porque tempo é o que a gente mais tem — rebateu Huff. — Na moral. Não tem ninguém mesmo? Todo boa-pinta assim pra nada?

— Será que dá pra gente falar de outra coisa?

— Ele tá saindo com a tua irmã, Huff — brincou Bennet.

— Você sabe que eu só tenho um irmão — disse Huff. — E acho que o Howie não faz o tipo dele.

Todos riram. Scott também, só que forçado. Não era mentira o que Huff disse. Scott já havia conhecido o irmão dele e, não, o cara não fazia o tipo de Scott. Mas não era por isso que os amigos dele estavam rindo. Não era a ideia de Scott sair com Howie. Era a ideia de Scott sair com *qualquer* homem.

— Ah, vão se foder! — disse Scott. Não com um tom sério. Ele amava aqueles caras, de verdade. Só que eles eram… caras.

Todos voltaram ao pôquer e a vida amorosa de Scott não foi mais mencionada.

Scott invejava seus colegas de time. Nem conseguia imaginar como seria viver sem aquele fardo de ser… diferente. Queria poder, num passe de mágica, se tornar o que as pessoas esperavam de um jogador de hóquei. Mas analisou aqueles três homens que estavam jogando carteado com ele — astros da NHL, todos eles —, e nenhum se encaixava perfeitamente no molde. Carter, obviamente, com a pele negra. Scott sabia que ele já havia lidado com comentários racistas de outros jogadores e torcedores a vida inteira. Huff era baixinho. Nas informações oficiais, tinha 1,73, mas Scott às vezes se perguntava se ele havia sido medido usando os patins. E Bennett parecia mais um professor de jardim de infância do que um goleiro renomado. Ele nunca bebia ou saía para festas, e tinha um diploma em língua inglesa.

Então, talvez, não existisse um jeito "normal" de ser jogador de hóquei. Mas isso não mudava o fato de que a maioria dos insultos disparados no gelo eram xingamentos homofóbicos. No mundo do hóquei, ser gay era considerado, no melhor cenário, uma piada, e no pior, algo nojento.

Contanto que Scott fosse cuidadoso — e *era* — ninguém jamais saberia que ele era diferente.

Scott voltou para o próprio quarto antes das onze. As noites terminavam cedo quando eles tinham jogo no dia seguinte. Seu colega de quarto estava deitado, lendo.

Scott se acomodou na própria cama, pegou o celular e mandou uma mensagem para Kip:

Estou com saudades.

A resposta chegou quase imediatamente.

Kip: Mas já? ;)

Scott sorriu e corou. Os dois tinham mesmo acordado juntos no apartamento naquela manhã? O resto do dia fora um borrão de felicidade, enquanto Scott flutuara pelo treino antes de embarcar num avião para a Filadélfia.

Scott: Já.

A resposta seguinte demorou um pouco mais.

Kip: Eu também.

Scott se virou, ficando de costas para o colega de quarto. Sabia que o garoto, um novato chamado Gillis, não teria a coragem de perguntar por que o capitão estava sorrindo feito bobo, mas ainda assim…

Scott escreveu: Estava pensando na próxima sexta.

Kip: Sexta?

Scott: É Dia dos Namorados.

Kip: Ah!

Scott: Quer ir lá pra casa? Queria preparar um jantar pra você.

Kip: Vou olhar minha agenda.

Scott: Ah. Ok.

Kip: Eu tô livre. Tava brincando.

Scott revirou os olhos. Ele se sentia um idiota.

Scott: Posso te ligar?

Kip: Sim.

Scott se levantou e disse ao colega de quarto:

— Vou fazer uma ligação. Já volto.

Caminhou para fora do quarto e pegou o elevador até o saguão. Entrou numa pequena sala de reuniões, que estava vazia, e ligou para Kip. Se sentou em uma daquelas cadeiras de rodinha e deslizou de um lado para o outro enquanto esperava ele atender.

— Oi — disse Kip depois de dois toques.

— E aí?

— Você não deveria estar dormindo? — provocou ele. — Jogo importante amanhã.

— Daqui a pouco eu vou. Só queria… ouvir sua voz. — Scott sentiu vergonha daquela cafonice. Não levava jeito para essas coisas.

— Tô com saudades.

Scott sorriu para o celular.

— Eu também. Conseguiu achar um alfaiate? Eu ia me oferecer para pagar, mas sinto que você iria recusar.

— Acertou. Eu iria recusar — respondeu Kip. — Ia perguntar a Elena se ela conhece algum alfaiate bom, mas aí eu pensei que…

— Ah.

— Pois é. Eu não quero… Digo, ela meio que…

— Ela sabe?

— Não! Não. Ela não sabe. Quer dizer, eu não contei pra ela sobre nós. Eu só… Ela vai sacar, entende? Ela é esperta. E… ela sabe que eu gosto de você. Mas, sim. Se ela descobrir que, de alguma forma, eu arrumei um smoking da Hugo Boss de graça, ela vai fazer perguntas.

Scott franziu o cenho.

— Certo.

— Talvez… Talvez seja melhor eu alugar um. Só pra… garantir.

— Não, isso é… Não. Você deveria… — Scott suspirou, e torceu para não se arrepender depois. — Você deveria contar pra ela. Se quiser. Ela é sua melhor amiga, não é?

— É.

— Conta pra ela. Eu não quero ficar no meio da sua relação com sua melhor amiga.

— Obrigado. — Kip parecia aliviado. — Eu quero muito contar pra ela. E ela guarda segredos como ninguém. Ela é a melhor do mundo. Você gostaria dela.

— Eu adoraria conhecê-la.

— Guarda uma dança pra ela no baile de gala.

— Combinado. Já aviso que eu sou um péssimo dançarino.

— Ela dança muito bem. Vai te ajudar nos passos. Prometo.

— Tá bom — disse Scott, meio distante. Kip parecia ter se livrado de um peso enorme, mas Scott sentia que o peso havia sido colocado diretamente nos próprios ombros. Ele roeu a unha do dedão.

— E o Dia dos Namorados, hein? — comentou Kip animado, mudando de assunto.

— Hum?

— Você quer cozinhar pra mim?

— Ah… sim. — Scott balançou a cabeça. *Se liga no jogo, Hunter.* — Sim — repetiu com mais convicção. — Eu quero.

— Eu não sabia que você cozinhava.

— Eu sei cozinhar — afirmou Scott. — Eu ficava muito sozinho quando era criança. Já fiz muita comida pra mim e pra minha mãe quando ela ficava até

tarde trabalhando no mercado. E depois… quando ela ficou doente.

— Sinto muito — disse Kip. Ele parecia genuinamente envergonhado. — Eu deveria ter imaginado.

— Não! Eu não falei isso pra você se sentir mal. Eu só… gosto de te contar coisas sobre mim.

— Eu quero saber tudo sobre você — sussurrou Kip.

Scott achou que o coração iria explodir. Estava tão comovido com as palavras de Kip que mal percebeu que não havia respondido, até que Kip disse:

— Meu deus. Fui meio intenso demais, né? Desculpa.

— Nem um pouco — respondeu Scott. — Pode me perguntar qualquer coisa.

— Qualquer coisa, é? Que tal… o que você vai cozinhar pra mim? — O tom de Kip ficou relaxado e brincalhão de novo.

— Não vou contar. É surpresa. — Scott sorriu. — Ai, merda. A não ser que… você tem alguma alergia?

— Não.

— Beleza. Então, vai ser surpresa.

Scott pegou uma caneta que estava na mesa e começou a rabiscar a esmo num bloco de notas do hotel.

— Como foi seu dia?

— Foi tranquilo. Nada muito empolgante. Exceto, é claro, você.

— Me conta tudo o que aconteceu. Só quero ouvir sua voz.

Enquanto Scott escutava e desenhava pequenos espirais no bloco de notas, Kip contou sobre o podcast que escutara no caminho de volta para casa naquela manhã e sobre a mulher que tinha visto com uma iguana num carrinho de bebê.

— Pois é — disse Kip quando os espirais de Scott haviam alcançado a borda da página. — É isso. Não foi um dia muito empolgante.

Kip bocejou, o que fez Scott se dar conta da hora.

— Meu deus, estou te alugando. Você trabalha amanhã cedo, né?

— Sim. Sim, preciso ir dormir.

— Tá bom. Eu também.

— Mas… Scott? Fiquei feliz que você me ligou.

Scott sorriu para o celular.

— Também fiquei feliz de ter ligado.

— Vou assistir ao jogo amanhã.

— Vou marcar um gol pra você.

— Não fode!

— É sério! O primeiro gol vai ser todo seu. Lembre-se disso.

— Tá bom. Vai ser nosso segredo.

— Isso — sussurrou Scott.

Depois de se despedirem, Scott guardou no bolso o bloco de notas em que ficara rabiscando e saiu da sala de reunião, de volta para o saguão. Encontrou Frank Zullo de braços dados com uma mulher, e os dois pareciam bem bêbados.

— Boa noite, Hunter — disse Zullo, com um risinho mais do que sarcástico no tom de voz.

— Zullo. — Scott assentiu. — Chegando agora?

— Sim. Tô só… indo pra cama, sabe?

— Se não me engano, você já tem um colega de quarto — disse Scott, olhando para a jovem.

— Nossa! Caralho! Você é aquele cara superfamoso! — exclamou ela, com a voz arrastada.

— Vamos, linda — disse Zullo, olhando feio para Scott enquanto puxava a mulher.

— Reunião por vídeo às nove da manhã em ponto — Scott gritou para ele.

Zullo o ignorou e entrou no elevador.

Scott suspirou. Seria uma encheção de saco para o colega de quarto de Zullo. O time tinha a política de parear jogadores mais velhos com os mais novos nos quartos de hotel durante as viagens. Scott, enquanto capitão, geralmente ficava com os novatos e as aquisições recentes do time. Era um sistema que costumava funcionar, e mantinha a maioria dos jogadores mais novos longe de qualquer encrenca. Mas, às vezes, os jogadores mais velhos é que eram o problema.

Scott pegou o elevador seguinte até o andar do time. Não sabia em qual quarto Zullo estava, então, caminhou pelo corredor por um tempo até escutar uma porta se abrir. Como esperado, o colega de quarto mais novo de Zullo, um garoto franco-canadense chamado Brisebois, saiu vagando corredor adentro. Parecia que tinha acabado de acordar.

Se Scott batesse na porta e tentasse conversar com Zullo, a coisa viraria uma briga que acordaria o andar inteiro. Aquela conversa ficaria para o dia seguinte.

— Ei, Breezy — disse para o sonolento jovem defensor. — Pode vir pro meu quarto. Vou pedir uma cama extra na recepção.

Kip se sentou de frente para Elena num pequeno restaurante mexicano no

centro da cidade.

— E aí… acha que está bom? — perguntou ele.

— Está sim. Fiz algumas observações. Te mandei por e-mail antes de vir te encontrar.

Kip pegou o celular.

— Pode ler depois, besta! — disse ela. — A carta de apresentação ficou muito boa. O currículo está ok. Só sugeri algumas mudanças.

— Tá bom.

— Mas e aí? Que novidade é essa que você tem pra me contar?

Kip sorriu e depois abaixou a cabeça para disfarçar.

— Ai, meu deus. Você tá apaixonado — disse ela.

— Não! — respondeu Kip rapidamente. — Não estou *apaixonado*. Só estou… saindo com alguém.

— Ah! *Saindo*? Não está só *dormindo*?

— Bom… no geral estou dormindo muito com esse alguém. Mas está se tornando mais do que isso. Eu acho. Eu espero.

— Entendi.

— É o, hum, você conhece… o Scott.

— Scott. Tipo, *aquele*…

Kip olhou ao redor do restaurante e chegou mais perto de Elena.

— É. Exatamente quem você está pensando. E eu sei que é meio difícil de acreditar, mas… Pois é. Estamos saindo. E ele quer…

Ele perdeu o fio da meada. Ficou com vergonha de repente. De alguma forma, quando Scott não estava de fato *com ele*, tudo aquilo parecia um sonho febril.

— Ele quer… algo sério? — Elena tentou adivinhar.

Kip revirou os olhos.

— Sim. Ou, tipo, *algo sério*. Sabe… namorar. Ou sei lá o quê.

— Namoro secreto?

— Por enquanto — disse Kip, com o máximo de dignidade que conseguiu juntar.

Elena sorriu.

— Muito bom.

Kip sorriu também.

— Pois é.

— Meu deus, que coisa fofa. Nunca te vi assim, Kip.

— Assim como? Eu estou normal!

— Aham.

— Só estou… feliz, só isso. Ele é muito…

— Quer saber? — disse Elena. — *Isso aqui* pede uma cerveja. Me conta tudo!

— Interferência aqui! — gritou Eric Bennett. — Ele estava *em cima* de mim! Faz o favor, juiz!

— Eu vi — disse o árbitro. — Não foi nada disso. Pode ir se acalmando, porra!

Scott colocou a mão no peito de Bennett para impedi-lo de se aproximar do juiz.

— Ah, fala sério! — reclamou Bennett por cima do ombro de Scott.

— Eu *estou* falando sério, e vou te dar dez minutos de penalidade se você não se acalmar, Bennett.

— Segue o jogo, Bennett — orientou Scott. — Anda, não precisamos de penalidade agora.

Bennett fuzilou Scott com o olhar através do capacete.

— Por favor — pediu Scott. — A gente se vinga voltando pro gelo e vencendo o jogo, tá bom?

Bennett bufou, mas patinou de volta para sua posição. Scott o observou tocar as traves — direita, esquerda e direita de novo — com seu taco. Uma superstição que o ajudava a se recompor e a focar.

Scott se virou para o juiz.

— Só para constar, aquilo *foi sim* uma interferência.

— Nem começa, Hunter.

Scott patinou de volta para o banco com o resto do time para contar ao treinador Murdock o que estava acontecendo.

— O Bennett está louco — disse ele.

— *Percebi* que o Bennett está louco. Eu tô *assistindo ao jogo*.

Harv Murdock já tinha sido um grande central da NHL. Um artilheiro renomado e um jogador negro pioneiro em uma época em que não havia nenhum na NHL, a carreira de Murdock se encerrou prematuramente por causa de uma lesão no joelho. Ele voltara aos jogos anos depois como treinador assistente, e já era o treinador principal dos Admirals havia dez anos.

— Sabe quem mais está louco? — continuou Murdock. — Eu. Estou louco porque nossa defesa decidiu tirar a noite de folga. — A voz dele ia ficando mais alta a cada frase. — Estou *louco* porque já perdemos três passes nesse período.

Estou *louco* porque estamos perdendo por dois gols, e um desses gols a gente deu *de bandeja*. Então, que se foda se o Bennett está tristinho porque um cara empurrou ele. Vamos começar a jogar hóquei aqui, meus caros.

— Boa ideia, treinador! — disse Carter, animado.

Ele e Scott patinaram juntos até o círculo do *face-off*.

— Ele não mentiu sobre a nossa defesa — disse Scott. — Tem alguma coisa errada com o time hoje. Parece que nunca jogamos juntos antes.

— Ah, pois é. Não acho que seja segredo o que está rolando — opinou Carter.

Scott franziu o rosto. As coisas haviam saído um pouco do controle na reunião por vídeo que o time tivera naquela manhã. Scott tentara chamar Zullo num canto e sugerir que ele parasse de expulsar seus colegas de quarto no meio da noite, principalmente na véspera de um jogo. A discussão escalonara ao ponto de Zullo informar a Scott que seu colega de quarto, Brisebous, era "um viadinho, de qualquer forma" e que ele "poderia ter ficado no quarto pra aprender alguma coisa". Aquilo deixara Scott puto o suficiente para empurrá-lo, e bom…

— Frank não está jogando com o time hoje — disse Carter.

— E quando ele está?

— Só estamos dois gols atrás, Scott — apontou Carter. — Não tem problema. Vamos virar essa bagaça!

— Vamos…

Kip estava assistindo ao jogo com seus pais.

— A coisa não tá boa hoje — comentou o pai.

— Não — concordou Kip. Nem precisava falar. No terceiro tempo, a Filadélfia já estava massacrando os Admirals por 6 a 2.

Mas Scott marcara um dos gols, e Kip sorrira ao lembrar que aquele gol era pra ele.

— Bom — disse a mãe —, tem sempre o próximo jogo.

— Pois é — disse Kip.

A transmissão mostrava muitos closes do rosto de Scott. O maxilar estava rígido e seus olhos estavam determinados. Quando um jogador da Filadélfia patinou ao lado dele e disse alguma coisa, Scott lançou um olhar capaz de transformar a maioria dos homens em pedra.

— Deve ser a falta do smoothie, né? — brincou o pai.

— Deve ser.

O jogo terminou e Kip observou Scott e o time saindo da arena e voltando para o vestiário. Scott bateu a ponta do taco com força na parede, pouco antes de desaparecer da visão da câmera. Kip se encolheu. Nunca o tinha visto tão furioso.

— Não dá pra vencer todos — disse a mãe dele, desligando a TV.

— Acho que não. — Kip se levantou e se espreguiçou. O dia tinha sido longo. — Tenho que ir dormir. Trabalho amanhã.

— Boa noite, meu bem — disse a mãe dele, beijando-o na bochecha.

Kip sabia que não falaria com Scott naquela noite. Pensou em mandar uma mensagem, tentar animá-lo, talvez. Mas só conseguiu pensar em clichês inúteis para dizer. Além do mais, não era como se entendesse de verdade como Scott estava se sentindo naquele momento. Hóquei era a vida inteira de Scott. O trabalho dele era vencer jogos, e Kip podia até não o conhecer muito bem ainda, mas sabia que Scott provavelmente encarava cada falha do time como algo pessoal.

Exausto, mas incapaz de dormir, ele se deitou na cama e encarou a escuridão do quarto, escutando o vento gelado de fevereiro soprando lá fora. Ele pegou o celular por um momento e fitou a tela antes de colocá-lo de volta na mesinha de cabeceira. Depois de um tempo, sua mente se aquietou e ele conseguiu pegar no sono.

Quando o alarme do celular o acordou às cinco na manhã seguinte, ele viu uma mensagem de Scott, enviada à 1h30:

Eu daria qualquer coisa pra te ver agora.

*

Kip estava com a cabeça cheia no trabalho quarta-feira.

Havia a vaga no museu para a qual finalmente tinha se candidatado. Além do mais, iria ajustar seu smoking depois do trabalho — o smoking que Scott dera para ele. Aquele que Kip usaria no baile da Equinox no final do mês. Surreal.

E também havia a mensagem de Scott na noite anterior. E os planos para o Dia dos Namorados na sexta.

Ah. E o fato de que Kip estava namorando Scott Hunter em segredo.

Kip nunca sorrira tanto na vida como tinha sorrido ao ver a mensagem de Scott naquela manhã. Havia ficado completamente sem chão, flutuando pelo ar desde então.

Em resposta a Scott, mesmo com horas de atraso, Kip tirou uma selfie rápida. Nem sequer tinha se arrumado; ainda estava na cama, com o cabelo bagunçado e a cara sonolenta. Ele queria que Scott soubesse que aquela mensagem havia sido a primeira coisa que ele viu ao acordar, e o quanto vê-la o deixara feliz.

(E a foto ficou um pouco sexy também, ele era obrigado a admitir.)

Scott respondeu pouco depois das oito da manhã, e Kip viu quando estava na sala dos fundos do trabalho.

Scott: Uau.

E depois: Obrigado, não acredito que eu ainda não tinha uma foto sua.

Kip respondeu: Posso tirar uma melhor.

Scott: Não. Está perfeito.

E então: Mas fique à vontade para tentar :)

Kip rira e escrevera: Eu também não tenho uma foto sua, sabia?

Por um minuto, nenhuma resposta tinha chegado, até que recebera uma foto de Scott. Era uma imagem de um anúncio que Scott fizera para a Gatorade.

Kip: Vai se foder.

Scott terminara a conversa com um emoji de piscadinha e Kip, relutante, voltara para o trabalho.

Kip estava no mundo da lua durante seu turno e, é claro, Maria percebeu.

— Que desgraça te aconteceu hoje, hein? — perguntou ela quando o movimento da manhã amenizou. — Quer dizer, além do Scott Hunter, por quem você obviamente está apaixonado.

— Não tô nada! — Não era exatamente mentira. Talvez.

— Aham — disse Maria.

— É só que… — Kip decidiu entregar outro segredo como distração do segredo maior. — Me candidatei pra outro emprego. No Museu de Nova York.

— Nossa!

— Pois é. Duvido que eu vá conseguir. Mas… nunca se sabe.

Ela deu um soco no braço dele.

— Kip! Olha só pra você, correndo atrás de coisa melhor!

— Tipo, *seria* muito legal. *Se* rolasse.

— Que empolgante!

— Pois é, quem sabe? Não conta pra ninguém, tá?

— Minha boca é um túmulo — prometeu ela. — Tem certeza de que vai querer abandonar esse nosso trabalho glamouroso?

— Desde que eu possa levar o avental comigo.

No fim do expediente, Maria caminhou com Kip até a estação de metrô. Ela estava voltando para o apartamento no East Village que dividia com mais três pessoas. Kip mencionou que iria encontrar Elena e que ela o ajudaria com seu smoking para o baile da Equinox. Ele omitiu um monte de detalhes.

— Não acredito que você vai no baile da Equinox! — exclamou ela. — Que doideira do cacete. E se a Beyoncé estiver lá?

— Daí ela vai ter a honra de dançar comigo.

*

Era sempre um acontecimento quando Nova York jogava contra Boston.

Boston tinha seu próprio astro central, um novato russo promissor chamado Ilya Rozanov. O sujeito era metido, insolente, exibido… tudo o que Scott não era. E os fãs o *amavam*.

Ele também era um jogador incrivelmente habilidoso, com um talento inexplicável de sempre estar no lugar certo, na hora certa.

Scott sabia que era melhor não se deixar abalar pelo rapaz. Rozanov antagonizava todos na liga. Ele havia se acostumado a ignorar o russo exibido, mas às vezes a vontade ainda era de dar uma bela porrada nele.

Depois da derrota vergonhosa na Filadélfia na terça, Scott estava pegando fogo. O treinador Murdock passara um treino brutal para o time no dia anterior, depois que tinham chegado em Boston. A defesa recebera uma punição especial, e Zullo aceitara tão bem quanto o esperado.

Zullo era um problema. Scott já havia jogado com caras que eram babacas, mas que ainda assim entregavam tudo no gelo. Zullo vinha entregando cada vez menos. Scott não sabia o quanto mais conseguiria suportá-lo. Ele estava se tornando uma distração séria e, com as eliminatórias chegando, não era disso que o time precisava.

Murdock sabia como Scott se sentia em relação a Zullo. O gerente do time também sabia. Scott tentava não deixar os colegas saberem, porque era o trabalho dele manter o grupo unido.

Scott estava em uma bicicleta ergométrica na arena duas horas antes do jogo, assistindo a Rozanov zoar ele e os Admirals na ESPN. Scott meneou a cabeça e conteve um sorriso enquanto assistia à TV. Era obrigado a confessar: o garoto sabia como dar um show.

Porém, Scott estava mal-humorado. Se Rozanov se engraçasse muito

naquela noite, Scott era bem capaz de dar um soco nele.

— Ai! — disse Elena. — Vai tomar cinco minutos.

Os dois assistiam a Scott sendo levado para o banco de penalidades. Ele ainda estava gritando o que pareciam ser palavras *muito* pesadas para Rozanov por cima do ombro.

— O Rozanov mereceu — disse Kip.

— Talvez você esteja puxando sardinha pro Scott.

— O Rozanov é um babaca do caralho.

— Ah, e o bonzinho do Scott Hunter acabou de socar a cara dele.

— Ah, tanto faz. Scott estava de luvas. E, de um jeito ou de outro, o Rozanov cobre a porra do rosto inteiro com aquele visor.

O juiz fez um sinal com a mão indicando que Scott recebeu uma penalidade de cinco minutos por jogo brusco.

— Manda mensagem pra ele — disse Elena, cutucando a coxa de Kip com o dedão do pé. — Ele não vai ter nada pra fazer por alguns minutos.

— Cala a boca.

— Manda a foto que você tirou usando o smoking lá no alfaiate.

— Não! Ainda não está pronto e, além do mais…

— Você quer que seja uma surpresa.

Kip corou um pouquinho.

— Talvez.

— Que fofo — disse Elena, se levantando. — Você quer mais vinho?

— Que nada! Tenho que trabalhar amanhã.

— Pode dormir aqui hoje, se quiser. Assim você chega mais rápido amanhã.

Kip considerou.

— Não posso. Preciso arrumar minha mochila antes do trabalho. Eu, hum…

— Vai dormir no Scott amanhã à noite?

— Vou — respondeu Kip com um sorriso bobo.

— Ai, meu *deus*! — Elena exclamou. — Amanhã é Dia dos Namorados!

— Eu sei…

— Vocês vão *sair*?

— Não! Não… Não vamos a lugar nenhum. A gente, você sabe… não pode.

Ela voltou ao lado dele no sofá.

— Tem certeza de que é isso que você quer, Kip? Sei que é *ele*, mas o cara tem uma tremenda bagagem.

Memórias da última semana inundaram a mente de Kip: os dois pelados na cama de Scott com as pernas entrelaçadas, os dedos de Scott gentilmente acariciando o cabelo dele; Scott confessando que nunca tinha levado ninguém para casa antes; Scott pedindo para Kip contar sobre como foi o dia no telefone, só para que pudesse ouvir a voz dele.

E aquela mensagem no meio da madrugada.

Eu daria qualquer coisa para te ver agora.

— Tenho — afirmou Kip. — Eu quero. Ele vale a pena.

Capítulo nove

Sexta-feira finalmente chegou.

Scott mandara mensagem para Kip naquela manhã. Embarcando no avião daqui a pouco. Te vejo hoje à noite?

Kip respondeu: Mal posso esperar.

Scott: Eu também. Mas preciso de um tempo pra cozinhar.

Kip: Ok. Que horas?

Scott: 18h?

Kip: Aff. Ok.

Kip saiu do trabalho às duas. Estava com uma mochila cheia de roupas para passar a noite fora e tinha quatro horas de sobra. Já havia planejado ir à academia depois do trabalho, então foi o que fez. Depois, poderia tomar um banho lá e se arrumar antes de encontrar Scott.

Ele levara uma roupa bonita para a noite. Não achava que Scott fosse esperar que ele se arrumasse todo, mas decidiu se esforçar um pouquinho.

Quando Kip deu uma última conferida no espelho do vestiário antes de sair da academia, ele gostou do que viu. Estava vestindo seu melhor par de jeans, que eram escuros e com caimento mais justo. Para combinar, um suéter vermelho-escuro de gola xale que havia comprado numa promoção da Old Navy. Nada chique, mas apropriado para uma aconchegante noite de Dia dos Namorados em casa.

E o suéter seria fácil de tirar.

Ainda tinha uma hora e meia, então decidiu comprar um vinho para levar.

Será que devo levar um presente?

Meu deus.

Kip nunca tinha de fato *vivido* um Dia dos Namorados. Que tipo de gesto seria apropriado para um homem que era seu namorado secreto havia mais ou menos uma semana?

Para o *milionário* que ele vinha namorando em segredo por mais ou menos uma semana.

Pouco tempo depois, Kip chegou na loja de vinhos na rua atrás da academia, franzindo o cenho para as garrafas que geralmente comprava — tintos baratos dos quais seus pais gostavam e brancos que Elena descrevia como "bebíveis". Será que podia mesmo aparecer na casa de Scott Hunter com um vinho daqueles? O que aquele cara geralmente bebia?

Kip considerou levar uma garrafa de trinta dólares. Depois, uma de quarenta. Daí pensou na mixaria que tinha na conta bancária naquele momento.

E se levasse cerveja? Não era adequado, mas…

Ou flores? Seria esquisito levar flores?

De repente, os setenta minutos que ainda tinha para matar não pareciam mais tempo suficiente.

Scott secou as mãos num pano de prato e admirou a salada que preparara. Era simples, apenas rúcula, tomate cereja e pinoli com um pouco de parmesão, mas era bonita.

Ele conferiu a hora. Quinze minutos para Kip chegar.

Abriu uma garrafa de vinho branco gelado e pegou duas taças. Ele nem sabia se Kip bebia vinho. Ainda havia tanta coisa que não sabia sobre Kip.

Quero descobrir tudo.

Aqueles sentimentos eram muito novos para ele. Desde os quinze anos, quando perdera a mãe, Scott nunca tivera ninguém com quem se importar — ou que se importasse com ele. Seus colegas de time eram como família, e aquelas relações eram importantes pare ele, porém aquele desejo avassalador de estar com Kip não se assemelhava a nada que já tivesse sentido antes.

Ele parou para pensar em onde estava menos de um ano antes. Em agosto, estivera na Espanha. Torremolinos. Sozinho.

Scott passara seus dias lá explorando anonimamente a pequena cidade litorânea, às vezes indo à praia para nadar ou dar uma olhada no… visual. Não conseguira juntar coragem para ir até a praia "gay" que ele sabia que havia lá.

De noite, encorajado pela escuridão, fora até um dos muitos bares gays. Ele preferia os pubs. Era mais fácil se sentar perto do bar e bebericar uma cerveja em vez de passar vergonha numa pista de dança.

Nunca tivera problemas em atrair o tipo de atenção que, secretamente, esperava receber. Não sabia flertar nem se sua vida dependesse disso, mas sabia que tinha um corpo atraente. Ele se sentava com sua cerveja vestindo a camiseta mais justa que tinha e esperava alguém se aproximar. Alguém sempre

se aproximava.

Fazer qualquer coisa em público era algo que aterrorizava Scott, então ele ia para o quarto de hotel dos outros caras ou, em raras ocasiões, os levava para o seu. Os encontros eram casuais e impessoais. Apenas para… manutenção. Saciavam uma necessidade básica e impediam que Scott ficasse louco. Não havia nada de romântico neles.

Nada parecido com as vezes em que ficou com Kip. Scott havia cuidadosamente guardado cada beijo na memória, cada toque e cada gemido que ganhara de Kip, e preenchera suas horas solitárias nas viagens repassando os momentos de novo e de novo.

Estava apaixonado. Não havia outra palavra.

A água para o macarrão fervia, e os camarões já estavam limpos e prontos para entrarem numa frigideira com manteiga e alho. O plano era preparar tudo depois que Kip chegasse.

Ele conferiu a mesa de jantar para ver se tudo estava perfeito. Ajustou a iluminação e acendeu uma pequena vela num candelabro de vidro no centro da mesa. Ele estava nervoso. Nunca havia comemorado o Dia dos Namorados antes.

Se inspecionou no espelho do corredor. Tinha ido um pouco além do jeans e camiseta de sempre, escolhendo uma calça chumbo e uma camisa azul de botão. Não esperava passar muito tempo vestido, de qualquer forma.

Mas não iria apressar as coisas. Ele tinha planos. Muitos planos.

Sorriu para si mesmo e desceu para receber Kip. Ele passara o dia inteiro contando os minutos. A semana inteira, na verdade. Havia perdido a conta das vezes em que olhara para aquela selfie que Kip tinha enviado.

E então, lá estava ele. Atravessando as portas do prédio com um sorriso tímido que fez o coração de Scott acelerar.

— Oi — disse Kip.

— Oi. — Scott queria abraçá-lo, mas temeu que, se o tocasse, não conseguiria se controlar. Era melhor esperar até que estivessem entre quatro paredes.

No elevador, um minuto depois, Scott disse:

— É tão bom te ver de novo. Você não faz ideia.

— Acho que faço, sim.

Ele corou e pressionou os lábios.

— Tá com fome? Preciso cozinhar a massa, mas só vai levar alguns minutos.

— Claro. Como você preferir.

— Quer dizer, podemos até esperar, mas acho melhor a gente resolver a questão do jantar primeiro…

Kip mordeu o lábio, e aquele pequeno gesto já deixou Scott muito excitado.

Ele se atrapalhou na hora de colocar o código para destrancar o apartamento. Kip estava bem atrás dele, praticamente grudado, mas ainda sem tocá-lo.

A porta enfim se abriu e os dois entraram. Quando a porta se fechou num clique, ficaram parados se encarando por um momento, nervosos e sorridentes. Depois de alguns segundos ridículos, Scott bufou, riu e, com um toque gentil no rosto de Kip, se aproximou.

Os dois se beijaram intensamente por um bom tempo. Scott ouviu a mochila de Kip caindo no chão e, depois, sentiu as mãos dele tocando suas costas. Scott também desceu as mãos pelas costas de Kip e puxou o corpo dele com força contra o seu. Era tão bom abraçá-lo. A frustração e o estresse que Scott passara a semana inteira carregando foram embora.

Quando enfim se soltaram, Kip riu.

— Também estava com saudades.

Scott sorriu e pegou a jaqueta dele para pendurar. Kip vestia um suéter vermelho que o deixava lindo e todo fofinho…

— Você está lindo — disse Scott. — Muito lindo.

— Eu estava pensando a mesma coisa sobre você.

— Vem, vamos entrar — disse ele, estendendo a mão. Kip sorriu e a segurou.

Scott o levou até a mesa de jantar que, ele tinha que admitir, estava muito romântica. Scott fizera um bom trabalho em preparar o clima, considerando sua falta de experiência.

— Uau — exclamou Kip. — Tudo isso pra mim?

— Eu, hum, desculpa se exagerei. É só que… eu nunca comemorei o Dia dos Namorados antes.

— Adivinha? — disse Kip. — Eu também não.

— Sério?

— Sério. Nunca.

— Acho bem difícil de acreditar.

Kip deu de ombros.

— Eu nunca tive um relacionamento sério. Quer dizer, já fiquei sério por um tempo com alguns caras, mas nunca nessa época do ano, acho.

— Nossa. — Scott suspirou. — Bom, isso é um grande alívio. Eu achei que

precisaria superar outros competidores fortes.

— Não. — Kip sorriu. — E eu tenho a sensação de que, de um jeito ou de outro, você venceria.

Scott o beijou, porque não conseguia se segurar.

— Eu gosto de vencer.

Ele o levou até a cozinha. Serviu duas taças de vinho e vestiu um avental, coisa que Kip pareceu *amar*.

— Olha pra você — comentou Kip, se recostando na geladeira com a taça na mão. — Um novo lado de Scott Hunter.

Scott revirou os olhos.

— Eu tenho muitos lados. — Ele despejou o linguine na panela de água fervente e acendeu outra boca do fogão. — Não vai demorar — garantiu ao colocar a frigideira no fogo.

— Sem pressa. Eu gosto de te ver cozinhando.

Eles conversaram enquanto Scott preparava o jantar. Era fácil e confortável, do jeito que Scott sempre imaginou que estar num relacionamento seria.

— Pronto — disse ele ao terminar. — Pode se sentar. Quero te servir um prato bem bonito.

Kip obedeceu e Scott empratou a comida. Ele levou os pratos para a mesa, e perdeu o ar ao ver como Kip estava deslumbrante sob a luz baixa da sala de jantar.

Ele colocou a massa ao lado dos pratos de salada, se sentou na cadeira e ergueu a taça de vinho.

— Feliz Dia dos Namorados.

— Feliz Dia dos Namorados. Isso aqui parece delicioso, inclusive.

— Ah, obrigado. Quis preparar uma coisa mais leve, sabe?

Os lábios de Kip estremeceram.

— Sei bem.

— Eu estava pensando — disse Scott depois de algumas garfadas. — Não é só o Dia dos Namorados que estamos comemorando hoje.

— Ah, não é?

— Hoje também faz um mês desde que eu te vi pela primeira vez.

— Nossa! — exclamou Kip. — Não tinha pensado nisso.

— Fico feliz por eu ter decidido tomar um smoothie naquele dia — disse Scott, sorrindo.

Kip sorriu de volta, aquele sorriso fácil e sexy que sempre deixava Scott completamente rendido.

— Eu também.

Os dois comeram e conversaram e riram e beberam mais vinho. Scott posicionou as cadeiras para que ficassem um de frente para o outro porque achou que assim seria o jeito mais tradicional, só que já tinha se arrependido. Queria ficar mais perto de Kip. Assim que terminaram de comer, ele sugeriu que fossem para o sofá.

Antes de se juntar a Scott na sala de estar, Kip parou e disse:

— Ah! Me dá um segundo.

Ele foi até onde havia deixado a mochila perto da porta e voltou com um pequeno saco de papel.

— Eu trouxe uma coisinha… tipo, não é nada de mais. Eu só vi e… enfim, toma.

Ele entregou o saco para Scott, que o pegou.

— Você trouxe um presente pra mim?

— Mais ou menos. É bobeira. Eu não sabia o que trazer.

Scott abriu a embalagem, tirou o presente e…

— Meias — disse ele.

— Sim, elas têm mais ou menos cor de mirtilo. Ou, tipo, a cor dos smoothies que você compra. Achei que talvez você pudesse usar quando estiver viajando. Seria como levar um amuleto da sorte com você…

Completamente sem palavras, Scott passou o polegar pelo tecido macio das meias.

— Como eu disse — Kip murmurou. — É só uma bobeira.

— Não! — Scott se levantou para ficar de frente para ele. — Não, eu amei. Isso é… Eu amei, Kip. Vou usar o tempo todo quando estiver longe, e vou me lembrar de você. Obrigado.

Kip pareceu aliviado e feliz, e Scott o beijou porque… como não beijaria? Podia soar bobo, mas ter aquelas meias o ajudaria muito quando estivesse longe de Kip.

Eles se beijaram e, desta vez, a boca de Kip desceu pelo maxilar de Scott e depois subiu por trás da orelha. Ele puxou o ar com a boca, completamente tomado de desejo por aquele homem lindo e carinhoso.

— Agora que já jantamos… — sussurrou Kip no ouvido dele.

— Ainda tem a sobremesa — disse Scott, baixinho. — Eu passei numa confeitaria e…

Kip o interrompeu com um beijo que fez Scott esquecer completamente os macarons que estavam numa caixa sobre o balcão.

Ele já estava duro. Já tinha ficado meia-bomba desde que Kip entrara no apartamento, para ser sincero. Era ridículo. Já havia passado *anos*, e, mais recentemente, *meses*, sem sexo, e agora não era capaz de ficar alguns poucos dias sem se sentir desesperado para transar.

Kip não o faria esperar mais. Ele desabotoou a camisa de Scott, destruindo o look perfeito que o jogador havia elaborado com tanto cuidado. Mas Scott não se importava. Mal podia esperar para se livrar daquelas roupas. Para sentir Kip por inteiro.

Quando os últimos botões foram abertos, Kip puxou a gola da camiseta que Scott usava por baixo e passou os dentes pela clavícula dele. Scott estremeceu e pressionou sua ereção contra a barriga de Kip. Se Kip não o tocasse ali embaixo logo, ele iria começar a choramingar.

Kip deu uma risada suave contra o pescoço dele.

— Isso aqui é pra mim?

Ele foi deslizando a mão pela coxa de Scott. Quando finalmente fez contato com o pau dele por cima do tecido da calça, Scott ofegou:

— S-sim. Meu deus.

Ele estava decepcionado com sua falta de disciplina. Queria ter ido com calma. Queria aproveitar o momento. Saboreá-lo.

Mas Kip já estava tirando o cinto de Scott, abrindo o zíper da calça, colocando a mão lá dentro e…

— Eu… tenho planos — gaguejou Scott.

Kip deu uma risadinha e jogou uma almofada no chão, aos pés de Scott.

— Eu também.

E se ajoelhou.

— Porra, eu passei a semana inteira pensando nisso — disse ele, passando o nariz e os lábios pelo pau de Scott por cima da cueca (uma cueca *das boas*) e soltando o ar quente pela boca. Ele puxou as calças do jogador para baixo alisando as coxas com firmeza. Scott desejou ter algum lugar para se apoiar, mas estava de pé entre o sofá e a mesinha de centro, sem nenhuma parede ao alcance. Precisaria de toda a sua força para que os joelhos não cedessem.

Scott acariciou o cabelo de Kip e soltou um suspiro de felicidade enquanto Kip subia com a mão por trás para agarrar sua bolas, apertando gentilmente. Scott estremeceu e respirou fundo.

Ele que queria mimar Kip. Ir bem devagar para que pudessem explorar um ao outro. Mas talvez se livrar daquela pressão inicial não fosse má ideia…

Kip tirou o pau de Scott da cueca e beijou a cabeça.

— Coisa mais linda, porra — murmurou ele. — Olha só pra você.

— Tá duro assim desde que você chegou, praticamente.

— Deixa eu ajudar.

A boca de Kip estava tão quente e tão molhada, e Scott estava com tanto tesão, que iria gozar vergonhosamente rápido. Alguns minutos sentindo os lábios de Kip, que estava com as mãos nas suas coxas e na bunda, já deixaram Scott tremendo.

— Já está quase lá, né? — Kip resvalou os dedos sobre as bolas de Scott, que estavam firmes e pesadas. Lambeu a baba que vazava da cabeça do pau em gotas fartas.

Incapaz de falar, Scott apenas agarrou o cabelo de Kip, que engoliu tudo, chupando com força e sem parar até Scott se acabar e gozar. Kip continuou lambendo gentilmente a cabeça até Scott dar um passo cambaleante para trás.

— Isso… — Scott ofegou. — Não foi como eu planejei.

— Não? — disse Kip, se levantando. — Estou bem satisfeito com o resultado.

Scott riu e meneou a cabeça.

— Eu queria ir com calma essa noite.

— A gente ainda pode ir com calma. Não estou com pressa nenhuma.

Scott o beijou e depois o puxou para o sofá, brincalhão. Os dois caíram entrelaçados um no outro. Scott se ajustou, recostando no braço do sofá e deixando uma perna estendida. Kip estava basicamente no seu colo, beijando-o enquanto, com todo cuidado, colocava a cueca de Scott no lugar.

Os dois ficaram se pegando no sofá, passando a mão por baixo das camisetas. Scott se sentia *selvagem*. Mesmo depois de um boquete (excelente, por sinal), ele já queria mais. A ereção de Kip estava dura contra o seu quadril, e Scott estendeu o braço, apertando-a por cima do jeans. Kip gemeu baixinho dentro da boca dele e se esfregou na mão de Scott, que tentou abrir a braguilha, mas Kip o impediu, segurando o punho dele.

— Tá tudo bem? — perguntou Scott.

— Sim. — Kip exalou, pressionando a testa contra o ombro de Scott. — É só que… eu queria fazer uma coisa. E não quero perder a coragem.

Scott ficou curioso, para dizer o mínimo.

— O que você quer fazer?

— Podemos ir para o quarto?

— Sim! Sim, claro.

Kip se desembolou de Scott e o levou para o quarto. Quando chegaram lá,

ele se virou e começou a tirar a roupa.

— Da última vez — disse ele, depois de tirar o suéter. — Você falou… que queria…

— Da última vez… — repetiu Scott, tentando se lembrar do pedido específico ao qual Kip estava se referindo. Ele queria tanta coisa quando o assunto era Kip. — Ah!

— Pois é — disse Kip, com um sorrisinho torto. — Você disse que queria me observar. Que queria ver como eu me dou prazer.

— Eu queria — respondeu Scott, encantado. — Eu *quero*. Quero muito. Meu deus.

— Bom — disse Kip, desabotoando a calça. — Fica à vontade. — Ele apontou para a poltrona no canto do quarto.

— Sim… Sim, tá bom. Caramba.

Scott se sentou na poltrona. Apesar da camisa desabotoada e das calças abertas, ele ainda estava vestido. Kip, por outro lado, já estava só de cueca preta. O contraste fez Scott se sentir muito safado. Ele já estava ficando duro de novo.

Kip empilhou os travesseiros contra a cabeceira, se jogou na cama e ficou com as costas arqueadas pela montanha de travesseiros.

Scott arrastou a poltrona um pouco mais para perto. Iria obedecer às regras de Kip, mas nem sonhando iria deixar de aproveitar a melhor vista possível.

Kip fechou os olhos, soltando o ar com força, e depois deslizou a mão pela barriga, descendo até a coxa. Ele moveu a mão em círculos vagarosos pela parte interna da coxa por um momento, e depois foi até a área em que seu pau marcava por baixo da cueca.

Ele respirou fundo e abriu as pálpebras, primeiro olhando para a própria mão e depois para Scott, que assentiu devagar.

— Vamos lá — murmurou Kip, para si mesmo, ao que parecia.

Scott pôde ver a tensão indo embora enquanto ele movia a mão, apertando e massageando o volume da cueca. Kip suspirou e mordeu o lábio, fechando os olhos e abrindo de novo, só um pouco, para admirar Scott por baixo das pálpebras pesadas.

— Tenho pensado muito nisso — disse Kip, com a voz sonolenta e relaxada. — Em você me assistindo assim. É gostoso pra caralho, sabe?

— Ah, é?

— Uhum. Quando eu estava batendo punheta… porra, depois que a gente desligou esses dias… eu te imaginei me assistindo.

— Meu deus.

— Quase… Quase te liguei de novo. Queria fazer uma chamada de vídeo ou algo assim pra você poder me assistir de verdade.

— Aí sim, porra. A gente tem que fazer isso. Em breve. Quando meu colega de quarto não estiver perto.

Kip riu.

— Verdade. Merda. Colega de quarto. Tinha me esquecido disso. — Ele puxou o pau por cima do tecido, jogando o pescoço para trás nos travesseiros. Ele era tão sexy e ousado, e estava dando tudo o que Scott queria.

— Como está aí? — perguntou Scott com a voz rouca.

— Tão gostoso, Scott. É tão bom. Vou tirar isso aqui agora. — Ele enganchou os polegares no elástico da cueca, levantou o quadril e tirou. E Scott foi presenteado com a perfeição que era o corpo nu de Kip, com seu pau lindo e grosso, tão duro que chegava a ficar quase reto sobre a barriga.

Scott já havia deixado o tubo de lubrificante na mesa de cabeceira. Não queria ter que interromper a ação depois que começassem. Agora, ao observar Kip pegar o lubrificante e despejar um pouco no pau, ficou grato por aquele ato de planejamento.

— Hum… esse lubrificante é muito bom. Já te disse isso? — perguntou Kip, fechando os olhos de novo. — A sensação é uma delícia.

Os dedos longos de Kip envolveram seu pau e desceram, depois subiram, esfregando a palma sobre a cabeça. Seu polegar pressionava um pouco embaixo da cabeça quando a mão descia. Com a outra mão, ele acariciava as bolas de leve, puxando às vezes. Era tudo bem lento e relaxado.

— Você gosta de ir devagar, é? — perguntou Scott.

Kip abriu os olhos e ofereceu um sorriso preguiçoso para ele.

— Estou tentando não gozar logo de cara. Quero dar um belo show pra você.

— Já tá dando. — Scott se remexeu na poltrona. Precisava de toda a força de vontade do mundo para continuar ali. — Quer dizer que já tá perto de gozar, é?

— E se eu dissesse que sim…

Scott engoliu em seco.

— Você tá gostoso pra cacete, Kip. Quero ir aí pra cama. Quero te tocar. Mas também quero te assistir.

— Talvez eu deixe… depois… ai… nossa…

Scott observou obediente da poltrona enquanto a mão de Kip acelerava e ele

fechava os olhos com força de novo. Ele era a coisa mais linda que Scott já vira, se contorcendo na cama e completamente focado no próprio prazer. Sua respiração estava pesada e ele soltava uns gemidinhos lindos.

A respiração de Scott estava ficando ofegante também.

— Kip… porra. — Ele não conseguia mais aguentar. — Posso… Posso me sentar na cama com você? — perguntou. — Não vou te tocar. Só quero ficar mais perto.

— Pode, meu bem — disse Kip com a voz arrastada, jogando a cabeça para trás sobre os travesseiros. — Vem cá.

Scott corou ao ser chamado de "meu bem", mas sentiu uma tontura tomar conta ao mesmo tempo. Foi até a cama e se acomodou na beirada, se contorcendo para poder ver Kip ao se sentar próximo a um dos pés estendidos dele.

E dali ele podia ver as gotas de baba brilhando na cabeça do pau de Kip. Podia ver o suor molhando a ponta dos cabelos dele, o jeito como seus músculos do pescoço tensionavam e a forma como seu maxilar cerrava quando algo parecia particularmente gostoso.

— Ai! — Kip urrou. — Tô tentando me segurar, mas… porra.

— Não precisa segurar — disse Scott com a boca seca. Ele queria se tocar, mas também queria esperar pelo toque de Kip mais tarde. Mais do que tudo, precisava ver Kip gozando.

Kip grunhiu e acelerou o movimento da mão.

— Você tá quase, não tá? Precisa gozar? Está tentando se segurar pra mim, mas tá quase lá, eu tô vendo.

— Eu… ai, *cacete* — Kip gaguejou.

— Vai gozar pra mim, é? Ou quer que eu te ajude?

— Ah… meu deus… sei lá…

O peito de Kip subia e descia, e os músculos do braço flexionavam enquanto ele se tocava com mais força. Ele olhou nos olhos de Scott, e Scott soube que ele estava prestes a…

Kip abriu a boca e soltou um som desconcertado ao gozar. Jatadas longas cobriram seu peito e barriga e ele passou os dedos pela porra enquanto estremecia e desacelerava a mão.

— Meu deus, Kip. Que coisa linda. Você deveria ter visto.

Kip fechou os olhos e se afundou, todo mole, nos travesseiros.

Scott engatinhou por cima do corpo dele e ficou flutuando sobre seu rosto. Quando Kip abriu os olhos de novo, Scott o beijou, devagar e com ternura.

— Obrigado — disse Scott. — Isso foi… Eu vou me lembrar disso por muito tempo.

— Mais uma lembrancinha pra você levar nas suas viagens. — Kip sorriu.

— Pode apostar. — Scott o beijou de novo. — Agora me parece a hora perfeita para a próxima coisa que eu tenho planejada.

— Ai, merda, não me obriga a fazer nada agora, Scott.

— Você vai gostar. Espera um segundo.

Capítulo dez

Kip relaxou nos travesseiros, contente com seu experimento exibicionista bem-sucedido.

Scott saiu do banheiro com uma toalha úmida. Ele se sentou na cama ao lado de Kip e o limpou com carinho. Era uma sensação divina.

Tão divina que Kip levou um tempo para perceber que Scott deixara a água ligada no banheiro.

— O que você tem em mente? — perguntou Kip.

— Pensei em tomar um banho de banheira com você…

Kip gostou muito daquela ideia.

— Você está me paparicando.

— Você se importa?

— Na verdade, não. — Kip o puxou para perto pela camisa desabotoada e o beijou. — Você está vestido demais para um banho de banheira.

Scott saltou da cama e rapidamente tirou a camisa. Ficou só de cueca azul-royal em segundos. Kip decidiu que nunca se cansaria do peitoral e do abdômen incríveis de Scott.

Diferente das outras partes da casa do jogador, o banheiro não tinha janelas. O cômodo, porém, não era nem um pouco claustrofóbico. A iluminação e a decoração criavam uma atmosfera relaxante, um santuário privado numa cidade barulhenta com milhões de habitantes.

A banheira ficava bem no meio do cômodo e era imensa. O vapor ondulava sobre a água que enchia a banheira. O cheiro ali era incrível também — picante e cítrico.

— Eu geralmente só uso sais de banho simples — disse Scott. — Mas pensei em usar um mais chique que comprei. — Ele apontou para um frasco fino e com aparência de caro sobre a pia.

— Você está mesmo me paparicando. — Kip sorriu. Ele envolveu o braço no pescoço de Scott e o puxou para um beijo.

Scott entrou na banheira primeiro, e Kip se acomodou entre as pernas dele.

Kip tentara, uma vez, tomar um banho assim com outro cara, mas a banheira era pequena demais para os dois. A torneira tinha ficado cutucando suas costas, e não havia espaço para apoiar as pernas.

Isso não era o problema na banheira de Scott, onde a torneira ficava na lateral e havia espaço o suficiente para os dois homens estenderem as pernas.

Kip jogou a cabeça para trás, se apoiando no ombro de Scott, que passou o braço sobre o peito dele na diagonal e beijou o topo da cabeça de Kip.

— Que delícia — murmurou Kip. Ele poderia cair no sono bem ali.

— É perfeito.

Ficaram quietos por um tempo, e então Scott disse:

— Quando visitei esse apartamento pela primeira vez e vi essa banheira, eu pensei "é grande o bastante para dois". E sei que é besteira, mas eu sempre quis… sempre me imaginei dividindo ela com alguém.

Kip entrelaçou os dedos nos de Scott sob a água.

— Não só a banheira — continuou Scott. — Mas todo o resto. Esse apartamento. Minha vida. Sei lá…

Kip ficou chocado. *A vida dele?*

— Desculpa — disse Scott. — Sei que a gente só está… quer dizer, eu não deveria estar sugerindo que…

— Não sei como dei tanta sorte — interrompeu Kip. — Mas poder compartilhar qualquer coisa com você me deixa muito feliz.

Ele puxou as mãos unidas para a superfície e as apoiou sobre o coração. Scott roçou a têmpora dele com os lábios e deu uma mordidinha na orelha de Kip.

— Eu compartilharia *mesmo* qualquer coisa com você, Kip. Te daria qualquer coisa.

— Eu não preciso de nada. A não ser, talvez, ficar nessa banheira pra sempre.

Scott riu contra o cabelo de Kip.

— Quer ir assistir ao jogo amanhã à noite?

— Não posso. Vou trabalhar num evento. De garçom.

— Ah.

— Tá vendo? Nós dois temos vidas cheias e ocupadas. — Kip riu da própria piada. Scott ficou em silêncio.

— Eu espero que você não ache que… — ele começou. Kip pôde senti-lo ficando tenso. — Eu não acho que você está abaixo de mim.

— Tecnicamente, *você* está abaixo de *mim* neste momento.

— Tô falando sério. É que eu… quero dizer isso só uma vez, para que você saiba. Porque é possível que você acabe achando que eu só estou… curtindo umas férias com você, ou qualquer coisa assim. Como se eu estivesse tentando fugir da minha vida agitada ficando com um… hum…

— Um zé-ninguém?

— Não! É que, assim… não é por aí. É isso que estou tentando dizer… só que muito mal. Você não é um zé-ninguém. Não estou te usando para fugir de nada. Eu amo minha vida. Amo meu trabalho. A parte da fama é um pouco irritante às vezes, mas eu não ligo. Sou feliz, é isso que estou dizendo. Mas isso aqui? Você? Parece que… Parece que eu encontrei a peça que faltava.

Kip não sabia como responder.

— Nossa! — Scott suspirou. — Não é isso… desculpa. Eu não deveria ter…

— Não! É só que… Sério mesmo? Você se sente assim?

— Sim.

Kip se virou para encarar Scott, com a água barulhenta borbulhando ao redor deles.

— Você não me deve nada, tá bom? Eu não espero nada. Mas gosto pra cacete de você, então, obrigado.

— Obrigado *você* — respondeu Scott. — Por ter vindo. Isso tudo é novidade para mim, e estou me esforçando muito para ir devagar e não ser intenso demais, mas estou meio que acostumado a dar tudo de mim pra correr atrás das coisas que eu quero.

Kip sorriu.

— Eu gosto assim.

Eles se beijaram e Scott passou a mão pela lateral do corpo de Kip.

— Você me chamou de "meu bem" — disse ele, com a voz suave e relaxada.

— Chamei?

— Sim… quando você estava…

— Ah, eu digo muita bobagem quando estou com tesão daquele jeito. Desculpa.

— Não, eu gostei.

Kip sorriu para ele.

— Então tá bom, meu bem — disse Kip, e os dois se beijaram de novo.

Ele acabou indo para o outro lado da banheira para que pudesse conversar mais facilmente com Scott.

— Eu vi o gol que você marcou pra mim — disse ele.

Scott fez uma careta.

— Estava torcendo pra você não ter assistido àqueles jogos.

— Eu assisti aos dois. Me pareceram… frustrantes.

— Pra não dizer coisa pior — grunhiu Scott.

— Quer falar disso?

— Não. — Mas, então: — É só que… — Ele passou a desabafar sobre Frank Zullo por vários minutos. Kip escutou enquanto acariciava sua canela.

— Meu deus — disse ele quando Scott terminou.

— Desculpa — respondeu Scott. — Estou meio que estragando o clima.

— Não precisa se desculpar. Se tem algo te chateando, eu quero saber.

Scott arqueou a sobrancelha.

— Mesmo quando estamos juntos numa banheira no Dia dos Namorados?

— Com certeza. — Era verdade. Kip já havia saído com vários caras, mas nunca tivera uma conexão real como aquela antes. Sendo sincero, era bem sexy Scott querer compartilhar seus problemas com ele. — Mas então… — Kip insinuou. — O que o Rozanov te disse pra ganhar um soco daqueles, hein?

Scott soltou uma risada meio obscura.

— Ah. Na verdade, nada. Eu só estava descontando minhas frustrações na cara dele. Ele só gritou qualquer besteira pra mim. Normal.

— Não vai me contar?

Scott suspirou.

— Ele me disse que estava decepcionado porque tinha ouvido que eu tinha, abre aspas, "voltado a ser bom no hóquei".

— Ai.

— Pois é. Mas ele não merecia um socão daqueles.

Eles continuaram na banheira até a água esfriar, conversando sobre assuntos diferentes e aprendendo mais um sobre o outro.

— Se não fosse o hóquei, o que você acha que gostaria de fazer da vida?

Scott soltou o ar.

— Não consigo nem imaginar minha vida sem o hóquei. Mas acho que algum tipo de serviço social?

— Você gosta de ajudar as pessoas.

— Gosto. E tenho sido sortudo de muitas formas. Talvez, azarado de outras, mas têm muitas pessoas que poderiam mudar de vida por completo com um pouco de ajuda e apoio. Acho que eu gostaria de fazer algo desse tipo.

— Você *já faz* — Kip apontou. — Você ajuda pessoas o tempo todo. Dá dinheiro para caridade. Visita hospitais. Ajuda seus colegas de time. — Ele

sorriu. — Eu já li tudo sobre as suas boas ações, Scott Hunter.

Scott deu de ombros.

— Eu e minha mãe nunca tivemos muita coisa quando eu era criança, mas ela sempre fazia o possível para ajudar os outros. Ela conseguiu organizar uma ação de distribuição de presentes de Natal no mercado onde trabalhava. E estava sempre doando o próprio tempo, mesmo tendo pouco, para ajudar qualquer um que passasse dificuldade. Ela era muito inspiradora, de verdade.

— Ele parece ter sido incrível.

— Foi mesmo. E sempre fez questão de que eu pudesse jogar hóquei, mesmo sendo um esporte que demanda muito dinheiro e tempo. Eu devo tudo a ela. E sei que ela estaria orgulhosa de mim, mas acho que posso fazer mais.

— Tipo o quê?

— Não sei. Queria, talvez, criar uma instituição beneficente. Tenho pensado nisso. Eu queria…

— O quê?

Scott suspirou.

— Algum dia, talvez, queria poder ajudar jovens gays. Ou, hum, sabe como é, crianças que não sejam… heterossexuais?

— Crianças queer — disse Kip. — Você pode chamar assim. Tá tudo bem.

— Ah. Sim, bom. Eu não conheço muito sobre essa coisa toda da… comunidade queer.

— Reparei. E quer conhecer?

— Queria. Um dia eu queria fazer algo para ajudar… jovens queer… que jogam esportes coletivos. É difícil para eles, sabe?

— Imagino. Acho que seria incrível se você fizesse isso.

— Um dia.

— Isso. Um dia.

— Vamos sair daqui — disse Scott, abruptamente. Ele se levantou e a água escorreu do seu corpo enorme e musculoso.

Kip certamente estava pronto para o que viria em seguida.

Ele se secou com uma das toalhas luxuosas e felpudas de Scott e o seguiu de volta para o quarto.

Scott abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e tirou algo de lá.

— Deita — instruiu ele. — De barriga pra baixo. Fica confortável.

Kip obedeceu. Confiava em Scott.

A cama afundou quando Scott se juntou e montou em cima dele, agarrando a cintura de Kip com as coxas fortes.

Kip ouviu uma tampa sendo aberra e sentiu um aroma doce e frutado. Então, as mãos de Scott o tocaram, espalhando óleo na pele molhada e limpa.

— Óleo de massagem de mirtilo — disse Scott. — Não consegui resistir.

— Você comprou pra mim?

— Comprei.

— Tem sabor de mirtilo ou é só o cheiro?

A língua de Scott passou pela coluna dele, quente e molhada.

— Tem sabor também — confirmou.

Kip riu, e depois gemeu quando as mãos grandes e fortes de Scott se afundaram entre as escápulas dele.

— Ai, meu deus. Que delícia.

— Tô só começando — disse Scott. — Quero que você relaxe e deixe eu te dar prazer.

Kip não protestou. Scott continuou ali, em silêncio por um tempo enquanto massageava os músculos de Kip, que suspirava de felicidade e tentava não se sentir mal por todo o trabalho que Scott estava tendo.

— Como você está se sentindo? — perguntou Scott depois de um tempo.

— Pra ser sincero, um pouco culpado.

— Não se sinta assim. Eu amo fazer isso. Amo te tocar, olhar pra você. Neguei viver qualquer coisa parecida com isso por tanto tempo… Não se sinta culpado.

— Tá bom — disse Kip. *Meu deus, que coisa triste.*

— Você é tão lindo, Kip. Eu nunca…

Kip esperou.

— Eu nunca *quis* alguém tanto assim antes. Eu já tive, sei lá, umas paixõezinhas. Já me senti atraído por outros homens, é claro. Já peguei outros homens. Mas você… estou quebrando todas as minhas regras com você.

Kip engoliu em seco e tentou conter a onda de emoção crescente que o atravessava por dentro.

— Fazer o quê, né? — disse ele, tentando se manter brincalhão, embora sua voz estivesse embargada. — Eu sou irresistível.

— É mesmo — disse Scott, baixinho, e então deslizou para baixo e montou nas coxas de Kip. Suas mãos começaram a massagear a lombar, e depois a bunda dele.

— Hum… acho melhor você focar nessa área — murmurou Kip. — Muita tensão aí.

— Vou dar uma atenção especial então. — Scott afundou os dedos na

bunda de Kip, que se permitiu relaxar.

Scott o massageou ali por um bom tempo, até o corpo inteiro de Kip parecer gelatina. Ele ficou em silêncio pela maior parte do tempo, tirando algumas palavras sussurradas.

— Surreal, Kip. Lindo. Perfeito.

Kip estava quase cochilando quando Scott, devagar e com firmeza, passou a lateral da mão pelo meio de sua bunda. Em seguida, ele cerrou os punhos e passou os nós dos dedos pelo mesmo caminho. Repetiu de novo e de novo, um punho, depois o outro, arrastando os nós naquela pele sensível ao redor do cu.

— Gostou?

— Gostei! Puta merda… Que delícia!

— Que bom. Quero te comer. Você quer?

— Sim. Quero! Meu deus, sim.

— Vira pra cima — instruiu Scott gentilmente. — Tô com saudade de te ver.

Kip sorriu para si mesmo e se virou, relaxado e completamente pronto para deixar Scott fazer o que quisesse com ele. Scott se ajoelhou na cama e foi avançando centímetro a centímetro pelo corpo de Kip até voltar a montar na altura da cintura dele. O pau de Scott estava semiereto, pendendo pesadamente entre as pernas. Ele se abaixou e beijou Kip, que envolveu sua pica com a mão para masturbá-lo enquanto os dois se beijavam e foi sentindo o pau endurecer.

Então, colocou as duas mãos na bunda de Scott e o guiou para a frente até suas coxas ficarem bem abertas em volta do peito de Kip. Ele levantou a cabeça e colocou o pau de Scott na boca.

Manteve os olhos abertos para ver o jogador se agigantando em cima dele, se segurando na cabeceira com uma das mãos. Scott estava olhando para ele e murmurando elogios numa voz baixa e gentil:

— Isso. Assim. Porra, você é lindo. Olha só pra você. Tão bom pra mim.

Kip fechou os olhos e suspirou com o pau de Scott na boca. Estava tão grande e duro agora. Ele fincou os dedos na bunda de Scott para empurrar mais fundo dentro da boca.

— Puta que… Uau. Meu deus, quero te deixar continuar, mas… — Scott tirou o pau lentamente e apoiou a cabeça nos lábios de Kip por um momento, ponderando antes de deslizar de novo pelo corpo do barista. Depois, levantou as pernas de Kip, dobrou os joelhos dele e foi pegar lubrificante e camisinha.

Kip já estava relaxado por causa da massagem, então não demorou muito para que Scott o abrisse com seus dedos fortes e cuidadosos.

Scott segurou as coxas de Kip e o puxou para a ponta da cama. Tirando arregalar os olhos e ficar de boca aberta, ele nem teve tempo de reagir antes que Scott levantasse seu quadril e metesse com tudo.

— Ah, cacete! — gritou Kip. — Caralho, que delícia!

— É só nessa porra que eu consegui pensar desde a última vez — disse Scott e, *nossa*, Kip amava o rosnado grave na voz sexy dele.

— Eu também. Quero com força. Igual da última vez.

Scott deu o que ele pediu, de pé no chão na ponta da cama, com os calcanhares de Kip em seus ombros. As metidas ficavam bem no limite do "forte demais", e Kip amou.

— Isso. Porra. Assim — balbuciou Kip.

Ele estava em outro plano, embasbacado pela criatura de físico perfeito que o fodia com tanta vontade. Suor se formava no rosto e peitoral de Scott, escorrendo pelos músculos que tensionavam e tremiam enquanto Scott o mantinha exatamente onde queria.

Scott alcançava a próstata de Kip em quase toda metida, e era incrível. Delicioso pra caralho. Kip começou a se masturbar rápido e com força.

— Quero gozar — murmurou ele, entredentes. — Vou gozar no seu pau. Eu quero…

— Isso, porra. Goza, vai.

— Você é perfeito… Amo você me comendo desse jeito…

— Poderia te comer assim pra sempre. Você é lindo, Kip. Achei que você ia gozar pra mim…

— Eu vou. Eu vou. Eu… Ah, porra!

Os dois observaram o pau de Kip enquanto ele gozava por todo o próprio peito. Scott parou de meter.

— Meu deus, Kip. Que delícia. Tá bom… Nossa… — Ele voltou a se mexer. — Estou quase. Quase pra caralho…

— Vai! — disse Kip, ainda se masturbando gentilmente e sentindo as últimas ondas do orgasmo. — Eu quero ver. Por favor.

Scott grunhiu e, rapidamente, tirou o pau, arrancou a camisinha e a jogou para trás. Ele abaixou a perna de Kip e ficou por cima dele enquanto batia punheta furiosamente. Em poucos segundos, Scott estava gozando, encharcando a barriga, o peito e o pescoço de Kip.

Scott desabou na cama e Kip rolou para cima dele, melado e tudo. Se beijaram, ofegantes e tontos, e quando se afastaram por um minuto, os dois estavam sorrindo.

— Antes que eu esqueça — disse Kip. — Queria te agradecer por essa noite tão adorável.

Scott riu e o beijou de novo.

— Então eu mandei bem nesse lance de Dia dos Namorados?

— Com certeza. Sem dúvidas foi melhor Dia dos Namorados de todos.

Eles se limparam e voltaram para a cama. Kip se aninhou no corpo de Scott. A noite havia sido perfeita, e ele queria poder continuar, mas estava exausto.

— Boa noite — murmurou Scott, envolvendo-o com seu braço gigante.

Kip não se lembrava de já ter se sentido tão confortável antes.

Ele beijou a mão de Scott.

— Boa noite, meu bem.

*

Na manhã seguinte, eles dormiram até mais tarde, já que os dois só tinham compromissos no fim do dia. Quando acordaram, ficaram agarradinhos, conversando na cama.

— O que você vai fazer hoje? — perguntou Scott. Ele estava de lado, com a cabeça apoiada no cotovelo e o cabelo numa bagunça linda.

— Não tenho nada planejado. Alguma ideia?

— Sim — respondeu Scott, tímido. — Quero fazer café da manhã pra você.

Kip ficou empolgado com a ideia, mas aí começou a beijar Scott e, num piscar de olhos, perdeu o interesse em qualquer coisa que envolvesse sair da cama.

Eles estavam se pegando lindamente, as mãos de Scott explorando o corpo de Kip e o fazendo estremecer, quando o celular de Scott começou a vibrar.

— Não é nada — disse Scott sem olhar para a tela. — Qualquer coisa, me ligam mais tarde.

Ele continuou mapeando o corpo de Kip, provando o ossinho da cintura, quando o celular começou a vibrar de novo.

— Não enche — murmurou Scott, ainda sem atender. — Tô ocupado.

Na terceira vez em que o aparelho começou a vibrar, quando estava chupando o pescoço de Kip e passando a mão pela coxa dele, Scott suspirou e disse:

— Desculpa. Só vou ver quem é.

Ele pegou o telefone.

— É o Carter — disse, franzindo o cenho. Ele atendeu a ligação. — Carter?

Scott ainda estava perto o bastante para que Kip pudesse escutar a voz de seu colega de time.

— Scott, o Zullo se fodeu. Foi preso ontem à noite.

— *Quê?*

— Sim. Deu o maior show num bar em Nova Jersey. Violação de propriedade. Agressão. Desacato à autoridade… e provavelmente outras coisas mais.

— Tá bom. Porra. Onde ele tá? — Scott saiu da cama e caminhou até o closet, encerrando o acesso de Kip à conversa.

Quando retornou, já havia colocado toda a roupa e encerrado a ligação.

— Preciso sair. Desculpa.

— Claro. Sim. Nossa, você tá bem?

— Eu tô furioso, isso sim — respondeu Scott. — Mas sinto muito mesmo por ter que te deixar.

Ele suspirou e o beijou. Ao se afastar lentamente, Kip se inclinou para a frente buscando os lábios dele.

Scott balançou a cabeça.

— Se eu te beijar mais uma vez, não vou sair daqui nunca. Pode ficar o quanto quiser. Não sei quando vou voltar. Talvez eu não consiga voltar antes do jogo, pra ser sincero. A merda foi feia dessa vez.

— Tudo bem. Não se preocupa comigo. Vai cuidar do seu time.

— Obrigado, mesmo. — Ele se levantou, caminhou até a porta e então olhou de novo para Kip. — Caramba, por que você tem que ser assim tão tentador? — perguntou com um sorriso triste.

Kip deu uma risadinha e se cobriu com o cobertor, se escondendo completamente. Ele ouviu Scott rir. Depois, a porta foi aberta e fechada, e Scott saiu.

Capítulo onze

Havia uma pequena comoção de repórteres na entrada dos jogadores. Scott seguiu direto, ignorando-os. Ao passar pelas portas, encontrou Carter esperando.

— O treinador convocou uma reunião com o time — disse Carter. — A mensagem já foi disparada pra todo mundo. Mas ele quer falar com o capitão primeiro.

— Tá bom. Beleza. Cadê o Huff?

— Já está na sala do treinador.

Scott seguiu Carter até o pequeno cômodo que normalmente era reservada para as reuniões com o treinador. Greg Huff estava sentado em uma das cadeiras.

— E aí, gente. Como está o dia de vocês? — perguntou Huff.

Scott cruzou os braços e se apoiou na parede.

— Agora tá meio péssimo, né? Mas começou ótimo.

— Ah, é? — perguntou Huff, com uma pontada de malícia. Scott corou e olhou para o chão.

— O que você acha que vai acontecer? — perguntou Carter. — Com o Zullo.

Huff desviou seu olhar calculista de Scott.

— Porra, vai saber, mas, se ele sair, vamos ficar com um buraco na defesa.

— O limite pra gente mexer no time antes da temporada é semana que vem — disse Scott. — Não tinha hora pior, porra!

O treinador Murdock entrou com os treinadores assistentes. Ele se apoiou na mesa, as mãos espalmadas na madeira, e fuzilou todo mundo com o olhar.

— O Zullo — disse ele. — Vai ser colocado na lista de dispensa. Ele não faz mais parte dos Nova York Admirals. Vamos trazer alguém de Hartford para preencher a vaga até acharmos uma solução mais permanente.

Scott arqueou as sobrancelhas.

— Deu ruim nesse nível, é?

— Nesse nível — continuou Murdock. — Vamos fazer uma coletiva de imprensa daqui a uma hora. Eu estarei lá. Zullo não.

— E o jogo de hoje? — perguntou Scott.

— Teremos que mexer na linha de defesa, mas vamos dar um jeito.

Scott não gostava nem um pouco daquilo, mas que escolha tinham?

— O resto do time vai chegar para uma reunião daqui a meia hora — disse Murdock. — Se vocês começarem a falar que estamos ferrados, estaremos ferrados. Foco no jogo hoje. Isso não é diferente de uma lesão qualquer. Iremos nos adaptar.

— Sem problemas, treinador — disse Carter.

— É claro — disse Scott.

Os três jogadores saíram para esperar o resto do time no vestiário.

— Puta merda — desabafou Carter quando eles se afastaram dos treinadores. — Por essa eu não esperava.

— Não mesmo — concordou Huff.

Scott ainda estava puto com Zullo, mas também sentiu um peso sendo retirado dos ombros. A longo prazo, aquilo certamente seria positivo para o time.

— Vai ser melhor assim — disse ele, se recostando no seu cubículo até a cabeça tocar a parede. — Não podemos chegar no mata-mata com uma distração como o Zullo.

— Sem dúvidas — concordou Carter.

Os três se sentaram em silêncio. Então, Carter disse:

— Então, Scott…

— Que foi?

— Tinha um brilho em você hoje de manhã.

— Do que você tá falando?

— Huff sabe bem do que eu tô falando.

Scott olhou para Huff.

— É verdade — confirmou Huff. — Você estava brilhando.

— Talvez eu só esteja feliz que o Zullo não está mais no time.

— Que nada. Você estava assim desde antes — respondeu Huff.

— Aham — concordou Carter. — Acho que o Scotty se deu bem ontem à noite.

— Certeza — disse Huff.

— Eu… — começou Scott. Depois, acabou se rendendo. — Talvez eu tenha me dado bem mesmo.

Carter aplaudiu e ficou radiante.

— Boa, garoto!

Scott tentou ao máximo se conter, mas em poucos segundos já estava sorrindo feito um idiota.

— Olha só isso, Carter! Ele tá ficando vermelho! — provocou Huff.

— Que fofo.

— Não se metam, vocês dois.

— Não preciso saber quem era ela — disse Carter. — Mas preciso saber *como* ela era.

— Bom, isso você não vai descobrir — disse Scott.

— Julgando pelo tom vermelhão do Hunter agora, eu diria que ela era excelente — comentou Huff.

— Não vou contar nada pra vocês. Deixem isso pra lá.

— Não tem jeito mesmo — lamentou Carter. — O Scott é um cavalheiro.

— Pode apostar. — Scott se curvou para a frente e encarou os pés, tentando controlar o calor que deixava o rosto vermelho como pimenta. Lembranças da noite anterior e daquela manhã voltaram com tudo, tornando o esforço ainda mais inútil.

Ele se lembrou de acordar e encontrar Kip apoiado sobre o cotovelo, admirando-o com a cara toda amarrotada e sexy. O olhar dele estava tão… bom, não *apaixonado*, é óbvio, mas… afetuoso.

Então Scott se lembrou de Kip se tocando para ele. Se masturbando. De seu rosto ao gozar, boquiaberto e eufórico. De como ele ficava lindo depois de gozar.

— Eu, hum, vou pegar um café. — Scott saiu rapidamente para o saguão. Nunca que se permitiria ficar excitado enquanto esperava os colegas de time chegarem. A reunião já seria desconfortável o bastante.

No saguão, Scott colocou uma cápsula de café na máquina e esperou a água esquentar. Mandou mensagem para Kip. Ainda está no meu apartamento?

Kip: Não. Saí tem uns 20 minutos.

Scott: Ah.

Por algum motivo, Scott gostava da ideia de Kip ficar em seu apartamento, mesmo quando ele próprio não estava lá.

Kip: Tá tudo bem?

Scott: Vai ficar. Depois te conto tudo.

Kip: Ok.

Scott: Desculpa de novo por ter saído correndo. Eu adorei nossa noite.

Kip: Não precisa se desculpar. A noite foi incrível pra mim também. Obrigado.

Scott sorriu. Quando posso te ver de novo?

Kip: Insaciável!

Scott: Sou mesmo.

Kip: Me liga mais tarde? Quando você estiver livre. Daí a gente dá um jeito.

Scott: Combinado.

*

Kip passou o dia inteiro tentando relaxar em casa, mas só conseguia pensar em como Scott estava e no que havia acontecido com Zullo. Se Scott estava triste ou preocupado com o jogo daquela noite. Se tinha conseguido sair para sua corrida em dia de jogo, mesmo sem poder comprar um smoothie de Kip. Será que Scott ainda se importava com aquela rotina?

Houve uma coletiva de imprensa no meio do dia, que Kip assistiu para o caso de Scott aparecer. Em vez dele, só apareceu o treinador, Harv Murdock, dando um pronunciamento para a imprensa.

Murdock anunciou que Zullo havia sido cortado do time. Kip não sabia muito a respeito de Frank Zullo além do que Scott comentara na noite anterior, mas Scott deveria estar no mínimo um pouco aliviado com a saída do sujeito.

Enquanto lia atualizações sobre a situação de Zullo na internet, Kip também conferiu a agenda dos Admirals. Parecia que Scott ficaria um tempo na cidade. Os Admirals jogariam cinco partidas durante a semana, incluindo a daquela noite. O jogo seguinte seria contra os Brooklyn Scouts. Depois, dois jogos em casa, no Madison Square Garden, e um jogo em Boston no sábado seguinte.

Kip se perguntou quanto tempo poderia passar com Scott na semana seguinte. Não queria forçar a barra.

Quando seu celular tocou, à uma da tarde, tinha esperado que fosse Scott, mas em vez disso foi surpreendido com uma ligação do Museu da Cidade de Nova York. Queriam convidá-lo para uma *entrevista*. Puta merda!

— Com certeza — gaguejou ele na ligação. — Confirmado. Sim. Obrigado.

Tinha ficado morrendo de vergonha de si mesmo e então pegou uma caneta para anotar *Segunda, 15h* na palma da mão. Teria que ir para a entrevista direto do trabalho. Minha nossa, como faria para não chegar lá todo acabado?

Só três horas depois que foi receber notícias de Scott. Kip estava largado na cama, lendo um livro, quando o celular tocou.

— Oi. Parece que você está tendo um dia e tanto — disse Kip ao atender.

Ele escutou Scott soltando o ar do outro lado.

— Sim. Tá uma loucura.

— Como você está?

— Frustrado. Irritado. Aliviado. Sei lá.

— Não saiu para correr?

— Não. Corri na esteira aqui no rinque, mas não. Tá tudo uma bagunça hoje. Não consigo focar. Odeio me sentir assim.

— Que merda. Sinto muito.

— E o dia começou tão bem…

— Você só precisa levar sua mente de volta à nossa manhã — sugeriu Kip.

— Isso é exatamente o que eu estava tentando *não* fazer. Mas toda hora acabo me… distraindo.

— Bom, *eu* tenho pensado muito nisso.

Scott deu uma risadinha.

— Tá fazendo o que? Já saiu para o trabalho?

— Daqui a pouco. O evento é no Brooklyn, no museu, então tenho tempo. Só preciso chegar lá umas seis e pouco.

— Ah.

Kip se perguntou se deveria contar a Scott sobre a entrevista de emprego. *Pra quê? Pra ele saber que namora um baita de um fracassado quando eu não conseguir a vaga?*

Em vez disso, disse:

— Ei, eu estava pensando em ver se meu pai quer ir ao jogo comigo amanhã à tarde. Aquele que vai rolar aqui, contra o Brooklyn.

— Ah, é? — A voz do Scott se animou um pouquinho com a notícia.

— Aham. Ele sempre foi torcedor dos Scouts, mas eu, obviamente, vou torcer por você.

— Obviamente. Acho que consigo os ingressos pra vocês. Vou dar uma olhada aqui.

— Ah. Não. Tá tudo bem. Eu posso…

— Não tem problema nenhum pra mim. Esses ingressos são caros.

Kip franziu o cenho.

— Eu posso comprar.

— Eu sei — disse Scott, gentilmente. — Não estou tentando te ofender. É só que, tipo, é fácil para mim conseguir os ingressos, e aí você pode usar esse dinheiro para outra coisa. Não é trabalho nenhum para mim.

— Tá bom — disse Kip, porque não queria discutir e porque precisava

mesmo do dinheiro. Mas não transformaria em hábito aceitar aquele tipo de coisa do namorado milionário e famoso.

— Então, como estão seus horários essa semana? — perguntou Scott com a voz um pouco mais baixa.

— Eu trabalho de terça a sexta. Mas minhas noites estão livres.

— Eu fico a semana toda na cidade.

— Eu sei. Já tinha olhado.

— Tenho treinos longos nas manhãs de segunda e terça. Mas você vai estar trabalhando de qualquer forma…

— Quem sabe a gente podia… — disse Kip, ao mesmo tempo em que Scott falou:

— Quer ir lá em casa amanhã de noite?

— Claro, sim! Quero com certeza — respondeu Kip. — Seria meio conveniente para eu ir trabalhar na manhã seguinte também. Isso se você me deixar pregar o olho, né.

— Eu deixo. Prometo. Em algum momento.

Os dois riram, e então Scott disse:

— Merda. Tenho que desligar. Desculpa. Mas… te vejo amanhã, né? E eu te aviso dos ingressos.

— Isso, amanhã. Com certeza. E boa sorte hoje à noite.

— Obrigado. Até mais.

— Tá bom. Tchau, Scott.

Encerraram a ligação e Kip começou a se preparar para o trabalho enquanto seu namorado… se preparava para comandar a vitória do seu time contra Montreal.

Kip balançou a cabeça. Quando aquilo deixaria de parecer tão surreal?

Scott acordou sozinho no domingo.

Tinha passado quase a vida inteira acordando sozinho (tirando os colegas de quarto), então não deveria ter sido tão desconcertante assim.

Ele foi até a cozinha fazer café, depois ligou a TV para assistir ao SportsCenter. A transmissão mostrava os melhores momentos do jogo da noite anterior, e havia muito a mostrar. Os âncoras elogiavam a performance brilhante de todo o time dos Admirals, especialmente dadas as circunstâncias.

Havia sido um jogo foda. Scott estava extremamente orgulhoso da sua equipe, que se unira para uma grande vitória contra o Montreal.

O noticiário começou a comentar o incidente do Zullo. Exibiram imagens do

jogador saindo da delegacia, com cara de chapado e sem falar com os repórteres.

Por algum motivo, não foi tão satisfatório quanto Scott imaginara que seria. Zullo era um cuzão, sem dúvidas, mas ele ainda ficava nervoso ao ver um colega de time no fundo do poço daquele jeito. Torcia, de verdade, para que Zullo usasse o programa de reabilitação da liga e botasse sua carreira de volta nos trilhos.

Mas não havia tempo para pensar em Frank Zullo agora. O cara era marmanjo e sabia muito bem o que estava fazendo. Scott tinha um jogo para o qual se preparar.

*

Kip não passava nem de longe tempo o suficiente com o pai. Os dois moravam na mesma casa, claro, mas nunca mais tinham feito coisas juntos. Kip saía para trabalhar na maioria das manhãs antes que os pais acordassem, e depois costumava dormir cedo. Aquele emprego idiota dos smoothies tirava muita coisa dele.

Kip observou o pai enquanto ele torcia por seus amados Scouts. Os dois bebiam cerveja e comiam fritas do quiosque. Era uma tarde agradável.

Scott conseguira mesmo os ingressos. O pai ficara empolgado de manhã quando Kip sugerira que fossem ao jogo. Kip mentiu sobre a origem dos ingressos, dizendo que havia comprado mais barato de um amigo que não poderia ir. Não sabia se o pai tinha acreditado, mas se não acreditou, não disse nada.

A multidão era barulhenta. Vibrava a cada lance, cada jogada, cada defesa. A temporada estava se aproximando do fim, e esses jogos importavam.

No terceiro período, o placar estava 3 a 2 para os Admirals, e Scott havia marcado um dos gols. O clima estava tenso quando o jogo entrou nos minutos finais. Com menos de seis minutos restantes, os Admirals levaram uma penalidade. Ficariam desfalcados por dois minutos.

Kip inclinou o corpo para a frente e roeu as unhas.

— Você consegue, Scott — disse ele num sussurro.

Os Scouts é que não iriam desistir sem lutar. Mantiveram o jogo na zona dos Admirals e deram trabalho para o goleiro, Bennett. Depois de uma defesa, Scott lançou o disco para a linha azul para liberar a zona deles, mas um dos defensores do outro time pegou o disco com o taco antes que isso fosse

possível. Ele lançou com tudo na direção da rede dos Admirals, e Kip enxergou o que iria acontecer antes que acontecesse.

— Não, Scott. Porra. Não!

Enquanto o disco voava rumo à rede, Kip só pôde assistir, horrorizado, Scott lançando o próprio corpo na frente. Ele mergulhou no ar e impediu o disco com o tronco, onde o acolchoamento do uniforme era mais leve.

E caiu com tudo.

Capítulo doze

— Aquele disco devia estar a uns cento e cinquenta quilômetros por hora! — disse o pai de Kip.

— Porra, Scott, anda. Levanta!

Scott ficou caído no gelo em posição fetal, com uma das pernas se movendo para a frente e para trás. Kip estava passando mal. Queria correr pelas arquibancadas e saltar sobre o vidro.

— O disco bateu na cara dele? — perguntou alguém na fileira de trás.

Não… Kip mexeu a boca.

— Nada! Acho que foi nas costelas — respondeu outra pessoa.

Meu deus.

Scott rolou e Kip conseguiu ver o rosto dele. Seus olhos estavam arregalados e a boca aberta, ofegante.

— Ele não está conseguindo respirar! — gritou Kip para ninguém e para todo mundo. — Ele não tá respirando! Ele precisa de…

Scott colocou uma das mãos enluvadas no gelo, se preparando antes de se ajoelhar lentamente. Ele exibia uma careta de dor, os olhos bem fechados, mas parecia estar respirando. Envolveu um braço em si mesmo, segurando a lateral do corpo. Um dos colegas de time o enganchou pelo braço e o ajudou a levantar. Outro pegou o taco dele.

Scott patinou lentamente para fora do gelo, apoiado pelo colega de time, enquanto a multidão aplaudia.

Kip se recostou no banco com alívio. *Ele está bem. Ele está bem.*

O pai colocou a mão no ombro dele e apertou.

— Esse aí é duro na queda.

— Pois é. — Kip soltou o ar e ficou observando Scott sendo escoltado pelo médico do time até o corredor atrás do banco.

O jogo continuou, mas Kip não estava mais prestando atenção. Manteve os olhos no banco, esperando qualquer sinal do retorno de Scott.

Os segundos finais tiquetaquearam, e a partida terminou em 3 a 2 para os

Admirals. Scott nunca voltou do vestiário. Kip não sabia ao certo o que poderia fazer. Tinha combinado de ir à casa de Scott naquela noite, mas…

Enquanto ele e o pai deixavam a arena, Kip enviou uma mensagem para Scott: Só me diz se você está bem.

Não houve resposta, o que Kip já esperava. Scott provavelmente não estava com o celular naquele momento.

No metrô, o pai dele disse:

— Se tem uma coisa que o Hunter tem, é um coração bom. Aquele ato de sacrifício garantiu a vitória.

Kip mordeu o lábio.

— Pois é…

Os dois caminharam pela calçada do metrô enlameada de neve até chegarem em casa. Ele se sentia mal por não conseguir aproveitar a companhia do pai no momento. A tarde tinha começado ótima, mas agora Kip estava todo preocupado.

Já estavam em casa havia quase uma hora quando Kip recebeu uma resposta de Scott. Estou bem. Vai ficar um hematoma feio, mas tô bem. Indo pra casa agora.

Kip se sentou na cama e respondeu: Que bom. Você me assustou.

Scott: Desculpa. Acho que pareceu pior do que realmente foi.

Kip franziu o cenho. Ainda quer que eu vá para a sua casa?

O celular dele tocou um segundo depois.

— Quero — disse Scott.

— Tem certeza?

— Tenho. Quer dizer… acho que não vou conseguir fazer… muita coisa.

— Eu sabia! Você se machucou *mesmo*!

— Não foi tão ruim assim. Só um machucadinho. Coloquei gelo, e vou pôr mais quando chegar em casa. Nenhuma fratura. Nenhuma lesão nas costelas.

— Você fez raio-x?

— Claro que fiz. Lá na arena mesmo. Nenhuma fratura. Por favor, vem pra cá.

— Tá bom. É melhor você já estar com uma compressa de gelo quando eu chegar.

— Pode deixar — disse Scott. — E eu gosto de como você está preocupado comigo. É muito… fofo.

Kip corou, pois o que estava fazendo? Dizendo a um astro da NHL como ele deveria cuidar das próprias lesões?

— Eu só… só estou feliz que você está bem. Tô indo daqui a pouco. E falei

sério sobre a compressa de gelo.

Scott riu.

— Até daqui a pouco.

— Beleza, deixa eu dar uma olhada — disse Kip. Scott não havia conseguido evitar a careta durante todo o caminho ao lado de Kip do saguão até o apartamento. Kip, é claro, percebera.

Agora Scott estava deitado no sofá, e Kip levantava a camiseta dele com cuidado.

— Parece pior do que realmente é — alertou Scott. — Juro.

— Ai, meu deus!

Scott olhou para baixo e viu a enorme mancha roxa e preta que cobria boa parte da lateral direita do corpo. O disco o atingira logo abaixo das costelas e acima do acolchoamento grosso das calças de hóquei.

— Não é tão ruim assim. — Tinha doído pra cacete, e ele perdera o ar por completo, mas não houve nenhum ferimento interno.

— Nem fodendo! Você vai ficar paradinho aí. Espero que já tenha uma compressa de gelo pronta para usar — disse Kip, caminhando até a cozinha.

— Tenho um monte — comentou Scott. — Sempre. Meu freezer quase não tem comida. Só tem coisas para tratar lesões.

Kip voltou com uma compressa de gelo e a pressionou gentilmente na pele de Scott, que puxou o ar pela boca com o contato inicial e depois relaxou ao colocar a mão por cima da de Kip, ajudando-o a segurar a compressa no lugar.

— Faz tempo desde a última vez que cuidaram tão bem assim de mim — comentou ele. — Eu gosto.

Kip abriu um sorriso meio triste, e Scott apertou a mão dele.

— Desculpa ter te assustado — disse ele. — As desvantagens de me namorar, acho.

— Uma desvantagem aceitável. — Kip tirou a mão de baixo da de Scott e se levantou. — Vou preparar seu jantar. Tem alguma comida aqui?

— Tenho as coisas que comprei pra fazer café da manhã pra você aquele dia. Bacon e ovos. Ainda tem. Deixa eu te ajudar…

— Nem pensar. Você está de castigo, Hunter. Fica aí.

Scott revirou os olhos e se levantou lentamente.

— Vou ter que, pelo menos, ir até a cozinha para poder ficar te olhando.

Ele caminhou (com um pouco de desconforto) até as banquetas alinhadas no balcão alto que separava a cozinha da sala de estar/jantar. Se sentou e

ofereceu a Kip instruções úteis sobre onde encontrar as coisas e como usar o fogão sofisticado.

Foi legal estar com Kip ali, na cozinha. Vê-lo preparando comida para os dois enquanto falava sobre o dia.

— Gema mole? Gema dura? — perguntou Kip. — Sou especialista em ovos.

— Gema mole. Mas tudo bem errar. Eu coloco molho de pimenta em tudo de qualquer jeito.

— Eu *não vou* errar! — disse Kip, enquanto virava os ovos com cuidado. — Sabe, eu já fiz isso aqui profissionalmente e… Droga! Estourei sua gema!

Scott riu.

— Tá tudo bem. Eu vou comer, acredite. Eu como praticamente de tudo.

Kip arqueou a sobrancelha e comprimiu os lábios.

Os dois se sentaram lado a lado no balcão da cozinha e comeram bacon, ovos e torradas. Kip parecia tão feliz e fofo, e Scott lamentou não poder fazer muita coisa além de beijar naquela noite.

O que o lembrou de outra chateação.

— Preciso te alertar — disse Scott. — Essa semana eu devo ficar bem estressado e distraído.

— Por quê?

— A data limite para movimentações no time é na próxima segunda. Provavelmente o dia mais estressante do ano para todos os jogadores.

— Mas você não… não vai ser *trocado*, né? — Kip parecia horrorizado só de pensar.

— Não, acho que não. Quer dizer, sempre tem chance, mas queremos vencer o campeonato esse ano, então duvido que se livrariam de mim. Eu ficaria preocupado se o time precisasse de uns cortes no orçamento.

— Então, por que você está nervoso?

— Porque alguns jogadores irão embora. Depois da saída do Zullo, temos um buraco para preencher na defesa, e para isso vamos ter que liberar um ou dois caras. Somos como uma família, então é difícil.

— Ah, sim. Imagino que seja complicado.

Eles conversaram e comeram, e Scott tentou sem sucesso não se apoiar no balcão.

— Vamos — disse Kip, depois que Scott não conseguiu mais esconder a cara de sofrimento. — Você deve estar sentindo dor. Vamos voltar pro sofá.

Scott não discutiu. Kip o ajudou a se sentar no sofá, deixando ele se esticar de barriga pra cima. Kip se sentou na ponta, para que Scott pudesse descansar

a cabeça em seu colo. Assistiram a um filme de ação na TV e Kip fez cafuné em Scott.

E em pouco tempo, Scott esqueceu tudo sobre prazos, Zullo e hematomas feios.

Kip assistiu aos créditos subirem pela imensa tela da TV de Scott.

— Cara, quanto você acha que custou para fazer esse filme idiota?

Scott não respondeu. Olhando com mais atenção, Scott Hunter estava, de fato, dormindo no colo dele.

Kip sorriu para si mesmo e admirou o perfil de Scott. Ele parecia tão tranquilo e jovem. Os cílios longos tocavam nas bochechas, e os lábios cheios e rosados estavam levemente abertos. Toda a tensão que Scott geralmente carregava havia sumido da expressão dele.

Kip estendeu o braço e segurou a mão de Scott. Não queria acordá-lo, mas estava com as pernas dormentes.

— Ei — sussurrou. — Vamos, Scott. Hora de ir pra cama.

— Hummpf — murmurou Scott. Então, piscou até abrir os olhos, encarou Kip e abriu um sorriso tímido. — Desculpa. Sempre fico bem exausto depois dos jogos.

— Imagina. Melhor irmos pra cama. Tenho que acordar cedo. — Kip o ajudou a se levantar e o beijou. — Eu gostei dessa noite.

Scott se iluminou.

— Eu também.

Ficaram só de cueca e depois subiram na cama. Scott precisava se deitar de barriga pra cima por causa da lesão, e Kip se deitou ao lado dele, com a mão em seu peito.

— Boa noite — disse Kip.

Scott colocou a mão sobre a de Kip.

— Você volta amanhã à noite?

— Você quer que eu volte?

— Sim. Eu quero.

— Preciso passar em casa depois do trabalho. Pegar umas roupas e tal.

— Você deveria deixar algumas coisas suas aqui — murmurou Scott, sonolento.

— Sério?

Scott pareceu acordar por um tempo, obviamente percebendo o que havia acabado de sugerir.

— Bom… sim. Quer dizer… faz sentido, né? Eu moro perto do seu trabalho e… — Ele sorriu com timidez. — Eu gosto de ter você aqui.

Kip se apoiou sobre o cotovelo para poder beijá-lo.

— Tô me sentindo mal — disse Scott. — Não pude fazer muita coisa com você hoje. Quero te compensar.

— Amanhã você ainda não vai estar bem!

— Eu sei… mas talvez…

— Amanhã à noite — disse Kip — A gente decide. Não vou te deixar fazer nada que possa te machucar.

Scott suspirou, mas sorriu para ele com afeição.

— Além do mais — continuou Kip —, eu gosto de conversar com você.

Scott levou a mão de Kip até a boca e a beijou.

— Eu também.

Ainda estava escuro quando o alarme de Kip tocou. De início, Scott ficou confuso, depois lembrou que Kip precisava ir trabalhar. Kip se mexeu ao lado dele, se sentando devagar e grunhindo baixinho.

— Bom dia — murmurou Scott.

— Aff, bom dia, né?

Kip saiu da cama e foi para o banheiro enquanto Scott esfregava os olhos e tentava acordar. Ele não era de dormir até tarde, mas não eram nem cinco da manhã ainda.

Ele finalmente se forçou a se sentar, fazendo careta quando a dor o lembrou da lesão. Depois de alguns minutos, Kip saiu do banheiro e começou a se vestir.

— Vou fazer um café pra gente — disse Scott. — Fica aqui pelo menos pra isso.

— Tá bom. Como você está se sentindo?

— Como se tivesse sido acertado por um disco de hóquei. Mas, tirando isso… estou muito feliz.

Kip sorriu e terminou de se vestir. Scott foi ao banheiro, parando para beijá-lo na bochecha no meio do caminho.

— Nossa! — exclamou Kip, fazendo uma careta. — Esse hematoma não está nada bonito.

— A sensação também não é das melhores. Mas vou sobreviver.

No banheiro, Scott molhou o rosto e examinou o machucado no espelho. Kip não estava mentindo: a mancha tinha definitivamente ficado mais escura durante a noite, ganhando um tom azulado bem intenso.

Depois de vestir um moletom, foi para a cozinha fazer café. Parou quando viu Kip de pé na frente das janelas da sala de estar.

— Você tem essa vista toda manhã, é? — perguntou Kip.

— Mais ou menos.

— Nada mal.

O primeiro sinal de luz vinha surgindo sobre o horizonte do Brooklyn, iluminando suavemente a silhueta esguia de Kip. Ele estava com um braço estendido sobre a cabeça e a mão apoiada no vidro.

— Está melhor agora — disse Scott. Ele o abraçou por trás e lhe deu um beijo no pescoço. Kip suspirou e se virou para beijá-lo na boca.

Naquele momento, Scott pôde imaginar tudo. Morar com Kip. *Viver* com ele. Ir para a cama e acordar juntos. Preparar refeições, ir a restaurantes e viajar juntos. Sem se esconder, só sendo feliz e completo com um homem de quem ele… gostava. Ser corajoso o suficiente para mostrar ao mundo quem ele era de verdade.

Mas mesmo se *fosse* corajoso o suficiente, seria pedir demais para Kip, que talvez não entendesse onde estava se metendo ao ficar com Scott. Seria uma coisa *bem grandiosa* se Scott se assumisse. Aquilo nunca havia acontecido na NHL, e a imprensa iria cobrar muito deles. Scott estava acostumado a ser inspecionado pela opinião pública; não queria arrastar Kip para aquela bagunça.

Além do mais, só estavam juntos havia duas semanas. Era ridículo sequer cogitar que…

Eles se afastaram, ao que Scott jogou uma mecha do cabelo de Kip para o lado e passou a mão na leve barba por fazer no queixo dele.

— Eu adoraria passar um dia inteiro com você.

— E você vai.

— Sem estar machucado. Aproveitar de verdade o tempo com você.

Ele percebeu uma mudança no olhar de Kip. Um desejo sombrio que ia se insinuando de pouquinho em pouquinho.

Scott se aproximou para mais um beijo, mas Kip se afastou e balançou a cabeça.

— Preciso ir — disse ele num suspiro.

— Café primeiro.

Enquanto Scott se atrapalhava na máquina chique de café que raramente usava, Kip levantou a camiseta dele e examinou o hematoma.

— Você não vai para o treino hoje, vai? — perguntou.

Scott deu um passo para o lado e abaixou a camiseta.

— Claro que vou.

— Quê? Mas você tá machucado!

Scott o dispensou com um gesto.

— Quero ver se dói quando eu patino. Tenho jogo na quarta, então preciso entender como jogar com essa lesão.

— Você vai *jogar* na *quarta*? — Kip parecia horrorizado.

— Vou.

— Todos os jogadores de hóquei são idiotas teimosos assim?

— Tipo isso.

— Meu deus, se eu estivesse com um hematoma desses, ficaria um mês inteiro na cama.

Scott riu.

— Já joguei com as costelas quebradas antes. Consigo jogar com isso aqui.

Kip parecia ter algo a dizer, mas Scott o beijou e colocou um copo cheio de café para viagem na mão dele.

— Você precisa ir trabalhar. — Ele o lembrou.

— Tá bom. — Kip suspirou. — Volto hoje à noite o mais rápido que conseguir, tá bom?

— Tá bom.

— E, por favor, pega leve no treino.

Scott sorriu, tocado mais uma vez pela preocupação de Kip.

— Vou pegar.

Eles se beijaram mais uma vez e Kip saiu.

Scott passou a língua pelo lábio inferior, tentando capturar qualquer restinho do beijo de despedida. Então sentiu aquele peso que sempre o assolava quando Kip partia.

Ele queria mais tempo.

Na cabeça dele, Scott avançou para um momento em que Kip talvez não precisasse trabalhar. Onde pudesse apenas…

Apenas o quê? Ser o namorado dono de casa de Scott? Aparecer sempre que Scott precisasse dele? Tão entediado quanto as esposas dos seus colegas de time? Se Scott nunca tivesse coragem de se assumir, Kip seria basicamente um prisioneiro. Os dois nunca poderiam sair em encontros decentes.

— Droga — disse Scott para ninguém.

Já estava fazendo cagada.

O merdinha do Jeff havia trabalhado no dia anterior, então, quando Kip chegou

no trabalho, não havia absolutamente nada preparado.

— Eu odeio ele — disse Maria. — Vou matar esse cara.

— Ele é péssimo — concordou Kip com um bocejo.

— Como foi seu fim de semana?

— Bom. Fui assistir ao jogo dos Scouts com meu pai.

— Ah, tá falando do jogo dos Scouts contra os *Admirals*?

— Sim…

— Todo fãzoca. Que fofo.

Kip deu de ombros.

— Ele é gostoso. Me processa.

— Você consegue se imaginar namorando ele, tipo, de verdade? — perguntou Maria. — Seria demais. Tipo a Cinderela.

— Ah, nem vem. Minha vida não é *tão* merda assim!

— Bom, seria uma loucura mesmo assim.

— Uhum.

— Sabe, eu estava trabalhando no sábado e ele não passou aqui. Será que encontrou outra superstição boba?

— Bom, lá se vai toda a minha vida amorosa — brincou Kip.

— Tipo, rolou aquela merda toda com o Zullo aquele dia. Ele deve ter ficado distraído.

— É. Pode ser.

— Quando é o próximo jogo aqui?

— Quarta — disse Kip, rápido demais.

Maria deu uma risadinha.

— Fofo pra cacete. Tá pronto pra entrevista hoje?

— Não. Mas vou dar meu melhor.

— Você acha que o Scott Hunter vai frequentar o museu toda hora se você começar a trabalhar lá?

— Não. Cala a boca.

— Mas *e se*? Ai, meu deus. Seria incrível.

— Você é ridícula.

Maria abaixou o tom de voz e fez uma imitação horrível de Scott Hunter.

— Ah, oi, hum, é que eu gosto de manter as coisas do mesmo jeito quando estou jogando bem, então vou precisar que o Kip Grady me dê outra visita guiada privativa pelo museu inteiro.

Kip não conseguiu segurar a risada.

— Hunter, vamos. Almoço por minha conta — disse Carter. Eles eram os dois últimos jogadores no vestiário.

Scott tinha passado o treino inteiro rangendo os dentes. Doía para se abaixar. Doía para acertar o disco. E doía *muito* quando qualquer pessoa sequer resvalava nele.

— Acho que vou precisar ficar no banco na quarta — disse ele. — Não é uma lesão séria, mas está me atrapalhando.

— Tipo, você *poderia* tirar a noite de folga pra deixar curar de verdade, mas quem sou eu, né?

— *Você* faria isso?

Carter sorriu para ele.

— Nem sonhando.

Foram para um restaurante de sushi de que Carter gostava próximo dali.

— Então — disse Carter enquanto esperavam pela montanha de sushis e temakis que tinham pedido. — Quem você acha que vai ser trocado?

— Não sei. Não sei mesmo.

— Eles vão fazer um lance para alguém grande. Acho que vamos perder um jogador mais jovem em troca de um defensor com mais experiência.

— Bom — disse Scott. — Se for assim, *nós* estamos de boa.

— Eu pensei no Burke. Ele não é tão jovem, mas é um bom ponta, e já temos uma linha de frente bem forte agora.

— Sim. Pode ser.

— Vai saber, né? Enfim, você viu? Os *paparazzi* flagraram a gente esses dias. Eu e a Gloria. Estávamos jantando no novo Nobu. Já foi lá?

— Não.

— Bom, tem que ir. Enfim. Estávamos saindo do Nobu e a porra dos *paparazzi* nos pegaram. Então nosso segredinho vazou. — Carter deu de ombros. — Acho que era questão de tempo. Mas acabou que nem deu em nada porque uma das Kardashian anunciou ontem que está grávida, então ninguém mais se importa com a gente.

— Entendi…

Carter contou em detalhes sobre a comida do Nobu, e Scott tentou escutar, mas só conseguia pensar no que ele tinha acabado de dizer. Carter vinha tentando manter seu novo relacionamento em segredo, mas, quando aquele segredo tinha vazado, fora apenas outra notinha nos portais de fofoca. Apenas duas celebridades que começaram a sair juntas. As pessoas dizem "e daí?" e seguem com suas vidas.

Não é o que aconteceria se os *paparazzi* flagrassem Scott e Kip juntos. Claro, eles podiam sair para jantar, talvez. Uma vez. Se começasse a virar algo regular, chamaria mais atenção. E se fossem pegos… se tocando? De mãos dadas? *Se beijando*? Scott não poderia negar de jeito nenhum que…

— Eles têm um molho de misô de caramelo que… Tá me ouvindo, Hunter?

— Ahn? Tô. Sim, desculpa. Só estou… com fome. Complicado ficar ouvindo sobre comida agora.

— Bom, já falamos sobre hóquei, sobre comida, sobre a *minha* vida amorosa. Mas e a *sua* vida amorosa?

— Não.

— Parece que você tem alguma coisa para contar aí, hein…

— Não tenho.

Carter o analisou e, provavelmente, reparou na cor do rosto de Scott ou em como Scott não conseguia olhar nos olhos dele.

— Você é o pior mentiroso do mundo, Scott.

— Eu sei.

— Não quer me contar? Beleza. Só quero te ver feliz. Um cara como você merece ficar com alguém especial.

Scott sorriu para si mesmo.

— Eu tô feliz.

— Ela vai com você ao baile da Equinox?

— *Você* vai também?

— Sim, eu vou! Esqueceu quem é minha namorada? Além do mais, eu sou *muito* famoso e amado.

Scott riu, mas por dentro se preocupou. Não estava contando com a presença de qualquer um dos seus colegas de time lá. Isso deixaria as coisas mais complicadas.

E, minha nossa, era tão injusto. Ele queria contar para Carter — seu melhor amigo — que iria levar o namorado para o baile. Seu namorado lindo e maravilhoso que fazia com que Scott se sentisse mais leve e mais feliz, como nunca se sentiu antes na vida. Queria dançar com Kip e beijá-lo e apresentá-lo para todo mundo para que todos soubessem como Scott era sortudo.

Em vez disso, Scott disse:

— Talvez. Veremos.

Carter sorriu.

— Tomara. Mal vejo a hora de conhecer essa mulher, cara.

Capítulo treze

Scott e Kip acordaram juntos na manhã seguinte ao fim do prazo para as movimentações no time.

Tinham passado o dia inteiro com a TV ligada em um canal de esportes que estava cobrindo as trocas e movimentações. Às vezes, Scott parava tudo para prestar completa atenção, e Kip dava espaço ao namorado. Porém, na maior parte do dia, ele ficava feliz em deixar Kip distrair sua mente de tudo.

E Kip ficava feliz em fazer isso.

Ele também estava contente em *se* distrair do estresse de esperar uma resposta do museu. A entrevista havia sido surpreendentemente boa. Os dois recrutadores pareceram gostar muito dele. No final, todos conversavam como se ele já tivesse conseguido a vaga. Ele saiu de lá muito empolgado.

Mas ainda não havia contado para Scott. Talvez não quisesse falar antes de ter certeza, com medo de agourar a possibilidade, ou talvez só estivesse envergonhado daquela tentativa patética de mudar de vida. O nível de sucesso de Scott fazia todas as tentativas de Kip parecerem meio ridículas.

Scott perdera alguns colegas de time em uma troca que os âncoras da TV chamaram de "grandiosa". Um cara chamado Burke e outro atacante foram enviados para Tampa Bay em troca de um famoso defensor finlandês.

— Matti Jalo — dissera Scott ao ouvir a notícia. — Uau.

— Ele é bom? — perguntara Kip.

— Sim, ele é… Nunca achei que conseguiríamos alguém assim. Ele deve ser o melhor defensor da liga no momento.

— Ei! Então isso é bom!

— É — concordara Scott. — Mostra que a direção está confiante na gente. Acabaram de comprar um ótimo presente pro time.

— Mas, hum, os caras que saíram do time… Burke, né? E, hum…

— MacDow, pois é. Caras legais. É uma pena, mas eu já imaginava que o Burke iria sair. Vai ser melhor pra ele, na real. Ele não estava tendo oportunidades de brilhar no time.

— Então você está bem?

Scott sorrira para ele.

— Estou bem.

— A fim de comemorar?

— Com certeza.

Agora, eram pouco mais de cinco da manhã e Kip precisava ir para o trabalho, mas as mãos de Scott estavam nele, e sua boca mordiscava a mandíbula de Kip.

— Liga lá e diz que tá doente — murmurou Scott contra a pele dele.

— Não posso. E você tem jogo hoje à noite. Vai ficar ocupado.

— Chega mais tarde. Eu escrevo um bilhete pra você.

Kip riu.

— O que você escreveria?

— "Perdão pelo atraso do Kip, mas o Scott Hunter estava sentando no pau dele".

Kip gemeu.

— Meu deus, a gente ainda não fez isso. Eu… *porra*, agora eu quero.

— Eu também — disse Scott, movendo a mão de Kip para seu pau duro só para provar o ponto.

— Porra! — Kip respirou fundo. E então: — Não. Não. Tenho que ir. Não é justo, Hunter.

Ele se levantou e se vestiu antes que Scott pudesse convencê-lo a fazer algo estúpido como não aparecer no trabalho.

— Não te vejo mais até o baile amanhã à noite. — Scott suspirou. — E lá vai ser uma agonia sem fim não poder te tocar.

— Mas vai ser sexy, não acha? Mais ou menos?

— Mais ou menos.

Scott fez café, a tradição dos dois, e eles beberam juntos na cozinha.

— Você sabe que vai ser uma agonia pra mim também, né? — disse Kip.

Scott abriu um sorriso triste.

— Vou querer ir embora mais cedo. Começar a inventar umas desculpas assim que chegar lá.

— Não vai, não. Nós dois vamos curtir muito e depois voltaremos pra cá para nos pegarmos o resto da noite.

Scott o beijou, um beijo cheio de promessas. Quando acabou, Kip estremeceu.

— Tenho que ir — disse ele, fraco.

— Te vejo amanhã à noite.

Scott chegou no restaurante mais cedo e pediu um café. Iria almoçar com seu agente, e o café era importante.

Ele gostava de Todd Wheeler — caso contrário, não seria representado por ele —, mas odiava conversar sobre contratos e patrocínios. Sabia que tinha sorte de ter tantas oportunidades para ganhar muito dinheiro, mas não era por isso que ele jogava hóquei.

Todd chegou assim que Scott terminou o café de prensa francesa que o garçom trouxera.

— Que merda aquela parada do Zullo, hein? — disse ele, quase no momento em que se sentou.

— Pois é. — Scott assentiu. — Uma merda.

— Mas agora já passou. Você deve estar bem, né? Sei que você odiava aquele cara.

— *Odiar* é uma palavra forte — rebateu Scott. — Forte e correta.

Todd riu.

— E o Matti Jalo é um Admiral agora! Já dá pra sentir o cheiro da taça do campeonato!

— Com certeza — concordou Scott. — O Jalo será uma grande aquisição.

— Grande mesmo. O Jalo é um monstrão da porra. E bonitão também. Nova York vai amar esse cara.

— Espero que sim.

— Mas tomara que não amem tanto assim! Você precisa continuar sendo o número um da cidade.

— Claro.

O garçom voltou e anotou os pedidos. Todd pediu uma salada de espinafre sem nem olhar o cardápio. Scott pediu um *club sandwich*, então, Todd disse de repente:

— Quer saber? Foda-se. Vou querer um *club* também.

Depois que o garçom saiu, Todd perguntou:

— Vai levar alguém pro baile da Equinox?

— Por quê? Quer ser meu acompanhante?

— Não, vai se foder. Só achei que você estava saindo com alguém. Eu *rezo* todas as noites pra você começar a namorar alguma atriz. Uma modelo, talvez. Algo que te coloque na mídia, sabe?

Scott fez uma careta. Ele *com certeza* estaria "na mídia" se alguém

descobrisse quem ele estava namorando. Mas era provável que não da forma como seu agente esperava.

— Desculpa te decepcionar.

— Posso te arrumar um encontro, se você quiser — divagou Todd. — Uma novaiorquina ingênua que queira dar uma elevada na imagem…

— Não, Todd. Obrigado.

Todd meneou a cabeça.

— Não te entendo, Scott. Você tem *isso tudo aí* — ele gesticulou, apontando para o corpo inteiro de Scott —, e parece que não divide com ninguém. Cara, se eu fosse igual a você…

Scott bufou. Todd fora atleta no passado, mas os anos longe das competições haviam lhe dado uma barriguinha. Porém, estava longe de ser feio.

— Deveria ter pedido aquela droga de salada — murmurou Todd para si mesmo. — Nem todo mundo queima um milhão de calorias por dia.

— Você está ótimo, cara — Scott o tranquilizou.

— Não estamos falando de mim, Scott. Estamos falando de você e do motivo para você não estar saindo com as mulheres lindas de Nova York.

— Estou ocupado — murmurou Scott.

— Tá *todo mundo* ocupado! Eu tenho esposa, três filhos e catorze clientes!

— Por que estamos falando disso?

— Quero que você seja feliz, Scott. Eu te represento desde os seus dezessete anos e nunca te vi saindo com ninguém. Fui em vários casamentos dos meus clientes; vocês são como família pra mim. Você sabe disso. Especialmente você, porque… cê sabe.

— Por que eu sou órfão? — perguntou Scott com frieza.

— Só quero que saiba que estou cuidando de você, e que me importo com sua felicidade. Só isso.

— Bom, obrigado. Mas eu sou perfeitamente feliz. De verdade.

— Então… se meu amigo que representa uma certa atriz de Nova York me perguntar se você está procurando por uma acompanhante para o baile…

— Diga ao seu amigo que não estou.

Todd suspirou.

— Beleza. Não quer nem saber quem é ela?

— Não.

— Porque se você é do tipo de cara que curte pernas…

— Ah, que bom! Chegou a comida!

Scott começou a perguntar sobre compromissos futuros para manter a

conversa bem longe do tópico vida amorosa durante o restante do almoço. Todd pareceu entender o toque, porque não puxou o assunto de novo.

Mas, menos de meia hora depois de se despedirem, Scott recebeu uma mensagem do agente. Era a foto de uma mulher jovem e linda em um tapete vermelho. Tem certeza?

Scott: Tenho.

Nossa. Ele não precisava *mesmo* ter o mundo inteiro interessado em sua vida amorosa naquele momento.

Kip saiu do trabalho na quinta-feira e foi direto para a casa de Elena. Ele levara o smoking para lá três dias antes, depois de buscá-lo no alfaiate.

Ela atendeu a porta com o cabelo molhado e de roupão.

— Perfeito — disse Kip. — Você já tomou banho. Posso tomar também?

— Pode, claro. Precisamos sair de casa em, tipo, duas horas, tá bom? A limusine estará aqui.

— Limusine?

— A Equinox vai mandar uma. Eles gostam de mim.

Ele tomou banho e depois saiu do banheiro enrolado em uma toalha. Elena estava no quarto com a porta entreaberta. Ele bateu de leve.

— Posso entrar? Meu terno está aí?

— Sim. Entra.

Ele abriu a porta e a encontrou sentada em frente a um espelho, colocando bobes no cabelo. Música pop tocava em uma pequena caixinha de som ao lado dela.

— Vou vestir a cueca — avisou Kip. — Não olha.

— Eu? Jamais!

— Tô te *vendo* olhando pelo espelho, Elena! — Ele vestiu a cueca preta *mais nova* que tinha o mais rápido que pôde. Dava para ver Elena sorrindo pelo reflexo.

— E aí? Qual é o plano pra hoje? Você e Scott vão fingir que não se conhecem, depois vão pro apartamento dele e…

— Se pegar a noite inteira? Isso. É o plano.

— Que safadeza.

— Um pouco.

— Tem certeza de que está bem com esse relacionamento esquisito? — perguntou Elena ao colocar o último bobe no cabelo.

— Sim, tô bem. — Kip franziu o cenho. — Quer dizer, é claro que seria

muito legal poder…

— Ir pra qualquer outro lugar que não seja o apartamento dele?

— É um apartamento *legal*, mas sim. Seria ótimo poder ir pra qualquer outro lugar juntos.

— Você acha que um dia isso vai rolar?

— Não sei! Tipo, a gente só está há um mês juntos.

— Eu nunca te vi namorar ninguém por mais de um mês.

— Exatamente! É por isso que parece tão sério. Eu nunca…

— *Se sentiu assim?*

Kip corou porque soava muito brega.

— Eu gosto muito dele — murmurou.

Elena se levantou e atravessou o quarto.

— Mal vejo a hora de conhecer o Scott.

— Você não vai dar um dos seus sermões assustadores para ele, vai?

— Claro que não. Só acho que é justo alertar que te magoar seria péssimo pra carreira dele. Porque ele vai morrer.

— Elena!

— Tô zoando. Mais ou menos. Olha, tenho que pintar as unhas. Vamos abrir um vinho, botar Rihanna pra tocar e ficarmos lindos.

— Meu deus, sim!

Kip saiu da limusine de cara para uma parede de flashes. As luzes pararam abruptamente quando os fotógrafos pareceram perceber que ele e Elena não eram ninguém.

Os dois atravessaram o tapete vermelho depressa.

— Você está linda — disse Kip, oferecendo o braço para que Elena pudesse se apoiar enquanto subiam a pequena escadaria na entrada. — Sei que eu já disse isso mil vezes, mas é sério. Muitos caras vão ficar com inveja de mim.

Ela sorriu para ele.

— Acho que muitos caras vão ficar com inveja é *de mim*.

Ela estava *mesmo* deslumbrante. Em um vestido halter de cetim preto com babados degradê na lateral da saia, cada camada mudando para um tom mais claro de cinza. Os babados se abriam quando ela andava, revelando uma fenda alta que mostrava suas pernas e o salto preto. Seu cabelo estava preso em um coque cacheado de lado, mostrando brincos brilhantes que pelo menos *pareciam* ser rubis e diamantes.

A festa acontecia em um prédio histórico enorme que fora restaurado e

melhorado recentemente. Era um dos locais mais glamourosos de Nova York. Kip nunca havia entrado ali, nem mesmo como garçom.

— Impressionante — disse ele, admirando o teto do saguão.

— Espera só pra ver o resto — respondeu Elena.

Ela o levou até o salão mais luxuoso que Kip já vira. Era cheio de arcos altos e colunas de mármore, mas a Equinox acrescentara os próprios toques modernos ao evento. Havia um DJ (provavelmente famoso) em um palanque alto e hologramas em 3D de arranjos de flores projetados de dispositivos no meio de cada mesa.

O que mais surpreendeu Kip, porém, foram os robozinhos que pareciam servir os aperitivos.

— A Equinox não brinca em serviço, né? — comentou Kip.

— Não mesmo.

— Eu estou bem?

— Você está lindo de morrer. — Ela apertou o braço dele. — Temos tempo para dar uma volta antes de nos sentarmos para o jantar. Vamos ver quem a gente encontra.

Ela o levou até um grupo de ricos e famosos de Nova York, reunidos perto de um dos bares. Ele não era bom em identificar celebridades, mas reconheceu vagamente algumas pessoas no salão.

Kip se perguntou se Scott já estava ali.

Elena o apresentou para alguns colegas de trabalho, com quem Kip educadamente teve conversas de elevador, mas ninguém parecia muito interessado. Ele estava distraído quando um garçom-robô surgiu para oferecer um canapé. Kip não estava acostumado a estar do outro lado da bandeja de petiscos, e ver o tipo de serviço que preenchia seu currículo sendo executado com tanta eficiência por uma máquina era… desolador.

— Tá tentando roubar meu trabalho, amigo? — perguntou ele.

O robô só saiu deslizando para servir outro grupo de convidados, deixando Kip lidando com o fato de que tinha mais em comum com os robôs do que com qualquer convidado humano da festa.

Kip foi até o bar e pegou drinques (grátis!) para ele e Elena. Entregou o martini da amiga e ela apontou com a cabeça para algo além do ombro dele.

Kip se virou e avistou Scott do outro lado do salão. Ele estava falando com um grupo pequeno, sorrindo e se agigantando acima dos outros. Estava lindo pra cacete com seu smoking preto clássico.

Elena bateu gentilmente no braço dele, fazendo-o se virar de novo para ela.

— Para de encarar! — sibilou ela.

— Tá bom! Ele… Ele tá me vendo? Ele já me viu aqui?

— Ainda não. Vocês precisam ser muito mais discretos se quiserem enganar alguém.

— Do que você tá falando? Eu tô de boa. Ele já olhou pra mim?

— Não. Mas se ele vier *mesmo* até aqui… Ai, agora ele te viu.

— Como você sabe?

— Porque o olho dele acabou de brilhar igual a porra do sol. Meu deus. Vocês estão lascados.

Scott não conseguia dar um passo sem ser parado por alguém. Algumas pessoas ele de fato conhecia, outras eram completos desconhecidos, mas todos no baile pareciam querer um momento com ele.

A mesma conversinha impessoal durou a noite inteira.

— Sim, estou confiante das nossas chances nas eliminatórias.

— Estou muito empolgado com a chegada do Jalo no time. Ele será uma ótima aquisição.

— Não, eu não jogo golfe. Nunca joguei.

E algumas poucas pessoas foram corajosas o bastante para perguntar sobre Zullo.

— Espero que ele consiga a ajuda de que precisa.

Ele conseguiu avistar Kip, mais ou menos. Ele estava de costas, mas Scott o reconheceu no mesmo instante. Estava de pé com uma mulher maravilhosa que atraía olhares até mesmo *naquela* multidão. Ela era a mulher que Kip levara para o jogo dos Admirals semanas antes. Elena.

Estava perto da hora do jantar, quando todos deveriam se sentar. Haveria discursos, e sabe deus quando ele teria a chance de falar com Kip. Ele só precisava *vê-lo*.

Scott encerrou uma conversa com um dos jogadores do Nova York Jets ao dizer educadamente que iria ao bar pegar alguma coisa. Se moveu pela multidão, fingindo não ouvir as pessoas que chamavam seu nome.

Kip finalmente se virou e fez contato visual com ele, e o coração de Scott parou.

Nossa, como ele estava lindo! Como um astro dos tempos clássicos de Hollywood. Scott foi atraído até ele como uma mariposa que se aproxima do fogo.

— Boa noite — disse ao finalmente alcançar Kip. O terno o vestia

perfeitamente; azul-escuro e cortes ajustados. Mal era possível notar que aquele smoking fora feito sob medida para o corpo de Scott; sendo aquele o mesmo que Scott usara na primeira noite que passaram juntos. O cabelo dele estava partido para o lado, e havia um brilho nos olhos enquanto ele embarcava na atuação.

— Scott. Que bom te ver de novo. Essa é a minha amiga, Elena Rygg. Ela trabalha na Equinox. Elena, esse é o Scott Hunter…

— Não precisa apresentar — disse Elena, estendendo a mão. — Que bom poder finalmente te conhecer, Scott.

— Elena — disse Scott, cumprimentando-a. — Uau. Você é muito bonita.

Kip riu.

— Desculpa — disse Scott. — Não sou muito bom conversando com mulheres.

— Não deve ser algo que você faz muito no seu campo de trabalho. — O sorrisinho dela fazia quase parecer que estava zombando, mas era um pouquinho mais caloroso do que isso.

— Não — disse ele, sorrindo de volta. — Não faço muito, infelizmente.

Kip parecia absorver o que via. Seus olhos passavam pelo corpo inteiro de Scott, e ele mordia os lábios. Scott tentou pensar num pretexto para tocá-lo. Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada de uma mulher que ele não reconheceu.

— Elena! Você está linda! Aproveitando muito a festa?

Elena abraçou a mulher e elas trocaram beijinhos na bochecha.

— A festa está incrível, Jacqueline. Ótimo trabalho — disse Elena.

— Acha mesmo? Eu adorei o contraste da glamour clássico novaiorquino com a nossa tecnologia de ponta. — Ela se virou para Scott e estendeu a mão. — Scott Hunter! Obrigada por ter vindo. Jacqueline Kane.

Ah. A CEO da Equinox.

— Claro. Obrigado por me convidar — disse Scott educadamente.

— Não sabia que vocês se conheciam — comentou Jacqueline, apontando para Scott e Elena.

— Acabamos de nos conhecer — explicou Scott.

— Sorte a sua! Elena tem sido inestimável para a empresa neste último ano. Nós amamos ela. E, sinto muito, estou sendo mal-educada. Ainda não fomos apresentados. — Ela estendeu a mão para Kip. — Jacqueline, prazer.

— Eu, hum, Christopher. Grady. — Kip a cumprimentou.

— Você trabalha com TI, Christopher?

— Não… eu, hum. Não, não trabalho.

Scott queria interromper e dizer algo elogioso sobre Kip, mas não podia mostrar que já o conhecia.

— Você está com a Elena? — perguntou Jacqueline.

— Não! Quer dizer… sim, sou o acompanhante dela. Somos amigos. Bons amigos.

— Ah! Que bom. E você, Scott? Trouxe alguém especial esta noite?

Scott não conseguiu parar de olhar para Kip antes de dizer:

— Eu vim sozinho.

Jacqueline sorriu e olhou para Scott, depois para Elena.

— Bom, vou deixar vocês conversarem. Aproveitem!

— Pode deixar. Tenha uma boa noite, Jacqueline — respondeu Scott, educadamente.

— Você não conhecia a Jacqueline ainda? — perguntou Elena.

— Não — respondeu Scott. — Sou convidado para todo tipo de coisa por pessoas que não conheço de verdade. — Ele riu. — No começo era meio surreal, ser um garoto pobre de Rochester e de repente estar imerso nesse mundo diferente. Lado a lado com a realeza de Nova York.

— Imagino — disse Kip, com um sorrisinho.

Scott franziu o cenho, pois será que Kip se sentia *mesmo* assim? Era fácil para Scott se imaginar como um cara de Rochester, porque ele *era*. Mas será que aquilo tudo também era surreal para Kip? Devia ser, pelo menos um pouco.

Uma das coisas que gostava em Kip era que ele nunca pareceu interessado no dinheiro ou na fama de Scott. Estar com Kip era o único momento em que Scott se sentia… ele mesmo.

Elena deve ter notado o clima tenso entre os dois, porque rapidamente virou a taça inteira na boca.

— Ops! Acabou meu martini. Vou no bar buscar mais um. Scott, o que você está bebendo?

— Ah, hum, uma cerveja. Só uma cerveja. Stella, eu acho, se tiver.

— Tem — afirmou Elena. Ela os deixou sozinhos.

Kip estava encarando o chão, e Scott queria desesperadamente colocar um dedo embaixo do queixo dele para levantar seu rosto. Queria beijá-lo. Queria dizer que o lugar dele era irrevogavelmente ali, porque ele era importante para Scott e, sem dúvida, importante para Elena.

— Festão, né? — Foi o que acabou dizendo.

— Pois é — respondeu Kip, levantando o olhar para encará-lo. — A

sensação é de que eu deveria estar carregando uma bandeja por aí.

Scott franziu o cenho e continuou se segurando para não tocar no namorado. Sentia olhos e ouvidos atentos ao redor.

— Você não *parece* que deveria estar carregando uma bandeja por aí. Você está… — Ele não podia terminar a frase. Não com as palavras que queria usar. Não ali. — A Elena parece ótima — disse, mudando de assunto.

— Ela é mesmo. Você vai dançar com ela mais tarde, não vai?

— Vou dar meu melhor para *tentar* dançar, sim.

Kip deu uma risadinha. Depois suspirou e encarou Scott com tanto carinho e desejo que Scott não conseguiu fazer nada além de encarar de volta. Ele sabia que estava com um sorriso bobo e apaixonado no rosto, mas não conseguia se conter.

Jogando a cautela pela janela, ele abaixou o tom de voz:

— Você está maravilhoso.

Kip mordeu o lábio.

— Você também não está nada mal.

Scott se aproximou mais um pouso, testando a sorte.

— A noite vai ser longa.

Kip encarava a boca dele. Scott observou o pomo de adão subir e descer enquanto ele engolia em seco.

Quando Kip respondeu, sua voz mudou para aquele sotaque arrastado do Brooklyn que Scott tanto amava:

— Mas o final vai valer a pena pra caramba.

— Mal posso esperar — sussurrou Scott.

— Eu também.

E, graças a deus, Elena voltou. Se ela tivesse demorado mais um segundo, Scott teria feito algo muito estúpido. O olhar direto com que Elena o encarou ao entregar a cerveja comunicou que ele e Kip estavam perto demais um do outro.

— É hora de nos sentarmos pro jantar — disse Elena. — Hora de vocês se separarem.

Antes de se despedirem, Scott estendeu a mão para Kip, que a encarou por um momento antes de sorrir e cumprimentá-lo, apertando sua mão como dois homens que acabaram de se conhecer num evento.

Mas Scott aproveitou a oportunidade para tocar gentilmente a parte interna do punho de Kip com a ponta dos dedos. Ele acariciou a pele sensível enquanto trocavam o aperto de mãos, e observou os lábios de Kip se abrindo. Observou

seus olhos entrando em ignição.

— Te vejo mais tarde — disse Scott. — *Christopher*.

O jantar durou tempo demais. Entre os pratos, Jacqueline agradeceu a presença de todos e explicou a importância de gerar oportunidades para os jovens explorarem carreiras dentro da tecnologia. Falou do trabalho que a Equinox Foundation já havia feito naquela área e dos planos que tinha para o futuro. Ela anunciou um investimento enorme nas escolas públicas locais para equipá-las com computadores de última geração e outras tecnologias. Scott aplaudiu junto do restante dos convidados.

Ele estava sentado com nove pessoas que não conhecia. Até Carter havia sido colocado em uma mesa diferente. Scott nunca ficava particularmente confortável naquele tipo de evento, mas naquela noite estava ainda mais agitado e distraído. Não conseguir ver Kip de onde ele estava sentado não ajudava muito.

Enquanto esperava pela sobremesa e pelo cafezinho, decidiu que precisava sair por alguns minutos. Pediu licença à mesa e se levantou. Procurou brevemente por Kip no salão, mas não conseguiu encontrá-lo.

Scott foi ao banheiro, mas, ao sair de lá, ainda não estava no clima para voltar à mesa. Vagou pela área ao redor do salão de dança principal, onde ficavam os banheiros, e encontrou uma alcova que oferecia uma vista do terceiro andar das luzes da cidade. Não havia mais ninguém ali, então ele tirou alguns minutos de silêncio para si mesmo, apoiado contra o vidro e observando o trânsito lá embaixo.

Sentiu Kip chegando por trás antes mesmo de ver o reflexo no vidro, logo acima de seu ombro.

— Oi — disse ele numa voz baixa.

Scott fechou os olhos e forçou o friozinho na barriga a se controlar.

Ele se virou.

— A gente provavelmente não deveria estar juntos aqui.

— Provavelmente não. — Kip deu um passo à frente, invadindo o espaço pessoal de Scott e comandando os sentidos dele. O cheiro marcante da loção pós-barba dele era intoxicante.

— Fizeram um bom trabalho no terno — disse Scott, trêmulo. — Te vestiu… muito bem.

— Hum.

A boca de Kip estava tão perto, e os lábios de Scott se abriram completamente por conta própria. Seria tão fácil se aproximar e fazer o que

queria…

— A comida estava gostosa — disse Kip, puxando papo.

— Estava? Não prestei muita atenção.

— Distraído?

— Talvez.

— Parece que você ainda está com fome.

Trêmulo, Scott soltou o ar.

— Caramba, Kip.

Kip abriu um sorriso sexy, daqueles que Scott geralmente amava muito, mas ali…

Os olhos de Kip desceram até a virilha de Scott, e o sorriso ficou maior.

A gente podia ir embora. Podia ir embora agora mesmo…

— É melhor eu voltar — disse Kip, em um tom tão casual que chegava a ser irritante.

Scott mordeu a língua com força o suficiente para voltar ao planeta Terra e grunhiu:

— Você está encrencado mais tarde.

Kip arregalou os olhos, mas conseguiu sorrir antes de se virar e partir. Scott sorriu ao observá-lo se afastando, feliz por ter conseguido revidar um pouco.

Ele tirou um momento para se recompor e depois voltou ao salão de dança. Devia ter perdido a sobremesa, porque as mesas já estavam sendo retiradas para abrir mais espaço para danças e socialização.

Ele não encontrou Kip em lugar nenhum.

Houve uma comoção na multidão quando as luzes abaixaram e o palco onde Jacqueline estava falando mais cedo de repente se virou para revelar um famoso cantor de eventos e sua orquestra.

Scott interagiu por um tempinho, trocando ideia com celebridades importantes e alguns dos maiores CEOs de Nova York. Ele tinha acabado de encerrar uma conversa com um astronauta de verdade quando alguém tocou seu ombro.

— Se não me engano, me prometeram uma dança — disse Elena.

Scott sorriu, genuinamente feliz ao vê-la. Ele estendeu o braço para que ela se apoiasse e os dois caminharam até a pista, que àquela altura já estava bem cheia.

— Sou um péssimo dançarino — alertou ele.

— Eu compenso por nós dois.

Ela era *mesmo* uma dançarina fantástica. Scott rapidamente encontrou o

ritmo conforme iam dançando um simples "dois pra lá, dois pra cá" enquanto a banda tocava "Fly Me to the Moon".

— Sabe, eu estava conversando agora mesmo com um astronauta de verdade — comentou Scott. — Será que ele gosta dessa música?

Elena ignorou educadamente a tentativa desastrosa de puxar conversa fiada.

— Está se divertindo essa noite?

— Claro. — Ele abaixou a voz. — Como o Kip está?

— Acho que mais focado no after.

— Bom, somos dois então.

Ela analisou o rosto dele.

— Você gosta dele.

— Gosto. Eu… Eu gosto *muito* dele.

— Que bom — disse ela. — Porque ele tá doidinho por você. E você precisa entender como isso é novidade para ele.

— Acha que eu vou magoar ele?

— Não sei. Acabei de te conhecer. Me convença do contrário.

Scott suspirou. Ele não tinha falado com ninguém sobre seus sentimentos por Kip até aquele momento. Era bom ter alguém para compartilhar aquilo, mas também era assustador.

— Não consigo explicar, porque não faz sentido o quão rápido eu…

— Se apaixonou?

Scott sentiu que estava corando.

— É.

Ela espremeu a mão dele.

— Você está pedindo muito dele, sabia?

— Eu sei. Não vou prometer mais do que posso oferecer, mas… vou dar tudo o que eu for capaz para ele.

— Em segredo?

— Por enquanto.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Como eu disse, não vou prometer mais do que posso oferecer — continuou Scott. — Mas isso é novidade. Acho que, com o tempo, poderei oferecer mais.

Ela pareceu considerar aquilo.

— Tá bom.

Scott pigarreou.

— Você gosta de trabalhar na Equinox?

— Gosto. Posso fazer o que amo, eles me tratam com respeito, e o dinheiro é absurdo.

Scott riu.

— Parece o meu trabalho.

Quando a música terminou, Elena chegou mais perto.

— Pode me beijar, se quiser. Se quiser… divergir a atenção.

Ele sorriu, tocado pela oferta, e a beijou na bochecha.

— Obrigado. Mas não vou fazer isso com você.

— Não seria tão difícil assim pra mim. — Antes de se separarem, ela disse: — O Kip é a melhor pessoa que conheço. E nunca o vi tão feliz como nos últimos dias. Eu sou protetora assim com ele porque o amo.

— Eu sei. — Scott queria dizer a ela que também o amava, mas nunca havia falado aquilo em voz alta antes. Nem sequer se permitira considerar de verdade essa possibilidade, mas, ao sair da pista com Elena e avistar Kip sentado, relaxado em uma poltrona macia enquanto os observava…

…o que mais aquele sentimento poderia *ser*?

Scott e Elena ficavam lindos juntos, dançando, e Kip sentiu inveja. Queria poder estar nos braços de Scott, e se consolou lembrando que em breve estaria.

Mas seria legal poder dançar com ele. Kip não *precisava* que as pessoas soubessem que os dois estavam juntos. Não estava interessado em aparecer ou em ser exibido. Só queira… poder compartilhar tudo com Scott.

Ele os observou saindo da pista. Elena foi imediatamente chamada para dançar com outra pessoa, e Scott desapareceu no meio da multidão. Kip suspirou. Estava ficando entediado. Não queria mais beber e se sentia inadequado para iniciar conversas.

Estava observando a festa, tentando aproveitar o espetáculo, quando seu celular vibrou.

Scott: 161912

Kip encarou o celular, confuso. Será que Scott tinha enviado uma mensagem errada sem querer?

Uma segunda notificação chegou.

Scott: A senha da porta. É a mesma para o elevador.

Kip olhou para cima. Scott estava recostado em uma parede do outro lado daquele salão gigantesco, digitando no telefone.

Scott: Te vejo lá. Manda mensagem quando estiver indo.

Kip sorriu. Ele estava igualmente empolgado para voltar ao apartamento, e

tocado por Scott ter confiado a senha nele.

Respondeu: Estou saindo agora. Só vou me despedir da Elena.

Scott estava tentando ir embora quando Carter o interrompeu.

— Scotty! Era ela? Era ela? Eu te *vi*, cara! — Ele jogou o braço ao redor do pescoço de Scott e o puxou para perto. — Eu te vi! Mulher linda pra caralho, Scott! Mandou bem, meu parceiro!

Dava para ver que Carter tinha bebido.

— Relaxa — disse ele num sussurro que era mais alto do que a voz normal da maioria das pessoas. — Seu segredo está seguro comigo.

— Hum, claro, obrigado, Carter — disse Scott, se desvencilhando do braço dele. — Eu estava de saída, então…

— Eu entendo, cara. Eu *entendo*. Ela vai em outro carro?

— Aham.

— Tô ligado. Tenha uma boa noite, Hunter! Uma *bela* noite!

Scott soltou o ar ao ir embora. As coisas estavam ficando complicadas.

O carro esperava lá embaixo. Ele mergulhou no silêncio agradável assim que ficou sozinho no banco de trás.

O motorista o levou para casa.

Capítulo catorze

Kip considerou tirar toda a roupa e esperar por Scott pelado, na cama dele.

Depois lembrou que estava vestindo um terno muito caro e estava bonito para caramba. E Scott não tinha dito alguma coisa sobre querer tirar o terno dele?

Kip sorriu no apartamento vazio. Manteve as luzes baixas e se sentou no sofá, admirando a vista do Brooklyn.

Ele teve uma ideia.

Conectou o celular no som bluetooth de Scott e colocou uma playlist de jazz romântico para tocar no Spotify. Ele esperou.

Quase meia hora se passou quando ele ouviu o clique da porta sendo aberta.

Ele se levantou, mas não caminhou até a porta. Só ficou parado na penumbra da sala, com as luzes da cidade ao fundo. Deixaria Scott vir até ele.

— Kip? — chamou Scott numa voz suave.

Kip não respondeu. Ele apoiou o quadril no rack onde ficava a TV de Scott e cruzou os braços enquanto Frank Sinatra cantava "I've Got You Under My Skin".

Scott entrou na sala.

— Kip. Meu deus. — Scott correu na direção dele como se Kip fosse o primeiro copo de água que ele bebia em dias.

Kip estava esperando ser jogado contra a parede e beijado agressivamente. Esperava ser punido por ter provocado Scott no baile. Em vez disso, Scott apoiou uma mão gentil no rosto de Kip e pareceu ficar só o admirando por um momento. Havia uma urgência nos olhos de Scott, mas, quando ele enfim se aproximou e beijou Kip, foi lento e deliberado. Não era uma conversa; era Scott dizendo a ele algo importante e se certificando de que Kip estava ouvindo.

Quando os lábios se afastaram, Kip estava todo derretido.

— Uau — disse ele num suspiro.

— Passei a noite inteira querendo fazer isso — disse Scott. Sua voz soava rouca enquanto observava Kip como se não acreditasse que ele fosse real, o

cenho franzido e a expressão quase aflita.

— Ei — disse Kip, beijando-o. Ele apoiou a mão no peito de Scott, por cima da lapela do paletó, e deixou sua língua explorar a boca dele, sem pressa e com reverência.

Os dois se beijaram daquele jeito por um bom tempo, com Kip pressionado contra o rack, sem nunca avançar para além do beijo. Etta James começou a cantar "At Last".

— Quer dançar? — perguntou ele.

— Nem um pouco sutil, né? — perguntou Scott, apontando para a caixa de som.

Kip sorriu.

— Vamos, me mostra o que a Elena te ensinou.

Scott balançou a cabeça, mas pegou Kip pela mão e o guiou até o meio da sala. Ele apoiou a outra mão na lombar de Kip, que sorriu e o deixou guiar. Envolveu o braço livre ao redor dele, deslizando a mão pela coluna e parando os dedos nos cabelos curtos da nuca de Scott.

Scott era um dançarino desengonçado, mas Kip não se importava. Ele apoiou a cabeça no ombro de Scott e suspirou de felicidade.

— Queria poder ter dançado com você lá — disse Scott.

— Tá tudo bem.

— Não está, não. Queria te mostrar pra todo mundo. O homem mais lindo da festa estava *comigo* e eu nem pude contar pra ninguém.

Kip sorriu.

— Não sabia que você era de se gabar.

— Não sou. É só que…

— Eu queria poder sair em encontros com você.

Scott engoliu em seco.

— Aonde você me levaria?

Kip pensou.

— Numa boate — disse ele, finalmente. — A gente se perderia na música. Eu ia amar te ver se soltando assim. Em público. Provocando um ao outro e depois voltando pra casa.

— Meu deus — disse Scott. — Eu ia gostar. Nunca fui para uma boate gay. Não em Nova York, pelo menos.

— Eu conheço algumas muito boas. Um dia, quem sabe?

— Um dia.

Eles dançaram, e Kip se deixou levar. Ele mergulhou no romance do

momento, de estar envolvido com Scott, o tecido luxuoso do smoking sob suas mãos. O cheiro suave dos produtos de beleza que ele usava. As luzes da cidade ao redor enquanto eles se pressionavam um contra o outro o máximo que podiam, enquanto nadavam nos cenários imaginários onde estavam juntos fora das paredes seguras daquele apartamento.

Eles dançaram, e Kip virou a cabeça para poder dar uns beijinhos no maxilar forte de Scott. Manter a boca ocupada o impedia de soltar declarações tão prematuras que seriam vergonhosas.

Os dedos de Scott tocaram levemente a lombar Kip, que se perguntou se Scott sentia a mesma coisa: cheio demais de *sentimentos*. Cheio de palavras que não conseguia nem imaginar dizer em voz alta. Seus dedos também tremeram um pouco, então ele agarrou o cabelo de Scott.

— Quero ir para todos os lugares com você — disse Scott.

E Kip conseguiu ouvir a tristeza naquelas palavras. Conseguiu ouvir o *Mas não posso* que ficou não dito. Mas Kip ignorou. Naquela noite, ele iria ignorar.

Scott estava atordoado.

De alguma forma, dançar completamente vestido na sala de estar era a experiência mais romântica da sua vida. Ele amava ter Kip em seus braços, na sua casa, vestindo *seu* terno. Os sentidos dele estavam *repletos* de Kip.

Quando a música terminou, Scott deu um passo para trás porque precisava olhar para ele. Precisava se certificar de que aquele homem maravilhoso estava mesmo *ali*. De que ele era mesmo seu namorado.

Kip sorriu envergonhado para ele, e Scott ficou paralisado por um momento.

— Que foi? — perguntou Kip, com a voz pouco acima de um sussurro.

Scott balançou a cabeça.

— Às vezes eu… — Ele soltou o ar, tentando desacelerar o retumbar do coração. — Não acredito que você é real.

Assim que as palavras saíram, ele corou. *Que coisa mais idiota de se dizer!*

Mas Kip só riu e colocou a mão no peito de Scott, por cima do coração acelerado, e disse:

— Eu fico toda hora achando que vou acordar.

A garganta de Scott apertou, e seu coração acelerou absurdamente. Ele levantou a cabeça de Kip com um dedo gentil e o beijou. Foi apenas um toque macio dos seus lábios nos de Kip, mas Scott foi tomado por um calafrio.

Qual é o meu problema? Ele se sentia sobrecarregado, como se seu corpo estivesse aprisionando algo gigante e selvagem, que se debatia contra suas

costelas, desesperado para sair.

Ele fez cafuné em Kip e curvou a outra mão ao redor da cintura dele. Kip se agarrou nas lapelas, puxando-o para perto e abrindo a boca para beijá-lo direito. O calor molhado da boca de Kip e a pressão urgente do seu corpo contra o de Scott o trouxeram de volta à realidade. Aquilo era real. Kip era real. E Scott precisava tirar aquele terno dele.

Depois de ser beijado até quase não dar mais, Scott tocou no botão do terno de Kip. Ele o abriu e deslizou a mão pelos ombros para tirar a peça, deixando-a cair no chão.

— Eu meio que odeio ter que fazer isso — disse ele em voz baixa. — Você está tão lindo. Mas meus planos para o resto da noite não envolvem roupas.

Kip abriu um daqueles sorrisos devastadores, e Scott tirou a gravata borboleta dele. As pontas se desdobraram e ficaram penduradas sobre o peito de Kip. Scott puxou uma das pontas de leve antes de abrir o primeiro botão da camisa. Abriu mais dois, deixando a gola escancarada, mostrando o pescoço e o topo da camiseta de baixo. Seus dedos flutuaram sobre a garganta de Kip, roçando de leve sobre o pomo de adão e o fazendo respirar fundo.

Nina Simone cantava "I Put a Spell on You".

Scott desabotoou a camisa de Kip até o fim e a deixou aberta. O peito de Kip subia e descia, e ele encarava Scott com voracidade, mas sem dizer nada. Scott pegou a mão esquerda de Kip e esticou o braço dele, reto e para a frente. Ele desabotoou a abotoadura e levou o punho de Kip até a boca, beijando a pele sensível ali e sentindo a pulsação do barista acelerar. Fez o mesmo com o outro punho, e depois colocou as duas abotoaduras no bolso de Kip, que abriu um sorriso.

Scott o observou por um momento.

— Tire os sapatos — disse ele. — E as meias.

Scott deu um passo para trás enquanto Kip seguia as instruções. Era tão fácil para ele entrar nesse papel autoritário, disfarçar o nervosismo com um tom firme e frio. E, meu deus, o jeito como Kip o obedecia com tanta vontade fazia a cabeça de Scott girar.

Kip se levantou ao terminar, descalço e com a calça ainda abotoada, a camisa social aberta revelando a camiseta branca por baixo. O smoking de Scott permanecia completamente intacto, e ele amava aquele contraste.

O corte ajustado da calça de Kip não era capaz de esconder o volume que se formou enquanto Scott o despia. Scott ignorou. Por enquanto. Em vez disso, tirou a camisa social e a jogou no chão, junto com o terno.

Ele passou a mão pela lateral do corpo de Kip, deslizando os dedos por dentro do cós da calça, o suficiente para puxar a bainha da camiseta para fora. Ele tirou a camiseta, lentamente, deslizando as palmas das mãos pela pele macia da barriga de Kip, que levantou os braços para Scott puxar a camiseta pela cabeça dele.

Quando a camiseta foi retirada, Scott segurou os punhos de Kip com uma só mão, mantendo os braços dele estendidos sobre a cabeça. Kip fechou os olhos e Scott uniu sua boca com a dele. Beijou-o com avidez, as bocas deslizando uma na outra até ele soltar os punhos de Kip e dar um passo para trás.

A respiração de Kip estava ofegante, e seu olhar, obscuro. Ele parecia querer dizer alguma coisa, mas não queria quebrar a tensão daquele silêncio delicioso que os dois haviam criado. Em vez disso, ele mordeu o lábio inferior e esperou.

Scott sorriu para si mesmo ao andar em volta de Kip até parar atrás dele. Então chutou as roupas removidas que haviam caído numa pilha no chão e beijou a nuca de Kip, que gemeu e inclinou a cabeça, se apoiando no ombro de Scott. O jogador, por sua vez, envolveu um braço possessivo ao redor do peito dele. Com a mão livre, Kip se agarrou a Scott, se pressionando contra ele.

— Kip… — Scott ofegou contra a pele dele, acabando com o silêncio. Não conseguia se segurar. Se sentia bêbado.

Ele pressionou a virilha contra a bunda de Kip para que ele pudesse sentir como estava excitado naquele momento.

— Porra. Por favor — arquejou Kip.

Kip agarrou a mão de Scott e a moveu até sua virilha, e Scott gemeu, amando o quanto Kip estava sedento.

— Não se preocupa — ele sussurrou no ouvido de Kip. — Vou te dar tudo que você quer.

Kip estremeceu e, lentamente, Scott abriu o zíper da calça, por cima da ereção contida. Assim que a calça foi aberta, Scott moveu as mãos para a cintura de Kip, que gemeu em frustração, mas Scott o ignorou, e foi descendo os dedos pelo cós e empurrando a calça para o chão. Kip deu um passo para tirar a calça e se virou, com o pau completamente duro e preso no tecido da cueca preta, a cabeça quase escapando pelo elástico.

Scott mordeu o lábio, se sentindo atordoado mais uma vez. Havia palavras que ele gostaria de dizer, mas ainda não. Não quando os dois estavam insanos de tesão.

Em vez disso, também tirou o terno e os sapatos. Desfez o nó da gravata borboleta e removeu as abotoaduras. Ele tirou tudo, deixando Kip assistir. Não

queria dar um show, apenas remover cada peça lenta e cuidadosamente. Quando ficou só de cueca, ele deu um passo para a frente e o beijou.

Assim que as duas bocas se uniram, Scott perdeu a habilidade de se segurar. Ele se enroscou em Kip, desejando-o por toda parte, e Kip respondeu enfiando as mãos na parte de trás da cueca de Scott, agarrando a bunda dele. O beijo rapidamente ficou selvagem e faminto, e Scott não conseguia mais esperar. Fora uma noite inteira de provocação, e ele precisava dar um fim aquilo. Precisava estar dentro dele.

Num movimento que surpreendeu aos dois, Scott ergueu Kip do chão, segurando-o com firmeza enquanto Kip envolvia as penas fortes no corpo dele. Scott o carregou até o quarto daquele jeito, como se Kip tivesse metade do tamanho que realmente tinha.

Quando chegaram lá, Scott o jogou na cama e foi para cima dele na mesma hora. Ele puxou os braços de Kip por cima da cabeça e prendeu os punhos dele com uma das mãos, depois voltou a beijá-lo com voracidade.

— Ai, porra, Scott — arquejou Kip. — Isso.

Scott o queria *tanto*. Queria que tivessem tempo infinito. Que nunca precisassem dormir. Meu deus, no dia seguinte ele teria que viajar pela porra de *uma semana* inteira. Precisava saciar as vontades agora.

— Por favor, me come — pediu Kip, baixinho. — Por favor. Sei que a gente falou sobre você sentar em mim, e eu quero isso, mas meu deus, *preciso* que você me coma. O jeito como você passou a noite inteira me olhando, tirando minha roupa… Porra, *por favor*.

— Eu vou — prometeu Scott. — Eu quero. Acredite.

Ele rapidamente tirou a cueca. Estava prestes a pegar camisinha e lubrificante na gaveta quando Kip o agarrou pelo punho.

— Deixa eu te chupar. Por favor. Vem cá.

Scott grunhiu e moveu o corpo para cima até ficar praticamente montado no rosto de Kip, e seu namorado lindo e guloso não perdeu tempo antes de enfiar o pau dele na boca. Kip gemeu de felicidade, piscando até fechar os olhos.

— Nossa, Kip.

Kip provocou o pau de Scott com a língua, deslizando lentamente pela cabeça e engolindo o máximo que conseguia daquele ângulo. A sensação era incrível. Scott escutou o clique da tampa de um frasco se abrindo e percebeu que Kip estava usando dedos lubrificados para se abrir embaixo dele.

A expressão de Kip era tão relaxada. Ele estava feliz lambendo e chupando Scott enquanto metia os dedos em si mesmo.

— Meu deus, você adora, né? — grunhiu Scott.

Kip respondeu com um olhar penetrante, pressionando a língua contra a ponta do pau de Scott.

Scott estava se sentindo perigosamente bem, calor e tensão já se acumulando ali embaixo. Ele precisava avançar para a próxima parte.

Tirou o pau da boca de Kip e se moveu para poder ver os dedos dele trabalhando. Porra, poderia assistir a Kip se tocar para sempre. Ele ficava lindo para caramba daquele jeito. Scott pensou no pau de Kip, que ainda não havia sido tocado, e agora pulsava de empolgação, como se estivesse esperando por atenção.

— Meu deus, olha pra você — disse Scott.

— Quero o seu… Quero o seu pau.

— Quantos dedos? — Ele não tinha ideia de onde vinha aquela ousadia toda.

— D-dois.

— Mais um — instruiu Scott.

Kip gemeu um pouco e adicionou um terceiro dedo. Ele se contorceu enquanto se abria.

— Tá pronto pra mim?

— Sim. Porra. Tô. Vem.

Scott colocou a camisinha e pensou no movimento seguinte enquanto lubrificava o pau. Ele já tinha pensado em comer Kip de quatro, só para poder meter com força por trás, mas a verdade é que Scott queria ver o rosto de Kip. Queria vê-lo gozar.

Kip tirou os dedos e Scott não perdeu tempo. Ergueu o quadril de Kip e meteu com tudo, enfiando o pau bem fundo numa só estocada. Kip berrou e Scott deu um grito, mas depois de se certificar de que Kip não havia se machucado, ele o fodeu forte e rápido.

A cabeça do pau de Kip já estava molhado. Scott ainda não o havia tocado ali. Por quase toda a noite.

— Ai, Scott. Que perfeito. *Porra*.

— Você vai… caralho, olha só pra você. Eu nem te toquei ainda.

— Eu sei. Eu sei. Continua.

Kip seguia revirando os olhos; parecia completamente imerso e, naquele momento, Scott estava determinado a fazê-lo gozar primeiro. Queria ver se conseguiria, sem tocar no pau dele. Sem permitir que Kip tivesse qualquer tipo de fricção ali.

— Você consegue? — perguntou Scott. — Vai gozar pra mim?

— Porra. Acho que sim. Aham.

— Meu deus, sério? Caralho, goza então. Por favor.

— Estou quase. Só… não para.

Scott moveu o quadril com mais força, tratando aquilo como um desafio.

— Assim que você gozar, eu vou gozar também — disse ele, em partes como encorajamento, em partes pontuando o fato.

— Ah! — Kip agarrou o lençol. Seus olhos estavam fechados com força, os dentes cerrados.

— Vai gozar? Ai, porra, Kip, olha só pra você. Vai gozar, não vai?

— Vou! — afirmou ele, entredentes. — Porra… *Porra*…

Kip gritou, arregalando os olhos ao gozar pelo corpo todo. Ele jorrou sem parar enquanto os dois observavam, maravilhados. Então, Scott, como prometido, grunhiu e gozou dentro de Kip, se banhando de alívio.

Scott o beijou e beijou de novo, depois o girou na cama para que Kip pudesse se deitar em cima dele, e então se beijaram um pouco mais.

Kip se levantou para montar na barriga de Scott.

— Isso foi incrível.

— Foi mesmo — disse Scott. — Eu…

— São uma e meia da manhã — disse Kip, sorrindo e acariciando o cabelo de Scott. — A gente consegue mais uma rodada essa noite, não acha?

— Acho. — Scott sorriu. Ele olhou para Kip e soube. Teve certeza.

Scott Hunter estava apaixonado.

Capítulo quinze

Kip se sentou na cama de Scott e o observou arrumar a mala para a viagem de trabalho. Ele vestia a própria calça jeans e um dos casacos de moletom do Admirals que Scott tinha. Era grande demais, mas Kip adorava usá-lo.

— Posso ficar com esse aqui? — perguntou ele, puxando os cordões do moletom. — Enquanto você estiver viajando?

— Claro — respondeu Scott, jogando algumas cuecas na mala. — Desde que você pense em mim toda vez que usar.

— Vou pensar em você independentemente do que eu estiver vestindo.

Scott sorriu e o beijou. Teria que sair às duas da tarde para pegar o ônibus do time até o aeroporto. Sendo assim, os dois só tinham mais algumas horas juntos antes de se separarem por nove dias.

— Eu estava pensando… — começou Scott. — Você bem que podia ficar aqui enquanto eu estiver fora.

Kip não estava esperando por aquilo. Não sabia o que dizer.

— Não o tempo todo, se não quiser — acrescentou Scott depressa. — Quer dizer, você nem precisa ficar, óbvio. Só pensei que…

— Sério? Você quer que eu fique?

— Aham. Quero. Gosto de pensar em você aqui em casa enquanto estou fora. Pelo menos de vez em quando. Além do mais, seria mais fácil pra você chegar no trabalho, né?

O que Scott não disse, por educação, é que aquele era um apartamento de adulto, e não a casa dos pais de Kip.

— Se você não se importar, sim. Seria ótimo — disse Kip.

— Não me importo. Assim posso ficar pensando em você dormindo na minha cama enquanto estou num quarto solitário de hotel.

— Você vai ter um colega de quarto — apontou Kip.

— Não é a mesma coisa.

— E se você conseguir um tempo sozinho no quarto, a gente pode…

Scott deu uma risadinha.

— Acredite, vou te ligar. Sempre que eu puder.

Ele levantou as meias azuis que ganhou de Kip no Dia dos Namorados e as colocou na mala. Kip deu um sorrisinho.

— Então… — comentou Scott. — Volto numa segunda-feira. E fico na cidade por uma semana. Como vamos comemorar meu retorno?

— Bom… — disse Kip. — Eu meio que já tenho planos pra essa noite.

— Ah.

— Sim, quer dizer, não é nada de mais, mas… é que meu aniversário vai cair bem nessa segunda. E eu vou sair pra beber com uns amigos, sei lá. Mas depois disso a gente pode…

Scott congelou.

— É seu *aniversário*?

— Aham, mas tá tudo bem. Vinte e seis não é uma idade lá muito importante. Além do mais, por que você saberia quando é meu aniversário?

— Porque eu deveria ter *perguntado*!

— Bom… ano que vem você lembra. — Kip percebeu bem na hora o que aquelas palavras davam a entender. Olhou acanhado para Scott, que só reagiu com um sorriso feliz de partir o coração.

— Eu vou lembrar — disse ele.

Kip corou um pouco. Ficou repuxando os cordões do moletom, tentando se distrair de todos aqueles malditos *sentimentos*.

Estava apaixonado. Não havia dúvidas. Estava caidinho por Scott Hunter. Era absurdo, mas era a realidade.

— Então… — disse ele, cambaleante. — Para onde é a sua viagem?

Scott suspirou.

— Pra lugares demais. Primeiro Columbus. Depois Detroit, Toronto, Winnipeg, Ottawa e Montreal. Os voos são curtos, pelo menos.

— Ah, é? Que bom — disse Kip. Depois, por nenhum motivo em particular, completou: — Eu nunca andei de avião.

— Sério?

— Sério. Nunca tive que ir para outro lugar, na verdade.

— Ah, Kip! E você estudou história! Tem tanta coisa pra você ver!

Kip deu de ombros.

— Acho que um dia eu vou.

— Eu adoraria te levar para algum lugar — disse Scott.

— Tipo, onde? Winnipeg? Ou Detroit?

— Ah, vai se foder.

— Sim, senhor.

Então, Scott atacou. Derrubou Kip no colchão e ficou por cima dele, tudo num movimento rápido.

— Você está me zoando, Grady?

— Claro que não. — Kip riu. — *Hunter*.

Scott grunhiu e lhe deu um beijo feroz e desafiador.

— Vou sentir tanta saudade de você. Saudade. Pra. Caralho. — Ele moveu a boca pelo pescoço de Kip, mordiscando a pele.

— Me dá alguma coisa — disse Kip num gemido. — Me dá alguma coisa pra eu me lembrar de você.

Scott respirou fundo e pressionou o pau já ficando duro contra a cintura de Kip. Depois, colocou a boca na pele macia bem acima da clavícula dele e chupou com força. Kip se contorceu de alegria sob o peso de Scott enquanto ele o prendia e o marcava.

Scott se afastou lentamente, admirando o que tinha feito.

— Acho que isso vai durar — disse ele. — Talvez até eu voltar.

— Espero que sim — respondeu Kip, todo fraco.

Scott passou o polegar sobre o chupão. Seus olhos estavam selvagens de tesão.

— O que dá tempo de fazer? — perguntou Kip.

— Qualquer coisa. Porra, deixa só eu… Ai, não sei.

— Deixa eu te comer. Sei que você não quer nenhuma marca, mas posso fazer você ficar me sentindo pelo menos por um tempinho.

— Sim. *Porra*, isso. Mas desse jeito. Eu por cima.

— Finalmente, caralho! — Kip sorriu.

Scott arrancou as roupas num frenesi crescente. Kip tirou o casaco de moletom e a camiseta ao mesmo tempo, depois arrancou a calça e a cueca. Ficaram pelados em segundos, e Scott já estava com o lubrificante na mão.

Não tinham muito tempo para preliminares, então Scott se preparou o mais rápido que pôde. Jogou o lubrificante e a camisinha para Kip.

Kip lubrificou o pau, gemendo um pouco enquanto se masturbava lentamente. Quando Scott começou a sentar, foi bom pra cacete. Ele ainda estava muito apertado, e dava para ver em seu rosto que estava doendo um pouco, mas Scott sentou com cuidado até Kip chegar bem lá no fundo.

Ele ficou parado por um instante, dando a Kip a chance de admirá-lo. Ele era puro músculo esculpido e marcas de guerra desbotadas. Coxas grossas, abdômen definido e um peitoral enorme e farto. Suas mãos grandes acariciavam

o peito de Kip, passando os dedos nos pelos dali.

— Você é tão lindo — disse Scott com a voz quieta e reverente.

— Você é perfeito — respondeu Kip num suspiro, e acariciou as bochechas de Scott. — Surreal. Você inteiro. Não acredito que tive tanta sorte.

Scott sorriu e começou a se mexer, subindo e descendo com força. Os dois gemeram, e Kip abriu um sorriso porque aquilo era incrível pra caralho.

Ele apenas aproveitou o show, observando todos aqueles músculos quicando no pau dele. Observando a expressão de Scott se contorcer e relaxar, o suor se formar na pele corada. E Scott estava sentando com tanta força, de maneira tão implacável, que Kip podia sentir que alcançaria a linha de chegada sem fazer nada.

O pau de Scott balançava à frente dele, enorme e duro. Com as mãos ainda lambuzadas do lubrificante que usara em si mesmo, Kip o pegou.

— Issssso… — sibilou Scott.

Kip o masturbou rápido e com força, para acompanhar o ritmo de Scott, que jogou a cabeça para trás e apoiou a mão com firmeza no meio do peito de Kip.

— Ai, meu deus. Ai, meu *deus*, Kip! Eu vou… Porra, estou quase…

— Eu também. Estou quase lá, Scott. Eu… Vai, meu bem. Goza pra mim.

Scott gritou e, um segundo depois, Kip estava tomando um banho de gozo. Scott piscou o cu ao redor do pau dele e Kip não conseguiu mais se segurar. Gozou dentro dele com um grito silencioso e tão forte que seus ouvidos pareciam prestes a explodir.

— Kip… — arquejou Scott. — Porra. Puta que…

Kip estava ali, ofegante na cama, tentando se recompor.

— É. Pois é, Scott. Vem cá.

Scott saiu de cima de Kip e caiu ao lado dele na cama. Kip segurou o rosto dele e o beijou, todo tonto. Não conseguia parar de sorrir. Estava fora de si. A sensação era de que… era um homem muito apaixonado.

Scott passou os dedos sobre o chupão que deixara na pele de Kip, na base do pescoço.

— Exagerei? — perguntou ele. — Acabou ficando maior do que eu imaginei…

— Não — disse Kip, cobrindo a mão. — Ficou perfeito. Obrigado.

— Você nem viu ainda — disse Scott com ternura.

— Não me importo. Eu amo. — Eu te *amo*.

Scott o beijou de novo e depois suspirou.

— Preciso terminar de fazer a mala.

— Não dá pra ligar lá e dizer que você tá doente? — provocou Kip.

— Sim, sim. Vou fazer isso, Grady.

Ele rolou para fora da cama e entrou no banheiro, deixando Kip sozinho, encarando o teto. Antes que Scott saísse por nove dias, será que Kip deveria… contar como se sentia?

Ele balançou a cabeça. E se fosse exagero? Só *podia* ser exagero, né? Se contasse a Scott que agora estava apaixonado, Scott ficaria longe por uma semana pensando em como aquilo foi esquisito. Kip já conseguia imaginá-lo voltando da viagem e dizendo que o lance entre eles não ia mais funcionar. A cena era devastadoramente realista na mente dele.

Não valia a pena porra nenhuma.

Ele trocou de lugar com Scott no banheiro e se limpou. Inspecionou o chupão. Scott não estava brincando quando disse que era grande, mas Kip ficou feliz com a marca.

Ele voltou para o quarto, onde Scott já estava vestindo um terno cinza deslumbrante.

— Pior que eu adoro o código de vestimenta da NHL para as viagens dos times — disse Kip, admirando o jeito como o corte perfeito destacava os ombros largos e a cintura fina de Scott.

— Já eu, detesto — murmurou Scott. Ele deu o nó da gravata com a facilidade de quem já fizera aquilo inúmeras vezes desde criança.

Enquanto Kip pegava a cueca do chão, Scott disse:

— Ontem à noite você disse que conhecia umas baladas legais.

— Sim — disse Kip. Mais uma vez, as palavras de Scott o surpreenderam. — Conheço.

— É que eu estava pensando. Você… costuma ir à baladas com frequência?

— Não muito. Já faz um tempinho.

Scott pareceu relaxar um pouco, o que foi meio esquisito.

— Ah. Tudo bem. Não é nada. Enfim. Esquece o que eu falei.

— Scott — começou Kip —, você está tentando perguntar se ando ficando com outros caras enquanto a gente…?

— Não! — respondeu Scott, rápido demais. — Quer dizer. Tipo. Sim. Mas não porque… Não vou te dizer para não fazer isso. Sei que não estou sempre disponível.

— Scott — repetiu Kip. Ele caminhou por trás e envolveu os braços no peitoral ridículo de grande de Scott.

— Desculpa — disse Scott. — Não sou… ciumento. É só que… não sei

como essas coisas funcionam.

— Não tem regra nenhuma — explicou Kip. — A não ser que a gente estabeleça alguma. Mas pra mim não precisa.

— Tá bom.

— Eu não saí com mais ninguém desde que nos conhecemos. Só pra você saber.

— Nem eu.

Kip riu.

— Ah, não brinca.

Scott riu também, depois se virou e beijou Kip.

— Você é o suficiente pra mim — disse Kip. — Mais do que o suficiente. Não tenho problema nenhum em esperar por você.

— Sei que é besteira, mas fico muito feliz em ouvir isso.

Kip deixou Scott terminar de fazer as malas enquanto se vestia. Faltando cinco minutos para as duas, Scott lhe deu um beijo de despedida, perto da porta.

— Me manda mensagem sempre que quiser — disse Scott. — E vou te ligar sempre que eu puder. Por vídeo. Tô levando meu iPad. A gente pode fazer chamada no Skype. Quem sabe até…

— Sim. Eu adoraria. — Kip o puxou para outro beijo. Estava sendo muito difícil se despedir. Mais do que já tinha sido antes.

— Tá bom — disse Scott, por fim, e pegou sua mala. — A gente se vê daqui a nove dias.

— Nove dias.

— Tchau.

— Tchau.

Scott saiu rapidamente antes que pudessem se tocar de novo. Kip suspirou e se apoiou na parede. Lágrimas de verdade lhe deixaram com os olhos ardendo, o que era vergonhoso. Parecia até que Scott estava partindo para a *guerra*.

Ficou surpreso quando, alguns minutos depois, a porta fez barulho e se abriu. Scott entrou, parecendo um pouco perdido.

— Eu, hum — começou ele, com o rosto todo angustiado. Estava sem a mala. Devia ter ido até o carro e voltado. — Eu estava pensando… Aviões e tal, sabe? E tudo pode acontecer…

— Scott?

— Eu te amo — disse ele. — Só queria dizer isso. Antes de ir viajar.

Kip ficou boquiaberto.

— Eu não espero que você, tipo, diga também nem nada assim. Sei que provavelmente é algo ridículo de se falar ou sentir agora, mas estou apaixonado por você. E quero que você saiba disso.

As lágrimas que vinham se formando agora estavam *inundando* os olhos de Kip. Ele não estava mais envergonhado do choro.

— Kip?

Kip franziu os lábios e meneou a cabeça, tentando se recompor.

— Desculpa — disse ele, finalmente. — É só que… achei que só eu estava me sentindo assim.

O rosto de Scott se iluminou. Num piscar de olhos, toda a agonia que sentia desapareceu.

— Não é só você. — Ele diminuiu a distância entre os dois, segurou o rosto de Kip e foi secando as lágrimas com o polegar. Os olhos de Scott estavam marejados também.

— Eu queria te falar — começou Kip.

— Fala agora.

— Eu te amo. Scott, eu estou… *completamente* apaixonado por você.

Ainda segurando o rosto dele, Scott ficou radiante e o beijou. Kip levantou as mãos e fez o mesmo.

— Porra... — Scott suspirou. — Agora eu tenho *mesmo* que ir.

— Eu sei.

— Tô feliz por ter te contado.

— Eu também.

— Mas agora ficou difícil pra caralho ir embora.

Kip fungou.

— Pois é.

Scott o beijou mais uma vez.

— Eu te ligo — disse ele, voltando na direção na porta. — Hoje à noite. Te amo.

Kip riu, ainda choroso.

— Também te amo. Vai lá vencer seis partidas de hóquei.

— Deixa comigo.

E, com isso, ele se foi. Mas dessa vez, quando Kip se apoiou na parede, estava sorrindo de orelha a orelha.

*

Scott decidiu se sentar com o mais novo colega de time, Matti Jalo, durante o voo para Columbus. Mesmo com os assentos de couro superespaçosos do jatinho particular, era apertado encaixar seu corpo largo ao lado do porte enorme de Jalo. Sem contar o desconforto na bunda ainda dolorida depois de ter dado para Kip mais cedo naquela tarde.

Não que isso fosse um problema.

Carter estava sentado do outro lado do corredor, ao lado deles.

— Sabem como eu chamo essa viagem? Viagem de merda. Seis jogos em oito dias, e todos em cidades geladas e péssimas.

— O frio não me incomoda — disse Jalo, animado. — Sou finlandês. O gelo corre nas nossas veias!

— Esse bíceps aí parece um iceberg, filhão! — disse Carter.

Jalo riu.

— De onde você é, Carter? Tem medo de frio?

— Não tenho medo de nada. Sou de um monte de lugares. Vivi me mudando, sabe? Família de militar. Mas passei muitos anos na Dakota do Norte, e nem ferrando que a Finlândia é mais fria do que aquele lugar.

Jalo sorriu.

— Já conheceu a Finlândia?

— Ainda não tive o prazer. É parecida com a Suécia? Pra Suécia eu já fui.

— Não — respondeu Jalo, ficando sério de repente.

Carter gargalhou.

— Senti uma certa rivalidade aí, acertei? — perguntou Scott.

Jalo olhou sério para ele.

— A Finlândia é melhor do que a Suécia.

Scott levantou as mãos, em um gesto de rendição.

— Entendido!

O voo foi curto, o que era bom considerando o desconforto de Scott, apertado entre Jalo e a janela. A verdade é que ele normalmente não teria se importado em ficar espremido contra todos aqueles músculos. Jalo era, em resumo, um absurdo de gostoso. Mais alto até mesmo que Scott por alguns centímetros, e devia ter mais ou menos dez quilos a mais de músculo, com olhos azuis penetrantes, cabelo loiro quase branco penteado para trás e a barba sempre por fazer. Ele era, definitivamente, uma fantasia ambulante.

Mas a mente de Scott não estava focada no gostosão do assento ao lado; estava era no namorado secreto que deixara para trás. O namorado secreto que ele *amava*.

Sorriu sozinho. Não conseguia acreditar que tinha *dito* mesmo. E que Kip correspondera! Scott se sentia leve e completamente tonto.

O time teria que se encontrar no restaurante do hotel para o jantar assim que se acomodassem. Scott estava dividindo o quarto com Jalo naquela noite, e depois Jalo dividiria com o novo parceiro de defesa pelo resto da viagem.

A energia estava nas alturas enquanto o time aproveitava o jantar junto. Todos estavam animados por terem um astro da defesa como Jalo na equipe. E para melhorar, Jalo era muito divertido. Jovial, barulhento e com um apreço por contar histórias com sua voz retumbante e o sotaque finlandês ritmado. Ele gostava de beber cerveja e pagar as rodadas (embora Scott tenha garantido que bebessem apenas duas naquela noite, já que iriam treinar cedo na manhã seguinte). Scott gostava do sujeito. Todos gostavam. Ele era o oposto de Zullo em praticamente todos os aspectos.

Quando o jantar terminou, Jalo obviamente não teve pressa para voltar pro quarto. Em vez disso, ficou conversando com um grupo de jogadores mais novos que escutavam, vidrados, cada palavra dele.

— Vou subindo — avisou Scott. — Não deixe esses caras ficarem acordados até muito tarde — disse ele num tom de provocação, para não soar com um paizão.

Mas Scott sabia o papel que cumpria no time. Ele não era Jalo. Ele era o chato responsável.

O chato responsável que iria ligar para o *namorado* naquele momento!

Scott apertou o botão de chamada antes mesmo de fechar a porta do quarto. Eram quase dez da noite.

— Oi — disse Kip ao atender. A voz dele estava baixa.

— Está no meu apartamento?

— Não, estou em casa. Vou passar a noite aqui. Talvez vá para lá amanhã à noite.

— Seus pais vão… ficar perguntando onde você está?

— Você quer saber se eu já contei de nós para eles?

— Não!

— Não contei. Mas sou um homem adulto e eles provavelmente conseguem imaginar por que não volto pra casa às vezes.

— Verdade. Pois é.

— Ei — disse Kip, tímido. — Eu te amo.

Scott sorriu, se sentou na cama, e toda tensão que havia acumulado ao longo do dia foi se dissipando.

— Também te amo. Eu nunca disse isso para ninguém antes. Tirando minha mãe.

— Nem eu. Tirando a Elena, às vezes, mas é diferente.

— É gostoso dizer pra você.

— É — concordou Kip. — É mesmo.

Scott abriu um sorriso bobo para o celular e imaginou Kip fazendo a mesma coisa.

— Então… — disse Kip. — Como o Jalo é?

— O Jalo é ótimo. Todo mundo ama ele.

— Aposto que sim. Eu vi uma entrevista dele na ESPN. Ele meio que é gostoso pra cacete!

— Cá entre nós? Sim. É mesmo.

Kip riu.

— Que inveja do seu trabalho. Ficar no vestiário cercado de homens sarados e suados.

— Bom, você não vai gostar disso, mas… o Jalo é meu colega de quarto essa noite.

— Tá bom, agora fiquei com ciúmes de verdade.

— Não precisa ter ciúme de nada.

— Talvez eu devesse pegar um voo pra Columbus. Ver se você e Jalo fazem um sanduíche comigo.

— Ai meu deus, Kip, para. — Scott estava ficando vermelho no quarto do hotel. Jalo era seu *colega de time*! E agora ele estava imaginando os três…

— Nossa — disse Kip. — Agora só consigo pensar nisso. Melhor encerrar a ligação por aqui. A não ser que você queira…

— Não. Ele vai voltar daqui a pouco. Não posso. Hoje não.

— Azar o seu — disse Kip numa voz grave que atingiu em cheio o pau de Scott.

— Nem vem! — brincou Scott. — Em breve. Prometo.

— Vou assistir ao jogo amanhã à noite. Me liga depois?

— Pego um voo para Detroit imediatamente depois da partida. Mas o jogo em Detroit é de tarde. Te ligo assim que acabar.

— Ai, vou ter que esperar tanto. — Kip suspirou.

— Te mando mensagem amanhã.

— Já estou com saudades. Me manda uma foto assim que a gente desligar, tá bom?

— Tá bom. Você também.

Se despediram e desligaram. Scott tirou uma selfie rápida deitado na cama, tentando parecer um pouco sexy. Enviou para Kip e recebeu uma resposta imediata.

Kip: Eu quis dizer uma foto do Jalo.

Scott riu.

Scott: Vai se foder.

Recebeu uma foto fofa de Kip em resposta, relaxando na cama e vestindo o moletom de Scott.

Ele sorriu para a foto. Amava tanto Kip.

Scott: Obrigado. Te amo.

Kip: Também te amo.

— Então — disse Carter, parando de repente e molhando as canelas de Scott com gelo. — Me conta da sua mina.

Scott revirou os olhos.

— Não tem nada pra contar, Vaughan.

Os dois continuavam no rinque depois do treino da manhã. Scott assistia a alguns novatos recolhendo os discos.

— Nem vem, Scott. Você tá andando por aí com um sorriso besta na cara, cantarolando "How Sweet It Is" o tempo todo. Tá caidinho já.

Scott chutou o gelo.

— Nada a declarar.

— Não entendo como uma garota linda daquelas gostaria de ser vista com um feio como você, mas…

— Tá bom.

Carter olhou sério para ele.

— Estou *mesmo* feliz por você, Scott. Mesmo se você não quiser me contar sobre ela.

Pensativo, Scott virou o olhar para o gelo. Não podia contar para Carter sobre Kip, mas *podia* contar para Carter sobre "Elena".

Ele escolheu as palavras com cuidado.

— Nunca me senti assim por ninguém antes — disse Scott. — É tudo muito novo. Só isso.

Carter deu um tapa no ombro acolchoado dele.

— Aí sim, meu garoto!

— A gente está saindo há algumas semanas e tem sido legal. Estou feliz. Mas quero manter esse assunto em off, tá bom?

— Minha boca é um túmulo.

— Sua boca *nunca* é um túmulo.

— Bom, dessa vez é.

— Obrigado. — Scott olhou para o colega de time, seu *amigo*, e se perguntou se poderia, talvez, contar a verdade para ele. Não naquele momento, óbvio, mas em breve, talvez? Carter era provavelmente seu melhor amigo, e sempre pareceu ser acolhedor e mente aberta. De qualquer forma, nunca era explicitamente homofóbico, e isso já o colocava acima de muitos jogadores da NHL.

Scott gostaria muito de contar para ele. Gostaria de contar para Huff e Bennett também. Gostaria de contar para o mundo inteiro, mas…

— Bora! — exclamou Carter. — Descansar um pouco antes de darmos um pau em Columbus hoje à noite.

— Eu gosto dele — disse Elena.

As palavras saíram assim que ele se sentou com ela no restaurante tailandês.

— Ah, é? — perguntou Kip.

— Sim. E ele está doidinho por você.

— Eu sei. — Kip sorriu. — Ele me disse.

— Disse o que?

— Ele disse… — Kip chegou mais perto. — … que me ama.

Se Elena estava surpresa, sua expressão não demonstrou.

— Mesmo?

— Mesmo! — disse Kip, e então contou toda a história romântica.

— Uau — disse ela depois de ouvir tudo. — A coisa ficou séria.

— Eu sei!

O garçom chegou para anotar os pedidos. Pouco depois, Elena disse:

— Já contou ao Scott sobre seu possível novo emprego?

— Vou contar. Se me fizerem uma proposta.

— E se não fizerem?

— Aí não tenho motivo para contar, né?

Elena revirou os olhos.

— Quero saber o que *você* vai fazer se não conseguir o emprego.

— Sei lá! Continuar trabalhando na porra da Straw+Berry, eu acho.

— Você está desperdiçando seus talentos lá.

— Não — disse Kip, irritado. — Estou ganhando *dinheiro* lá.

— Então você não vai pedir demissão pra ser bancado pelo seu namorado

milionário que está apaixonado por você?

— Claro que não! Você sabe que eu jamais faria isso. Já me sinto mal tendo que depender da generosidade dos meus *pais*. Sei que ele tem dinheiro, mas…

Elena não disse nada por um momento, mas olhou para Kip com um ar de aprovação.

— Sei que você não jogaria sua vida ou sua dignidade no lixo por um homem — disse ela. — Mas não gosto de te ver se menosprezando também.

— Eu vou dar um jeito — murmurou ele.

Mais tarde, quando estavam terminando de comer, Kip perguntou:

— Dançou com mais alguém interessante no baile?

— Além do seu namorado charmoso?

— Sim e, aliás, não senti nem uma pontadinha de ciúme.

Ela sorriu.

— Quer saber? Dancei. — Ela se aproximou e sussurrou o nome de um ator jovem e famoso.

— Nossa! Dança bem?

— Aham. Transa bem também.

Kip quase se engasgou com a água.

— Sabia que você não ia voltar pra casa sozinha.

— Pois é. Levei um tempo para definir meu top cinco, mas acho que fiz a escolha certa.

— Vai sair com ele de novo?

Elena fez uma careta e meneou a cabeça.

Kip riu. Ele sempre tivera muita inveja de como Elena sabia seduzir. Ela era tão *de boa* em relação a sexo.

— Você acha isso esquisito? — perguntou ele depois que os dois tinham saído noite gelada afora.

— O quê?

— Ele ter dito que me ama. E eu ter dito que amo ele. Sei que só nos conhecemos há algumas semanas.

— Você está apaixonado por ele?

— Estou.

— Então não é esquisito. — Ela enganchou o braço no de Kip e o puxou para perto. — Anda. Vamos assistir a seu homem jogando hóquei.

Capítulo dezesseis

Detroit estava fria pra cacete.

Não era como se Scott tivesse passado por qualquer lugar quente nos últimos tempos, mas é que o frio de Detroit chegava a ser irracional.

A baixa temperatura arruinou seu plano de sair para dar uma volta enquanto ligava para Kip. Seu colega de quarto parecia já estar pronto para dormir, e o saguão do hotel estava estranhamente movimentado por causa de algum tipo de conferência de negócios. Scott não queria ir para nenhum lugar público demais, como uma cafeteria, porque Detroit era uma cidade fã de hóquei e ele com certeza seria reconhecido.

Decidiu usar a cartada da fama.

Foi até a recepção e usou seu melhor sorriso de Scott Hunter.

— Com licença. Poderia me ajudar?

O rapaz atrás do balcão parecia muito animado.

— É claro, senhor!

— Preciso fazer uma ligação e gostaria de um pouco de privacidade. Mas meu colega de quarto está dormindo e…

O rapaz sorriu como se estivesse prestes a fazer a lhe fazer um favor muito grande.

— Me acompanhe — disse o recepcionista. — Sei aonde você pode ir.

Ele levou Scott até uma porta que dizia *Sala de Reuniões 3*, destrancou a porta e acendeu a luz.

— Fique o quanto precisar. A porta tranca por dentro.

— Obrigado — disse Scott, olhando para o crachá. — Michael.

Ele lhe entregou uma nota de vinte dólares e Michael aceitou, radiante. Agradeceu a Scott duas vezes antes de ir embora.

Scott se sentou em uma das cadeiras da sala de reunião e ligou para Kip, que atendeu sem demora.

— Duas vitórias! Mandou bem — elogiou Kip.

— Pois é, obrigado. Estou orgulhoso do time.

— Eu amo te assistir jogando.

— Ama, é?

— Aham. É sexy.

Scott sorriu.

— Onde você está?

— No seu quarto. E você?

— Numa sala de reuniões em Detroit.

— Ah.

— Pois é, desculpa. Hoje não vai dar.

— Tudo bem. Estou bisbilhotando seu apartamento.

— Bisbilhotando?

— Sim. Olhando suas gavetas. — Ele fez uma pausa. — Ai, meu deus. Scott, você guarda sua medalha de ouro na gaveta de cuecas?

— Parece que você já sabe a resposta.

— Por que não deixa ela à mostra?

— Tipo onde?

— Acho que, se eu tivesse uma medalha de ouro, não a deixaria com as cuecas.

— Onde você deixaria?

— Sei lá. Eu provavelmente usaria o tempo todo!

Scott riu.

— Combina com tudo. — E depois: — Vai ficar aí em casa hoje, então?

— Sim. Se não tiver problema.

— Claro que não tem. A ideia foi minha!

— Eu sei. É só que… me parece muito generoso.

— Kip — falou Scott —, você é meu namorado. Eu estou apaixonado por você. Pode ficar na minha casa sempre que quiser.

— Tá bom. Te amo.

Scott sorriu.

— Gosto de te ouvir dizendo isso.

— E eu gosto de dizer.

— Mal posso esperar para estar de volta em casa com você.

— Ainda tem muitos jogos pela frente, Hunter.

— Eu sei.

— Você vai lá, vence todos eles e depois volta pra mim. Vou te dar qualquer coisa que você queira quando voltar.

A voz de Kip ficou mais baixa, e Scott estremeceu.

— Qualquer coisa, é?

— Aham. Pensa com carinho.

— Vou pensar. — Scott suspirou. — Porra, queria ter um quarto só pra mim essa noite.

— Eu também. Ia dar um show pra você.

— Quero fazer isso — disse Scott. — Pra você.

— Já fez antes? — perguntou Kip. — Deixar alguém ficar só vendo você bater uma?

— Não. Nunca. — Scott ofegou. — Mas eu quero. Para você.

— Eu iria gostar. Porra, eu iria gostar pra *caramba*. Agora estou só te imaginando, deitado na cama…

— Kip — alertou Scott. — Não começa. Não posso ficar com tesão.

— Mas você está, não está? Aposto que está ficando duro agora.

Scott murmurou um xingamento porque Kip não estava errado.

— Eu também estou — ronronou Kip. — Me diz o que você gostaria de fazer comigo.

— Não. Chega.

— Tá bom. Deixa só eu me deitar na sua cama aqui e podemos falar sobre o que você quiser.

— Obrigado — disse Scott. — Tá pelado?

Kip riu.

— Sabia que você não ia conseguir parar. Aham, quase. Ainda estou de cueca.

Scott xingou de novo. Com *toda a certeza* não iria bater punheta naquela sala de reuniões. Ele não era tão esquisito assim.

— Agora eu *realmente* não posso.

— Tudo bem — respondeu Kip. — *Eu* posso.

— Kip…

— Shh… só fala comigo — disse ele, com o tom de voz ficando mais distante. — Eu amo a sua voz, Scott. Me diz o que fazer.

Scott amou e odiou aquele plano. Amou porque era um tesão *do caralho*. Odiou porque acabaria ficando com uma ereção bem desconfortável.

Ele olhou para a porta da sala de reuniões e então abaixou o tom de voz:

— Você está se tocando?

— Sim. Estou duro pra caralho. Me diz o que fazer — Kip falou com a voz arrastada. — *Meu bem.*

— Meu deus. — Scott ajustou o pau dentro da calça de moletom. — Tá

bom. Vai devagar. Não tira a cueca. Ainda não.

Ele podia sentir que Kip estava sorrindo quando respondeu:

— Então vai ser *assim*, é? Tudo bem. Só estou esfregando bem de leve. Tá gostoso.

Scott podia imaginar o pau grosso de Kip apertado contra o tecido. Podia imaginar Kip quase pelado, esparramado em sua cama, de olhos fechados e pensando em Scott.

— Você tá imaginando que sou eu te tocando? — perguntou Scott.

— Tô. Meu deus, eu queria que fosse você.

— Eu também. Continua.

Kip suspirou e soltou gemidos ofegantes que fizeram o pau de Scott pulsar de agonia. Ele deu uma segurada com a mão para aliviar um pouco da pressão.

— Minha cueca está ficando melada — disse Kip. — Já estou babando. Posso tirar?

— Ainda não — respondeu Scott, surpreendendo a si mesmo com o quanto estava curtindo ficar no controle.

— Porra, Scott.

— Tá com frio?

— Ficando quente.

— Seus mamilos devem estar duros. — Kip tinha mamilos perfeitos e escuros que sempre ficavam rígidos e pontudos de um jeito delicioso.

— Hum. Sim. Quer que eu toque neles?

— Quero. Solta o seu pau. Brinca com os mamilos um pouco.

Ele ouviu Kip respirar fundo quando seus dedos entraram em contato com os mamilos sensíveis.

— Se eu estivesse aí — continuou Scott —, iria lamber e morder até fazer você implorar para que eu chupasse seu pau.

— Porra. *Porra.*

— Ainda está segurando o celular?

— Sim.

— Coloca no viva-voz e deixa o celular do seu lado para você poder usar as duas mãos.

— Tá bom. — Ele ouviu um farfalhar e depois Kip retornou. — Estou com as duas mãos livres, Hunter. O que você quer que eu faça com elas?

Scott sorriu e pensou na pergunta.

— Tira a cueca. Mas não encosta no seu pau ainda.

— Nossa, como você é cruel.

— Sou durão, mas sou justo.

— Eu gosto desse seu lado — disse Kip. — Tá bom, tirei a cueca.

— Pega o lubrificante.

Mais um farfalhar, e então:

— Peguei.

— Quero que você enfie o dedo no cu. Se abre como se eu fosse te comer.

— Tá bom. Tá bom. Porra. Tudo bem.

— Não encosta no pau — relembrou Scott.

— Não vou. Não vou. Tá bom, eu, ahh, eu vou…

— Só relaxa.

Kip soltou um suspiro longo e demorado.

— Tá bom.

Scott o imaginou de joelhos dobrados, os dedos lubrificados circulando aquele anel apertado de músculo. Ele engoliu em seco e ajustou o pau dentro da calça.

— Por favor, me diz que você vai fazer uma surpresa e entrar por essa porta a qualquer segundo — disse Kip.

— Bem que eu queria. Acredita em mim.

Kip gemeu e arquejou enquanto ia se abrindo. Scott mordeu o lábio e resistiu à tentação de se masturbar sob as luzes fortes e fluorescentes da sala de reuniões do hotel.

— Me diz quando estiver pronto — disse ele.

— Pronto pra quê?

— Você vai ver. Finge que está se preparando para mim.

Kip soltou o ar.

— Beleza. Continua falando comigo.

Scott olhou para a porta de novo. Não acreditava no que estava fazendo.

— Se eu estivesse aí, iria te abrir com a boca. Bem devagarinho.

— Meu deus, Scott.

— Queria poder te ver agora. Tá gostoso?

— Vai melhorar… — Kip disse entredentes. — Vai melhorar quando você deixar eu bater punheta.

— Daqui a pouco, baby. — *Baby?* — Me avisa quando já estiver com três dedos dentro.

— Aviso… Tá. Quase. Eu… Ai, porra. Acho que eu conseguiria gozar só assim. Com sua voz, e imaginando seus dedos dentro de mim…

Scott gemeu. Ele quase queria deixar aquilo acontecer. Só para ver se Kip

conseguiria gozar com os próprios dedos.

Mas ele tinha outros planos.

— Tá bom. Estou pronto — disse Kip. — E agora?

— Abre a gaveta da mesa de cabeceira. Tem uma caixa no fundo.

— Tá. Achei. Já peguei.

— Abre.

Ele esperou um momento. Então, Kip disse:

— Minha nossa. Agora sim.

Scott conhecia bem aquele item. Um consolo preto e grande que, por quase um ano, vinha sendo seu parceiro romântico mais confiável.

— Quero que você meta esse dildo no cu. Finge que sou eu. Meu deus, queria que fosse eu.

— Eu também. Mas, só pra deixar registrado, isso aqui é um tesão do caralho também.

— É. — Com o coração acelerado como se tivesse corrido uns dois quilômetros, ele soltou o ar.

— Você deve estar desesperado — disse Kip. — Como está aí?

— Duro feito pedra. Mas não se preocupa comigo. Mete em você. Quando estiver tudo dentro, você pode encostar no seu pau.

— Porra. Tá bom.

Scott se recostou na cadeira, abriu as pernas e fechou os olhos enquanto escutava Kip enfiar o brinquedo dentro de si. Cada suspiro e gemido ia direto para o pau de Scott, mas ainda assim ele não se tocou.

— Como está indo? — perguntou ele.

— Bem. É… É grande.

— Eu sei. Mas você dá conta.

— Dou… sim. — Kip ofegou.

— Tá tudo dentro?

— Quase. Quase. Porra.

Scott queria ter um copo d'água ou algo assim. Estava tonto e com a boca seca, provavelmente porque todo o seu sangue estava bombeando direto para o pau. Ele agarrou a beirada da mesa com a mão livre, determinado a não ceder à tentação de se masturbar ao som dos gemidos de Kip.

— Tá bom. Entrou. É… Porra, que delícia, Scott.

— Tira tudo e coloca de novo. Mete nesse cu.

— Estou fazendo isso. Eu… Ah, nossa. Ele atinge o ponto certo lá no fundo, né? Porra.

Scott sabia exatamente como o dildo atingia o *ponto certo*. Lembrava de ter usado bem pouco tempo atrás, quando Kip era apenas uma fantasia — quando não era nada além do cara fofo que trabalhava na lanchonete de smoothies e Scott nem imaginava que um dia iria tê-lo nos seus braços, na sua cama. Tinha se fodido com aquele brinquedo, imaginando que era Kip que estava o penetrando. E, meu deus, a emoção de ter Kip usando aquele mesmo brinquedo era inebriante.

— A partir de agora, você pode se tocar como quiser — disse Scott. — Mas tem que me dizer o que está fazendo.

— Graças a deus. Tá bom, eu… Ah! Hum. Finalmente. Porra. Só estou segurando o pau. Passando o polegar pela cabeça e… Caralho. Eu tô escorrendo aqui.

Scott grunhiu. Que tortura do caralho.

— Entra no ritmo. Finge que eu estou te comendo.

— Assim eu vou gozar rápido, Scott.

— Eu sei. Tá tudo bem. Só me deixa te escutar.

— Ah, caralho… Tô tentando fazer as duas coisas ao mesmo tempo, mas eu meio que só quero continuar metendo no meu cu aqui. É quase tão bom quanto você dentro de mim.

Scott deixou a imaginação criar a cena. Conseguia visualizar o jeito como Kip estava aberto ao redor do brinquedo, como os músculos do braço se flexionavam conforme ele enfiava e tirava. Conseguia ver o dedo de Kip acariciando a cabeça do pau, e o jeito como a boca dele provavelmente estava aberta, com o rosto relaxado e eufórico.

— Que delícia, Kip. Aposto que você está tão lindo agora.

Kip não estava mais falando. Apenas emitia sons lindos e carentes, e Scott se embebedou deles.

— Isso, baby. Pode gozar. Do jeito que você quiser. Quero te ouvir.

— Tá bom, porra. Queria poder te ouvir também. Queria poder… Ah! Tô quase. Quase…

Scott estava em chamas, por toda parte. Se sequer encostasse no pau, iria explodir.

— Goza pra mim, vai. Eu te amo tanto.

Ele ouviu Kip começar a responder.

— Eu te… — Mas a frase foi interrompida por um grito abafado.

Scott ficou boquiaberto. O alívio tomou conta como se ele, de alguma forma, estivesse compartilhando o orgasmo com Kip.

— Ah, nossa. Porra! — Kip ofegou depois de tirar um tempo para se recompor. — Foi… Puta merda. Eu não estava esperando *nada* disso.

Scott riu.

— Nem eu. Achei que a gente só teria uma conversa de boa.

— Eu tô todo melado aqui.

— Hum. Deve estar lindo.

— Você deve estar sofrendo aí. Tem certeza de que não pode…

— Eu dou um jeito. Mais tarde. Porra, assim que possível.

— Queria poder ajudar.

— Você já ajudou. Nem esquenta que é em você que eu vou pensar.

Kip soltou o ar com força.

— Te amo.

— Te amo. Não acredito nas coisas que você me faz fazer.

Ele deu uma risadinha.

— Tô com soninho agora.

— Vai se limpar e dormir — disse Scott. — De um jeito ou de outro, eu preciso sair dessa sala.

— Vai conseguir voltar pro quarto? Sem espetar ninguém?

— Vou ficar bem — disse Scott, educadamente. — Vai dormir.

— Tá bom. — Kip bocejou. — Bom, obrigado por ter ligado.

Os dois riram.

— Boa noite. — Scott desligou e fez o melhor para esconder a ereção evidente antes de caminhar até o quarto do hotel. Cumprimentou o colega de quarto com um aceno rápido de cabeça e foi direto para o banheiro.

Só precisou de algumas estocadas com a mão apoiada na parede do box e a lembrança dos gemidos de Kip preenchendo seus ouvidos. Ele tirou a mão da parede e mordeu o punho ao gozar com tanta força que quase perdeu o equilíbrio, ofegando muito enquanto a porra escorria ralo abaixo.

Nossa, Kip. O que você está fazendo comigo?

Kip conferiu o e-mail quando voltou para a casa de Scott depois do trabalho no dia seguinte. Havia uma mensagem do Museu da Cidade de Nova York.

É isso!

Mas, enquanto lia as primeiras linhas do e-mail, seu coração murchou.

Obrigado pelo interesse na vaga de Educador Assistente. Adoramos te conhecer. Infelizmente, decidimos que...

Kip xingou e fechou o notebook.

— Mas é claro — murmurou.

Merda.

Ligou para Elena no trabalho. Normalmente, não ligaria. Mas era uma emergência.

— Não consegui o emprego.

— Quê? Por que não?

— Escolheram alguém com mais formação.

— Sinto muito. Que merda — disse ela. — Você bem que deveria voltar a estudar.

Kip riu.

— Como? Ainda estou pagando pela minha última graduação inútil.

— Não é inútil, e você vai dar um jeito. Todo mundo dá.

— Sim, eu sei. Vou pensar — disse Kip, chateado.

Ele ouviu Elena suspirar.

— Eu sinto muito *mesmo*, Kip. Estava torcendo muito pra isso rolar.

— Eu sei. Obrigado.

Depois de terminar a chamada, Kip abriu o notebook de novo. Só por diversão, entrou no site da Universidade de Nova York e olhou a página de matrículas.

Eu poderia me inscrever. Não custa tentar.

Fechou o notebook de novo. Talvez.

Se jogou no sofá e zapeou pelos canais de TV. Ficar sozinho no apartamento de Scott era legal, mas também bem entediante. O tédio, somado ao e-mail decepcionante, causou uma onda repentina de pânico. E se não tivesse mais solução? Obviamente havia cenários piores do que namorar um astro do hóquei, ainda mais um por quem estava tão apaixonado, mas e se ele fosse para sempre o segredo de Scott? E se aquilo fosse *tudo* o que ele chegaria a ser? E se nunca voltasse a estudar e nunca conseguisse um emprego melhor e apenas ficasse no apartamento de Scott, escondido até o namorado ter tempo para ele?

Scott jamais faria isso. Ele só precisa de tempo.

Né?

Claro que Kip não estava nada empolgado para uma vida em que iam juntos a eventos, mas chegavam separados e fingiam que não se conheciam. Será que Scott iria continuar deixando o mundo acreditar que ele era um solteirão convicto? Ou pior: será que ele se casaria com uma mulher só para manter as aparências e ficaria com Kip às escondidas?

Não. Viajou. O que te faz pensar numa coisa dessas?

E se Kip fosse apenas *conveniente* para Scott no momento? E se Scott *achasse* que estava apaixonado porque era a primeira vez que tinha se permitido ficar com um homem por mais de uma noite? E se ele só precisasse dar esse primeiro passo para se sentir livre para sair com outros homens? Homens melhores. Homens que estavam à altura dele, ou pelo menos próximos. Kip era um zé-ninguém.

Scott iria acabar percebendo isso, e se Kip investisse tudo naquele relacionamento, terminaria sem nada.

De repente, um nó se formou na garganta dele. Que coisa mais absurda. De onde vinham aqueles pensamentos?

Queria conversar com Scott, mas nem sabia ao certo onde ele estava naquele momento. Não tinha jogo naquela noite. Estaria em um avião, então? Ou talvez em um treino.

Não queria ser carente. E era provável que só estivesse deprimido por causa daquela merda de e-mail. E Elena tinha razão — ele deveria ao menos *tentar* um mestrado. Ou isso, ou encontrar um emprego melhor com atendimento ao público, e aquela perspectiva era pra lá de deprimente.

Talvez ele devesse fazer uma licenciatura. Ser professor, como os pais. Não seria tão ruim, seria? Uma carreira respeitável.

Porra, aquele apartamento era solitário.

Ele enviou uma mensagem para Scott. Apenas um **oi** para deixar claro que estava pensando nele.

Scott não respondeu. Kip desligou a TV e se jogou de lado no sofá. Meio que queria ficar bêbado, mas era uma ideia terrível.

Ele amava tanto Scott.

Como poderia um dia ser bom o suficiente para esse cara?

Estava se sentindo mal pra caralho. E Scott não respondia. E talvez Scott estivesse percebendo naquele momento que poderia estar namorando, tipo, um astro gay do cinema ou algo assim.

Já fazia quase uma hora que Kip estava largado no sofá quando Scott respondeu a mensagem:

Oi! Posso te ligar?

Scott não esperou uma resposta. Kip atendeu.

— Oi.

— Kip! Acabei de pousar em Toronto! Preciso te contar a coisa mais engraçada que aconteceu no aeroporto…

Kip sorriu e se sentou. Ouviu a longa e divertida história de Scott e, ao fim, os dois estavam rindo; ele se sentia muito melhor. Scott estava no avião esperando para ligar só para contar a ele tudo sobre o seu dia.

— E como está sendo o *seu* dia? — perguntou Scott ao terminar sua história.

O coração de Kip retumbou com alegria.

— Melhor agora.

Capítulo dezessete

A sirene anunciou o fim da prorrogação. A partida árdua terminou em um empate de 3 a 3 que iria para os pênaltis.

Scott patinou até o banco. Cutucou Bennett ao chegar lá.

— Pronto?

— Nada vai passar por mim, Hunter.

— Isso aí! — encorajou Scott, batendo com o capacete na máscara de Bennett.

— Muito bem — disse o treinador Murdock. — Vamos começar com Vaughan, depois Huff, depois Hunter. Algum desses milionários vai com certeza conseguir levar essa partida pra casa.

— Sem problemas, treinador — disse Huff.

Bennett patinou até a trave. O goleiro do Toronto fez o mesmo. Toronto era o time da casa e a equipe tinha escolhido lançar em segundo lugar, então Carter patinou até o centro do rinque.

O apito tocou, e Carter disparou.

— Muito bom — murmurou Scott baixinho enquanto Carter fintava e ziguezagueava na direção da rede. Fazer manobras com o taco era sua especialidade.

Infelizmente não funcionou, e o goleiro bloqueou o disco. Carter patinou de volta, balançando a cabeça.

— Merda. Achei que tinha enganado ele.

— Mandou bem, Carter. Na próxima, você consegue — disse Scott.

Bennett bloqueou o atirador do Toronto, e o banco dos Admirals soltou um suspiro coletivo de alívio.

O banco se animou quando Huff patinou até o centro do rinque.

— Bora, Huff!

— Você consegue!

Huff fez o que fazia de melhor. Lançou o disco com força na quina superior da trave, e o goleiro não conseguiu defender. Os Admirals bateram com os tacos

no placar e deram soquinhos com suas luvas nele enquanto Huff patinava de volta pela linha. Se o lançador do Toronto errasse, seria fim do jogo.

O lançador do Toronto não errou, marcando um gol contra Bennett. Era a vez de Scott.

Kip cobria a boca com as mãos. Estava sentado na beirada do sofá de Elena.

— Vai, Scott… — murmurou ele.

Era surreal ver Scott naquele contexto. Na TV, naquele momento crucial, encarando o goleiro e parecendo tão determinado. Tão intimidador.

— Ele vai conseguir — disse Elena com calma. — Olha só.

Os dois assistiram enquanto Scott se movia como um raio na direção da rede. Kip prendeu a respiração. Tudo ficou em câmera lenta quanto Scott fez o lançamento.

O disco voou por cima do ombro do goleiro; coisa linda de ver.

— Isso! — gritou Kip, pulando do sofá. — Você viu?

— Incrível!

Ele apontou para a TV, feliz da vida.

— Aquele homem me ama! *Me* ama!

— Eu também não entendo.

Ele se afundou de novo no sofá, apoiando a cabeça no ombro de Elena.

— É o meu namorado.

— Claro que é, querido.

Kip riu.

— Pior que eu pareço um doido mesmo quando digo isso, né? É tão esquisito.

— É bem esquisito.

— Ele é tão bom.

— Sim, hum… vamos ver se o outro jogador de Toronto marca um gol, porque o jogo ainda não acabou.

— Ah.

— Pois é, superfã.

Os dois assistiram ao lançador do Toronto patinar pelo gelo e…

— Ele errou! — exclamou Kip. — Ele errou, ele errou, ele errou!

— Errou mesmo.

— Eles venceram! Scott venceu!

— Três de três nessa viagem, não é?

— É! Tô tão orgulhoso dele!

Ele assistiu a Scott e seus colegas de time se abraçando. O sorriso de Scott era largo e reluzente, e Kip queria pular dentro da TV e beijar o rosto dele todinho.

— Qual será a do Jalo, hein? — comentou Elena.

— Ai, sim. Você precisa pegar ele se puder. Quer que eu pergunte pro Scott?

— Que nada, vou descobrir sozinha.

Meia hora depois, a caminho de volta para o apartamento de Scott, Kip enviou uma mensagem para ele. Orgulhoso pra caralho de você.

Uma hora depois, chegou a resposta: Três jogos já foram. Te ligo amanhã.

E depois: Te amo.

Kip nunca se cansaria daquilo.

*

— Então… — disse Scott assim que Kip atendeu o celular na tarde seguinte. — Tenho boas notícias.

— Ah, é?

— Eu, hum, estou no hotel em Winnipeg e desenrolei um quarto só pra mim.

Kip, que estava deitado no sofá, se sentou.

— Sério? Como conseguiu isso?

— Bom, o Cameron acabou de se recuperar de uma fratura no punho e foi liberado pra jogar, então ele voou pra cá para encontrar o time. Mas com isso ficamos em número ímpar e aí… eu meio que menti sobre precisar de um espaço só meu para focar e tal.

— Se for te ajudar a se sentir mais honesto, eu te dou uma coisa para você focar.

Scott riu.

— Era isso que eu estava esperando. Tá no meu apartamento?

— Aham.

— Você quer…

— Com certeza. Quero. Deixa só eu pegar o notebook. Te ligo pelo Skype, pode ser? Me dá um minuto.

— Tá bom. Sim.

Desligaram e Kip correu para quarto. Posicionou o notebook no canto da cama gigante, abriu o Skype e ajustou a tela, tentando encontrar o ângulo

perfeito.

Ele pegou o lubrificante, vibrando de empolgação — finalmente iria rolar! E, cara, como ele precisava daquilo.

Colocou o frasco na mesinha de cabeceira, depois se deitou de lado na cama, com o rosto apoiado sobre o cotovelo perto do computador. Sorriu de orelha a orelha quando o rosto de Scott preencheu a tela.

— Oi! — disse Scott, sorrindo na mesma intensidade.

— Que bom te ver.

— Cara, sim. É *tão* bom te ver. Estou morrendo de saudade.

Caramba, Scott tinha um jeito de transformar tudo dentro de Kip em paçoca com poucas palavras.

— Eu também.

Scott respirou fundo e suspirou, ainda sorrindo.

— Quase esqueci como você é gato.

Kip apoiou o queixo no punho e piscou, dengoso.

— Quem, eu?

Scott riu.

— Eu, hum, não posso falar muito alto. Consegui um quarto só pra mim, mas têm colegas de time dos dois lados.

— Aham, sem problema. A gente pode só conversar um pouquinho. Você parece nervoso.

— Não! — respondeu Scott rapidamente. — Quer dizer… sim. Um pouco.

— Não tem nada que eu já não tenha visto antes — provocou Kip.

Scott revirou os olhos.

— Eu sei. É só que eu nunca…

— Eu ajudo. Relaxa. Você vai amar, mas vamos conversar primeiro.

— Tá bom. Obrigado. Hum, como está Nova York?

— Fria. Como está… Winnipeg, é isso?

— É. Fria *pra caralho*. Aqui venta muito.

— E como vai o time? Como vai o *Jalo*?

Scott riu.

— Jalo vai bem. Um jogador e tanto. Ele é exatamente o que precisávamos no rinque.

— E no vestiário?

— Tá bom, agora deu.

— Vou mudar de posição. Peraí — avisou Kip. E então empilhou os travesseiros contra a cabeceira para se deitar. Colocou um dos travesseiros

entre as pernas abertas e apoiou o notebook ali. — Que tal? Consegue me ver bem?

— Consigo. Oi.

— Oi.

Scott estava claramente segurando o iPad nas mãos e encarando a tela.

— Você tinha que encontrar um lugar para apoiar esse troço — sugeriu Kip. — Quero ver mais de você.

— Ah. Tá bom. Hum… Ah! Tive uma ideia.

Scott soltou o iPad, e Kip ficou olhando para o teto daquele quarto de hotel. Ele ouviu um farfalhar, e depois o iPad foi apoiado em alguma coisa.

— Puxei a cadeira de rodinhas pra cá — explicou Scott. — Coloquei do lado da cama. Posso deixar o iPad apoiado assim e o ângulo fica bom. Eu acho.

Ele se deitou na cama e agora Kip conseguia vê-lo da cabeça às coxas.

— Melhor assim — disse Kip. — Meu deus, você é todo grandão.

— Bom, não sou um Matti Jalo, mas…

— Você é perfeito. Foi tão sexy te ver vencer nos pênaltis aquela noite. Você não faz ideia.

— Ah, é?

— Aham. Tenho pensado muito naquela outra noite… na nossa ligação.

— Eu também. Pensando bastante, na verdade. Nem acredito que falei algumas daquelas coisas.

— Você foi incrível. Sexy pra caralho.

Scott sorriu e provavelmente corou. Era difícil dizer.

— O hotel é bom? — perguntou Kip.

— Dá pro gasto.

— Você não está com nem um pouquinho de tesão agora, né?

— Estou nervoso! Já falei!

— Tudo bem. — Kip suspirou e depois sorriu. — Você é uma gracinha, sabia?

Scott sorriu e balançou a cabeça.

— É sério — continuou Kip. — As pessoas acham que você é todo durão, mas olha pra você, todo corado e tímido por causa de uma safadezazinha na webcam.

— Olha, Grady…

— Não acredito que esse é o mesmo homem que estava me dando ordens no telefone esses dias. Cadê aquele cara?

— Aqui! Ele está aqui. Só… — Scott fechou os olhos e soltou um suspiro.

— Só conversa comigo.

— Tá bom. Você tem usado aquelas meias azuis?

— Sim, tipo, todo dia. Estou lavando na pia.

Kip riu e sentiu um friozinho na barriga.

— Own — comentou ele.

— Estou com muita saudade mesmo — disse Scott numa voz sussurrada.

— Que horas você volta na segunda? — perguntou Kip.

— Devo chegar aí antes do meio-dia — respondeu Scott, relaxando nos travesseiros. — Assim espero. Quero curtir com você no seu aniversário.

— Já tem planos?

— Talvez.

— Quer que eu espere por você aqui? No seu apartamento?

— Sim… Sim, seria… Eu gostaria.

— Então eu vou. Espero por você. Posso ficar na sua cama. Posso até me preparar para você. Já me deixar bem abertinho…

A expressão de Scott mudou. Foi de súbito, mas o jeito como aqueles olhos foram escurecendo e a forma como ele engoliu em seco confirmou que Kip estava deixando Scott bem do jeitinho que ele precisava estar.

Ele sorriu.

— Tá gostando assim, garotão?

— Tá funcionando. Continua falando.

— Claro. Por que você não tira a camisa?

Obediente, Scott tirou a camiseta.

— Acho que o justo seria você… — disse ele, apontando para Kip pela câmera.

— Sim, sim. — Kip tirou a camiseta e deu uma piscadinha para Scott.

— Ah! — exclamou o jogador. — O chupão ainda está aí, é?

— Continua aqui — confirmou Kip, passando os dedos sobre a marca. — Mas daqui a pouco eu talvez precise de um novo.

— Vou te dar um.

Kip passou os dedos pelo peito para brincar com um dos mamilos.

— Talvez eu possa ficar te esperando na porta quando você voltar. Te beijar como você já está querendo há dias.

— Hum. Nesse caso, você ainda estaria pelado? — perguntou Scott com um risinho torto. Ele jogou um dos braços gigantes para trás da cabeça, parecendo mais relaxado.

— Seria meio estranho, mas se você quiser…

— De uma forma ou de outra, acho que eu acabaria te comendo contra a parede do corredor.

Porra.

— Porra, Scott.

— Como eu disse — afirmou Scott, com a voz um pouco mais baixa. — Tô com saudades.

— Do que você tá com saudades? — Kip passou a mão pela coxa e os olhos de Scott acompanharam o movimento.

— Dos… Dos seus lábios. Da sua boca. Do jeito como você me beija. Do seu gosto. Tô com saudade do seu cheiro.

— Como é o meu cheiro? — Kip riu.

— Sei lá… gostoso. Meio picante? Tipo qualquer que seja a sua loção pós-barba, eu acho.

— Não é nada chique, isso eu te garanto.

— Tô com saudade do seu sorriso — continuou Scott, o que lhe rendeu mais um sorriso de Kip. — Saudade das sardas nos seus ombros. Saudades dos seus mamilos perfeitos e do seu umbigo.

Kip deu uma risadinha sincera.

— Você é esquisito. Continua.

— Saudade da sua bunda. Cara, *muita* saudade da sua bunda. Já te disse o quanto eu amo ela? É demais.

— Eu não ligo de ouvir de novo — disse Kip.

— Saudade das suas coxas. De estar entre elas.

— Eu amo quando você fica entre elas. — Kip moveu a mão até o pau e começou a acariciá-lo sem pressa por cima do jeans. Ficou observando Scott o olhar. — Como está aí? — perguntou.

— Bem… — disse Scott, com a voz rouca e baixinha.

— Por que você não me acompanha?

Scott abriu um sorriso adorável e levou a mão até a própria calça de moletom. Massageou o pau por cima do tecido com a mão.

— Isso — incentivou Kip. — Assim. — Ele abriu o botão da braguilha ao observar o prazer tomando conta do namorado. Ele era tão lindo, e Kip amava ajudá-lo a aliviar o estresse da responsabilidade do trabalho, a simplesmente se soltar. Toda vez.

Kip puxou o zíper da braguilha e deixou o jeans aberto. Apertou o pau por cima da cueca, e depois cruzou os braços por trás da cabeça, se acomodando para assistir ao show.

Scott levantou os quadris e abaixou as calças. Continuou vestindo a cueca cinza. Kip aprovou. Por enquanto.

— Nossa — disse Kip, apontando para o volume sólido na cueca de Scott. — Nem demorou.

Scott abriu um sorriso lânguido e voltou a se tocar. Kip assistiu à mão dele descendo por cima do tecido até as bolas, agarrando e puxando de leve.

— Só vai assistir? — perguntou Scott, com a fala já arrastada.

— Por enquanto, sim.

Scott passou a mão por dentro do elástico da cueca e agarrou o pau. Kip observou o formato da mão dele por baixo do algodão enquanto Scott se masturbava.

— Você faz muito isso? — perguntou Kip. — Quando está viajando?

— Geralmente no chuveiro. Agora eu penso em você toda vez.

Uma mancha molhada estava se formando no tecido da cueca de Scott. Já.

— Que tal tirar essa cueca, hein? — sugeriu Kip. — Eu quero ver.

— Você continua de jeans — apontou Scott, ainda movendo a mão dentro da cueca.

— Beleza — disse Kip com um suspiro exagerado. Ele tirou a calça e a cueca num só movimento, depois dobrou o joelho que estava mais distante do notebook e apoiou as mãos atrás da cabeça de novo.

— Ah, uau! — Scott rapidamente tirou a cueca e agora Kip tinha uma visão espetacular daquele corpo nu, da cabeça até o meio das coxas.

— Nossa, olha só pra você — disse Kip. — Porra, que saudade desse pau. Deixa eu ver.

Scott passou a mão pela sua ereção, deixando o polegar se arrastar pela baba que havia se acumulado na ponta e espalhando-a por toda a cabeça.

— Tem lubrificante aí, Hunter? — perguntou Kip.

— Tem, eu trouxe. Tá bem… — Scott saiu do enquadramento por um segundo. — Aqui! — Ele espalhou um pouco do conteúdo do frasco no pau. A pica de Kip pulsou.

Scott começou a bater descaradamente; o líquido pegajoso permitia que mantivesse um bom ritmo. Ele olhou para si mesmo se masturbando e depois para Kip com os olhos semicerrados.

— Você tem que… Kip, você tem que se tocar também. Por favor. Faz isso junto comigo, tá? Quero te ver.

— Uhum, eu quero. Você é sexy pra caralho, Scott.

— Faz pra mim. Meu deus, você tá tão duro. Tão lindo. Exatamente como

eu imagino quando estou sozinho.

Aquilo foi o suficiente para que Kip pegasse o lubrificante na mesinha de cabeceira e colocasse a mão na massa. Ele curvou os dedos ao redor do pau duro e deu algumas estocadas lentas.

— P-o-orra. — Kip estremeceu de alívio. Sorriu e fechou os olhos por um segundo, jogando a cabeça para trás. Ao abrir os olhos de novo, Scott sorria para ele.

— Tá gostoso? — perguntou Scott, ofegante.

— Sim. Tá gostoso pra caralho. Vou desacelerar para poder te assistir. Não quero perder nada. — Kip sugou o lábio inferior e deu algumas mordidas.

— M-mal posso esperar para ficar com você de novo. Só consigo pensar em como eu quero esse pau dentro de mim.

— Ah, é? Achei que você ia me comer contra uma parede.

— Não consigo decidir. *Porra*. Quero fazer tudo. Eu te amo.

Kip suspirou e, involuntariamente, acelerou o movimento da mão.

— Também te amo, Scott. Caralho, eu te amo tanto. Meu deus, você é tão gostoso. Estou com tanto tesão em você agora.

Scott movia a mão com força e rapidez. Os músculos do braço iam se flexionando e relaxando conforme ele se aproximava do limite do tesão.

— Vou te dar tudo o que você quiser quando você passar por aquela porta — disse Kip. — Ficar de joelhos. Porra, eu iria adorar. Bem ali no corredor.

Scott gemeu e continuou se masturbando.

— Estou quase, Kip…

Ele estava soltando aqueles gemidos lindos e desesperados que sempre emitia quando estava perto de gozar. Kip conseguia ver o rubor no peito dele, conseguia ver as coxas grossas tremendo.

Tudo estava excitando Kip. Ele sentia o próprio clímax começando a se formar, retesando-o e apertando de dentro para fora.

— Isso — disse ele. — Você fica tão lindo gozando. Deixa eu ver. Me mostra.

Scott ofegou, xingou e gritou entredentes.

— Aqui… aqui.

Ele gozou jatadas longas e quentes sobre o peito e a barriga. Kip assistiu, sem deixar de observar o rosto eufórico de Scott enquanto ele navegava nas ondas de prazer.

— Ah, meu bem. Que coisa mais linda — balbuciou Kip.

Scott fez um barulho que era tanto um arquejo quanto uma risada, e se

jogou nos travesseiros, de olhos fechados enquanto ainda se masturbava lentamente durante o finalzinho do orgasmo.

— Kip… — gemeu ele. — Isso foi incrível. Bom pra caralho.

— Ah é? Pelo que eu vi, foi bom mesmo.

Scott soltou o pau e abriu os olhos.

— Quero te ver gozar. Tá perto? Parece que tá.

— Quase lá. Tá muito bom aqui.

— Que bom.

— Amo te ver assim — disse Kip. — Todo cansadinho e feliz. Parece até que está bêbado.

— Eu me sinto um pouco bêbado. Quero que você se sinta assim também.

— Eu vou… Ah… — Kip moveu uma mão com mais rapidez e usou a outra para puxar as bolas. — Porra, meu deus…

Ele estava perto. Muito perto. Suas bolas ficaram mais apertadas e o sangue pulsava nas têmporas, quase o afogando nas palavras ofegantes do Scott.

— Isso, Kip. Vai. Coisa mais linda.

Kip olhou para a tela, viu o rosto de Scott entorpecido pelo sexo e o pau grosso amolecendo sobre a coxa. Viu a gozada branca e brilhante escorrendo pelo torso musculoso. E então se soltou e gritou ao gozar no quarto de Scott. A porra cobriu seu punho e escorreu pela coxa.

Kip voltou a se afundar nos travesseiros e abriu bem os braços sobre a cama.

— Minha nossa — arquejou.

— Foi bom?

— Pra caralho.

Os dois riram um pouco.

— Quantos dias até você voltar pra casa mesmo? — perguntou Kip, sabendo da resposta.

— Quatro e um pouquinho — respondeu Scott.

— São muitos dias, porra.

— Eu sei. — Então, Scott riu.

— Que foi?

— Nada. É só que eu nunca tinha gozado tanto só com a minha mão antes. Foi bem surpreendente.

Kip sorriu.

— Feliz em ajudar.

— Quero passar uma semana inteira com você no apartamento quando eu voltar.

Kip riu, mas sentiu uma pontada desagradável no peito.

No apartamento. Como sempre.

Sua ansiedade deve ter transparecido no rosto, porque Scott assumiu um tom preocupado ao dizer:

— Kip?

Kip piscou e forçou um sorriso.

— Tenho que me limpar.

— Ah, é. Eu também. Te ligo amanhã, tá bom?

— Tá bom. Te amo.

— Também te amo.

Kip encerrou a chamada no Skype e franziu o cenho para o teto.

Não surta. Você acabou de ter um sexo virtual delicioso com seu namorado. Está tudo bem.

Só que ele trocaria cem transas virtuais por um passeio no parque com o namorado.

Ou por poder levá-lo para conhecer seus pais.

Ou por, sei lá, contar para as pessoas que ele tinha um namorado.

Ele se forçou a sair da cama e foi ao banheiro se limpar.

Talvez, quando Scott voltasse para casa, as coisas mudassem.

Capítulo dezoito

Kip esperou dentro apartamento de Scott, na frente da porta, com o celular na mão. Scott passara a manhã inteira enviando atualizações constantes.

Scott: Indo para o aeroporto.

Scott: Decolando daqui a pouco.

Scott: Acabei de pousar.

Scott: No carro.

Scott: Atravessando a ponte. Muito trânsito.

Scott: Quase chegando!

Kip olhou para o celular, esperando mais uma atualização. Será que haveria mais alguma notícia ou Scott simplesmente entraria pela porta…?

Ele revirou os olhos. Aquilo era tão bobo. Eram dois marmanjos que só tinham ficado longe um do outro por nove dias.

Outra mensagem. Acabei de estacionar. Te vejo em um minuto!

Kip passou a mão pelo cabelo, colocou o celular na mesinha de centro e foi até a porta. Estava vestindo jeans e uma camiseta nova verde-escura da Henley que havia comprado no dia anterior — um presente de aniversário adiantado para si mesmo.

A porta fez um clique, se abriu e Kip só teve meio segundo para admirar o sorriso de Scott antes de o namorado partir para cima. Kip foi pressionado contra a parede enquanto Scott o beijava com força, ávido, e segurava os braços dele com aquelas mãozonas gigantes.

— Feliz aniversário — disse Scott quando os dois finalmente se afastaram para respirar.

— Valeu. Estava com saudades.

Scott sorriu e o beijou de novo.

Kip estava fraco de tanta felicidade. Era tão bom sentir o corpo enorme e forte de Scott o envolvendo.

— Você conseguiu — disse ele quando se afastaram de novo. — Venceu todos os seis jogos!

— Eu estava inspirado. — Scott segurou o rosto de Kip com ambas as mãos, passando o polegar pela bochecha do namorado. — Você tinha comentado alguma coisa sobre uma recompensa, não tinha?

— Não falei nada de recompensa. Eu disse que ia te dar tudo o que você quisesse — respondeu Kip, corrigindo-o.

Scott o beijou mais uma vez.

— Você sempre dá. Mas o foco hoje não sou eu. É você!

— Quer dizer que eu vou poder te desembrulhar?

— Sim, por favor.

— Estou *morrendo de fome!* — disse Scott.

Ele estava se enrolando na toalha depois do banho que haviam aproveitado juntos (e depois do sexo que fizeram juntos).

— Ainda bem — disse Kip. — Eu também. — Ele franziu o cenho. — Hum, não tem muita comida aqui.

— Ah. Sim, bom, eu estava pensando…

— Em pedir alguma coisa?

— Na verdade — disse Scott. — Estava pensando em talvez… irmos a algum lugar?

Kip se animou.

— Sério?

— Sim, quer dizer… um almoço não levantaria muitas suspeitas, né?

— Concordo — disse Kip, um pouco menos entusiasmado. O que ele estava esperando?

— Então, aonde você quer ir? Por minha conta!

Kip revirou os olhos, mas sorriu.

— Sei lá. Não precisa ser nada chique. Você deve conhecer melhor do que eu os lugares que não te incomodariam.

Scott pareceu pensar a respeito.

— Vai se vestir — disse ele. — Nós vamos sair!

O clima de março era frio, úmido e uma merda, mas Kip estava tão feliz por sair do apartamento com Scott. Não estavam de mãos dadas nem fazendo qualquer coisa que desse a entender que eram um casal, mas o simples fato de estar à solta no mundo com ele parecia surreal e maravilhoso.

Scott os levou a um restaurante a alguns quarteirões do apartamento. Se

sentaram num reservado, sorrindo um para o outro por cima dos cardápios.

— O que você vai pedir? — perguntou Scott.

— É meu aniversário — disse Kip. — Vou querer um hambúrguer grelhado com cebola caramelizada, caramba!

— Bom garoto.

— E um milkshake.

— Boa! Qual sabor?

— Baunilha. Pra que mexer em algo que já é perfeito?

— Isso aí — comentou Scott, fechando o cardápio. — Vou querer a mesmíssima coisa.

Depois de fazerem o pedido, Scott disse:

— Sabe… eu estava pensando… a gente podia ir para algum lugar no verão.

Kip arqueou uma sobrancelha.

— Ah, é?

— Sim… Tipo, eu te disse que geralmente viajo no verão, para lugares onde geralmente não sou reconhecido. Nós não teríamos que nos preocupar tanto — disse Scott numa voz sussurrada, se aproximando de Kip — com as pessoas nos vendo juntos.

— Entendi. — Kip franziu o cenho para a mesa. — Sim.

Scott começou a falar com empolgação sobre alguma cidade praiana na Espanha ou Itália para onde já havia ido e não notou que Kip começava a surtar.

Não quero mais esconder nosso relacionamento.

Será que até o verão ele ainda vai me querer?

Quanto tempo posso ficar num relacionamento secreto com alguém?

O garçom trouxe a comida e Kip ficou grato com a distração.

— Cara, fazia *tempo demais* que eu não comia um hambúrguer desses — disse Scott. Ele estava tão animado.

— É gostoso — comentou Kip, forçando um sorriso. — Obrigado.

Nunca que Kip deixaria Scott levá-lo em uma viagem luxuosa. Juntando os ingressos para os jogos, o smoking e o tempo que passava na cobertura, Kip já havia aceitado muita coisa dele. Como seria capaz de retribuir? Uma viagem com tudo pago para um resort gay cinco estrelas sigiloso só iria aumentar a dívida que Kip vinha acumulando.

Eu preferiria que ele só me levasse para jantar de novo. E que nós dividíssemos a conta.

— Então, aonde você vai esta noite? — perguntou Scott, antes de dar um

gole no milkshake de baunilha.

— Ah, tem um pub no Village, o Kingfisher. Eu costumava ir muito lá, mas faz tempo que não apareço. Quando saio com meus amigos, geralmente vamos lá.

— É tipo… um bar *gay*? — perguntou Scott em uma voz baixa.

Kip deu uma risadinha.

— Sim. A vibe é bem de bar gay. Mas é de boa. Só um pub com garçons bonitinhos.

— E você vai encontrar uns amigos lá, certo?

— Sim, a Elena. Chamei a Maria do trabalho. E uns amigos da faculdade. — Ele se aproximou com um sorriso brincalhão e sussurrou: — Uns amigos *gays*.

Scott revirou os olhos.

— Tá. Pode me zoar.

Kip riu de novo e chutou Scott por baixo da mesa. Mas parou de rir quando se deu conta de que realmente não havia nada de divertido na vida de Scott dentro do armário. Era triste vê-lo nervoso por causa de uma ida a um bar gay. Saber que ele nunca havia saído com um grupo de amigos que o apoiasse ou flertado com um garçom gatinho.

Kip decidiu tentar uma coisa, embora não soubesse se iria funcionar.

— Sei todos os motivos pelos quais você vai dizer não — disse ele. — Mas você deveria considerar sair com a gente hoje à noite.

— Ah. Não, eu…

— Eu sei. Mas ir a um bar gay não significa que você seja gay. É só um grupo de amigos num bar. Nada de mais. Não é como se a gente fosse ficar se agarrando na pista de dança ou algo do tipo.

Scott pareceu pensar a respeito, mas balançou a cabeça.

— Seus amigos iriam ficar curiosos sobre o que estou fazendo lá. Quer dizer, a Elena sabe, mas…

Kip desanimou um pouco. Scott tinha razão. Elena era uma coisa, mas os outros…

Scott causaria uma comoção no Kingfisher, mesmo se todos acreditassem que ele era um cara hétero saindo com seu amigo gay. Mesmo se ninguém o reconhecesse, ele chamaria muita atenção. Ele meio que se destacava.

— Bom — disse Kip —, se mudar de ideia, eu te mando o endereço do bar por mensagem.

Scott parecia prestes a dizer alguma coisa, mas foram interrompidos por dois

homens se aproximando da mesa, parecendo muito empolgados.

— Oi! Scott Hunter!

— Pois não? — disse Scott.

— Puta merda! É você mesmo, né? — Um dos homens estendeu a mão. Scott abriu um pequeno sorriso e o cumprimentou.

— Sou um grande fã — continuou o homem. — Olha, pra mim vocês vão levar a gente pra final esse ano. Até o fim!

— Pra mim também — disse Scott, sorrindo educadamente para o fã.

O segundo homem se pronunciou:

— Podemos tirar uma foto com você?

— Claro — disse Scott, se levantando. — Imagina. — Ele lançou um olhar de desculpas para Kip, que apenas acenou com a mão. Estava curtindo tudo aquilo, para ser sincero.

— Você pode…? — disse o segundo homem, entregando o celular para Kip.

— Ah, claro. Com certeza. — Kip se levantou para poder tirar a foto. Scott jogou os braços por cima dos dois homens e todos sorriram para Kip.

— Valeu, Scott! — disse o primeiro sujeito. — Você é top demais, cara. Animado pra te ver levantando aquela taça pra gente. Bom almoço!

— Obrigado — disse Scott.

Os homens saíram e Kip sorriu para Scott.

— Isso foi fofo.

— Foi tranquilo — disse Scott. — Às vezes não é tão tranquilo assim. — Ele passeou com os olhos pelo restaurante. — Melhor voltarmos logo para casa. Sempre começa com um e termina com uma multidão.

Não conversaram no caminho de volta para o apartamento de Scott, que estava com o maxilar travado como sempre ficava quando ele se preocupava com alguma coisa, e Kip sabia direitinho o que estava o perturbando.

Ele odeia quando as pessoas nos veem juntos.

Kip enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta e caminhou rapidamente para acompanhar os passos largos de Scott.

Scott estava nervoso. Os dois se sentavam no sofá; Kip todo esticado na outra ponta com os pés apoiados no colo de Scott. Ele estava respondendo a mensagem de feliz aniversário que recebeu da irmã. Scott esperou ele terminar.

— Então, hum… — começou Scott. — Eu, ah… tenho um presente de aniversário pra você.

— Ah, é? — disse Kip.

— Tenho. — Scott tirou um envelope levemente envergado do bolso de trás da calça jeans. Entregou-o para Kip, que se sentou e tirou os pés de seu colo. Ele encarou o envelope com desconfiança, olhando para Scott por cima dos joelhos dobrados.

Scott o observou abrindo o envelope e se preparou para o discurso que havia planejado. Dava para imaginar como Kip iria reagir.

— Você… *Quê?* — disse Kip, visivelmente atordoado. Ele tinha aberto o cartãozinho e estava segurando o papel que fora guardado ali dentro. — Não. Scott. Nem vem.

— Não sei se acertei o valor — disse Scott com calma —, mas quero pagar seus débitos estudantis.

— Isso aqui é um cheque de cinquenta *mil* dólares, Scott!

— Eu sei. Eu que preenchi.

— Não — repetiu Kip, balançando a cabeça. — Isso não faz sentido. Você não pode simplesmente me dar cinquenta mil dólares de aniversário.

— Eu imaginei que você diria isso — respondeu Scott. — Mas a questão é que… eu posso. Com a mão nas costas. E você sabe disso.

Kip continuava encarando o cheque, embasbacado.

— É demais — sussurrou ele. — É dinheiro *demais*.

— Quer dizer que sua dívida é menor que isso?

— Bom, é. Isso também. Mas é loucura!

— Você disse que não gosta do seu emprego. Disse que quer sair da casa dos seus pais. Quero que você seja capaz de realizar tudo isso. Então, se esse dinheiro puder te ajudar a começar, fico feliz em te dar. Mais do que feliz.

— Meu deus — murmurou Kip.

— Não quero te deixar desconfortável — disse Scott.

— Certo. Hum.

— Você está desconfortável.

— Sim.

Scott suspirou. Tinha imaginado que a situação poderia tomar aquele rumo.

— E se fizermos assim? Vamos ao banco e eu pago sua dívida estudantil. Esquece o cheque se for demais, mas pelo menos me deixa cuidar da sua dívida.

— É que ainda assim é muita coisa, Scott.

— Por favor. — Kip começou a balançar a cabeça de novo, então Scott disse: — Olha, eu sei. Sei como é ter dificuldades financeiras e de repente não ter mais. Mas eu ganho… Quer dizer, meu salário é informação pública. Você

deve saber quanto é. É dinheiro pra caramba. E ainda tenho contratos de patrocínio e tudo mais. O que eu não tenho… — Scott segurou a mão de Kip. — Ou melhor dizendo, o que eu não *tinha*, era algo no qual valesse a pena gastar. Ou alguém com quem compartilhar isso.

Kip piscou para ele.

— Eu faço doações para caridade — continuou Scott. — Comprei esse apartamento e viajo um pouco nas férias. Tirando isso, só tenho um monte de dinheiro parado no banco. E eu ficaria muito feliz se pudesse te ajudar um pouco.

Kip puxou a mão e, de cenho franzido, voltou a encarar o cheque.

— Não — disse ele, por fim. — Obrigado, mas não.

— Kip…

— Não. Olha, eu entendo o que você está dizendo. Eu sei que… sei lá, me fazer feliz te faz feliz, ou algo assim. Mas… eu…. — Ele suspirou. — Não consigo explicar.

— Não é grande coisa — argumentou Scott.

— É grande coisa *sim*, Scott! É uma coisa *muito* grande! Você não pode simplesmente… mudar minha vida inteira!

— Por que não? — disse Scott, com a voz tranquila. — Você mudou a minha.

Kip parecia estar perigosamente perto de chorar, o que não era nem um pouco o que Scott queria que acontecesse.

— Ei — disse Scott, apoiando a mão no ombro de Kip. Mas Kip se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Eu não sou… não sou uma *organização de caridade*. Tenho um débito estudantil normal para pagar, assim como outras milhões de pessoas. Venho conseguindo lidar até que bem com isso desde que me formei. Talvez meu emprego não seja incrível, e eu moro com meus pais, mas tenho meu orgulho, porra. E eu estava pagando a dívida sozinho todo mês antes de você simplesmente… preencher a porra de um pedaço de papel, enfiar num cartão de aniversário e…

— Ei! — exclamou Scott, se levantando para encontrá-lo. Ele estava ficando nervoso. Respirou fundo. — Olha, eu não estava tentando te ofender. Parece idiota para mim ter todo esse dinheiro enquanto você tem essa dívida toda para pagar. Me parece uma solução bem óbvia, não acha?

— Eu sei cuidar da minha própria vida, tá bom?

— Tá bom — disse Scott, desesperado. — Tá bom. Sim. Beleza. Desculpa.

Kip revirou os olhos, mas parecia ser mais para si mesmo do que para Scott.

— Porra, Scott. Eu sei que você só está tentando…

— Só quero te ver feliz — sussurrou Scott.

— Eu *sou* feliz — disse Kip. — Talvez não esteja vivendo a vida dos sonhos, mas, porra, quem está? — Depois, ele soltou uma risada e apontou para Scott. — Quer dizer, tirando vo…

— Minha vida não é perfeita, Kip — interrompeu Scott, tenso. — Achei que você já tivesse entendido isso.

Kip soltou o ar.

— Desculpa. Eu sei. Estou sendo um babaca. É só que essas coisas me deixam sensível.

Scott assentiu, um pouco frenético. Queria desfazer tudo o que estava acontecendo ali.

— Eu exagerei. Agora entendi. Mesmo. Esse relacionamento provavelmente parece um pouco… desequilibrado para você. Mas você me dá *tanta coisa*, Kip. Eu te amo. Te amo e sei que eu apresso as coisas, sei que devo estar sendo intenso demais, mas por favor. Saiba que é só porque eu me importo muito com você.

Kip pareceu pensar um pouco, e então seu rosto se suavizou.

— Tudo bem.

— Mesmo?

— Mesmo. Mas vou rasgar o cheque.

— Combinado — disse Scott, aliviado porque a situação pareceu ter sido revertida.

— Desculpa — disse Kip. Ele se jogou de novo no sofá e cobriu o rosto com as mãos. — Você tentou me dar um presente carinhoso e generoso. E, acredite, parte de mim quer *mesmo* aceitar, mas não posso.

Scott se sentou ao lado dele e o puxou para os seus braços.

— Vamos só esquecer isso, tá bom? Me desculpa *mesmo*. Deveria ter comprado flores ou algo do tipo.

Kip riu contra o ombro dele.

— Uma escolha difícil: flores ou cinquenta mil dólares.

Scott riu também, agora entendendo perfeitamente o quanto aquele presente havia sido ridículo. Ele realmente não sabia o que estava fazendo.

— Quero tentar de novo — disse ele com o rosto sobre o cabelo de Kip. — Posso tentar de novo? Quero te dar o presente perfeito.

— Não precisa.

— Mas eu quero. Eu te amo, Kip. Desculpa ser ruim pra caralho com essas coisas.

O olhar de Kip ficou carinhoso e afetuoso quando ele inclinou a cabeça e uniu seus lábios aos de Scott. O beijo foi dolorosamente lento e doce, e Scott se derreteu todo.

— Te amo — disse ele, os lábios tocando a barba por fazer na bochecha de Kip.

— Também te amo. Muito. Porra, eu não quero ficar bravo com você. Estava com saudade.

— Eu também.

— Vou sentir sua falta hoje à noite.

— Eu sei. Desculpa. E vou estar tão ocupado essa semana. Me desculpa por isso também.

— O que você tem programado para essa semana? — perguntou Kip, e depois começou a encher o pescoço de Scott de beijinhos.

— Tenho um treino longo amanhã. — Scott jogou a cabeça para trás, dando mais acesso a Kip. — E uma coisa amanhã de tarde.

— Uma coisa?

— Uhum. Uma entrevista para a *Sports Illustrated*.

— Ah.

— E na quarta vou visitar crianças no hospital de manhã. E tenho jogo à noite. Quinta de manhã temos uma reunião por videochamada, e de tarde tenho outra coisa…

Os beijos pararam.

— O que é essa *outra* coisa?

— Ah. Hum… só uma sessão de fotos. Campanha nova da Gillette.

Kip recuou um pouco para encará-lo.

— Sério?

— Daí na sexta tem jogo de novo e depois…

— Depois você vai apresentar o *Saturday Night Live*?

Scott riu.

— Não! Eu recusei esse. Meu deus, consegue imaginar?

— Não…

Scott olhou para ele, sério.

— Você sabe que todas essas coisas são… Nada disso é importante. Tudo parece glamouroso, mas eu só me importo com o hóquei e com o tempo que passo com você.

— O mundo te ama — disse Kip, passando o dedo sobre os lábios de Scott. — Tenho que dividir você.

— Só um pouquinho — disse Scott. — Eles só recebem pedacinhos bem pequenos. — Ele mordiscou o dedo de Kip e depois deu uma lambida.

— Azar o deles — murmurou Kip.

Capítulo dezenove

— Sinto *muito* pelo lance do emprego — disse Shawn assim que se juntou à mesa. — Se quiser, eu nunca mais piso naquele museu de novo.

Kip riu.

— Tá tudo bem. Como eu *já tinha dito*, não tenho as qualificações.

— Você tem sim, e quem perde são *eles* — disse Shawn.

— Exatamente! — concordou Elena, erguendo seu copo de cerveja.

O bar estava bem cheio para uma noite de segunda-feira. Kip olhou para seus amigos ao redor da mesa: Elena, Shawn e Maria, além de Jimmy e Chuck, que aproveitaram as férias e foram para Nova York só para a ocasião. Com exceção de Elena, era a primeira vez que o grupo conhecia Maria. Kip não passava muito tempo com ela fora do trabalho, o que era uma pena. Mas ela estava ali agora, e Kip estava cercado por um grupo maravilhoso de pessoas que ele tinha a sorte de ter na vida.

Só queria que Scott pudesse estar presente.

Ele tentou não pensar muito naquilo. Não era como se seus amigos tivessem levado parceiros. Até onde sabia, nenhum deles tinha um relacionamento sério.

— Agora que todo mundo chegou… — disse Chuck com sua voz retumbante e feliz. — Eu proponho um brinde. Ao Kip! Um cara que dá vontade de odiar por ser tão lindo, mas é impossível porque o desgraçado é charmoso pra caramba.

— Ao Kip! — bradaram todos.

— Viva eu! — exclamou Kip, erguendo o copo.

O garçom era o mesmo que havia flertado com Kip da última vez em que esteve no bar com Shawn — Kyle. Ele continuava muito gato e flertando *muito* com Kip, que não conseguia evitar corresponder um pouquinho.

— Já pegou esse aí? — perguntou Shawn depois que Kyle saiu para buscar mais uma rodada.

— Nada — disse Kip.

— Que tragédia — disse Jimmy. — Se você não quiser, eu quero.

Chuck riu.

— Até parece, Jim. Ele nem consegue te *enxergar* por trás do brilho do Grady.

— Kip — disse Maria —, você não me avisou que *todos* os seus amigos bonitinhos eram gays. O que foi que eu vim fazer aqui?

— Eu te avisei, *sim*, e se quiser, mais tarde a gente pode ir pra algum restaurante de franquia ou seja lá o que os héteros frequentam.

Ela jogou uma azeitona na direção dele, por cima da porção de nachos que todos estavam dividindo.

Eles beberam e conversaram com empolgação por um tempo. Kip começou a se sentir agradavelmente confortável e soltinho, rindo fácil e provocando os amigos.

— Beleza — disse Chuck, apoiando as mãos na mesa para chamar atenção. — A próxima rodada vai ser na conta de quem estiver há mais tempo sem transar.

— Não é justo — disse Elena. — Tem que ser quem transou mais recentemente.

— Caramba, Elena — disse Kip. — Você quer *mesmo* pagar a próxima rodada, né?

— Acho que essa pessoa não seria eu — disse ela, olhando diretamente para ele. Kip calou a boca.

— Nada disso, as regras são minhas — afirmou Chuck. — Beleza, podem ir falando. Pra mim, faz duas semanas.

— O que você considera sexo? — perguntou Jimmy.

— Se aliviar com a assistência de outra pessoa — disse Chuck com autoridade.

— Ah. Sendo assim, três dias — disse Jimmy.

— Peraí — interveio Chuck. — Foi com aquele contador que…

Jimmy assentiu.

— Legal. Beleza, quem tá há mais de duas semanas?

Elena balançou a cabeça.

— Ontem à noite.

— Eu também — cantarolou Shawn.

Maria jogou a cabeça para trás e deu um grunhido.

— Meeeeerda! — disse ela. — Um mês. Mais de um mês. Aff.

— Ops — brincou Chuck. — E você, aniversariante?

— Hum — disse Kip. *Algumas horas.*

Ele olhou para Elena em busca de ajuda. Ela apenas ergueu uma sobrancelha, interessada.

— Tipo, dois meses, por aí — disse ele, finalmente. Elena era a única que sabia a verdade.

— Ah, merda, sinto muito, Grady — disse Chuck. — Parece que você vai pagar a rodada no seu próprio aniversário.

— Tudo bem — disse Kip. Porque *estava* tudo bem. Ele estava fingindo estar na seca quando, na realidade, estava no melhor relacionamento da sua vida. Existiam problemas piores para se ter.

Ele se levantou para fazer o pedido. Cambaleou um pouco no caminho até o bar. Kyle estava lá, gato pra caramba em uma camiseta branca justa.

— Meu cliente favorito — disse Kyle com a voz arrastada. — O que posso fazer por você?

Kip deu uma risadinha e apoiou o braço no bar.

— Quero uma rodada pra mesa.

— Só isso? — perguntou Kyle, se inclinando para mais perto dele.

Esse era o momento em que Kip normalmente diria algo como "por enquanto", ou seria mais direto e diria onde encontrá-lo quando o turno acabasse. Mas…

— Aham — disse Kip, se afastando um pouco. — Só isso.

Kyle pareceu surpreso, mas logo se recompôs.

— Como preferir — disse ele, ainda sorrindo e secando o corpo de Kip.

Kip voltou para a mesa. Era bom saber que ainda tinha o borogodó, mesmo que estivesse reservado para um certo astro do hóquei.

No fim da noite, todos estavam bastante bêbados. Enquanto esperavam os táxis do lado de fora, Maria abraçou Kip com o corpo inteiro.

— Obrigada por me convidar, Kip. Eu gosto de você. Seus amigos são legais. Você é legal.

— Obrigado por ter vindo — disse Kip no cabelo dela. — A gente tem que sair mais vezes.

— Sim! Sim, claro! Kip… sim. — Ela apontou para ele ao andar de costas na direção do táxi que a esperava.

Jimmy, Chuck e Shawn se amontoaram para dar um abraço de grupo em Kip.

— Obrigado, gente — disse ele. — Amo vocês, seus idiotas. Sabiam disso?

— Também te amamos, Kip — disse Shawn. Os três entraram em um táxi juntos e Kip ficou sozinho com Elena.

— Ele tá vindo. — Ela era sempre comedida e coerente, mesmo bêbada.

— Ahn?

— Scott. Eu mandei mensagem pra ele. Ele tá vindo pra te levar embora.

— Quê? Por quê? Como você tem o número dele?

Elena o encarou como se ele fosse muito burro.

— Você é assustadora, sabia?

— Sorte sua que eu tô do seu lado.

— Sorte mesmo. Você sempre está. Te amo, Elena. — Ele a abraçou. Ela resistiu de primeira, mas acabou aceitando. — Não precisava ter mandado mensagem pra ele.

— Precisava. Você está bêbado e eu vou me encontrar com alguém daqui a pouco. — Ela estava digitando no celular enquanto falava.

— Outro ator famoso? — Kip deu uma risadinha.

— Só um cara da academia — respondeu Elena. — Que também é um dançarino reserva da Rihanna.

— Arrasou, amiga! — disse Kip, levantando a mão para um "toca aqui". Elena o ignorou.

— Parece que sua carona chegou. — Ela apontou para uma SUV muito bonita que havia encostado.

— Obrigado, Elena. Você é a melhor! — disse ele, do fundo do coração.

Então abriu a porta de trás do carro e se surpreendeu ao ver que Scott não estava ali.

— Hum, aqui! — disse a voz de Scott. Kip se virou e viu que ele estava era atrás do volante.

Fechou a porta de trás e entrou pela porta do passageiro. Abriu um sorriso todo frouxo para Scott.

— Quer dizerrr que cê sabe dirigir? — disse ele com a voz toda embolada.

— Eu sei — respondeu Scott. — Nossa, você tá acabado.

— Tô debouuua. Você tem carro?

Scott riu.

— Tenho. Não uso com frequência, mas esse aqui é meu. É, hum, mais fácil ter um motorista. Não ter que me preocupar com estacionamento e tal.

— Uhm — disse Kip, sonolento. Estacionar ou comprar um carro não eram coisas com as quais já tivera que se preocupar.

Seguiram em silêncio por um minuto, e então Scott falou:

— Se divertiu?

— Sim. Sim. Meus amigos são incríveis.

— Que bom. Desculpa não poder ter ido.

— Tátudobem.

— Não, eu… — Ele suspirou. — Deixa pra lá. Podemos falar disso quando você não estiver…

— Falar do quê?

— Nada.

Mesmo com a visão turva, Kip conseguia ver o jeito como o maxilar de Scott ficou retesado.

— Eu te amo — disse ele.

Scott relaxou um pouco.

— Eu também te amo. Mesmo quando você está trêbado.

— Trêbado não. Só altinho.

— Aham.

— Obrigado — disse Kip, se concentrando para dizer as palavras com o máximo de clareza possível. — Por me buscar. Você não precisava…

— Imagina — disse Scott. — Fiquei feliz que a Elena me avisou. Não sei como ela conseguiu meu número, mas…

Kip balançou a mão.

— Vai saber. Ela descobre tudo.

— Bom, fiquei feliz por ela ter me mandado mensagem. Eu senti que… que o que nós temos…

Kip estava perdendo o fio da meada.

Scott parou em um sinal vermelho e olhou para ele.

— Eu sei que é um saco manter as coisas em segredo. É um saco pra mim também. Hoje foi muito difícil para mim.

— Scott…

O sinal ficou verde.

— Enfim… — disse Scott, voltando a atenção para a estrada. — Foi legal receber uma mensagem da Elena. Fez tudo isso parecer mais real.

Kip apoiou a mão na coxa de Scott.

— É real.

Os cantos dos lábios de Scott se curvaram para cima.

— É — disse ele. — Agora vamos te levar pra cama.

— Bom dia. — Uma silhueta embaçada no formato Scott cantarolou. — Que bom que você está vivo.

Kip piscou e coçou os olhos. Estava morrendo de sede.

— Aqui — disse o Scott embaçado, entregando um copo de água. Kip bebeu tudo.

— Obrigado — disse ele, devolvendo o copo.

— Como você está se sentindo?

— Ótimo — respondeu Kip com a voz rouca. Ele se jogou de volta no travesseiro.

— Você estava tão fofo ontem à noite — disse Scott. — Todo carinhoso. Até cair no sono em cima de mim.

— Desculpa — respondeu Kip.

— Que nada. Fico feliz que você tenha se divertido. — Scott passou os dedos pelo cabelo de Kip, que fechou os olhos e suspirou de alegria.

— Estou sentindo cheiro de bacon? — murmurou Kip.

— Sim! Fiz rabanada e bacon.

— Ai, meu deus. Você é o melhor.

— Já tá pronto, se quiser comer. Tem café também. Preciso sair daqui a pouco.

Kip se sentou.

— Beleza! Desculpa, me esqueci do seu treino. Tá bom, só vou tomar uma ducha rapidinho.

Ele ficou embaixo do chuveiro apenas para passar shampoo uma vez e esfregar sabonete no corpo. Se sentiu muito melhor depois do banho.

Ele entrou na cozinha de calça de moletom, camiseta e cabelo molhado. Scott o entregou uma caneca de café, e Kip o beijou.

— Sério — disse ele. — Melhor namorado do mundo.

Os dois se sentaram ao balcão da cozinha e comeram a (incrível) rabanada, e ele contou um pouco sobre a noite para Scott.

— Eu lembro — disse ele. — No carro, ontem. Você disse que ficou mal?

— Ah. — Scott olhou para o prato e corou. — Não foi nada. Eu estava meio esquisito ontem à noite. Não se preocupa com isso.

— Ah, para. Me conta.

Scott colocou o garfo na mesa.

— Acho que pela primeira vez eu me senti realmente… Quer dizer, no baile já tinha sido difícil, mas você saiu com seus amigos para comemorar seu aniversário…

Kip se aproximou e colocou a mão no braço dele.

— Eu deveria estar lá — disse Scott. — Foi isso que ficou me perturbando a noite inteira. Eu queria poder só… — Ele suspirou. — Não importa. Não vale

a pena lamentar por coisas que não posso ter. Eu deveria ser grato pelas coisas que tenho.

Kip estava quase perguntando se Scott tinha *certeza* de que não poderia ter aquelas coisas. Se seria tão terrível assim se assumir publicamente. Mas tinha prometido a si mesmo que não iria forçar aquela questão. Scott entendia os riscos muito melhor do que Kip.

Em vez disso, falou:

— Você precisa se sentir pronto.

Scott parecia arrasado.

— Eu *quero* me sentir pronto.

— E vai. Em breve — disse Kip, apertando o braço dele.

Scott assentiu e ofereceu um sorriso tenso.

— Desculpa. Como eu disse, só foi uma noite esquisita e solitária. A imaginação começou a correr meio solta.

— Já passei por isso. Sei bem como é.

Kip o beijou, e Scott intensificou o beijo imediatamente, tocando o rosto dele e descendo da banqueta para ficar de pé na frente do namorado. Kip esticou o pescoço enquanto Scott explorava a boca dele com a língua.

— Você é bom nisso — disse Kip, ofegante quando os dois se afastaram.

— Acho que são todos esses anos de prática — comentou Scott, seco.

— Para. — Kip deu um tapinha no peito dele. — Quando você precisa sair?

Scott olhou para o relógio.

— Tipo agora. O carro chega em uns dois minutos.

— Droga — disse Kip. — Hoje eu trabalho até as duas. Você vai estar ocupado de tarde, né?

— Vou. *Sports Illustrated*.

— Entendi.

— E nas próximas tardes também.

— Bom… a gente dá um jeito. Quer que eu venha pra cá hoje à noite?

— Quero — disse Scott. — Você pode?

— Vou fazer jantar pra você.

— Ah, é? Devo chegar meio tarde.

— Tudo bem — disse Kip, sorrindo para ele. — Boa sorte na entrevista.

— Obrigado. Eu meio que odeio fazer essas coisas.

— Vai ter sessão de fotos?

— Vai. Hoje não, mas sim. Em breve. É a matéria da capa.

— Olha ele!

Scott fez uma careta.

— Pois é.

Ele vestiu uma jaqueta de couro e beijou Kip à porta.

— Ah! Eu pensei numa coisa! Pro seu presente de aniversário — disse ele, empolgado. — O que você acha de irmos no MET juntos no sábado?

— No MET? Tipo… o museu?

— É — disse Scott. — Achei que você poderia gostar…

Puta merda.

— Eu *adoraria*!

Será que Scott havia entendido o que Kip não tivera coragem de lhe dizer? Que tudo o que Kip queria de aniversário era ir a algum lugar que ele amava com o namorado?

— Tá bom, então — disse Scott, sorrindo. — Combinado.

— Sério?

— Tipo, obviamente teremos que ser… discretos.

— Ah. Sim. Não, eu sei. — Kip desanimou um pouco.

— Eu te trago de volta pra cá depois do museu e compenso, tá bom?

Kip assentiu e tentou manter a expressão animada ao dizer:

— Adorei! — Ele beijou Scott. — Vai lá ser uma celebridade. Estarei aqui quando você voltar pra casa.

Capítulo vinte

— Então, quem é esse cara? — perguntou Scott. — Qual é a história dele?

— Sei lá! — Kip riu. — Eu não sei tudo! — Ele se inclinou para ler a descrição que o museu escrevera para o conjunto ornamentado de uma armadura de prata. — Italiano. Século XVI. Só um cara. Um cavaleiro.

— Só um cavaleiro aleatório, é? Bem pequeno ele.

— Todo mundo era pequeno naquela época. Será que ele estava usando isso quando morreu?

— Nossa, imagina quanto tempo deve ter levado pra fazer esse negócio? E eles tinham exércitos inteiros desses caras?

— Eles provavelmente reaproveitavam as armaduras. Devia ter muita rotatividade nesse serviço.

Scott riu da piada pesada de Kip. Scott estava no modo anônimo: um boné do Yankees puxado o mais baixo possível sem cobrir os olhos, um moletom chumbo básico de zíper e jeans. Kip não sabia ao certo se aquele disfarce iria funcionar; ele ainda era o homem mais gostoso em qualquer ambiente. Iria chamar atenção de um jeito ou de outro.

Os ombros de Scott estavam curvados, e ele ficava o tempo todo enfiando as mãos nos bolsos da jaqueta, como se estivesse se segurando para não tocar no namorado.

— Meu pai costumava me trazer aqui quando eu era criança — disse Kip. — Ele era professor de história e inglês pro ensino médio.

— Então você puxou isso dele?

— Com certeza — respondeu Kip. — Minha irmã, Megan, gostava mais de literatura, mas eu sempre tive interesse em história.

— O que te faz gostar de história?

Kip não sabia direito como responder a uma pergunta grandiosa daquelas.

— É que… bom, é uma história longa. Uma história *muito* longa. E milhões de pessoas, por centenas de anos, ajudaram a contá-la. Registrando os próprios pedacinhos, tentando preencher as lacunas ou fazendo correlações com as

partes que vieram antes delas. Tipo, algumas pessoas gostam de registrar sua história de um jeito que pegue melhor para elas… ou que pegue mal para outras. Mas os historiadores trabalham para consertar isso. E é isso que eu quero fazer: trabalhar para que as histórias certas sejam contadas.

— Uau — disse Scott. — Que legal. Gostei.

Kip deu de ombros, um pouco envergonhado pelas divagações esquisitas.

— Eu só acho interessante.

— Então, cavaleiros italianos do século XVI não são sua área de especialização? — perguntou Scott.

Kip balançou a cabeça e sorriu.

— Na verdade, não. Tenho mais interesse pelos camponeses. Mas soldados com certeza me interessam também.

— Me conta — pediu Scott. — Quero ouvir sobre os seus interesses.

— Ah. No geral, eu me interesso é por pessoas. Nem tanto os grandes nomes dos livros de história, mas em como as pessoas viviam durante diferentes períodos. Em diferentes lugares. Quem eram os soldados em meio às guerras. Quem eram os trabalhadores. Esse tipo de coisa. Principalmente grupos marginalizados. Pessoas que não tiveram suas histórias contadas direito.

Scott assentiu, pensativo.

— Tipo gays? — chutou ele.

— Sim, claro. É um bom exemplo. Meu trabalho final de graduação foi sobre grupos marginalizados que foram convocados para as guerras. — Kip examinou a descrição de uma espada do século XVI e esperou Scott mudar de assunto.

Depois de um minuto, Scott o surpreendeu ao perguntar:

— Você tem uma cópia em algum lugar? Eu queria ler.

Kip piscou para ele.

— Você quer ler meu trabalho final?

— É claro. Se você escreveu, eu quero ler.

Meu deus, que fofo. Kip queria muito abraçá-lo. Será que Scott ficaria bravo se ele o abraçasse?

— Tem, tipo, noventa páginas — disse ele, em vez de se jogar nos braços do seu namorado enorme e adorável. — E deve ser chato pra cacete.

— Eu consigo ler noventa páginas — disse Scott com uma risadinha. — Eu sou atleta, não idiota.

Kip revirou os olhos.

— Eu sei que você não é burro, Scott.

Scott sorriu, e então seus olhos vagaram em torno do salão pela milionésima vez. Ele parecia estar se forçando a se divertir, mas seu desconforto era óbvio. Aquilo estava chateando Kip.

Ele colocou a mão sobre o braço de Scott, e depois a puxou de volta quando ele se encolheu.

Kip se esforçou ao máximo para não ficar irritado. Queria mandar Scott relaxar, mas em vez disso se virou e o guiou até o próximo conjunto de armadura.

— Ei, já viu essa aqui antes? Sempre foi uma das minhas coisas favoritas neste museu. Ela foi usada pelo Henry VIII.

— Já ouvi falar desse cara!

— Viu só? Nem um pouco burro.

Scott franziu o cenho para a armadura dourada.

— Achei que ele fosse gordo. Ele não era, tipo, um cara gordão e barbudo? Essa armadura parece muito pequena.

— Essa armadura era de quando ele ainda era jovem — explicou Kip. — Por aqui… — Ele gesticulou para que Scott o seguisse. — Podemos ver outra de suas armaduras, que ele usou uns vinte anos depois. É bem diferente.

— Acho que ele passou esses vinte anos comendo.

— E trepando. E matando as esposas dele.

— Bom, eu estava com inveja até chegar a última parte.

Kip riu e Scott lhe deu um sorrisão.

— Você deveria trabalhar aqui — disse ele. — Você mandaria muito bem!

— Pois é. Seria incrível — murmurou Kip. Ele nunca se dera ao trabalho de contar a Scott sobre sua entrevista de emprego fracassada no outro museu. Não havia motivo para parecer ainda menos impressionante.

— O que é preciso para trabalhar num lugar tipo esse? Você já é formado em história.

— Ah, não sei. Provavelmente um mestrado, no mínimo. Depende do trabalho.

— E você não quer fazer mestrado?

— Não sei — disse Kip, fingindo interesse numa manopla do século XV. — Quer dizer, sim. Eu gostaria. Só não tenho… — Ele parou de falar.

— Dinheiro? — completou Scott.

— Nem começa — alertou Kip.

— Não tô falando nada! Mas se dinheiro for o único empecilho…

— Não é. Para começo de conversa, eu teria que ser aceito em algum lugar.

— E você já se inscreveu?

Kip não conseguiu pensar em um motivo para mentir.

— Enviei algumas inscrições umas semanas atrás.

Scott arregalou os olhos, surpreso, mas sorriu.

— Que ótimo! — Então, a expressão dele ficou um pouquinho séria. — Hum… onde?

— Ah, por aqui mesmo — disse Kip rapidamente. Ele abaixou o tom de voz e sorriu. — Achou que eu iria te abandonar?

Scott olhou sério para ele.

— Eu sentiria saudade pra caramba se você se mudasse para estudar, mas eu entenderia.

Kip queria *muito* beijar ou pelo menos apertar a mão de Scott. Que saco.

— Obrigado — disse ele. — Mas sou mais feliz aqui. Além do mais, capaz de eu não passar em nenhuma delas.

— Você vai passar.

As coisas mudaram um tempo depois, quando entraram na galeria de esculturas europeias. Sob a iluminação brilhante e os espaços amplos, as pessoas começaram a notar a celebridade ali presente. De repente, os frequentadores do museu pareceram perder muito do interesse nas estátuas de deuses gregos e começaram a tirar fotos escondidas do Adonis moderno caminhando em meio a eles.

Kip se aproximou de Scott e disse:

— Aqueles caras estão…

— Eu sei — murmurou Scott. — Já vi.

Não demorou muito até duas jovens se aproximarem e pedirem uma selfie com Scott. Kip percebeu que ele queria negar educadamente, mas em vez disso forçou um sorriso e disse:

— Claro!

Kip pôde ouvir os murmúrios ao redor do átrio silencioso de mármore.

— Viu o Scott Hunter ali?

— É o Scott Hunter mesmo?

— Quem você acha que é aquele cara com ele?

Mais pessoas o abordaram e tiraram fotos com ele. Scott autografou alguns folhetos do museu, o que Kip achou um pedido absurdo.

Depois de tirar foto com uma família de quatro pessoas, Scott se virou para Kip e disse com firmeza:

— É melhor a gente ir. Desculpa, mas agora só vai piorar.

Saíram depressa. Tinham planejado um almoço no bairro, mas, enquanto atravessavam o lobby do museu, Scott já estava ligando para o motorista.

— Nada de almoço, então — disse Kip, mantendo a voz o mais relaxada possível.

— Não. — O tom de Scott era menos relaxado, e sua postura estava tensa e nervosa. Kip queria tocá-lo para acalmá-lo, mas não teve coragem.

De volta ao apartamento. Para nos escondermos.

Enfim, foram umas boas duas horas fingindo que estava em um relacionamento normal.

Quando a noite chegou, as contas de fãs de Scott estavam cheias de fotos capturadas com celular (a maioria delas tirada sem permissão) mostrando Scott e Kip no museu. Até alguns sites de fofoca publicaram as imagens. Kip só ficou sabendo porque, pouco depois das oito da noite, recebeu uma mensagem de Shawn.

Shawn: Kip! Oi??? É você????!!!!!!!

Era uma foto de Scott o olhando (um pouco apaixonado demais) enquanto Kip encarava a estátua de Perseu. A cena definitivamente parecia romântica, e o pênis de mármore da estátua pendurado entre os dois não ajudava muito.

A maioria das pessoas não notaria aquilo, né?

Kip: Sim.

Shawn: Quer me explicar por que você estava num encontro com o Scott Hunter?

Kip: Não era um encontro!

Mentira das grandes.

Shawn: Explique-se.

Kip: Nós nos conhecemos no trabalho. Somos amigos. Nada de mais.

Shawn enviou um gif de uma participante de *RuPaul's Drag Race* fazendo cara de "Bitch, please".

Kip: Não é nada! Juro! Até parece que o Scott Hunter ia querer alguma coisa comigo. Fala sério!

Shawn: Hummm...

Kip: Ele parece gay pra você? Um pouquinho gay que seja?

Ele odiava cada palavra que estava digitando. Não queria mentir para os amigos.

Shawn: Hmmm...

Kip: Não tem nada.

Shawn: Bom, da próxima vez em que você e seu amigo hétero Scott estiverem fazendo

"nada", me convida. Seria uma boa a gente ir numa praia ou algo assim. Ou piscina. Ou sauna.

Kip revirou os olhos e depois enviou um emoji que fazia o mesmo.

Shawn: Na foto, parece que ele quer te devorar. Só digo isso.

Kip: Ele não quer.

(Só que ele super queria.)

Kip decidiu não contar para Scott que as fotos tinham ido parar na internet. Scott nem sequer tinha contas oficiais nas redes sociais. Havia uma grande chance de que nem ficasse sabendo.

No geral, as fotos não tinham nada de mais. O foco estava em Scott Hunter sendo flagrado em público. Kip nem sequer era mencionado, exceto como "amigo desconhecido".

Não havia motivo para contar. Só iria deixá-lo estressado.

Às nove e meia da noite, Scott perguntou:

— Tem fotos nossas na internet? Do museu?

— Hum… não sei — mentiu Kip. — Por quê?

— Carter acabou de me enviar uma.

Merda. Kip pegou o celular e fez uma cena abrindo o Twitter, como se não tivesse passado o dia inteiro conferindo.

— Ah. Sim, tem algumas. Nada de mais… Quer dizer, a maioria está bem embaçada. Não sei por que as pessoas se dão ao trabalho de postar.

Kip esperou Scott responder, e torceu para que o vermelho intenso em suas bochechas passasse despercebido. Ele já tinha mentido para Shawn sobre aquelas fotos idiotas; agora estava mentindo para Scott também. Na verdade, Kip só queria olhar as fotos e sentir um pouquinho de orgulho delas. Nunca tinha visto uma foto dos dois juntos antes.

— Por que o Carter te mandou uma das fotos?

— Ele só estava… me zoando, sei lá. Ele sabe que eu odeio esse tipo de atenção.

— Ele não acha que…

— Não sei! Merda! — Scott jogou o celular no sofá e começou a andar de um lado para o outro. — A gente não deveria ter ido! Foi burrice. Eu só queria… Porra. Onde eu estava com a cabeça?

— Ei — disse Kip, tentando passar um ar tranquilizante. — Não é grande coisa. Nada de mais. Não é como se a gente estivesse se pegando nas fotos.

— Mas e se *estivesse*? Quer dizer, não se pegando. Mas e se eu tivesse te tocado de um jeito mais óbvio, sem querer? Ou se eu tivesse… olhado pra você do jeito como eu sei que sempre olho?

Kip pediu a Deus para que Scott nunca visse a foto que Shawn lhe enviara.

— É difícil pra cacete ser cuidadoso — disse Scott. — Eu nunca deveria ter…

— Tá bom — disse Kip, curto e grosso.

Porra, que coisa mais ridícula. Aquele havia sido o "encontro" mais recatado do mundo, e lá estava Scott, surtando porque os dois tinham sido fotografados lado a lado em público.

Pela primeira vez, Kip considerou seriamente ir embora para casa naquela noite. Não era apenas a irritação com Scott. O medo já familiar de que aquele relacionamento não daria certo a longo prazo estava tomando conta.

Kip amava muito Scott, e faria quase qualquer coisa para ficar com ele. Mas não podia mentir sobre quem era. E não queria mentir sobre quem Scott era para ele.

— Acho que… vou voltar pra casa, tá bom?

— Quê? — Scott pareceu completamente pego de surpresa. — Por quê?

— É que… — Kip mordeu o lábio. Não queria começar uma briga por causa disso, mas, se ficasse ali, a briga iria, *sim*, acontecer, porque não daria para fingir que aquilo não o chateara. — Tenho que resolver umas coisas em casa.

A resposta soou exatamente como era: uma mentira.

— Por favor, não vai — disse Scott.

Kip iria insistir que precisava ir embora, mas aí Scott disse:

— Desculpa.

Kip suspirou.

— Não precisa se desculpar, Scott.

— Bom… eu sinto que preciso, tá? E queria poder prometer que as coisas vão melhorar, mas a verdade é que… — Ele passou a mão pelo rosto e xingou baixinho. — Estou tentando. Juro. Estou tentando. Pode não parecer, mas cada passo minúsculo que nós damos é um salto para mim.

— Eu sei — disse Kip.

Ele sabia. Até mesmo a tentativa de uma saída dos dois em público já tinha sido uma grande questão. Eles só estavam namorando havia algumas *semanas*; o que mais Kip poderia realmente exigir dele?

— As coisas vão ficar mais frenéticas para mim quando as eliminatórias começarem — explicou Scott. — Só quero saber se estamos bem.

Kip assentiu.

— Estamos bem.

— Por favor, fica — disse Scott. — Eu te amo tanto, Kip. Preciso de você. Por favor, seja paciente comigo.

E como Kip poderia resistir?

— Eu fico.

Capítulo vinte e um

A multidão era ensurdecedora, mas ainda assim Kip conseguiu escutar Elena quando ela se aproximou de seu ouvido e disse:

— Acho que *alguém* vai transar muito gostoso hoje à noite!

Kip corou e sorriu ainda mais do que já estava sorrindo. Os Admirals tinham acabado de vencer a quarta partida em sequência na primeira rodada dos *playoffs*, eliminando Pittsburgh, que tinha mais pontos, e seguindo para a próxima rodada. Kip observou Scott celebrando com seus colegas de time no gelo. Estava tão orgulhoso.

Com as eliminatórias se aproximando, Scott tinha cada vez menos tempo para ele. Embora Kip passasse a maioria das noites no apartamento, Scott só estava em casa mais ou menos metade das vezes. Kip dissera aos pais que estava ficando na casa de amigos em Manhattan. Tinha precisado dizer *alguma coisa* para eles.

O relacionamento era recente — apenas dois meses, aliás. Kip se lembrava disso sempre que ficava frustrado. Às vezes, porém, se perguntava se Scott algum dia estaria pronto para sair do armário. Para permitir que os dois fossem um casal de verdade.

Porém, no privado, quando Scott de fato *tinha* tempo para ele, as coisas iam maravilhosamente bem.

Os dois times fizeram uma fila para cumprimentar uns aos outros. Cada jogador de Pittsburgh parecia tirar um momento para dizer algo a Scott quando chegava a vez. Ele recebeu até mesmo alguns abraços rápidos e másculos de alguns deles. Isso mostrava o quanto Scott era respeitado, até mesmo por seus oponentes.

Kip o amava. E estava *mesmo* esperando transar muito gostoso naquela noite.

Kip escovava os dentes no apartamento de Scott quando recebeu uma

mensagem dele.

Vou sair com os caras. Devo chegar bem tarde.

Kip tentou não ficar decepcionado. Os Admirals tinham acabado de tirar Pittsburgh das eliminatórias! É claro que Scott iria querer comemorar com o time.

Se sentou na beirada da cama e respondeu: Ok. Divirta-se.

Ele suspirou. A verdade é que vinha passando muito tempo sozinho nos últimos tempos. Não que Kip não tivesse amigos; ele só não tinha amigos que sabiam de Scott, tirando Elena. A *família* dele não sabia sobre Scott. A família com a qual, tecnicamente, ele *morava*.

Estava ficando mais difícil.

Por mais que a cobertura de Scott fosse bacana, também era vazia e solitária. Além do mais, não pertencia a Kip. Ele tinha levado algumas roupas e itens de higiene pessoal, e seu notebook passava a maior parte do tempo lá, mas ainda era visita.

Toda a tensão sexual de ter um relacionamento secreto que um dia existira já havia com certeza desaparecido. O passeio desastroso no museu provavelmente fora a última pá de cal. Kip estava cansado de ser cuidadoso quando falava com seus amigos e sua família. Estava cansado das mentiras e das meias-verdades. Num geral, estava cansado de evitar todo mundo por não *querer* mentir. Sempre fora um rapaz muito sociável. Ele não gostava daquilo.

Scott parecia muito mais confortável do que Kip com o relacionamento esquisito dos dois. Ele obviamente amava voltar para casa e encontrá-lo ali, e sempre o recebia com um sorriso afetuoso e um beijo. Até mesmo as atividades domésticas mais básicas como preparar comida ou assistir a TV pareciam o deixar muito feliz. Kip ficava feliz também, mas vinha se sentindo muito… compartimentalizado. Ele se encaixava na vida de Scott em casa, e definitivamente era importante para Scott que Kip frequentasse os jogos, mas, tirando isso, não restava nada. Kip não contava para os amigos sobre Scott, e nem ferrando que Scott contava sobre Kip para os amigos *dele*.

Não era como se o relacionamento deles fosse *ruim*. Kip estava apaixonado. Total e completamente apaixonado. E não tinha dúvidas de que Scott o amava também. Além do mais, a vida sexual dos dois continuava incrível. Para um cara sem muita experiência prévia, Scott sempre encontrava novas maneiras de surpreender Kip na cama.

Seria ridículo Kip dizer que se sentia um *prisioneiro* no apartamento de Scott. A questão não era essa. Mas é que o relacionamento só existia entre as

quatro paredes daquela casa. Era a coisa mais importante na vida de Kip, e ele não podia levá-la para além da porta da frente. Agora que as eliminatórias haviam começado, Kip desistira de esperar que Scott fosse anunciar o relacionamento deles num futuro próximo. E, quando as eliminatórias terminassem, o plano de Scott era fugir para a Europa com ele.

E depois? A próxima temporada de hóquei começaria, Scott ficaria ocupado e Kip talvez começasse a estudar… ou pior, talvez continuasse a trabalhar naquele emprego de merda, fingindo estar solteiro. Fingindo que não estava dividindo a vida com um homem que amava. Deixando seus pais pensarem que ele estava dormindo de favor em Manhattan ou transando com uma multidão de homens aleatórios.

Kip jogou o celular no colchão. Estava sendo egoísta. A cidade estava comemorando a vitória dos Admirals. Ele deveria se sentir orgulhoso e *grato* por Scott lhe dar o que quer que tivesse a oferecer.

Scott o amava. Kip sabia disso. Só queria que as coisas não fossem tão complicadas.

Kip ouviu o som inconfundível de Scott esbarrando na cômoda, seguido pela voz dele xingando baixinho. Kip acendeu a luminária ao lado da cama.

— Oi — disse ele, a voz rouca.

— Oi — sussurrou Scott. — Desculpa te acordar. Pode voltar a dormir. Só estou tirando a roupa.

— Está meio bêbado, é? — perguntou Kip com um sorrisinho.

— Um pouco. Não muito. Talvez.

Kip se sentou com o sorriso maior ainda.

— Nunca te vi bêbado antes.

— Não estou tão bêbado assim — murmurou Scott. — Só… me diverti um pouquinho.

— Hum.

Scott tirou a camiseta e a calça e foi até o banheiro escovar os dentes. Kip ficou de olho na porta, esperando por ele.

— Volta a dormir — Scott repetiu ao voltar. — Você trabalha amanhã.

Era verdade. Kip tinha que sair cedo demais para trabalhar.

Scott subiu na cama e beijou Kip rapidamente na bochecha antes de apagar a luz. Kip franziu o cenho em meio à escuridão, querendo dizer algo, mas sem saber o quê. E de madrugada, tendo que trabalhar dali a algumas horas e com seu namorado pelo menos um pouco bêbado, provavelmente não era o melhor

momento.

— Parabéns pela vitória — disse ele, finalmente. — Estou muito orgulhoso de você.

Mas Scott já estava dormindo.

*

O fato de os Admirals terem organizado um jantar algumas semanas antes para o qual as esposas e namoradas dos jogadores foram convidadas não ajudou muito. Parte de Kip tinha ficado com vontade de argumentar que um evento privado como aquele, onde Scott estaria ao lado das pessoas que considerava sua família, poderia ser a oportunidade perfeita para apresentá-lo. Talvez sair do armário não precisasse ser uma grande questão. Talvez Scott pudesse apenas… aparecer com Kip. Deixar os colegas de time chegarem às próprias conclusões.

Ele não falou nada disso com Scott, e Scott não deu qualquer indício de que talvez fosse levar Kip. Em vez disso, apenas se desculpou quando contou do jantar. Ele disse que queria poder levá-lo, e pronto.

Kip andava meio triste desde então.

Um cliente deixara um daqueles jornais gratuitos distribuídos no metrô em uma das mesas do trabalho. Uma foto de Scott, radiante depois de um dos dois gols que marcara na noite anterior, preenchia a primeira página. Quando Kip olhou para a foto, se sentiu culpado e emocionado ao mesmo tempo. Ele era um babaca. Porra, seu namorado era um *herói*, e ele era um idiota ingrato que esperava o quê? Que Scott colocasse em risco tudo o que conquistara depois de se esforçar a vida inteira? Por ele?

Kip olhou para o rosto exuberante de Scott na capa do jornal e foi preenchido pela verdade arrasadora de que não havia como aquele lance durar. Como haveria?

Kip estava naquele estado mental quando Maria disse:

— Então… preciso te contar uma coisa.

— Oi?

— Estou de aviso prévio.

Kip levou um tempo para registrar o que ela tinha dito.

— Merda. Sério?

— Sim. Hum, uma amiga foi promovida a gerente em uma Starbucks no centro da cidade, e eles estavam contratando…

— Ah.

— Ainda vou ter que acordar cedo pra cacete, mas o salário é melhor e tem benefícios, sabe? Plano de saúde.

— Sim. Não, sim. Que ótimo. Muito bom. — O entusiasmo dele era pra lá de forçado.

— Ai, Kip. Desculpa. Eu deveria ter te avisado antes. Só não quis dizer nada antes de ter certeza.

— Não, tá tudo bem. Relaxa. Tá tudo bem. Estou feliz por você. De verdade.

— Ei — disse ela, animada. — Se abrirem outra vaga lá, eu falo de você. Se quiser.

— Ah, claro. Sim. Quem sabe? Valeu.

— Provavelmente nem vou trabalhar lá por muito tempo — continuou Maria. — Eu tenho pensado na… academia de polícia.

— Sério?

— Provavelmente é uma ideia besta, mas…

— Não! Maria, você seria ótima! E estamos precisando de mais policiais do bem, sabe?

Kip trabalhou o restante do turno num torpor. Não sabia ao certo o que o chateava de verdade: a saudade que sentiria de trabalhar com Maria ou o ressentimento por ela ir embora e ele continuar preso ali.

Você também pode se demitir, bobinho.

Quando voltou para o apartamento depois do trabalho, Scott não estava lá. Ele não recebera nenhuma mensagem do namorado ao longo do dia.

Conformado de que iria aturar mais uma noite solitária, Kip se arrastou até o chuveiro e saiu de lá um pouco melhor. Será que Scott voltaria para o jantar?

Não era novidade Scott passar tanto tempo sem mandar mensagem. Nos últimos tempos, pelo menos. As eliminatórias e tudo o que levou até elas estavam, compreensivelmente, o consumindo. Ele já havia se desculpado com Kip pelo pouco tempo que teria disponível, o que era ridículo. Eram as eliminatórias da Copa Stanley e, pelo amor de deus, Scott era o maior astro da liga. Além disso, Scott, apesar de tantas conquistas, nunca havia *vencido* uma Copa Stanley.

Sim, era importante que Kip ficasse de boa.

Quando Scott voltou para casa mais tarde naquela noite, parecia exausto.

— Ei — disse Kip, com um beijo rápido. — O que houve hoje?

— Ah, é só que… a ESPN pediu para que eu e alguns outros jogadores gravássemos uns vídeos promocionais para a segunda rodada das eliminatórias.

Demorou mais do que eu imaginei que demoraria.

— Ah.

— Eu vou… — Scott gesticulou em direção ao banheiro. — Dia longo. E tenho que acordar cedo amanhã.

— Claro. Sim. — *Meu dia também foi uma merda, obrigado por perguntar.*

Scott desapareceu banheiro adentro, e Kip afundou no sofá. Ele sabia que provavelmente estava exagerando porque, para começo de conversa, também estava mal-humorado. Mas, caramba, naquele momento se sentiu o pet do Scott.

E depois ficou irritado consigo mesmo, afinal, por que *diabos* tinha ficado esperando Scott voltar para casa? Por que a vida dele era assim agora? Ele costumava ir ao Kingfisher o tempo todo — pelo menos uma vez por semana. E saía para baladas. Saía para jantar com amigos. Almoçar com amigos. Brunch com amigos. Agora só saía do trabalho, voltava para o apartamento e esperava o namorado chegar em casa. E quando Scott viajava, ele ia para o apartamento e assistia à TV sozinho até pegar no sono.

Ele amava Scott. Sem dúvidas. Mas aquela *não poderia* ser sua vida a longo prazo. Ele só tinha *26* anos!

Durante as últimas semanas, Kip vinha se preparando para o momento em que, inevitavelmente, Scott perceberia que era bom demais para ele. Ou, pelo menos, que não valia a pena colocar toda a sua carreira em risco por Kip. Mas talvez *ele* é que não devesse esperar por esse momento. Talvez *ele* é que devesse iniciar a conversa. Porque a triste verdade era que, se Scott não tivesse planos de mudar as coisas, Kip não poderia continuar naquele relacionamento.

Kip quase teve vontade de marchar até o quarto naquele momento e perguntar na lata: "Você vai sair do armário algum dia? Vale a pena fazer isso por mim?", mas aquele seria um péssimo momento. Scott estava visivelmente esgotado.

E qual resposta Kip esperava ouvir? *Sim. Com certeza. Vou me assumir publicamente amanhã. Deixa só eu pegar o celular aqui e organizar uma coletiva de imprensa?*

Então, Kip não disse nada. Apenas ficou vendo TV por um tempo, depois foi para a cama ao lado do corpo adormecido de Scott. Passou horas encarando a escuridão, se preocupando.

Scott passou fita isolante ao redor da lâmina de seu taco; o mesmo método que havia aperfeiçoado quando era adolescente. Faltavam duas horas para o jogo em

Boston.

— Ei — disse Carter, testando o corte da lâmina dos seus patins com o polegar. — Viu o que o seu namoradinho anda dizendo por aí?

Scott quase derrubou o taco.

— *Quê?*

— O Rozanov. Falando merda de novo.

— Ah. — Ele relaxou, se sentindo idiota.

— Disse que se sente mal por tirar de você a sua primeira vitória da Copa Stanley.

Ele revirou os olhos.

— Tá bom.

— Disse que seria bonzinho e daria um dos anéis *dele* pra você.

— Que caridoso.

— Não sei você — disse Carter —, mas eu estou ansioso para calar a boca dele.

Scott rasgou a fita isolante com os dentes.

— Pode crer!

Além de querer vencer Rozanov, a segunda rodada era o ponto em que os Admirals haviam sido eliminados no ano anterior, então era importante para Scott que eles passassem para a terceira.

Huff entrou no vestiário comendo uma maçã. Ele se sentou e pegou o celular.

— Quem quer ver uma foto fofa dos meus filhos?

— Temos escolha? — perguntou Carter.

— Não! Olha só! — Huff passou o celular para Carter, que deu uma olhada e passou para Scott.

— Legal — disse Scott, olhando para os rostos sorridentes do filho e da filha de Huff, com as bocas cobertas de chocolate. — Eles cresceram tanto!

— Pois é. Tô com muita saudade. — Huff suspirou. — Sinto que ainda consigo jogar mais uma temporada, e depois, tenho pensado seriamente em comprar aquele rancho que a Laura sempre quis. — Ele sorriu. — Aquela lá vai ser caipira pra sempre…

— Bom, vamos conseguir outra Copa Stanley pra você antes — disse Scott. — E aí você pode pensar em se aposentar.

— Quantas você já tem? — perguntou Carter. — Quatro?

Huff dispensou o comentário com a mão.

— Já até perdi as contas.

Carter riu.

— Vai se foder, seu velhote.

Scott sabia que Huff já havia vencido quatro Copas Stanley em três times diferentes. Nenhuma com os Admirals. Era quatro vezes mais do que Carter ou Scott tinham.

Scott se sentou e pegou o celular. Abriu algumas fotos recentes que havia tirado de Kip. Era provavelmente arriscado ter aquelas fotos no celular, mas, caramba, ele precisava de *alguma coisa*, né?

Ele se permitiu olhar para o sorriso sexy de Kip por um minuto, aproveitando o calor que o inundava toda vez que o via. Depois, guardou o celular no bolso e voltou a fingir que aquela parte de sua vida não existia.

Capítulo vinte e dois

Kip estava esperando que Elena fosse aos jogos de Nova York com ele, mas, quando mencionou as datas, ela respondeu: Não posso. Não estou na cidade.

Kip: Tá onde?

Elena: Los Angeles.

Kip franziu o cenho e enviou um ponto de interrogação.

Elena: Trabalho. Explico quando eu voltar.

Aquilo não era nada bom. Elena era literalmente a única pessoa que ele podia levar aos jogos sem ter que responder a um monte de perguntas sobre como havia conseguido dois lugares VIP para uma partida com ingressos esgotados.

Os Admirals tinham vencido o primeiro jogo contra Boston; no segundo, porém, Boston levara a melhor. Iriam se enfrentar para um terceiro jogo na noite seguinte em Nova York.

Scott logo deveria chegar em casa.

Kip pegou a cópia da *Sports Illustrated* na mesinha de centro do apartamento. A foto glamourosa de seu namorado o encarou de volta. Scott ficara envergonhado com a capa, mas parecera odiar menos ao ver como Kip tinha gostado.

A capa mostrava Scott sem camisa, vestindo calças de hóquei e segurando um taco por cima dos ombros e por trás do pescoço. Ele encarava a câmera com um olhar frio, desafiador e absurdamente sexy. A iluminação dramática mostrava cada traço do seu torso e braços musculosos.

Na capa, *O RETORNO* estava escrito em letras grandes e brancas. Kip havia lido a matéria várias vezes. O texto mencionava que Scott não era casado e não tinha nenhum familiar vivo. Era apenas uma frase curta ou duas, quase jogadas ali, mas dava ao leitor a impressão de que Scott era bem solitário.

Será que o entrevistador havia perguntado se Scott estava saindo com alguém? Qual teria sido a resposta? Um simples "não"? Ou ele teria ficado corado, inquieto e murmurado "nada a declarar"? Ou teria dito que estava *sim*

em um relacionamento feliz, mas que escolhera manter isso em particular?

Dessa linha de pensamento, a imaginação de Kip saltou para um possível cenário futuro em que Scott se assumia publicamente e o relacionamento dos dois passava a ser de conhecimento geral. O que as matérias sobre Scott diriam? Sem dúvida, a vida amorosa dele ocuparia muito mais do que duas frases na página.

Kip fechou a revista. O nó de pavor que parecia ter se alojado em seu estômago nos últimos tempos começou a se expandir.

A vida inteira de Scott poderia ser arruinada por causa dele. Ou ele poderia enfim se sentir completo e feliz. Ou poderia ser completo e feliz com outra pessoa…

Kip esfregou o rosto. Odiava pensar naquelas coisas.

Scott entrou pela porta quarenta minutos mais tarde. Abriu um sorriso cansado para Kip, que se levantou e o beijou. A barba de Scott havia crescido bastante.

— Assisti ao jogo ontem à noite — disse Kip.

— Queria ter conseguido vencer.

— Você vai vencer o resto — Kip o assegurou.

— Você vai hoje à noite, né?

— Sim. Só que vou sozinho. Elena está em Los Angeles.

— Ah. Que pena — disse Scott, meio aéreo. Ele parecia distraído. Provavelmente porque era uma pessoa importante com problemas que de fato tinham relevância. Ele não precisava das preocupações insignificantes de Kip se acumulando na cabeça.

— Rozanov anda te irritando? — perguntou Kip.

— Sim. — Scott suspirou. — Ele é um pé no saco.

— Quer ir pra banheira e desabafar comigo?

Scott abriu um sorrisinho de gratidão.

— Sim. Claro.

Kip passou a noite toda escutando Scott. Ele guardou os próprios problemas para si.

— Está ficando quieto aqui — disse Rozanov, querendo confusão. — Por que está tudo tão quieto? Tem tanta gente aqui! Deveria estar barulhento, sim?

— Cala a boca, Rozanov. — Scott se inclinou para o *face-off* com ele.

— Mas *estava* barulhento mais cedo. Só que, desde que eu marquei aquele quarto gol, todo mundo ficou quieto. Engraçado, eu acho.

Scott cerrou os dentes e garantiu que iria vencer o *face-off*.

Rozanov não estava errado. A energia fora sugada do Madison Square Garden. Os torcedores locais estavam compreensivelmente frustrados com a vantagem de 4 a 1 de Boston contra os Admirals. Seria o segundo jogo seguido que Boston venceria naquela rodada, a não ser que por algum milagre Nova York marcasse três gols nos próximos sete minutos.

Scott e Carter avançaram na direção da rede e Huff se manteve um pouco atrás. Eles executaram uma jogada que haviam aperfeiçoado nos treinos: Scott passou para Carter, que imediatamente jogou para Huff atrás, que lançou o disco e…

Foi defendido pelo goleiro de Boston.

— Foi mal, Scott — disse Huff. — Porra.

— Que jogada fofinha! — cantarolou Rozanov ao patinar por Scott. — Como eu amo os velhotes do hóquei, porra!

Ele cutucou Scott, que o empurrou. Com *força*.

Rozanov cambaleou para trás, depois se moveu como se fosse empurrar Scott de volta. O juiz, Hal Coleman, interferiu.

— Sem essa, caras. Rozanov, pare de ser babaca. Hunter, pare de dar ouvidos ao Rozanov.

— Quantos minutos de banco eu ganho se matar ele? — Scott grunhiu enquanto via Rozanov patinando para longe.

— Eu teria que te dar pelo menos dez — disse Hal, seco. — Não vale a pena nas eliminatórias.

Scott patinou até o banco.

— Valeu o esforço, Hunter — alguém disse, e outros disseram coisas similares em concordância.

Scott se sentou com força no banco e se segurou para não bater com o taco nas laterais do rinque. Aquele jogo estava sendo uma vergonha do caralho; era de dar raiva.

Ele olhou por cima do rinque, na direção de onde Kip estava sentado. Era fácil avistá-lo porque ele estava ao lado do único lugar vazio na arena. Sentado curvado para a frente, com as mãos entrelaçadas na frente da boca. Apenas uma entre as milhares de pessoas ansiosas e decepcionadas naquela noite.

No dia seguinte, o time iria revisar, treinar e reagrupar. Em duas noites, fariam aquela torcida *rugir*.

Kip saiu da estação de metrô próxima ao apartamento de Elena e se arrastou

sob a garoa gelada de abril. Elena havia voltado da Califórnia e convidara Kip para assistir ao quinto jogo da saga Nova York vs. Boston. Ele estava empolgado para vê-la. Estava empolgado para ver *qualquer pessoa*.

Os Admirals deram a volta por cima e venceram o segundo jogo em casa contra Boston, empatando a rodada em dois a dois. As partidas eliminatórias da NHL eram melhor de sete, então aquela rodada teria pelo menos seis jogos.

Scott andava bem distante nos últimos dias. Ele mal falava, e parecia não ouvir quando Kip lhe dizia alguma coisa. Além dos jogos, ele tivera reuniões, treinos e idas à academia. Estava focado em derrotar o time de Boston, o que Kip super compreendia.

E era por isso que as coisas estavam meio frias entre os dois. Aquela era a única razão. Era o que ele dizia a si mesmo quase o tempo todo.

Scott viajara para Boston no dia anterior enquanto Kip trabalhava. Ele nem chegara a se despedir.

Kip estava feliz com o retorno de Elena.

— Ai, você está gelado e molhado — disse ela ao abrir a porta. — Entra. Eu pedi pizza. Tem cerveja.

— Te amo.

Ela esperou até o primeiro intervalo comercial para jogar a bomba.

— Tenho novidades — disse ela. — A Equinox vai abrir uma sede na Costa Oeste.

— Ah, é?

— É. E… eles querem que eu seja a gerente do time de cibersegurança de lá.

Kip demorou um momento para entender.

— Você vai se *mudar*? — perguntou ele.

— Creio que sim.

— Quando? Tipo… *quê?* Você vai embora?

— Mês que vem.

— *Mês* que vem?

Ela apoiou a mão sobre a dele.

— É. Desculpa te contar assim, do nada.

— Porra. Que merda. Quer dizer, parabéns, mas…

— Obrigada.

— Não, sério. Estou orgulhoso de você. É só que… Caramba.

— Eu sei. Também vou sentir saudades.

— "Saudade" não descreve nem metade do que vou sentir — disse Kip,

arrasado.

— Ai, meu bem. Eu venho te visitar. Você e o Scott, tá bom?

— Tá… — Será que chegaria o dia em que ele e Scott viajariam juntos como um casal pela América do Norte? — Merda, não acredito que você vai mesmo embora. É como se… eu estivesse perdendo uma perna, sei lá.

Ela apertou a mão dele.

— É muito pior que isso — disse ela com um sorriso irônico.

— E aí, como vai? — perguntou Scott.

Kip ficou com a impressão de que ligara para o namorado em um momento ruim. Mas havia esperado até a manhã seguinte ao quinto jogo em Boston (que os Admirals tinham vencido) para ligar.

— Desculpa. Você está… Eu posso ligar depois…

— Tá tudo bem. O que foi?

Kip ficou meio surpreso. Scott nunca perguntava o motivo de um telefonema. Os dois simplesmente… ligavam um para o outro.

— É só que… eu tive um dia meio merda ontem.

— Ah. Sim. O que houve?

— Elena vai se mudar pra Califórnia. Ela foi promovida e a Equinox vai abrir uma nova sede lá.

— Que coisa boa!

— Sim. É mesmo. Mas… péssimo pra mim.

— Verdade. Pois é.

— É.

— Sinto muito — disse Scott. — Acho que estou acostumado com meus amigos se mudando. Trocando de time e tal.

— Ah.

A conversa estava meio engessada. Kip odiava aquilo.

— Só isso? — perguntou Scott.

— Só isso o quê?

— A Elena vai se mudar. Foi só por isso que seu dia foi péssimo?

Agora Kip estava ficando irritado.

— É um belo de um motivo.

— Eu sei… é só que… tenho que desligar. Estamos a caminho do aeroporto…

— Claro. Sim. Desculpa.

— Não precisa… — Scott suspirou. — A gente conversa mais tarde, tá

bom?

— Tá bom.

Encerraram a ligação e Kip saiu arrasado da salinha de descanso no trabalho. Imediatamente, conferiu as geladeiras para ver o que precisava ser reposto no estoque. Não estava a fim de lidar com clientes naquele momento.

Mas, caramba, ele estava bravo com o quê, afinal de contas? O fato da sua vidinha de merda estar mudando? De que as pessoas ao seu redor estavam evoluindo? Não é como se ele quisesse que tudo continuasse do mesmo jeito para sempre. Há pouco tempo tinha alimentado a esperança de conseguir aquele emprego no museu. Mesmo agora, estava esperando a resposta das universidades sobre o mestrado. Não tinha nem como ficar bravo com suas amigas por seguirem em frente.

E não estava. Só estava frustrado, com pena de si mesmo. E se preparando mentalmente para ser rejeitado pelas universidades ao mesmo tempo em que suas amigas anunciavam empregos novos e melhores.

Talvez ter que manter o relacionamento com Scott escondido o estivesse deixando com vontade de ter alguma novidade sobre a qual *pudesse* falar.

Talvez, se não precisasse manter o namoro no sigilo…

Porra. Pelo andar da carruagem, ele provavelmente sequer *teria* um relacionamento com Scott para manter em segredo.

Quando Scott voltou para o apartamento em Manhattan, Kip não estava lá.

Scott sabia que ele ainda não teria ido trabalhar. Se perguntou se Kip havia ido para algum lugar ou se apenas não estava mais ficando por lá. Não tinham se falado desde a ligação tensa naquela manhã.

Decidiu mandar mensagem. Oi. Acabei de chegar em casa. Vai passar a noite aqui?

A resposta demorou alguns minutos para chegar.

Kip: Não. Tô em casa hoje. Coisa de família.

Kip não tinha mencionado nenhuma coisa de família. Scott ficou com a distinta impressão de que estava sendo rejeitado.

Scott: Ah. Que pena.

Ele esperou.

Kip: Parabéns pela vitória ontem à noite.

Scott relaxou um pouco. Pelo menos aquilo já era *alguma coisa*.

A não ser que Kip estivesse sendo sarcástico…

Mas isso seria ridículo. Né?

Scott: Valeu.

Ele tentou pensar em algo para acrescentar que não soasse forçado, irritado, desesperado, paranoico ou…

Scott: Espero te ver logo.

Argh.

Kip: Ok.

Epa! Aquilo não era bom.

Scott: Está em casa agora?

Kip: Estou.

Scott roeu a unha, tentando decidir o que dizer em seguida.

Scott: Vai assistir ao jogo amanhã à noite?

Kip: Se você quiser, eu vou.

Scott: Claro que eu quero! Está chateado comigo?

Houve uma longa pausa, e então:

Kip: Não. Te vejo amanhã no jogo.

Scott franziu o cenho. Não fazia ideia de como lidar com aquilo. Estava acostumado a ter liberdade para focar no time e nos jogos, na própria saúde e condicionamento físico, nos seus contratos e acordos comerciais. Nunca tinha focado na própria *felicidade*. E estar afetando a felicidade de outra pessoa era simplesmente… amedrontador. Receita pronta para um desastre.

Ele não tinha ideia do que estava rolando ou de como consertar a situação. O que *de fato* sabia era que realmente não precisava de nenhuma distração no momento.

Kip não estava mentindo sobre a "coisa de família". Sua irmã e o namorado dela foram jantar na casa dos pais, então fizera questão de estar presente também.

O jantar fora tranquilo, com muitas conversas sobre o cachorrinho que Megan e Andrew estavam torcendo para adotar. Kip tinha ficado com medo de virar o foco da conversa e ter que mentir para a família mais do que já havia feito. Como resultado, fez muito mais perguntas sobre o cachorrinho do que normalmente faria.

Foi depois do jantar que Megan o encurralou. Andrew foi até a cozinha ajudar a lavar a louça, e ela agarrou Kip pelo braço e o puxou para o andar de cima.

— E aí, o que está rolando na sua vida, hein, Kip? — perguntou ela. — Mamãe disse que você quase não fica mais aqui. Está saindo com alguém ou algo assim?

Merda.

— Que nada — disse ele, o mais casualmente possível. — Só, sabe como é, dormindo na casa de uns amigos. Pra chegar no trabalho mais rápido de manhã.

— Hum — disse ela.

— Que foi?

— Você está feliz, Kip?

Ele deu de ombros.

— Claro. Sei lá.

— Me preocupo com você.

Kip fez uma careta.

— Por quê? A gente quase nem se fala mais. Estou bem.

— Você ainda é o meu irmãozinho caçula. Não tem como estar feliz morando aqui com o papai e a mamãe, dormindo no sofá de amigos, pegando caras aleatórios e trabalhando naquele lugar que você odeia.

— Meu deus, Meg. Mais alguma coisa?

— Desculpa. Só quero te ver feliz, só isso.

— Eu estou *bem* — repetiu ele. Depois, suspirou e acrescentou: — Eu me inscrevi no mestrado em algumas faculdade, tá? Só estou esperando as respostas. Não conta pra mamãe e pro papai.

— Que demais! Isso é ótimo.

— Beleza. Agora larga do meu pé.

Ele gostava muito de Megan. Os dois sempre haviam se dado bem, embora tivessem se afastado um pouco nos últimos anos. Ele queria contar a ela que, na verdade, estava ficando no apartamento do *namorado*. Queria contar que estava apaixonado pela primeira vez. Imaginou a cara que ela faria se contasse que estava namorando Scott Hunter.

Naquele momento, ele não *sentia* que estava namorando Scott Hunter. As coisas tinham ficado tensas e distantes entre os dois ultimamente, e Kip tinha certeza de que sabia o motivo.

Às dez da noite, foi para a cama. Precisava acordar ainda mais cedo para trabalhar na manhã seguinte, já que sairia do Brooklyn de novo. Seu estômago agarrou o medo que permanecia como um nó dentro dele. Kip estava tão certo de que seu relacionamento com Scott estava fadado ao fracasso que se sentiu compelido a arrancar o Band-aid de uma vez. Terminar tudo agora para não ter que sofrer depois.

E talvez, um dia, ele pudesse acordar no próprio quarto na casa dos pais, se arrastar para o emprego de merda e se lembrar com carinho do breve momento de sua vida em que vivera a fantasia de ser o namorado de Scott Hunter.

Capítulo vinte e três

— Boa noite, Ilya — disse Scott. Ele estava de frente para Rozanov no círculo do *face-off*, pronto para a primeira jogada da partida.

— Relaxa, velhote — disse Rozanov com um sorrisinho. — Sei que você já deve estar cansado. Vou garantir que você perca hoje, assim pode ir logo para as suas férias de verão.

— Meus únicos planos envolvem o desfile pra comemorar a vitória da Copa Stanley.

Os dois se curvaram para o *face-off*, e Scott deu uma piscadinha para ele.

Scott levou a melhor.

Ele tinha dois bons motivos para vencer aquele jogo. Obviamente, queria vencer a disputa e seguir para a próxima rodada das eliminatórias, mas ganhar naquela noite também o daria alguns dias de folga em Nova York. E ele queria usar parte daquele tempo para consertar seja lá o que estivesse rolando entre ele e Kip.

Dava para avistar Kip no assento de sempre. Aquilo o reconfortava. Scott não sabia ao certo o que aconteceria com seu psicológico se aquele lugar estivesse vazio. Ele já estava com dificuldades de se manter focado.

Iria vencer aquele jogo. Iria conversar com Kip. Iria iniciar a próxima rodada com a mente em paz. Iria vencer aquela rodada e a próxima, e iria finalmente, *finalmente*, levantar aquela taça sobre a cabeça.

*

Quando Scott chegou em casa depois do jogo, Kip não estava lá. Era a segunda noite seguida. Com certeza havia algo de errado.

Ele mandou mensagem para Kip. Te vejo hoje à noite?

A resposta levou alguns minutos para chegar. Não. Desculpa. Só estou muito cansado.

Merda.

Acho que você está chateado comigo, Scott escreveu.

Ele observou os três pontinhos piscando na tela pelo que pareceu uma eternidade. Então: Podemos conversar? Amanhã?

Sim. Vem pra cá o mais cedo que conseguir amanhã. Tá bom?

Tá.

Scott se sentou com força na cama. Estava enjoado. E um pouco irritado. O que diabos tinha feito para merecer um gelo daqueles?

Supôs que no dia seguinte iria descobrir.

Kip respirou fundo e abriu a porta do apartamento.

— Oi?

Scott apareceu no mesmo instante. Vestindo um moletom confortável. Sua barba estava muito cheia agora, o que o deixava com um visual bruto e maravilhoso. Kip colocou no chão a mochila que, sendo otimista, havia levado.

— Oi — disse Scott, acanhado.

— Oi. Parabéns. O jogo foi incrível. — O desconforto de Kip ficava evidente em sua voz.

— Obrigado. Fiquei feliz de te ver lá.

Kip assentiu, sem saber o que fazer ou dizer.

Scott se aproximou.

— Posso te beijar? — perguntou ele. — Tô com a impressão de que agora preciso te perguntar, e não sei o porquê, mas… posso?

Kip soltou o ar, tentando relaxar os nervos.

— Sim. Claro.

Scott sorriu e diminuiu a distância entre os dois. Segurou o rosto de Kip por um momento, admirando-o com olhos tristes, antes de beijá-lo nos lábios. A barba fez cócegas no rosto de Kip, e ele suspirou e aprofundou o beijo. Era tão gostoso.

Quando se afastaram, Scott disse:

— Acho que a gente precisa conversar.

— Sim. Acho que precisamos mesmo.

Foram para o sofá, e Kip se sentou e encarou as mãos entrelaçadas.

— Parece que eu fiz alguma coisa de errado — começou Scott. — Estar com alguém é novidade para mim, e tenho quase certeza de que tô estragando tudo. Mas não consigo entender exatamente o que eu fiz, então estava

esperando que você pudesse me dizer.

Kip se virou para encará-lo.

— Você não fez nada de errado — disse ele com honestidade. — Não consigo apontar exatamente o motivo de eu estar tão… triste. É só que…

— Por favor — disse Scott. — Só me dá *alguma explicação*.

— Tá bom… — disse Kip lentamente. — Não gosto de mentir para os meus amigos e para a minha família, ou de esconder meu relacionamento com você. Isso aqui… — ele gesticulou, apontando para os dois — *nós*. É a coisa mais importante da minha vida. É… a *melhor* coisa que já aconteceu comigo. E eu preciso manter em segredo.

— Eu sei. E já te disse que…

Kip levantou a mão. Scott parou de falar.

— Não é assim que relacionamentos deveriam funcionar. Isso é como… *casos* funcionam. Casos de amante. Eu não tenho vergonha de você. Nenhuma. E não tenho vergonha de *mim*. Nunca tive vergonha de mim mesmo, e olha que eu sou assumido desde os dezoito anos.

Scott mordeu o lábio.

— Eu tenho sido honesto com você esse tempo todo. Queria garantir que você soubesse onde estava se metendo.

— Eu sabia. Eu sei. Mas também sei que não é assim que eu quero que nosso relacionamento seja. Eu não quero ser seu segredo. Mas… tenho medo de que, se eu forçar a barra… se eu te pressionar a se assumir e ser honesto sobre nós dois, ou pelo menos sobre *você*… aí você vai se dar conta de que essa confusão toda não vale a pena por minha causa.

Para Scott, foi como se Kip o atingisse com um soco no estômago.

— Meu deus — disse ele com a voz contida. — Não, Kip. Não, eu jamais pensaria isso!

— Ficar com você tem sido incrível, mas também… solitário. E… — Kip engoliu em seco. Precisava colocar aquilo para fora. — Não sei por quanto tempo mais eu aguento isso.

Scott o encarou com uma súplica no olhar.

— Sei que é egoísmo meu te pedir para nos manter em segredo. E sinto muito por isso. Mas também estou te protegendo. Acho que você não entende como sua vida vai mudar se isso vazar.

— Minha vida *já* mudou. E não só de um jeito bom, Scott. A sensação é de que fui empurrado de volta para o armário. Não é a sua fama ou sei lá o quê que torna isso difícil para mim. Eu nunca fiquei com alguém que tivesse

vergonha de ser quem é.

— Eu não tenho *vergonha* — argumentou Scott.

Kip cruzou os braços e o encarou bem nos olhos.

— Não tenho! — repetiu Scott. — Não acho que tenha algo de errado comigo. Por ser… gay. Eu com certeza não acho que há algo de errado em estar apaixonado por você. Mas minha vida não tem quase nada a ver com o que *eu* acho. Tem muita responsabilidade sobre os meus ombros. Eu represento algo importante para muita gente.

— E você não pode fazer isso e também ser gay?

— De acordo com a maioria deles, não.

— Então mostre que eles estão errados! — disse Kip, alto demais. Sua voz ricocheteou pelas paredes do apartamento.

Ele achou que iria receber um grito em resposta, mas, em vez disso, Scott pareceu murchar.

— É só que eu não… A maior parte do nosso tempo juntos foi longe de tudo isso. E tem sido… bom.

— Um escape, você quer dizer?

— Não! Eu já te disse que não é isso que… Você é *parte* da minha vida. E não uma distração dela. Nunca, Kip. Eu prometo.

— Mas eu estou *separado* do resto da sua vida — argumentou Kip. — E pior do que isso é você escondendo quem *você* é.

— Eu sou obrigado.

— *Será que é mesmo*? — Kip rebateu. — Tem *certeza*? Qual é a pior coisa que poderia acontecer?

— Eu não posso! Agora não. As eliminatórias…

Kip respirou fundo.

— Não estou te pedindo para fazer nada agora, mas você precisa começar a pensar seriamente em se assumir. Ou pelo menos não se esconder. Não precisa fazer um grande anúncio.

A postura do Scott enrijeceu.

— Você tem ideia do circo enorme que a imprensa faria se isso vazasse? Se as pessoas soubessem que eu estou namorando você?

Kip deu de ombros.

— Então seu plano é guardar segredo para sempre?

— Não.

— Ou até você perceber que é areia demais para o meu caminhãozinho e seguir em frente?

— Kip…

— Você só espera que eu me esconda no seu apartamento até você precisar de mim?

— Não! — disse Scott. Agora estava irritado. Ele se levantou. — Não consigo nem acreditar que você está sugerindo uma coisa dessas! Eu já te tratei mal alguma vez? Por acaso deixei de demonstrar o quanto você é importante para mim?

— Eu não devo ser *tão* importante assim. Você obviamente tem vergonha de estar comigo.

Assim que as palavras saíram de seus lábios, Kip soube que *não* deveria ter falado aquilo. Mas, em vez de retirar o que disse ou se desculpar, ele fuzilou Scott com o olhar e cruzou os braços, esperando.

— É isso mesmo que você acha? — perguntou Scott. A voz dele estava baixa, mas carregada de raiva e mágoa. — Que eu tenho *vergonha* de ser visto com você? Você *sabe* que não é isso.

— Eu não sei de nada, Scott! Eu só fico aqui *te esperando*. Na sua *cobertura*. — Ele abriu os braços pela sala espaçosa para dar ênfase. — Eu me escondo aqui sozinho e imagino como seria poder sair em encontros normais com você ou, sei lá, contar para os meus *pais* que eu tenho um namorado!

— Conta pra eles! — gritou Scott. Ele jogou as mãos para o alto. — Foda-se, conta pro mundo inteiro, Kip! Parece que você sabe o que é melhor!

— Eu sei que isso não é quem eu sou!

— Você sabe quem *eu* sou? Eu não tenho como ser apenas o Scott de Rochester, tá bom? Eu sou a porra de uma mercadoria desde a adolescência. Tenho sido uma *marca* praticamente desde a mesma época. Não posso me dar ao luxo de ser eu mesmo. Não posso tomar decisões independentes sobre a minha vida. Tem gente que *depende* de mim!

— Beleza. Você não quer que a sua marca sofra. Não quer manchar a imagem com a sua gayzice.

Scott riu com escárnio.

— Você não sabe de porra nenhuma, Kip. Não mesmo.

— Pelo visto, não — disse Kip com firmeza.

— Estou nas *eliminatórias*. Não sei se você entende a importância disso. Eu tenho um time, uma *cidade,* que dependem de mim. Isso é *tudo* para mim, tá bom?

A onda de lágrimas finalmente chegou aos olhos de Kip. Ele assentiu e cerrou o maxilar. *Tudo*.

— Eu vou embora — ele conseguiu dizer.

Scott estendeu a mão como se fosse impedi-lo, mas, em vez disso, abaixou o braço, assentiu e disse:

— Beleza.

Kip pegou a mochila e partiu.

Capítulo vinte e quatro

Kip estava bêbado.

Scott estava em Detroit e Kip estava bêbado.

Havia assistido a um período do jogo dos Admirals pela TV antes de sair da casa dos pais e pegar o trem para Village. Tinha pensado em mandar mensagem para Shawn perguntando o que o amigo estava fazendo, mas na verdade não queria falar com ninguém.

Agora, estava em uma das banquetas no bar do Kingfisher. O gato, maravilhoso e chavequeiro Kyle passara a noite inteira lhe servindo copos de cerveja.

Era tarde. Kip notou, um pouco surpreso, que não havia mais muitas pessoas no bar.

— Última rodada, gatão — disse Kyle com a voz arrastada. Os lábios dele se curvaram num sorriso sugestivo que deixou Kip fascinado.

O cabelo de Kyle era loiro, como o de Scott. Seus olhos eram azuis, mas não como os de Scott. Os do Kyle eram um tipo de azul desbotado e acinzentado. Muito bonitos. A franja caía sobre eles toda hora. Kip queria estender a mão e afastar o cabelo dali.

Estava bêbado demais.

— Tábleza — disse ele, flertando com o sorriso também. — Eu já estava de saída mesmo.

— Tem planos? — perguntou Kyle.

— Sei lá. Acho que vou embora.

Kyle sorriu e se esticou para a frente com os cotovelos por cima da bancada. De repente, seu rosto estava muito perto.

— Pra que lado você vai?

— Brooklyn.

— Parece que vamos para o mesmo lado, então. Eu bem que poderia ir andando com você até o metrô…

E Kip deveria ter dado um fim na coisa toda bem ali. Aquilo tinha cara de

ser uma péssima ideia.

Mas, foda-se, era bom flertar daquele jeito. Ter alguém tão aberto e honesto sobre si mesmo e suas vontades. Kip se sentiu como antigamente.

— Meu turno acaba em uns vinte minutos. Daí eu vou garantir que você chegue em casa em segurança, tá bom?

Kip estava pronto para recusar educadamente, mas, em vez disso, percebeu que respondeu:

— Tá bom.

Kyle sorriu e deslizou um copo de água na frente dele.

— Bebe isso. Eu já volto.

Estava gelada e Kip não tinha sequer percebido o quanto seu corpo estava com sede. Foi legal da parte de Kyle pensar em lhe oferecer a água. Kyle parecia gente boa.

Meu deus, Kip queria sentir *qualquer coisa* além do desespero aterrador que havia se agarrado a ele desde que saíra do apartamento de Scott. Não deveria ter ido embora. Deveria ter ficado e se resolvido com Scott. Agora sabia disso.

Mas era tarde demais. Óbvio que já era tarde demais. Agora Scott já deveria ter percebido que Kip não valia o esforço.

Pelo menos tinha Kyle. Kyle, com seus jeans desbotados e a camiseta branca de gola V bem justa. Kyle, com a franja solta, olhos invernais e sorriso paquerador. Kyle, que não julgaria Kip por acabar completamente com a melhor coisa que já havia lhe acontecido — que *jamais* aconteceria de novo. Kyle iria levá-lo até o metrô porque era legal e gentil. E gatinho, mas essa parte não era importante.

De repente, Kyle já estava de jaqueta. Não estava mais atrás do bar. Mas de pé ao lado da banqueta de Kip.

— Vamos, tontinho.

Kip desceu da banqueta e seguiu Kyle para o lado de fora. Os dois andaram juntos pelo quarteirão, e Kip aproveitou o ar gelado da noite. Kyle não falou muito, o que era bom, porque Kip estava sonolento e não se achava capaz de manter uma conversa no momento.

Kyle segurou o bíceps de Kip durante a caminhada.

— Oi, muque — provocou ele. — Você tem braços lindos, sabia? Eu estava de olho neles.

— Estava, é? — Kip abriu um sorriso desengonçado. Caramba, tinha *mesmo* braços lindos, e ficou feliz por alguém ter reparado.

— Aham. E um sorriso maravilhoso. Olha essas covinhas!

Kip sorriu mais ainda, exibindo um pouco das covinhas. Elogios eram tudo de bom.

Kyle parou de andar.

— Eu gostaria muito de te beijar — disse ele. — Posso?

Ah.

Não.

— Hum…

Kyle franziu o cenho.

— Não é isso que você quer? Eu achei que…

Merda.

O rosto de Kyle estava tão perto, e os olhos de Kip pousaram involuntariamente nos lábios dele. Aquilo era errado, não era? Kip estava com *Scott. Será* que estava com Scott?

Kyle deve ter interpretado o que quer que estivesse rolando no rosto de Kip como um convite, porque se aproximou e uniu os lábios dos dois. E, por um segundo, Kip, assustado demais, confuso demais, *bêbado* demais, não conseguiu fazer nada além de corresponder ao beijo.

Kyle beijava bem.

Mas *puta merda, não!*

Kip o empurrou e cambaleou para a frente.

— Ei, que porra foi essa? — disse Kyle, recuperando o equilíbrio antes de quase cair de bunda.

— Merda — murmurou Kip. — Isso foi… Não posso. Eu não estava atrás de… Desculpa.

— Você está bem?

— Sim! Só… preciso ir. Onde fica o… Merda. Cadê o metrô?

— Por ali. Quer que eu…?

Mas Kip já tinha saído correndo.

— Tá tudo bem, cara?

Scott virou a cabeça para encarar um Carter preocupado.

— Sim. Tudo bem. Por quê?

— Você parece qualquer coisa, menos bem, Scotty.

Scott encarou a frente do ônibus. O time estava saindo do hotel rumo à arena em Detroit, onde começariam a próxima rodada de eliminatórias, e agora *não era* hora de pensar nos seus problemas pessoais.

— Estou bem.

— Tem certeza de que não está ficando doente ou algo assim? Você parece cansado.

— Não começa — rebateu Scott. Na verdade, estava exausto. Fazia dias que não dormia bem.

E agora estava pensando nos seus problemas pessoais. *Caramba, Carter!*

Ainda não sabia ao certo o que diabos tinha dado errado — se estava bravo com Kip, consigo mesmo ou com ninguém. Estava profundamente infeliz. Parecia estar com dor física, mas não como uma contusão ou um ferimento; *essas coisas* ele conseguiria aguentar. Aquilo queimava cada parte dele de uma só vez. Scott queria gritar, chorar ou socar alguma coisa. Ou apenas se esconder onde ninguém pudesse o encontrar.

Infelizmente, tinha um time para levar à vitória.

Porra, Kip.

Será que Kip havia sido injusto? Será que ele estava errado?

Em alguns pontos, com certeza. Tipo, como Scott *algum dia* acharia que Kip não valia a pena? Se alguém perguntasse a Scott do que ele estaria disposto a abrir mão por Kip, a resposta imediata seria *tudo*.

Mas, ao pensar a respeito, aquilo não era bem verdade. E quanto mais ele pensava, mais percebia que ninguém estava *de fato* pedindo que ele abrisse mão de tudo.

Além do mais, Kip abrira mão de muita coisa. Tinha se distanciado dos amigos, da família. Ajustara a própria vida para acomodar Scott. O que Scott ajustara?

Nada. Só tinha tentado encaixar Kip onde quer que ele coubesse na sua vida ridícula de alto padrão.

Não achava que havia sido insensatez pedir paciência para Kip enquanto ele bolava um plano. Não tinha como Kip esperar que Scott simplesmente anunciasse sua sexualidade para o mundo. Fazia apenas poucos *meses* que os dois namoravam.

Mas, independentemente do tempo, Scott estava apaixonado. Antes daquele primeiro beijo glorioso, ele se resignara a uma vida sem romance. Nunca tinha esperado que algo assim pudesse acontecer. Seu mundo virara de cabeça para baixo. E agora ele amava tanto Kip que mal conseguia se lembrar dos anos solitários de antes. Ele soube, mesmo em poucas semanas, que queria compartilhar o resto da vida com Kip. Era chocante.

Ele bem que queria, mas agora Kip se fora. E, como não tinha experiência naquele tipo de coisa, Scott não fazia ideia de como reconquistá-lo. E talvez ir

atrás dele nem fosse justo com Kip. O que Scott poderia prometer que seria diferente? Estava no meio das malditas eliminatórias; não tinha como se assumir antes do fim do campeonato. E depois disso…

Ele realmente não sabia. Quando tentava se imaginar se assumindo, ficava morrendo de medo. Para começo de conversa, se saísse do armário, seria para sempre o "jogador de hóquei gay". Mesmo se seus colegas de time, os torcedores, a imprensa e os patrocinadores o aceitassem, suas conquistas no gelo sempre seriam ofuscadas pela sua sexualidade.

Scott mantinha sua vida o mais privada possível, dadas as circunstâncias. Não tinha redes sociais. Não saía para festas nem sequer restaurantes com frequência. Ele tentava não ser *visto* (para a tristeza de seu agente). Não dava entrevistas enxeridas sobre a vida pessoal e não tinha o hábito de falar muito sobre si mesmo.

Tinha conseguido manter a privacidade porque convencera o mundo de que não havia nada de interessante para mostrar. Scott era bom no hóquei, tentava ser uma pessoa boa, e nada mais.

Ser gay seria, sem dúvidas, algo que o mundo acharia interessante.

E ele não podia pensar em nada daquilo agora. Precisava focar. Seu time, sua *cidade*, dependiam dele.

— Já chega, Hunter! Já chega!

O juiz puxou Scott com força para longe do outro homem no gelo. Scott resistiu, mas um árbitro de linha segurou o outro braço dele e puxou para longe do jogador ensanguentado de Detroit.

Scott olhou para o rosto arrebentado do sujeito, e para as juntas dos próprios dedos, também machucadas. A adrenalina começou a abaixar e a ficha do que tinha acabado de fazer caiu.

— Merda — disse ele.

Brigar durante as eliminatórias era *ruim*. Era idiota, inconsequente e poderia custar muito caro. Scott não era o tipo de jogador que se envolvia em brigas no gelo. Era valioso demais para isso.

Seu oponente se levantou devagar. Scott ficou aliviado ao vê-lo de pé. Ele ficaria bem.

O rosto de Scott doía. Ele cuspiu sangue no gelo e sentiu outra pontada de arrependimento.

Deixou os juízes o levarem até o banco de penalidade. Huff patinou até lá carregando as luvas, o capacete e o taco de Scott, recolhidos do gelo. Ele não

disse nada. Scott assentiu para o colega de time e desviou o olhar.

Merda.

Estavam perdendo de 4 a 1 no terceiro período. Scott não dormia mais do que poucas horas havia dias. Era um barril de pólvora, e o número catorze do time do Detroit estava brincando com fósforos a noite toda.

O que tinha finalmente incendiado a ira de Scott fora a palavra que, desde a adolescência, tinha aprendido muito bem a ignorar. E então ele simplesmente perdera as estribeiras. A palavra que, de tanto ser proferida por aí (no gelo e no vestiário), já quase nem significava nada tinha, de uma hora para outra, passado a significar muita coisa. E quando seus punhos colidiram com o rosto daquele otário, Scott quisera falar. Quisera deixar *bem claro* quem é que estava socando a cara dele. Uma bicha. Um homossexual. *Pois é, um viadinho tá prestes a quebrar a porra da sua mandíbula.*

Mas agora que o momento tinha passado, agora que Scott havia trocado murros com o cara na frente da multidão e das câmeras de TV até ter desferido um soco que o derrubara no gelo, e depois continuado a bater e bater…

Porra. Caramba.

Que belo exemplo de merda.

Scott pegou a garrafa d'água e molhou o rosto, limpando o sangue e suor. Jogou um pouco de água na boca e cuspiu. Olhou para as próprias mãos. Estavam cortadas, mas nada sério; as juntas, porém, com certeza ficariam um pouco inchadas. Ele flexionou os dedos. Nada quebrado.

Se sentiu enjoado. Se sentiu *humilhado*, sentado no banco pelos próximos cinco minutos depois de toda aquela multidão tê-lo visto perdendo completamente o controle.

E estava *mesmo* perdendo o controle. Estava perdido. Precisava encontrar uma âncora.

Por enquanto, podia apenas ficar sentado naquele banco de merda e assistir a seu time perder. Mais uma vez.

Para tentar se sentir um pouco menos infeliz, Kip se arrastou até a Barnes & Noble da Union Square depois do trabalho. Costumava achar livrarias relaxantes.

Dessa vez, não estava funcionando.

Fazia uma semana desde que saíra do apartamento de Scott. Uma semana desde que tivera qualquer contato com Scott. Tinha visto que os Admirals perderam os dois primeiros jogos da rodada contra Detroit, e não pôde evitar se

sentir parcialmente responsável, mesmo que aquilo soasse ridículo.

Scott voltaria para a cidade naquela tarde, se já não tivesse voltado.

Kip queria tanto vê-lo que chegava a doer. O trem que pegara naquela manhã estava cheio dos anúncios mais recentes de Scott para a Gillette. Kip mantivera os olhos no chão para não ter que olhar para o maxilar forte e esculpido de Scott. Ou para aqueles lábios macios. Ou os olhos azuis.

Estava mesmo tudo acabado entre os dois? Seria possível? Será que deveria entrar em contato com Scott?

Uma criança gritou em algum lugar na livraria, e Kip percebeu que estava encarando, com os olhos desfocados, uma estante na seção de história europeia por pelo menos uns cinco minutos. Ele piscou, deu um passo para trás e esbarrou em alguém.

— Ai, meu deus. Desculpa. — Kip se virou para encarar a vítima. Era um rapaz com cabelo loiro, óculos e um cachecol claro enrolado no pescoço.

Era Kyle. Kip esbarrara em Kyle.

— Ah. Hum, o-oi — gaguejou Kip.

Minha nossa. Quais as chances?

— Kip! — disse Kyle, claramente chocado por não poder ir nem à porra de uma livraria sem ter que lidar com o caos de Kip.

Kip respirou fundo. *Melhor resolver isso logo.*

— Olha, sobre aquela noite…

— Deixa pra lá — disse Kyle, dispensando o papo com a mão. — Você obviamente está passando por alguma coisa e não tenho o menor interesse em piorar a situação. E desculpa se acabei fazendo isso. Não devia ter dado em cima de você daquele jeito. Foi irresponsabilidade minha.

— Tudo bem — disse Kip. — Quer dizer, fico lisonjeado e tal, mas sim. Como você disse, estou mesmo passando por uma coisa.

Os olhos de Kip de repente começaram a arder, o que era ótimo, já que ele ainda não tinha se humilhado o suficiente na frente daquele cara.

— Gosta de história? — perguntou Kyle. Era uma tentativa descarada de mudar de assunto. Kip se sentiu grato. Kyle era legal.

— Sim. Sou formado em história. Eu, hum, estou torcendo para começar meu mestrado no outono.

— Tá de brincadeira? Estou fazendo mestrado agora. Meio-período, na real.

— Em história?

— Não. Essa foi minha graduação; meu mestrado é em arte da antiguidade e arqueologia. Na universidade de Columbia.

Kip ficou impressionado.

— Que demais! Eu não sabia.

Kyle sorriu.

— Bom, a gente nunca conversou muito além de pedidos no bar e flertes.

Kip abaixou a cabeça, envergonhado.

— Desculpa se dei a impressão errada naquela noite — murmurou ele para as botas (muito lindas) de Kyle.

— Esquece isso. Que bom que você chegou em casa bem. Ou em algum lugar, sei lá. Eu fiquei preocupado.

— Mesmo?

— Você parece surpreso.

Kip corou um pouco. A sensação era de que talvez estivesse sendo um babaca. Provavelmente não deveria conversar com ninguém no momento.

— Desculpa. Eu ando meio perturbado.

Kyle pareceu analisá-lo por um instante.

— Quer tomar um café?

— Ah, hum. Eu não… Quer dizer, normalmente eu aceitaria, mas…

— Relaxa. Você só parece estar precisando de um amigo. Talvez a gente possa conversar sobre o que anda te atormentando. Ou sobre o mestrado.

Kip não sabia ao certo se *poderia* conversar sobre seus problemas com um quase-desconhecido, mas não tinha nada melhor para fazer.

— Tá bom. Claro. Valeu.

Foram até a Starbucks dentro da livraria, compraram dois lattes e se sentaram em uma mesa colada à parede.

— Eu não sabia que você usava óculos — disse Kip.

— Só uma dentre as muitas coisas fascinantes sobre mim.

— E você é formado em história!

Kyle gentilmente tirou a tampa da bebida e assoprou a espuma.

— História e latim, na verdade. Graduação dupla. Mas chega de falar de mim. O que está te deixando tão triste, Kip?

— Eu… — Tentar não machucaria. Talvez um desconhecido imparcial fosse exatamente o que ele precisava. — Eu estou saindo com uma pessoa. Há alguns meses já. E… eu amo ele. Estamos apaixonados. Ou estávamos. Já não sei mais.

— Me conta sobre ele.

— Ele é… — Kip sorriu um pouco. — Ele é lindo. Tipo, mesmo. Ridículo de tão gostoso. E é inteligente, carinhoso, generoso e simplesmente…

maravilhoso.

— E ele é, deixa eu adivinhar… casado?

Kip balançou a cabeça.

— Não. Mas não é assumido.

Kyle lançou um olhar compreensivo para ele.

— Quer um conselho baseado em experiência própria? Não se envolva com quem está no armário.

— Sabe, eu com certeza teria concordado com você antes. Mas ele vale a pena. Eu acho.

— Por que ele não é assumido?

— O trabalho dele… — Kip suspirou. — Ele acha que prejudicaria a carreira. Sei lá. Provavelmente prejudicaria mesmo, eu acho.

— Então, ele está priorizando a carreira?

— Bom, é… você sabe…

— Complicado?

— Extremamente. — Kip passou a mão pelo cabelo, agitado. — É só que… há uma grande diferença entre nós dois. Tipo, eu não sou bom o bastante para ele. Não mesmo.

— Ele disse isso?

— Não! Não. Nunca. Mas é um fato. Ele é bem-sucedido. Rico. Impressionante.

— E está no armário.

— Sim.

— É mais velho?

— Não muito. Uns dois anos.

— Meu deus. E é rico e bem-sucedido?

Kip se remexeu, inquieto. Será que estava dando muita informação? Kyle não estava tentando adivinhar quem era o homem misterioso, estava?

— O dinheiro e tudo mais… isso não me importa. E ele diz que não se importa que eu não tenha dinheiro. Mas é que isso deixa a relação tão desequilibrada, sabe? Sempre me sinto desconfortável quando ele paga por qualquer coisa. Além disso, desde que começamos a namorar, sinto que fui empurrado de volta para o armário, em vez de ter tirado ele de lá.

— E eu imagino que você tenha conversado sobre tudo isso com ele…

Kip mordeu o lábio.

— Mais ou menos. Nós brigamos. Na semana passada. E eu… fui embora.

— Ai.

— Foi nossa primeira briga de verdade.

— Foi a *primeira* briga e você foi embora?

— Aham. — Kip estava se sentindo mais estúpido a cada segundo.

— Já tentou falar com ele desde a briga?

— Não.

Kyle balançou a cabeça e abriu um sorriso triste.

— Ai, Kip.

— Você acha que eu deveria?

— Você está apaixonado mesmo por ele?

— Estou.

— Então você precisa tentar.

Kip mexeu no copo.

— Mas e se ele nunca estiver pronto para se assumir? Você acabou de dizer que, por experiência própria, eu deveria me manter longe de caras no armário.

— Sim, bom. Meu caso foi um grande caos, mas eu não amava o cara.

Kip assentiu.

— Vou conversar com ele. Você tem razão. Preciso tentar.

— Bom garoto. Agora, onde você vai fazer mestrado?

— Ah, ainda não sei. Me inscrevi em algumas faculdades, mas estou torcendo para conseguir na Universidade de Nova York. Foi lá que eu me formei.

— Que pena. Achei que a gente estava se dando bem — provocou Kyle.

Kip sorriu.

— Ainda não sei exatamente como vou pagar pelo mestrado, mas vou dar um jeito. Preciso muito de um emprego melhor.

Kyle olhou para ele, curioso.

— Você tem experiência servindo comida?

Kip riu.

— Sim. Eu *só tenho* experiência nisso.

— O Kingfisher está precisando de um novo garçom.

— Sério? — Kip pensou a respeito. Não mudaria de área, mas talvez fosse legal trabalhar no seu pub favorito.

— Aham. E em breve teremos mais horários disponíveis porque vou fazer um programa de verão na Itália.

— Ah!

— As gorjetas, isso eu posso garantir, são *fantásticas*. Principalmente se você for gatinho e charmoso. — Ele passou a mão de brincadeira na frente do rosto.

— Por que você não passa lá amanhã, no fim da tarde, com seu currículo? O chefe vai estar lá. Eu te apresento e falo bem de você.

— Você nem sabe se sou bom no meu trabalho — comentou Kip.

— Você é ruim no seu trabalho?

— Não.

— Bom, eu não te acho mentiroso. Então vou confiar.

— Beleza. Obrigado. Estarei lá amanhã. Muito obrigado mesmo.

— Combinado. Agora vai lá ligar para o seu namorado lindo e bem-sucedido.

Kip não telefonou para Scott. Tinha pegado o celular várias vezes na intenção de ligar ou mandar uma mensagem, mas ficou com medo. E se mandasse mensagem e Scott ignorasse? E se Scott tivesse bloqueado o número dele? E se Kip ligasse, Scott atendesse e pedisse para ele não ligar de novo?

Pelo menos agora, por mais que estivesse infeliz, ele tinha esperança.

Estava em casa, sentado na cama, com as palavras de Kyle flutuando em sua mente.

Você precisa tentar.

Deveria mandar mensagem para Scott. Só uma mensagem.

Ele digitou: Podemos conversar?

Encarou a tela.

E se Scott respondesse: *Não*?

Talvez Kip devesse deixá-lo dar o primeiro passo. Era Scott quem estava com todo o estresse e responsabilidade nos ombros. Kip não queria ser mais um problema. Mas os Admirals iriam jogar na noite seguinte. Seria o primeiro jogo deles em casa desde a briga de Kip com Scott, e não ir parecia muito errado.

Ele não podia ficar remoendo isso. Precisava dar espaço a Scott. Então, Kip iria trabalhar de manhã, depois passaria no Kingfisher com o currículo. Usaria esse tempo de forma produtiva.

Alguém bateu à porta do quarto.

— Kip?

— Sim, pai. Pode entrar.

A porta se abriu e o pai dele entrou, segurando um envelope.

— Chegou essa correspondência aqui da Universidade de Nova York — disse o pai com um sorrisinho. — Você por acaso não sabe do se trata, né?

— Devem estar pedindo mais dinheiro — Kip mentiu. *Devem estar rejeitando minha inscrição.*

— É do departamento de ingresso acadêmico.

Ai, meu deus. Ai, meu deus. Não vou aguentar mais uma notícia ruim agora.

— Me dá. — A mão de Kip tremia levemente ao pegar o envelope. O pai cruzou os braços e se apoiou no batente da porta.

Kip o encarou sério, mas, quando ficou claro que ele não tinha a menor intensão de sair dali, suspirou e abriu o envelope.

— Puta merda — sussurrou para si mesmo.

— Kip?

Kip se levantou num salto.

— Eu entrei! Passei para o mestrado!

E, de repente, o mundo pareceu um pouquinho menos horrível. Radiante, Kip abraçou o pai.

— Estou tão orgulhoso de você. E com muita inveja — disse o pai.

Kip balançou a cabeça, incrédulo.

— Eu não achei que iria passar.

— Por que não? Suas notas eram excelentes. Você é um escritor fantástico, esforçado. Qualquer universidade ficaria feliz em te receber.

— É só que… — Agora Kip estava com lágrimas nos olhos. — As coisas não andam muito boas, pai.

— Eu sei. — O pai o abraçou de novo. — Eu não queria me intrometer, mas… vocês dois brigaram?

— Nós dois? De quem você está…?

O pai lhe deu um sorriso com ar de sabe-tudo, e depois ficou sério.

— Sei que ele deve estar ocupado agora com as eliminatórias, mas parece que tem algo pior do que isso acontecendo.

Como assim?

— Do que você está…?

— Scott Hunter — disse o pai, com calma. — Você está saindo com ele.

— Pai, nem vem. Sem chances de o Scott Hunter querer… quer dizer, o Scott Hunter não é…

— Não sei nada sobre o Scott Hunter, mas eu te conheço. E acho que eu seria capaz de perceber quando meu filho está apaixonado.

— Eu não estou… — *Meu deus. Foda-se. Isso nem deve importar mais.* — Como você sabe?

— Lembra quando eu quebrei o punho escorregando no gelo da calçada aqui de casa?

— Claro. Sim… — Kip não fazia ideia de onde ele queria chegar com

aquela história.

— O olhar da sua mãe foi o mesmo que o seu quando o Hunter se machucou naquele jogo em que fomos juntos.

Kip corou.

— Talvez eu seja apenas muito fã?

— Talvez. Mas acho que não. Você também sumiu de casa naquela noite depois de fazer uma ligação que incluía as palavras *raio-x* e *compressa de gelo*. Sou bom em pegar dicas sutis assim.

Então talvez Kip não tivesse sido tão cuidadoso como havia imaginado.

— Ele não é… Ninguém sabe. E talvez nem dê em nada, então, por favor…

— Claro.

As próprias palavras de Kip o encheram com uma nova onda de desespero. *Talvez nem dê em nada. Meu deus. Não pode ter acabado mesmo, né?*

Ele pressionou as mãos na testa e fechou os olhos com força, tentando evitar um surto total.

— A mamãe sabe?

— Não, esse segredo eu guardei comigo.

— Obrigado. Eu queria contar para vocês dois. Mas agora as coisas estão… sei lá. — Ele fungou e olhou para o teto. *Segura a onda, Kip.*

— Vocês estão brigados?

— Sim. Tá tudo uma bagunça agora. E eu quero tanto dar um jeito nisso.

O pai sorriu e deu um tapinha no braço do filho.

— Você vai.

Felizmente, Kip conseguiu se segurar para não chorar até o pai sair do quarto. Assim que a porta se fechou, ele chorou no travesseiro como um adolescente. Meu deus, tinha acabado de passar para o *mestrado* e nem isso era o bastante para animá-lo.

Precisava consertar as coisas com Scott. Precisava pelo menos tentar.

Capítulo vinte e cinco

— **Puta merda** — murmurou Maria. — Ele voltou.

Kip se virou do local onde estava estocando bananas para ver…

— Scott!

Ele estava parado bem ali, com a roupa de corrida, o rosto molhado de suor, assim como da primeira vez em que entrara na loja. Só que com mais barba.

Dizer o nome dele daquele jeito não tinha sido a intenção de Kip. Desse jeito tão surpreso. *Familiar*. É que foi pego desprevenido. Com sorte, Maria apenas acharia graça da paixãozinha de fã por Scott Hunter.

— Oi — disse Scott, com a voz suave e incerta.

— Hum… posso… ajudar?

— Pode — disse Scott com um sorriso acanhado. — Eu estava pensando que talvez fosse uma boa… voltar ao básico.

— Ah. — *O que isso queria dizer?* — Então… smoothie azul, certo?

— Por favor.

Kip preparou o smoothie e Maria lhe deu um sorrisinho. Ele a ignorou.

Entregou a bebida para Scott, cujos olhos encaravam Maria e depois Kip. Ele quase conseguiu *ver* o "foda-se" passando pelo cérebro de Scott.

— Eu, hum… queria te ver.

— Ah. — Kip ousou lançar um olhar para Maria. Ela parecia um gato depois de pegar a porra do rato.

— O jogo é hoje à noite, e eu estava esperando…

— Ah. — Kip desanimou. — Precisa do seu amuleto da sorte lá ou algo do tipo?

— Não! Não, não é isso… — Scott olhou para Maria de novo. Ele abaixou a voz, apesar de não importar, porque era óbvio que ela estava escutando cada palavra. — Queria conversar com você. À sós. Logo. Por favor, Kip.

Kip viu a angústia nos olhos do Scott e uma fagulha de esperança brilhou dentro dele. Seria possível que Scott quisesse consertar as coisas tanto quanto Kip?

— Tá bom — concordou Kip.

— Podemos nos encontrar em algum lugar? Depois que você sair do trabalho?

— Na verdade, tenho um compromisso hoje à tarde.

Scott pareceu devastado.

— Não, quer dizer — acrescentou Kip rapidamente. — Não estou te dispensando. Eu quero muito conversar com você. Sério. Muito. Tipo… muito mesmo.

— Tá bom. Eu tenho jogo hoje à noite e tal, então… talvez… Quer ir assistir ao jogo? O que acha?

— Quero — disse Kip. — Claro. Estarei no jogo mais tarde.

Scott assentiu.

— Combinado. Tá bom. E talvez, depois do jogo, a gente possa… sair. Para algum lugar?

— Claro. Eu adoraria.

A expressão de Scott se iluminou.

— Mesmo? Bom… — Ele se aproximou, mas só um pouquinho, e Kip perdeu o ar. Mas, então, Scott deu um passo para trás e disse: — Te vejo mais tarde.

— Tá certo.

Scott saiu e Kip esperou o máximo possível para se virar para Maria.

— Que. Porra. Foi. Essa — disse ela.

— Tá, deve ter dado a impressão que…

— Então vocês dois estão…?

— Mais ou menos. Sei lá. Só, por favor, não conta pra ninguém.

— Puta que pariu!

— É sério! Não fala nada. Me promete, tá?

— Prometo! É claro que prometo! Mas você precisa me contar *alguma coisa*. Preciso de detalhes!

— Um detalhe.

— *Um?*

— Um.

Ela fez uma expressão para dar a entender que estava pensando muito, então, tirou um pepino na geladeira e o colocou no balcão. Depois, pegou uma faca e a segurou no meio do pepino.

— Beleza, me diz quando eu chegar no tamanho aproximado.

— Não.

Ela moveu um pouco a faca.

— Ai, para. Não vou fazer isso.

Ela moveu de novo e arqueou uma sobrancelha.

Kip olhou feio para ela, depois revirou os olhos e disse:

— Um pouco mais pra frente.

Maria gritou.

— Ai, meu deus! Eu sabia! Sua piranha sortuda!

— Tá bom. Já chega. Sério. Guarda esse segredo, tá?

— Tá bom. Tá bom. Prometo. — Ela deu uma risadinha.

Kip riu também, aliviado por mais alguém saber do relacionamento dele.

O relacionamento que ele iria, sem dúvidas, consertar naquela noite.

Scott se sentia bem.

Suas mãos estavam com curativos embaixo das luvas por causa da briga na outra noite, mas ele se sentia bem. Centrado. Focado. Iriam vencer naquela noite. Ele não tinha dúvidas.

Scott vinha ignorando as manchetes e os comentários nos programas esportivos. Mas ele sabia o que estavam falando. *O que há de errado com Scott Hunter?*

Ele ignorou tudo. Nada daquilo importava. Cada jogo era um recomeço. Tinham perdido dois jogos e iriam ganhar os quatro seguintes. Sem problema.

Seus colegas de time pareceram sentir a mudança nele também. Ninguém mais o olhava com preocupação; olhavam para Scott em busca de força. Estavam assentindo para ele, se comunicando silenciosamente: *Você consegue. Estamos juntos. Até o fim.* Kip estava presente no jogo. Vê-lo lá, no lugar de sempre, enchia Scott de força e confiança. Não era superstição; era amor.

Iria resolver as coisas com Kip naquela noite. Se certificaria disso.

— Uau, caramba — disse Elena. — Parece que o Scott recuperou a manha!

Eles estavam de pé e aplaudindo ferozmente com o resto da multidão. Scott havia marcado seu segundo gol na partida, pontuando 5 a 2 para os Admirals no final do segundo tempo.

Talvez fosse a vantagem de jogar em casa, ou talvez Scott tivesse conseguido encontrar o foco. Ou, no fim das contas, talvez os smoothies fossem mágicos mesmo. De uma forma ou de outra, Kip estava aliviado e feliz.

E orgulhoso pra cacete dele.

Kip recebeu uma mensagem de Scott logo que o jogo terminou.

Tudo bem se nos encontrarmos no meu apartamento?

Kip estava torcendo para que ele sugerisse aquilo. Claro. Quer que eu vá para lá agora?

Scott: Sim. Chego lá o mais rápido possível.

Elena o abraçou e desejou boa sorte. Os dois haviam tido uma longa conversa antes do jogo. Na opinião dela, Kip e Scott eram dois idiotas.

Era estranho como o apartamento luxuoso de Scott agora tinha cara de casa para Kip. Ele precisou se lembrar, ao entrar naquela sala de estar enorme, de que aquela *não era* sua casa. Mas foi reconfortante estar naquele espaço familiar de novo.

A espera, entretanto, foi agonizante. Ele sabia que Scott demoraria um pouco, mas pareceu uma eternidade. Kip se sentou no sofá, e depois no balcão da cozinha, e depois ficou perambulando pela sala. Quando a porta enfim se abriu, ele estava de pé em frente às janelas.

Por um momento, Scott o encarou como se não acreditasse que ele estava mesmo ali. Então, com a voz mais suave do mundo, disse:

— Kip.

— Oi.

Ele vestia um dos ternos de alfaiataria que tinha que usar para sair do rinque. A barba estava espessa e o cabelo, mais longo que o normal. Estava lindo pra caralho.

Scott atravessou a sala até ficar a um braço de distância.

— Parabéns pela vitória — disse Kip, sem jeito.

— Obrigado. — As mãos de Scott, com os dedos enfaixados, estavam flexionando na lateral do corpo. Ele o encarava como se Kip tivesse voltado dos mortos. — Senti saudade.

A voz de Scott falhou na última palavra. Kip fez a única coisa que conseguia pensar em fazer — a única que *queria* fazer: abriu os braços. E Scott mergulhou no abraço dele.

— Me desculpa — sussurrou Scott no ombro de Kip. — Eu nunca quis que você fosse embora. Por favor, me dá uma chance de melhorar as coisas.

— Shh. — Kip beijou o topo da cabeça dele.

Ficaram daquele jeito por um tempo, abraçados e respirando o cheiro um do outro.

— Vamos nos sentar — disse Kip, levando Scott pela mão. Ele a segurou gentilmente, acariciando o polegar sobre os curativos enquanto o levava até o

sofá.

— Eu tenho pensado muito — começou Scott.

— Eu também.

— E venho me sentindo péssimo.

— Eu também.

— Estaria mentindo se dissesse que a ideia de me assumir não me assusta mais.

— Eu sei — disse Kip. — Estou colocando muita pressão em você, ainda mais agora. Então, talvez, eu possa largar um pouco o osso e ter mais paciência.

— Mas você tem *razão*, Kip. Você estava certo a respeito de tudo. Você não deveria ter que se esconder. Não deveria ser meu segredo. Você merece muito mais que isso.

— *Você* merece muito mais também, Scott.

— Eu sei que mereço. Só estou… com medo.

— Posso perguntar — disse Kip cuidadosamente — do que exatamente você tem medo? Você sempre diz que é pela carreira, ou pela privacidade, mas eu sei que a NHL tem, tipo, noites do orgulho e tal.

Scott esfregou o rosto. Parecia exausto.

— Desculpa — acrescentou Kip depressa. — É só que… a impressão é de que tem alguma coisa aqui que eu não estou entendendo.

— Você tem razão — respondeu Scott. — Sobre a liga. Eles estão *mesmo* tentando. E os times deveriam ter uma política de tolerância zero à homofobia, mas… — Ele suspirou. — Quando eu era criança, o hóquei era minha vida todinha. E, naquele mundo, ser gay era o pior tipo de insulto. A pior coisa que alguém poderia ser. E nem consigo dizer quantas vezes eu tive que escutar… bom, todo tipo de comentário homofóbico imaginável. Não davam trégua.

— Direcionados a você?

— A mim, a todo mundo. Era o que diziam quando queriam tirar qualquer cara do sério. Ou quando estavam bravos. E todo mundo aceitava. Mas, quando comecei a perceber que talvez eu *fosse* aquela coisa que meus colegas de time consideravam tão repulsiva…

Kip segurou a mão de Scott, que engoliu em seco e continuou:

— Você precisa lembrar que eu estudei num colégio interno, um colégio interno focado em hóquei, então não tinha como fugir. E eu me escondi. Escondi meu segredo o máximo que pude porque não conseguia esconder o restante de mim. Eu era o maior astro do colégio, com os olheiros da NHL indo assistir aos meus jogos mesmo naquela época. E eu sabia… quer dizer, eu

achava que sabia, mas provavelmente tinha razão, que se fosse pego com outro garoto, ou se qualquer um sequer *achasse* que eu gostava de outro garoto, seria o fim.

— Houve algum garoto? — perguntou Kip, baixinho.

Scott abriu um sorriso triste.

— Houve. Mais tarde. Na liga júnior. Meu colega de time, Jacob.

— E vocês chegaram a…?

— Não. Eu não sei se ele era… mas acho que sim, talvez. Pode ser que ele também olhasse para mim. Mas nenhum de nós fazia nada a respeito. Era arriscado demais.

— Mas você o desejava.

— Desesperadamente. — Scott riu, sem graça. — Eu achava que estava apaixonado por ele.

— Meu deus. Deve ter sido agonizante.

Scott deu de ombros.

— Eu me forcei a ignorar. Foquei no que era importante. Entrar na NHL.

— E na NHL as coisas não melhoraram?

— Não consigo explicar. Uma coisa é a NHL levantar a bandeira do orgulho e falar sobre inclusão, e isso é ótimo, de verdade, não estou dizendo o contrário. Mas nos vestiários e no gelo, e nas viagens com os caras… sei lá. Nunca me senti confortável para ser honesto sobre essa parte da minha vida. Acho que nunca mais me olhariam do mesmo jeito.

Scott balançou a cabeça e continuou.

— E a questão é que… sem querer soar dramático, mas durante toda a minha vida adulta, meus colegas de time têm sido a minha única família. Então, só de pensar em perder o respeito e o apoio deles, fico apavorado.

Agora Kip se sentia um lixo por ter forçado a barra. Mas ainda queria que Scott desse aquele passo.

— Tudo isso deve parecer um motivo fraco para não me assumir — disse Scott. — Não acho que eu vá apanhar no vestiário nem nada disso. É só que… é um passo grande pra caralho. E não tem volta.

— Não — concordou Kip. — Não tem volta. Mas posso te falar? Do outro lado também tem muita coisa incrível.

Scott sorriu.

— Eu sei. Eu quero ver essas coisas. Quero todas elas. Com você.

— Eu também. E, aconteça o que acontecer, Scott, você sabe que eu vou estar do seu lado, né? Eu aguento o tranco. Tudo o que te assustar, nós

enfrentaremos juntos. Tenho muito *orgulho* de ser seu namorado. Se acha que me assusta o mundo descobrir o quanto eu te amo, você está muito enganado.

Scott franziu um pouco o rosto. Estava com os olhos marejados.

— Eu te amo. Kip, não sei o que estou fazendo, mas te amo muito e não posso te perder. Eu simplesmente… não posso.

O coração de Kip parecia uma poça enorme e quentinha.

— Eu também te amo, Scott.

— Podemos esperar até o fim das eliminatórias? Isso é pedir demais? — O tom dele era sincero, e não furioso.

— Eu posso esperar — disse Kip. — Mas, quando as eliminatórias acabarem, precisamos decidir o que fazer.

Scott assentiu.

— Justo. Sim. Combinado.

— Tá bom.

— E me promete que vai parar de pensar que eu vou decidir que não vale a pena ficar com você? Ou qualquer coisa assim? Porque eu não consigo nem te explicar o quanto isso é distante da realidade.

Kip abriu um sorriso aliviado e choroso.

— Combinado.

Scott fechou os olhos e pressionou o rosto contra a palma da mão de Kip. Ele segurou a outra mão do namorado, que entrelaçou os dedos dos dois e os apertou para tranquilizá-lo.

— O que aconteceu com a sua mão, afinal? — perguntou Kip. Ele levantou uma delas até os lábios e beijou gentilmente as juntas dos dedos de Scott.

— Você não assistiu a esse jogo? — perguntou Scott, parecendo um pouco magoado.

— Não. Tentei assistir ao primeiro, mas… eu não consegui. Desculpa.

— Tudo bem. Foi só uma briga. Foi estupidez.

— Uma briga? Você não briga. Nunca te vi brigando.

— Não costumo brigar. Fazia tempo. E não devia ter brigado de novo, mas…

— O que aconteceu? — perguntou Kip, passando o dedo pelos curativos.

— Ele me chamou de… Bom. Você deve imaginar do quê. Mas isso — acrescentou Scott rapidamente — não é grande coisa. Como eu disse, palavras assim são tão comuns no gelo que já perderam o significado.

— Até tocarem na ferida — sussurrou Kip.

— Até tocarem na ferida.

Kip aninhou a mão de Scott nas suas.

— Eu quis dizer para ele — comentou Scott. — Quis que ele soubesse *exatamente* quem estava batendo na cara dele.

Kip olhou para ele, surpreso.

— Bom, esse é um jeito de se assumir. Mas não sei se eu recomendo.

Scott riu.

— Eu não deveria ter feito aquilo. Brigado, no caso. Queria não ter feito nada. Mas eu estava… você sabe.

— Arrasado?

— Sim. E não estava dormindo bem.

— Me desculpa. Eu não deveria ter ido embora depois da nossa discussão.

— Não se desculpe. Eu vou dar um jeito — prometeu Scott.

— Eu sei. Você vai vencer a Copa Stanley, eu vou fazer meu mestrado e nós seremos incríveis juntos.

— Imbatíveis — concordou Scott e o beijou de novo. — Peraí… você passou para o mestrado?

Kip sorriu.

— Passei! Na Universidade de Nova York!

Scott o abraçou e apertou quase forte demais.

— Que orgulho de você!

— Viu só? — disse Kip contra o ombro dele. — Imbatíveis. Mas… talvez, por enquanto, seja melhor dar um pouco de espaço um pro outro, não acha?

Scott o soltou, o que fez Kip rir.

— Não, tô falando, tipo, nas próximas semanas. Até as eliminatórias acabarem, assim você consegue focar. De qualquer forma, você vai viajar muito, então talvez seja melhor você apenas… se esquecer de mim por um tempo.

Ele conseguiu ver Scott ficando tenso.

— Não vou me esquecer de você — disse Scott.

Kip sorriu.

— Só um pouquinho. Além do mais, tenho coisas da minha vida para resolver. Eu, hum, consegui um emprego novo.

— Quê? Sério? Tipo… um emprego de historiador?

— Não — respondeu Kip. — Não é nada tão bom assim. Mas é um serviço melhor do que a lanchonete de smoothies, com certeza. É no Kingfisher, sabe? O pub que eu frequento.

— Ah. Aquele…

— Bar gay. É.

— Entendi. Isso é… quer dizer, que ótimo! Você está feliz, não está?

— Sim. Acho que vai ser divertido. Vou trabalhar até tarde, claro, mas prefiro isso a acordar cedo. E o salário é melhor. As gorjetas são boas.

— Bom, parabéns, então. Já está de aviso prévio no trabalho?

— Já. Mandei um e-mail ontem. Assim que me ofereceram o emprego.

— Ah.

— Tá tudo bem?

— Tá — respondeu Scott. — É só que… eu tenho um carinho pela lanchonete de smoothies.

— Own. Você vai poder me visitar no meu novo trabalho.

Ele esperou que Scott ficasse meio esquisito com isso.

Em vez disso, Scott disse:

— Eu vou. Prometo. Assim que eu… puder.

— Um objetivo a ser alcançado.

— Isso.

Kip se aproximou e o beijou.

— Vai ficar aqui? — perguntou Scott. — Essa noite?

Kip passou os dedos pela gola da camisa de Scott.

— Vou. Claro.

Trêmulo, Scott soltou o ar e Kip moveu os lábios para perto do ouvido dele e murmurou:

— O que você quer fazer?

— Não sei.

— Tenho uma ideia — disse Kip. — Que tal tirar esse terno sexy pra cacete, se deitar na cama e aí eu passo algumas horas beijando cada pedacinho do seu corpo?

Deu para sentir Scott sorrindo contra seu ombro.

Scott estremeceu na cama. Estava ao mesmo tempo com frio e com calor; a pele exposta ao ar enquanto a boca e as mãos de Kip o incendiavam, fazendo seu sangue ferver como lava.

O que Kip estava fazendo com ele, lenta e cuidadosamente beijando e lambendo cada parte de seu corpo — catalogando-o —, era quase uma experiência extracorpórea. Kip dava beijos no interior da coxa, perigosamente perto do pau, depois mudava e mordia a parte interna do punho de Scott. Ele passava a língua em um mamilo até Scott achar que ia morrer, depois passava os dedos com carinho pela nova barba do namorado.

Era o paraíso, uma agonia e, possivelmente, a experiência mais sensual da vida de Scott. Ele precisaria retribuir o favor algum dia.

Finalmente, Kip curvou a língua sobre as bolas de Scott. E gemeu ao colocar uma delas na boca. Scott suspirou e arqueou o corpo.

— Te amo — disse ele. — Te amo muito e vou consertar tudo. Eu prometo. Eu vou…

— Shhh — disse Kip, substituindo a boca pela mão. Ele acariciou e deu beijinhos de leve na cabeça do pau inchado de Scott. — Não se preocupa com nada. Só relaxa. Deixa eu cuidar de você.

Scott suspirou e fechou os olhos. Kip envolveu o pau com seus lábios carnudos e colocou a língua para trabalhar, desmontando Scott.

As preliminares foram intensas e eternas. Scott se permitiu sentir tudo o que Kip estava fazendo com a boca e os dedos. Sentiu o jeito como seu corpo enrijeceu, o jeito como seu coração acelerou. Ele queria gozar, mas queria que aquilo durasse para sempre.

Queria tantas coisas.

Mas agora podia sentir que estava disparando rumo ao orgasmo.

— Kip — disse ele, rouco.

Kip tirou o pau da boca, substituindo os lábios pela mão.

— Quero ver — disse ele. — Me mostra. Vai, baby.

Scott gozou, quieto e maravilhado, enquanto seu namorado perfeito e lindo assistia. As jatadas espessas e brancas de porra caíram na barriga e no peito.

— Que lindo, meu bem — disse Kip. Ele se aninhou e beijou Scott, que retribuiu o beijo com gratidão.

— Você é tão bom pra mim — disse Scott. — Te amo. Não se esquece disso, tá bom? Eu te amo.

— Não vou esquecer.

Mais tarde naquela noite, os dois se deitaram no escuro. Kip dormia com a cabeça apoiada no peito de Scott. Ele dera tanta coisa a Scott naquela noite. Tinha feito de *tudo* para dar prazer ao namorado. E agora estava aninhado contra ele, o corpo pesado e exausto.

Scott o abraçou e fez uma promessa silenciosa de que seria o homem que Kip precisava que ele fosse. Então, caiu num sono tranquilo.

Capítulo vinte e seis

Scott dormiu bem pela primeira vez em uma semana.

Quando piscou para acordar, ouviu um suspiro de alegria ao lado dele. Se virou e encontrou o homem que amava dormindo tranquilamente. O único lençol branco que os cobria havia descido até a altura da lombar nua de Kip. Seu cabelo macio e castanho caía sobre os olhos, e algumas mechas onduladas tocavam a barba por fazer em sua bochecha. Seu rosto estava relaxado e lindo, os lábios levemente abertos. Scott se apoiou no cotovelo e ficou apenas observando Kip por um tempo.

Ele o observou dormindo até não conseguir mais se segurar, e passou os dedos pelo maxilar do namorado. Ainda dormindo, Kip estremeceu e fez um barulho sonolento e irritado. Scott sorriu e beijou o ombro que estava mais próximo dele. Quando Kip não se mexeu ou protestou, Scott continuou dando beijinhos nas costas dele.

Poderia permanecer naquele momento de quietude para sempre.

Mas também estava solitário, então moveu a boca para dar mordiscadas na lateral do corpo de Kip, bem acima da cintura, onde sabia que Kip sentia cócegas.

Duas mordidas e Kip já estava se contorcendo para longe. Scott sorriu.

— Bom dia.

— Vai à merda — murmurou Kip com a cara no travesseiro.

— Desculpa — respondeu Scott. — Não consegui resistir. — Ele voltou à posição de antes, deitado de lado, próximo a Kip.

Depois de um tempo, Kip acabou virando a cabeça e olhou para ele.

— Oi — disse ele, com a voz suave e feliz.

— Eu gosto de te acordar.

— Hum. — Kip se deitou com a barriga para cima e se espreguiçou. Scott gostou do jeito como os músculos do braço e do peito dele se flexionaram, e o jeito como o lençol fino desceu mais abaixo na cintura.

— Que horas são? — Kip quis saber.

— Hum? — perguntou Scott; seus olhos seguiam a trilha de pelos escuros que desciam do umbigo de Kip até para baixo do lençol. — Sei lá. Umas oito, talvez?

Kip fechou os olhos e grunhiu.

— Merda. Tenho que levantar. Eu disse que chegaria no trabalho às nove para ajudar no treinamento do funcionário novo.

— Tem certeza? — perguntou Scott, se movendo para beijar a lateral do pescoço de Kip.

— Quanto mais cedo eu começar, mais cedo termino — disse Kip numa voz um pouco rouca. Scott levou a boca onde dava para sentir a pulsação do namorado, deu uma leve chupadinha ali e sentiu o coração dele acelerar.

— Tá bom — disse Scott, deixando a boca passear pela clavícula de Kip. Beijou o espaço ali e Kip estremeceu.

— Você é uma péssima influência — reclamou.

Em resposta, Scott colocou a mão no joelho de Kip e deslizou para cima, deixando os dedos se arrastarem pela pele sensível da parte interna da coxa.

— Você tem quinze minutos — disse Kip com uma risada ofegante.

Scott cobriu o corpo de Kip com o seu e olhou bem nos olhos dele.

— Isso é um desafio?

— Eu sei que você ama desafios.

— Amo mesmo.

Scott o beijou na boca, e ficou imediatamente óbvio que Kip não tinha nenhuma objeção de verdade às investidas do namorado. O beijo foi intenso, quente e frenético, e a mera sensação da língua de Kip tocando a dele já deixou Scott louco de desejo. Como sempre.

Kip ajustou a cintura para que as duas ereções se esfregassem. Scott grunhiu dentro da boca de Kip. Eles ficaram se movimentando daquele jeito por um tempo, até Kip se soltar e dizer com um risinho brincalhão:

— Dez minutos.

Scott aceitou o desafio e deslizou pelo corpo de Kip, levando o lençol junto. Colocou o pau na boca, e o quadril de Kip saltou enquanto ele arquejava no quarto.

Scott deu o seu melhor. Usou direitinho todo conhecimento que havia acumulado quanto ao que deixava Kip doido na cama. Atacou a parte sensível embaixo da cabeça do pau dele com lambidas rápidas enquanto puxava as bolas com a mão. Então, relaxou a garganta e engoliu o mais fundo que conseguia.

Scott, sinceramente, amava chupar Kip. Amava como conseguia reduzi-lo

num piscar de olhos a um monte de gemidos e grunhidos sensuais e maravilhosos.

— Hum… caramba, baby. Que delícia. Meu deus, sua boca. Eu amo a sua boca, Scott…

Depois de alguns minutos, quando Kip já estava tenso e tremendo embaixo dele, Scott tirou o pau da boca e perguntou:

— Quanto tempo ainda tenho?

— Nossa. Vai se foder, Scott. Anda logo!

— Só estava checando!

— Você é um idiota. Volta ao trabalho.

Scott riu e obedeceu. Fez Kip gozar na mesma hora e se deitou ao lado dele.

Kip estava com a respiração ofegante, sorrindo para o teto.

— Bom trabalho, campeão — disse ele.

— Obrigado, treinador.

— Vamos — disse Kip, se sentando e jogando as pernas para fora da cama. — Eu retribuo no banho.

— No banho?

— Tenho que fazer tudo ao mesmo tempo! Já estou atrasado!

— Eu vou ser uma distração.

— Mas do melhor tipo. Vem.

Assim que o avião decolou de Nova York, a confiança de Scott se estraçalhou.

Tinham acabado de vencer dois jogos em Nova York, empatando a rodada em 2 a 2, mas ele não conseguia esquecer como haviam jogado mal nas duas primeiras partidas em Detroit.

Mas agora estava junto de Kip de novo e iria garantir que tudo permanecesse assim. Ou seja, seria corajoso e cumpriria suas promessas para o homem que amava.

Naquela noite, Scott se deitou na cama de hotel, preocupado com o que aconteceria quando saísse do armário. Esse vinha sendo seu segredo mais bem guardado por tanto tempo que ele nem conseguia imaginar uma vida sem ter que carregar aquele fardo.

Precisava espairecer, então saiu do quarto e perambulou um pouco pelo hotel até acabar na piscina. Não havia ninguém lá, então se sentou de lado em uma daquelas espreguiçadeiras e curtiu o silêncio.

Admirando a água parada da piscina, se permitiu focar em algo que não fosse seu medo. Ele pensou em Kip, que estava sendo tão paciente com ele. E

Scott sabia que tinha pedido para que ele esperasse até o fim das eliminatórias, mas, de repente, aquilo pareceu distante demais. Scott não queria ter que tirar seu relacionamento da cabeça durante as eliminatórias; queria era que o relacionamento deles o deixasse *mais forte*. Que o tornasse um jogador melhor.

Pensou em criar um lar com Kip — em construir uma *vida* com ele. Pensou naquelas covinhas adoráveis e no jeito como Kip colocava a mão sobre a boca quando estava lendo. Pensou em acordar com Kip toda manhã depois que estivesse aposentado, e em viajarem juntos pelo mundo. Indo a restaurantes, a museus e a parques sem se importarem se as pessoas soubessem que estavam juntos. Talvez até *querendo* que as pessoas soubessem que estavam juntos.

O desejo por tudo isso queimou com tanta força dentro dele que Scott foi tomado pela necessidade de começar a fazer aquilo acontecer. Ele sabia o que tinha que fazer.

Era chegada a hora.

— Meu deus, Scott — o agente dele resmungou no celular. — É quase meia-noite aqui!

— Eu sei. Aqui também. Estou em Detroit, esqueceu?

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. Não exatamente. Eu ia esperar até voltar pra casa, mas não quero esperar.

— Esperar o quê? Peraí… Que porra é essa? Depois de todos esses anos, você vai simplesmente…

— Não! — disse Scott depressa. — Não estou te demitindo, Todd. Não é nada disso. Claro que não.

— O que é, então?

Scott se sentou no banco do vestiário vazio da academia do hotel. Não fazia ideia de como falar aquilo. Como de costume, seu cérebro tomara uma decisão repentina e ele iria seguir a onda.

— Estou pensando em fazer um anúncio — disse ele.

— Um anúncio? Que foi? Vai se aposentar? Scott, você ainda tem *anos* de trabalho…

— Não. Não é isso. Um anúncio… pessoal.

Todd suspirou.

— Olha, Scott. Está tarde. Será que dá pra ir direto ao ponto?

Scott olhou ao redor do vestiário mais uma vez, só para garantir. Estava sozinho.

— Eu sou gay — disse ele, pela primeira vez na vida.

Então, silêncio.

— Todd?

— Eu escutei. Só me dá um minuto aqui.

— Claro.

Mais silêncio. Então, Todd soltou o ar com força.

— Tá bom. Você é gay. Entendi. Agora me diz que não é isso que você quer anunciar.

— É.

— Scott — disse Todd, com a voz cansada. — Não. Você não pode fazer isso.

— Por que não?

Todd riu de verdade.

— Você *sabe* o porquê! Meu deus, preciso mesmo te explicar? Sabe quantos jogadores estão na fila para pegar os contratos de patrocínio que você tem? Acha que eu não estou lutando contra o fodido do agente do Matti Jalo por causa dessa merda agora? Atualmente você é o segundo maior galã do time, e isso não vai melhorar conforme você for envelhecendo. Agora, você precisa se agarrar a tudo que puder. Você está no auge e isso não vai durar. Uma lesão, outra fase ruim…

— Eu sei. Eu compreendo — disse Scott, seco.

— Só estou dizendo que não tem motivo para *afastar* os torcedores e patrocinadores. Não quando esse afastamento já pode acontecer de outras formas que você nem tem como controlar.

— Eu entendo — disse Scott. — Mas acho que tem coisas mais importantes que tudo isso.

— Mais importantes do que o trabalho de uma vida inteira?

— Não sei. Talvez. — Scott estava um pouquinho menos seguro.

— Tá bom, deixa eu tentar outra abordagem: já pensou no que um anúncio desses faria com seus colegas de time?

— Faria com eles?

— Acha que não seria esquisito para eles? Saber que você está, bom… Sabe como é…

— O quê? Manjando eles no vestiário? Não estou.

— É só que, para alguns caras do time, esse é o maior medo deles, sabe? Sei que não é racional. Sou um cara de mente aberta, Scott. Você sabe disso. Só estou jogando a real aqui. *Alguns* dos seus colegas vão achar esquisito. E isso vai

afetar a dinâmica e a performance do time. Você é o *capitão*, caramba! É seu trabalho levar todas essas coisas em conta!

— Certo — murmurou Scott. — Sim. Eu sei.

— Posso te perguntar por que diabos você está sequer considerando isso?

— Não quero mais mentir.

— Por que não? Todo mundo mente. Acha mesmo que você é o único gay da NHL? Sem chances. Você é apenas o único que está considerando contar pra porra do mundo inteiro. Não faz isso, Scott. Você vai perder tudo.

— Ah, nem vem — rebateu Scott. — Eu não iria perder *tudo*. E não é o *seu* trabalho garantir que eu não perca?

— Eu não sou feiticeiro, porra! Não consigo fazer mágica. Agora, claro, um anúncio desses… ser o primeiro jogador abertamente gay da NHL… pode abrir algumas novas oportunidades de marketing, mas não te imagino mais na capa de jogos de videogame ou sequer representando grandes empresas esportivas…

— Acho que você está errado quanto a isso. Acredito que o mundo está pronto.

— Bom, você é bem mais otimista do que eu.

— Nenhuma novidade.

Os dois riram.

— Olha — disse Todd com a voz um pouco mais suave —, você precisa tomar cuidado, tá bom? Se você for flagrado… sabe. Com um homem…

— Eu *tomo* cuidado. Claro que tomo! Se não tomasse, você acha que eu teria conseguido guardar esse segredo por tanto tempo? Dos meus colegas de time? Da imprensa? De *você*?

— Creio que não.

— Mas estou cansado de ser cuidadoso — desabafou Scott num suspiro.

Nenhum dos dois falou nada por um momento, então, Todd disse:

— Como você faria isso? O anúncio, no caso. Já tem um plano?

— Não sei. Estava pensando em ver se a *Sports Illustrated* gostaria de dar a notícia. Talvez desse jeito?

— Eles com certeza iriam querer essa história. Aposto que podemos conseguir uma oferta alta por isso, mas teríamos que ser espertos na hora de vender.

— Não — disse Scott. — Não estou querendo ganhar dinheiro com isso. Minha motivação não é essa.

— Sim, mas já que…

— Todd. Para. — Ele sorriu. — Mas é bom ver que você já está pensando

numa estratégia.

— Ainda acho melhor não dizer nada.

— Anotado.

— Porra. Você vai seguir em frente mesmo assim, não vai?

— Provavelmente.

— Jesus amado. É melhor eu comprar mais remédio de azia. Só não… faz nada sem me contar, tá bom? De preferência, não faz nada. Nunca.

— Ficar no armário para sempre. Entendi.

— Qual é o problema do armário? É um lugar maravilhoso, cheio de atletas profissionais.

— Boa noite, Todd.

*

Quando Scott acordou na manhã seguinte, ficou na cama por mais tempo do que o normal, repassando sua conversa com o agente. A fala de Todd que ele não conseguia tirar da cabeça era:

Acha mesmo que você é o único gay da NHL*?*

Não. Scott tinha *certeza* de que não era o único. Mas a sensação era de que sim. O tempo todo. Era um sentimento solitário e horrível. E todos aqueles jogadores secretamente gays deveriam sentir a mesma coisa.

Talvez ele pudesse mudar tudo aquilo. Talvez pudesse facilitar para eles, assim como para si mesmo.

Franziu o cenho. Será que poderia mesmo mudar alguma coisa? Só por se assumir para o mundo? Será que teria algum impacto? Ou será que Todd tinha razão e os patrocinadores iriam se afastar? Será que seus colegas de time também iriam se distanciar? E os torcedores? Iriam dar as costas também? Isso afetaria seu jogo?

E então, o que aconteceria com aqueles outros jogadores gays? Com certeza eles não se sentiriam *melhores*.

Porra.

— O que está te consumindo, Scotty? — perguntou Carter por cima do prato de ovos mexidos e torrada no hotel.

— Ah — disse Scott, voltando à realidade. — Nada.

— Você mente mal pra caramba, Hunter. Não canso de dizer isso.

Scott sorriu e cutucou os ovos.

— Tem sido mais fácil pra você desde que seu relacionamento foi… a

público?

— Ah — disse Carter, soltando o garfo. — Tá cansado de manter sua mina em segredo?

— Tipo isso — disse Scott com uma careta.

— Claro, acho que foi ficando chato demais ter que fazer tudo escondido. É sexy no começo, mas não dá para esconder o amor.

— Amor, é?

Carter deu de ombros.

— Não me envergonho disso.

— Bom saber. Acho que… é. Amor. É uma coisa grandiosa, né?

— Não dá para conter, Scott. Você precisar soltar para o mundo inteiro ver.

— Entendi.

— Olha — disse Carter. — Por que não fazemos um encontro de casais quando Gloria estiver na cidade? Você pode começar de leve, sabe? A gente vai num lugar discreto, se quiser.

— Talvez — disse Scott, sabendo que não havia chance alguma. Ou será que havia?

— O que está te preocupando? Não é grande coisa. Acha que ela não consegue lidar com algumas câmeras?

— É só que eu sou uma pessoa reservada. Ou o mais reservado possível, pelo menos.

— Bom, não te faria mal algum ser visto com *alguém*. Senão vão começar a dizer que você é gay! — Carter riu. Scott não. — Meu deus, Scott. Dá uma animada. Não tem ninguém dizendo isso. Relaxa.

Scott se levantou.

— Eu vou… — disse ele, fazendo um gesto vago na direção dos elevadores. Ele voltou para a privacidade do quarto de hotel.

De volta ao quarto, Scott fez uma lista no bloco de notas do hotel com tudo o que tinha a perder se fizesse o anúncio.

Dinheiro, respeito, patrocínios, apoio dos fãs, amizades, privacidade e, no pior dos casos, sua carreira.

Fez uma lista do que tinha a perder caso *não* fizesse o anúncio.

A sanidade, o respeito próprio, Kip.

Kip.

Quando colocou as duas listas lado a lado, nem houve o que escolher. Ainda mais ao concluir que os itens da primeira lista não eram coisas que iria

necessariamente perder. Mas os três itens da segunda lista… esses ele *com certeza* perderia.

Tudo bem, então.

Por onde começar? Ele havia dito que não faria nada até as eliminatórias terminarem, mas, agora que tomara a decisão, aquilo parecia estar a uma eternidade de distância.

Ele precisava fazer algo agora. Nem que fosse chegar a um meio-termo. Não podia continuar fingindo que Kip não existia, e não podia continuar deixando seus amigos acreditarem que ele estava namorando uma mulher de mentira. Chega.

Juntou toda a coragem que tinha e enviou algumas mensagens.

Vinte minutos depois, Scott estava no quarto de hotel com seus três melhores amigos. Bennett foi o último a chegar.

— Beleza — disse Carter, arqueando a sobrancelha. — Estamos todos aqui. O que foi, Scott?

— Hum — murmurou Scott. — Que tal vocês ficarem à vontade? — Ele apontou para as camas, onde Huff já estava sentado. Bennett e Carter se acomodaram também. Todos olharam para Scott, esperando. — Beleza — disse Scott para si mesmo.

— Jesus! O que está rolando, Hunter? — perguntou Huff.

— Nada — disse Scott rapidamente. — Nada… ruim. Não é… — Ele devia estar com uma cara péssima. Scott conseguia sentir o suor se formando na testa, e sabia que suas bochechas já estavam rosadas. A garganta estava seca e o estômago, embrulhado. Ele olhou para baixo, para as meias azuis, e encontrou um pouco de coragem.

Respirou fundo.

— Preciso contar uma coisa para vocês. Preciso contar para todo mundo, na verdade. Mas quero contar para vocês primeiro.

E, sim, ele *com certeza* parecia nervoso, porque Carter nem sequer interrompeu com uma piada.

— Sei que o momento é meio esquisito, mas eu preciso… porque isso está afetando meu jogo. Eu preciso…

— Scott — disse Bennett com calma. — Só fala logo.

Scott controlou os nervos e, pela segunda vez na vida, disse:

— Eu sou gay.

Os colegas de time olharam para ele e depois uns para os outros. Os poucos

segundos de silêncio que seguiram o anúncio foram uma das coisas mais agonizantes que Scott já suportara.

— É sério? — perguntou Carter, finalmente.

Não! Haha. Brincadeira!

— É.

— Uau — disse Huff.

Bennett não falou nada, mas estava com uma cara… normal. Pelo menos, não parecia enojado.

Agora que a primeira parte já estava fora do caminho, Scott continuou:

— Sei que vocês provavelmente prefeririam… não saber. Mas eu precisava contar para alguém. Então, estou contando para vocês. Meus melhores amigos. Então, é. É isso.

— É sério? — perguntou Carter de novo.

— É — respondeu Scott.

— Você está…? — começou Huff, mas então pareceu perder o fio da meada. — Desculpa. Estou tentando não ser um babaca. É só que… sabe como é. Uau, né?

— Eu sei — respondeu Scott.

— Sendo bem sincero — disse Bennett, com cuidado. — Eu meio que já suspeitava. Talvez.

— Mesmo?

— Sim. Não me leve a mal. Ainda estou chocado.

— Está planejando contar para mais alguém que não está nesse quarto? — perguntou Huff.

— Com o tempo, sim. Não quero mais mentir.

— Caramba — disse Huff. — Isso vai… Tem certeza de que quer aguentar esse rojão?

— Eu *não quero* rojão nenhum — respondeu Scott. — Mas eu aguento. Não posso mais viver desse jeito. E talvez… talvez eu consiga facilitar as coisas para os outros. Sendo o primeiro.

— Talvez. — Bennett assentiu, pensativo. — Mas é muita coisa para assimilar. Sua vida já é agitada o bastante, não é?

— *Gay?* — disse Carter, que claramente ainda não tinha superado a notícia. — Mas eu achei que você estava com aquela morena gostosa… Elena?

— Não — disse Scott. — Na verdade… estou com o amigo dela.

— Oi?

— Eu estou saindo com alguém. Faz alguns meses já.

— Peraí. *Como assim?*

— Estou namorando alguém. Estou… apaixonado por alguém.

— Alguém, tipo… um *homem*? — perguntou Carter.

— Sim. Um homem.

Carter soltou o ar.

— Olha, não espero que vocês aceitem isso logo de cara nem nada do tipo. Sei que é um choque e talvez não seja justo da minha parte esperar que…

— Scott — disse Carter, levantando a mão. — Cala a porra da boca por um segundo. Eu vou assimilar essa merda e depois vou te dar um abraço bem masculino. Mas só cala a boca por cinco segundos.

Scott segurou um sorriso.

— Tá bom.

Huff apoiou as mãos nos joelhos e se levantou.

— Beleza, já superei. E estou feliz por vocês, Scott. Feliz de saber que você encontrou alguém. E se qualquer pessoa tiver algum problema com quem você é, vai ter que passar por cima de mim.

Os olhos de Scott marejaram um pouco.

— Valeu, Huff.

— Por cima de mim também — disse Bennett, também se levantando.

— Isso aí — disse Carter, finalmente se levantando para se juntar aos amigos. — E de mim também. Vem cá, dá um abraço, Hunter.

Eles se abraçaram e os outros dois se juntaram.

— Ei — disse Bennett, depois de se afastarem. — Qual é o nome dele?

Scott sorriu.

— Kip.

Carter pareceu, de repente, feliz.

— Kip! — disse ele. — A porra do nome mais fofo que eu já ouvi! Você só pode tá de *brincadeira*, né?

— Graças a deus — disse Huff. — Achei que você ia dizer que estava namorando o Rozanov no off.

— Só nos sonhos dele — respondeu Scott.

— Tem uma foto do Kip? — perguntou Huff.

— Kip! — Carter exclamou de novo.

— Sim — disse Scott, tímido. — Sim, eu tenho. Só um segundo… — Ele pegou o celular e abriu a foto favorita dele. Foi a primeira que Kip o enviou, quando estava com cara de sono na cama.

— Que sujeito boa-pinta — disse Huff. — É atleta?

— Não. Ele é inteligente.

— Ah. Não é um filho da puta burro que nem a gente? — perguntou Carter, fingindo estar ofendido.

— Ele… vai fazer mestrado. Em história. Ele é…

— Peraí — disse Carter, pegando o celular de Scott. — Esse é o cara do museu! Daquelas fotos na internet! Cara, eu nunca pensei que…

— Bom, é isso. Eu estava tentando ser discreto.

— Então esse mano é tão bom que está fazendo o Scott *Hunter* considerar se assumir publicamente.

— Isso mesmo — confirmou Scott.

— Caralho. Acho que preciso conhecer esse cara.

— Seria uma coisa bem grandiosa — disse Bennett. — Você se assumir.

— Eu sei. E prometo que não vou fazer isso até as eliminatórias terminarem. Não publicamente. Não precisamos disso agora. E não temos que contar para o time também.

— Meu cunhado é gay, sabe? — contou Huff. — Muito gente boa. Adora as crianças.

— Ah — disse Scott. — Não sabia.

Huff deu de ombros.

— Nem todos os jogadores de hóquei são uns babacas homofóbicos.

— Só pra saber — disse Carter. — Se você tivesse que escolher entre nós três…

— Não — cortou Scott.

— Ah, *nem vem* — reclamou Carter. — Quer dizer, acredito que seria eu, mas…

— Bennett — disse Scott, só para perturbar Carter.

— Faz sentido. — Huff assentiu. — Bennett tem cara de que gosta de dar chamego.

Todos riram, e o clima estava bom. Scott amava todos eles.

— Estamos contigo, Scott — disse Huff quando estavam de saída. — Não importa o que você decidir, estamos contigo.

Scott assentiu e engoliu o nó na garganta. Fechou a porta depois que os amigos saíram, para que ninguém o visse chorar.

*

— *Hat trick*! — exclamou Kip, apontando para a TV. — Um *hat trick*! Isso aí!

Scott havia marcado seu terceiro gol da partida, deixando o placar em 6 a 2 para os Admirals no terceiro tempo. Passara a noite inteira no auge de sua performance. Kip estava extasiado.

Os Admirals iriam vencer aquele jogo. E só teriam que vencer mais um para chegarem à final.

— Ele é tão lindo — disse a mãe de Kip para ninguém em particular.

— Pois é — respondeu ele num suspiro. O pai deu uma risadinha.

— Fico feliz por ele — disse a mãe. — Ele parece ser um cara tão legal.

Kip sorriu para si mesmo.

— Acho que eles voltam para a cidade amanhã — comentou o pai, puxando assunto. — Para se prepararem para o sexto jogo.

— Sim, também acho — disse Kip, como se não soubesse que, sim, era aquilo mesmo.

Scott havia mandado mensagem naquela manhã. Nada de mais, apenas um breve: Pensando em você.

Kip respondera: Só na medida certa, eu espero :)

Ao que Scott enviara: Vou vencer hoje à noite.

Kip sorrira com a mensagem. Gostava de ver Scott tão confiante. Era sexy. Vou te assistir. Te amo.

Te amo.

Scott cumpriu a promessa.

Na noite seguinte, alguém bateu à porta durante o jantar.

— Quem pode ser? — perguntou a mãe de Kip, já se levantando e indo até a porta.

— Deve ser a Annette — disse o pai para Kip, falando da vizinha. — Eles voltaram de viagem hoje, eu acho.

Kip enfiou mais purê de batata na boca. Então, ouviu a mãe exclamar:

— Ai, meu deus do céu!

Ele se levantou.

— Mãe?

— É o… o Scott Hunter!

Capítulo vinte e sete

Kip se levantou rápido como um raio. Como esperado, lá estava Scott, parado na porta da casa modesta deles em Bay Ridge.

— Scott? — disse Kip.

— Oi — respondeu Scott, acanhado.

A mãe olhou de um para o outro.

— Bom. Acho melhor você entrar.

— Obrigado — respondeu Scott. Ele entrou e a mãe de Kip fechou a porta.

— Scott? — repetiu Kip.

— É, desculpa por chegar sem avisar — disse Scott. — Peguei seu endereço com a Elena. Estava pensando em… talvez sair para dar uma volta?

— Uma volta?

— Sim.

Eles se encararam feito dois bobos até a mãe dizer:

— Bom, vai logo se calçar! Sinceramente, Kip!

Scott deu uma risadinha, o que fez Kip sorrir.

O pai apareceu.

— Ah! — Ele estendeu a mão. — George Grady — disse ele. — Prazer em te conhecer.

— Scott — disse o jogador, cumprimentando o pai de Kip.

— Sei — disse o pai.

— Scott, essa é a minha mãe, Margaret.

— Olá — disse a mãe, embasbacada.

— Scott é meu… amigo — disse Kip. — Caso você esteja se perguntando o que ele está fazendo aqui.

— Na verdade — explicou Scott —, sou o namorado dele.

Kip se assustou, mas sorriu para Scott.

— É — confirmou. — Nós estamos, hum… juntos.

— Meu Pai do céu! — exclamou a mãe, cobrindo a boca. — Ah, Scott, você escolheu tão bem!

Todos riram e Scott abriu um sorriso afetuoso para Kip.

— Eu sei, senhora.

— Senhora! — exclamou a mãe. — Ai, já *gostei* dele!

— Perdão, mas… — disse Scott. — Vocês estão jantando? Eu deveria ter ligado antes. Mas o cheiro está delicioso.

— Não tem problema — respondeu Kip, ainda desacreditado.

— Já jantou, Scott? — perguntou a mãe. — É só um bolo de carne, mas você é mais do que bem-vindo pra comer com a gente.

Scott olhou para Kip.

— Se não for dar trabalho…

— Trabalho nenhum! Vem — disse a mãe. Ela apertou o braço de Kip toda empolgada ao passar pelo filho.

— Hum — disse Kip. — Acho melhor a gente… conversar. Primeiro. Rapidinho. Lá em cima?

— Sim — Scott concordou. — Tudo bem.

— Já vamos pra mesa, mãe — gritou Kip. — Eu e Scott só precisamos conversar rapidinho.

Ele estava tonto e curiosamente nervoso. Kip gesticulou para que Scott o seguisse, e os dois subiram a escada estreita até o segundo andar.

Quando entraram no quarto, ele fechou a porta e se virou, pronto para ouvir seja lá qual fosse a razão que levara Scott até sua casa.

— O quê…?

Isso foi tudo que Kip conseguiu dizer antes que Scott partisse para cima, pressionando-o contra a porta e o beijando com vontade. Kip agarrou o que conseguiu — a camiseta de Scott, o pescoço dele, os braços, o cabelo — e retribuiu o beijo. Amava a sensação daquela barba macia contra seu rosto.

Scott o levantou para que Kip enroscasse as pernas na cintura dele. Depois, carregou-o até a escrivaninha de madeira que ficava no quarto desde que Kip tinha seis anos de idade e o deixou sentado ali. Scott abriu as pernas e o beijou com mais força, pressionando as costas de Kip contra a estante de livros.

Kip sentia calor no corpo inteiro. Não conseguia se satisfazer da boca e das mãos de Scott. E, sim, talvez estivesse ficando excitado até demais, considerando que aquele era o quarto em que ele havia crescido, mas estava gostoso pra *caralho*.

— Porra, Scott — conseguiu dizer quando os dois finalmente se soltaram. — O que tá rolando?

— Não posso te perder — disse Scott, beijando-o de novo. — Não posso.

— Tá bom.

Eles se beijaram mais um pouco, e Scott foi deslizando os polegares pela parte interna da coxa do Kip, que decidiu bancar o responsável.

— Não dá — disse, ofegante. — Temos que parar. Puta merda. Meus pais estão nos esperando. Porra.

— Eu sei. — Scott soltou o ar e deu um passo para trás. Os dois estavam com ereções bem evidentes, o que ficaria bem vergonhoso na mesa de jantar.

— Vamos nos sentar por um minuto — disse Kip. — Só… conversa comigo.

Se sentaram juntos na cama de Kip e Scott disse:

— Gostei do seu quarto.

Kip olhou para a decoração familiar — e vergonhosamente juvenil — do cômodo. O diploma do ensino fundamental e seus prêmios acadêmicos continuavam em uma prateleira em cima da escrivaninha. O que não era nem um pouco humilhante de mostrar para seu namorado astro da NHL.

— É bem glamouroso mesmo — brincou ele.

— É bem… a sua cara. Gostei. — Scott segurou a mão de Kip. Ele deixou as mãos entrelaçadas descansando sobre a cama, no meio dos dois. — Eu contei para alguns dos meus colegas de time.

— Contou?

— Sim. Contei para os meus três amigos mais próximos do time.

— O que exatamente você contou para eles?

— Que sou gay. Que estou saindo com alguém. Que se chama Kip. E é um cara maravilhoso.

Kip corou e sorriu.

— Sério?

— Sério.

— E o que eles disseram?

— Eles foram ótimos. Talvez um pouco surpresos. Mas ótimos. Me apoiaram.

— Que bom! Isso é incrível, Scott!

— Pois é. E eu vou anunciar ao público depois das eliminatórias. O mais rápido possível.

— Uau. Isso é… Uau.

— Não quero mais esperar — disse Scott, se virando levemente para Kip e acariciando a bochecha dele. — Eu faria o anúncio agora mesmo se isso não fosse distrair o time. Quero ficar com você do jeito que você merece. Do jeito que *nós* merecemos.

Agora, Kip estava ficando com os olhos marejados.

— Eu também.

Eles se beijaram, com mais calma e carinho do que antes.

— Quer ir lá para casa hoje? — perguntou Scott.

— Quero — respondeu Kip num suspiro. Era o que mais queria no mundo.

Alguns minutos depois, se juntaram aos pais de Kip, que, caso tivessem ouvido os dois homens se atracando no andar de cima, não comentaram nada. Já havia um lugar na mesa preparado para Scott, com um prato cheio de comida. O prato de Kip parecia ter sido reabastecido também.

— Obrigado por me receberem — disse Scott. — É muito bom poder, finalmente, conhecer vocês.

— É uma grande honra para nós. — A mãe estava obviamente explodindo de orgulho. — Somos muito fãs, sabia?

— Ah. Obrigado.

— Eu sou torcedor dos Scouts — disse o pai —, mas posso abrir uma exceção.

Scott sorriu.

— Eu cresci sendo torcedor do Buffalo. Mas ultimamente me considero torcedor dos Admirals.

Todos riram e Kip ficou radiante. Era emocionante e surreal ter Scott ali, sentado à mesa da família. Ver seus pais rindo do humor seco dele. O mesmo humor que Kip tanto amava.

— Está uma delícia — disse Scott. — Agora eu sei de onde Kip puxou as habilidades na cozinha.

— Ele cozinhou para você? — perguntou a mãe, maravilhada. — Que legal saber disso. Há quanto tempo vocês estão juntos, então?

Kip não sabia como responder.

— Desde, hum…

— Nós nos conhecemos em janeiro — disse Scott. — Eu o conheci no trabalho dele, na verdade. Só queria um smoothie e, bom…

— Janeiro! Christopher *Grady*! Isso está rolando desde *janeiro* e você não nos contou nada?

— A gente precisava manter tudo em segredo — protestou Kip. — O Scott não é… você sabe.

— Eu, hum… — começou Scott. — Eu decidi me assumir. Publicamente. Em breve.

— Ah! — exclamou a mãe. — Minha nossa.

— Vai ser um acontecimento e tanto — disse o pai.

Scott assentiu.

— Eu sei bem. E eu não queria que… Eu não quero que o Kip seja arrastado pra qualquer coisa que ele não esteja pronto para lidar, mas…

— Estou pronto — disse Kip. — Aconteça o que acontecer, estou pronto.

Scott abriu um sorriso contido e grato.

— Estou apaixonado pelo seu filho, senhora. Não me importo mais com quem vai saber.

Kip corou porque *minha nossa*.

Agora a mãe dele estava chorando.

— Ah, querido — disse ela. — Estou tão feliz por você. Por vocês dois.

Kip sorriu para Scott.

— Eu também.

Scott nem sequer esperou até chegarem. Assim que entraram no elevador, a boca dele já estava grudada na de Kip. Cada célula de seu corpo gritava com uma necessidade pura e violenta. Ele queria aquele homem *o tempo todo*, e não tinha mais interesse em esconder.

No segundo em que pisaram no apartamento, casacos e camisetas foram arrancadas e jogadas no chão. Scott tentou andar até o quarto, mas Kip o puxou e os dois ficaram se beijando intensamente contra uma parede. Quando Scott deu um passo para trás, sugerindo que saíssem do hall de entrada, Kip começou a abrir o cinto do namorado.

— Meu deus, Kip. — Scott amava ver Kip com tanto tesão quanto ele. Ajudou Kip a deixá-lo só de cueca.

— Quarto — ele finalmente conseguiu dizer. — Por favor. Quero fazer direito. Estou há dias pensando nisso.

Kip assentiu com a boca molhada, inchada e aberta, e *porra*, Scott queria sentir aqueles lábios no pau dele. Queria tudo.

Kip tirou os tênis e o seguiu até o quarto. Que em breve seria o quarto *dos dois*, no que dependesse de Scott.

Quando chegaram lá, Kip deslizou a mão por dentro da cueca de Scott e agarrou a bunda dele. Com a outra, brincou com seus mamilos enquanto beijava o pescoço dele.

Scott fechou os olhos e jogou a cabeça para trás. Esticou o braço e agarrou a bunda de Kip, puxando-o para mais perto para poder sentir o pau duro roçando nele.

Kip murmurou e moveu a mão para agarrar o pau de Scott por cima da cueca. A mão de Kip entrou em contato com o pau estalando de duro, e Scott gemeu de um jeito vergonhosamente sedento.

Kip brincou por cima do tecido por um tempo, depois enganchou os polegares no elástico e puxou a cueca para baixo. Fez Scott se sentar na cama e então se ajoelhou no chão.

— Porra! — sussurrou Scott. — Isso.

Kip umedeceu os lábios e manteve os olhos fixos em Scott enquanto passava a língua pela cabeça de seu pau inchado. Ele lambeu a abertura, sugando a lubrificação que já estava acumulada ali. Foi tudo devagar e deliberado, o que foi acabando com Scott da melhor maneira possível.

— Porra, eu te amo tanto, Kip — balbuciou ele. — Não consegui. Não consegui parar de pensar em você. Estava com tanto medo de te perder. Preciso de você. Preciso de você. *Porra!*

Kip já tinha engolido boa parte da pica e estava movimentando a cabeça, ainda devagar, mas já era o bastante. Mais do que o bastante. Scott estava em chamas, por toda parte. Ele agarrou o colchão e observou a boca linda de Kip engolir seu pau, maravilhado com o quanto o namorado se esforçava para lhe dar prazer.

Scott queria tanta coisa. Queria gozar e queria deixar Kip todo excitado até Scott estar pronto para mais uma rodada. Queria comer Kip, fazê-lo gozar e depois ficar agarradinho até não aguentar mais.

Mas primeiro…

— Que delícia, Kip. Que delícia da porra. Caramba… eu vou…

O orgasmo o atravessou e ele gozou na garganta de Kip, que engoliu tudinho e soltou um murmúrio em aprovação. Scott o admirou, atônito, enquanto Kip deslizava os lábios lindos pelo pau. *Não posso perdê-lo. Nunca.*

— Você não vai me perder — disse Kip.

Merda, Scott deve ter falado em voz alta.

Kip se levantou e subiu no colo de Scott, fazendo-o tombar para trás. Kip caiu em cima dele e o beijou.

— Não acredito que você contou para os seus colegas de time — disse ele. — E ainda falou sobre *mim*?

— Aham. Até mostrei uma foto sua.

— Para. Sério?

— Aham. Queria deixar eles com inveja.

Kip riu e franziu o nariz… tão fofo. Scott o beijou.

Ele rolou para o lado, e os dois ficaram deitados de barriga para cima. Ele beijou todo o corpo de Kip, se demorando em suas partes favoritas.

Kip o observou, sorrindo, com as mãos por trás da cabeça.

— E agora? — perguntou ele num tom brincalhão.

— Agora eu vou te comer — disse Scott, descaradamente.

— Mas já?

— Uhum… só me dá um minuto. — Ele beijou a barriga de Kip, que riu.

— Sua barba faz cócegas — disse ele. — Mas eu gosto. É sexy.

— Fico com cara de lenhador gostoso?

— Você se lembra disso? — Kip riu. — Cara, eu estava tentando chegar de boa. Não achei que tinha chance com você, mas precisava pelo menos demonstrar interesse.

— E deu certo — comentou Scott, indo para cima até chegar à boca de Kip. — Não consegui parar de pensar em você depois que você me disse aquilo.

— Ainda bem que eu disse, então.

Eles se beijaram com carinho e ternura.

— Acho que é sua vez — murmurou Scott.

— Hum. Sim, por favor.

Scott pegou o lubrificante que deixava na mesinha de cabeceira e voltou para a cama. Passou a mão lambuzada pelo pau de Kip e o masturbou enquanto observava sua expressão mudar. O sorrisinho de flerte derreteu até Kip ficar boquiaberto e feliz.

— Eu te quero desde que te vi pela primeira vez, sabia? — disse Scott, com um ar saudoso.

— Sério? Eu não estava dormindo ou algo assim?

— Acho que você disse que não estava dormindo, não foi? Só descansando os olhos.

— Eu não estava. Eu, *ah*, só fechei os olhos por um segundo. Mas eu abri e não sabia quem você era. Só te achei gostoso pra cacete.

— E quando descobriu quem eu era, o que você pensou?

— Que eu jamais teria chance com você.

Scott lubrificou os dedos e começou, gentilmente, a abrir Kip, que gemeu com a primeira dedada.

— Quando voltei na segunda vez — disse Scott. — Achei que… tinha te flagrado olhando para mim.

— Eu estava olhando mesmo.

— E na terceira vez — disse Scott, enfiando o dedo lentamente. — Quando

você estava sozinho… eu inventei uma desculpa idiota para ficar mais tempo. Nem sei por quê. Só queria olhar pra você.

— Meu deus — disse Kip, contorcendo o corpo sobre o colchão. — Eu deveria ter sentado no seu colo e te beijado lá mesmo.

Scott sentiu um friozinho na barriga só de imaginar.

— Como você reagiria se eu tivesse feito isso? — perguntou Kip.

— Não sei. Eu ficaria muito… chocado. Acho que não saberia lidar bem. Mas…

— Mas?

— Aposto que eu teria retribuído o beijo. Pelo menos por um segundo. Não ia ter conseguido me segurar.

— E depois?

— Depois provavelmente teria saído correndo de lá.

Kip fechou os olhos e suspirou enquanto Scott acrescentava um segundo dedo.

— Você teria voltado.

— Sim — disse Scott com carinho. — Eu teria voltado.

— Você me convidou para aquele jogo. E eu ainda não acreditava que tinha chances com você.

— Amei te ver no meio da torcida.

— Eu fiquei obcecado pra caralho por você durante algumas semanas — confessou Kip. — Eu, hum… bati punheta algumas vezes. Pensando em você.

Porra. O pau de Scott começou a endurecer de novo.

— No que você pensava?

— Eu imaginava como seria poder… — Suas palavras foram interrompidas quando Scott curvou os dedos e tocou a próstata. — Ai, caralho. Que delícia, Scott.

— Era isso que você imaginava? — perguntou Scott, mais corajoso conforme ia ficando mais excitado. — Ou pensava mais no que eu estou prestes a fazer? Enterrar o pau em você, te comer com força porque sei que você aguenta?

— Isso. — A voz de Kip saiu aguda e selvagem. — Eu te imaginei me comendo contra a parede. Até no trabalho, porra. Sei lá. Só queria sentir o quanto você é forte.

Scott puxou o ar.

— Eu também pensei em você. Na viagem, quando eu nem te conhecia direito. Eu queria seu pau na minha boca. Imaginei que som você faria quando

gozava. Me imaginei beijando essa sua boca linda. Eu queria tanto… Porra. Chega.

Ele abriu um pacote de camisinha e se preparou, depois pegou uma das pernas de Kip, apoiou o calcanhar em seu ombro e meteu o mais rápido que pôde.

Kip grunhiu, arqueou as costas e estendeu a mão para o namorado. Scott se curvou para a frente, perto o bastante para que Kip pudesse tocar seu rosto e ombros. Depois, tirou o pau e meteu tudo de novo.

— Isso! Ai, por favor — gritou Kip. — Desse jeito, meu bem. Que delícia.

Scott o comeu forte e rápido, e Kip o admirou com muito amor nos olhos.

— Que delícia, Scott — repetiu Kip. — Gostoso pra caralho. Eu te amo tanto.

Lágrimas arderam nos olhos de Scott, o que era ridículo. Estava tão bom e Kip era tão lindo e a felicidade era tanta…

— Se masturba — disse ele, diminuindo um pouco o ritmo. — Me mostra como você fazia quando pensava em mim.

Kip sorriu e começou a bater punheta.

— Ainda faço, meu bem — disse ele. — Até perdi as contas de quantas vezes fiz isso essa semana.

— Isso — Scott ofegou.

— Quero gozar — disse Kip, jogando a cabeça para trás no travesseiro. — Estou quase lá.

— Quero ver. Quero que você goze enquanto eu te como.

— Isso, ai, porra. Vai, Scott. Caralho, eu vou…

— Goza pra mim, baby. Vai. Me mostra.

— Ah! Ah, porra — gritou Kip, tremendo e piscando o cu no pau de Scott. Ele desacelerou a mão ao gozar. As jatadas brancas caíram sobre sua barriga. Então, Scott meteu mais rápido, subitamente desesperado para gozar.

Kip continuava apertando o cu ao redor do pau do namorado, e Scott estava bem no limite, perto pra cacete. Só precisava daquele empurrãozinho…

— Goza em mim, Hunter. Vai. Me deixa todo melado.

Scott grunhiu, tirou o pau e arrancou a camisinha bem a tempo de gozar em cima de Kip.

— Ai meu deus — arquejou ele, encarando a lambança que os dois fizeram na barriga de Kip. — Que tesão, Kip. Te amo.

— Te amo. Você é incrível. Vem cá. — Kip o puxou para baixo e o beijou.

Eles se limparam e Scott cumpriu a promessa de ficar agarradinho até não

aguentar mais.

Kip se acomodou nos braços de Scott e apoiou a cabeça no peito dele.

— Você é tão confortável — murmurou Kip.

— Vem morar comigo — disse Scott, do nada. *Meu deus*. Não queria ter proposto aquilo. Não tão cedo assim.

— Quê?

— Vem morar comigo — repetiu. — Quero que você more aqui, que não seja só uma visita. Quero que essa seja a *nossa* casa.

Kip levantou a cabeça.

— É sério?

— É.

Ele não disse nada por um minuto.

— Por favor — disse Scott, se preparando para ser rejeitado.

— Tá bom — respondeu Kip baixinho.

Scott ficou *radiante*.

— Mesmo?

— Mesmo. Eu… mas você tem certeza?

— Absoluta. Quero dividir tudo com você, Kip. Quero que seja pra valer.

— Então tá bom.

Scott estava eufórico.

— Mal posso esperar! Vou organizar um dos quartos extras para ser seu escritório, assim você consegue estudar e fazer suas coisas lá. Vou mandar instalar umas estantes. Quando você acha que consegue se mudar pra cá?

Kip riu.

— Não sei. A qualquer hora, acho. Até parece que eu tenho muita coisa para carregar comigo.

— Podemos decorar o apartamento. Juntos. Sempre achei meio sem graça aqui.

— Eu vou amar isso.

Quanto mais Scott pensava, mais empolgado ficava.

— A gente pode receber pessoas — sussurrou ele. — Amigos. Eu nunca… nunca faço isso.

— Podemos — concordou Kip. — Seria muito legal. — Ele se apoiou no cotovelo, olhando para Scott. — Tem certeza de que está pronto para o que vem por aí?

— Tenho. E você?

— Com certeza — respondeu Kip.

Capítulo vinte e oito

Os Admirals venceram Detroit no sexto jogo, tirando-os das eliminatórias. Nova York iria disputar a final da Copa Stanley contra o Los Angeles, o time campeão da Conferência Oeste. A rodada começaria dali três dias em Nova York.

Hoje Scott iria conversar com o treinador Murdock. Antes da videoconferência com o time, ele havia perguntado ao treinador se poderia conversar com ele a sós depois.

— Se for notícia ruim, prefiro nem ouvir — disse Murdock, assim que Scott entrou em seu escritório. Seu tom era mortalmente sério, mas ele era muito mais querido do que parecia. Ia querer saber qualquer que fosse a notícia.

— Não é — tranquilizou-o Scott, sentando-se em uma das cadeiras em frente à mesa. — Pelo menos, não deveria ser.

— Você tem vinte minutos. Manda ver.

Scott respirou fundo e começou o discurso que havia preparado:

— Tem uma coisa a meu respeito que eu gostaria de contar para todo mundo e provavelmente será de conhecimento público muito em breve. Sei que não é o melhor momento para isso, mas acredito que será bom para o time e para mim mesmo se…

— Jesus Cristo, Hunter! — exclamou Murdock. — Pode me mandar a versão em tópicos desse discurso?

— Eu sou gay.

Murdock congelou e encarou Scott como se ele tivesse acabado de confessar ser um feiticeiro.

Por favor, não grita comigo. Não por causa disso.

— Você é gay.

— Sim.

Murdock cobriu o rosto com as mãos e se inclinou para trás na cadeira. Quando abaixou as mãos, estava sorrindo.

— Quantas vezes você já disse essas palavras em voz alta?

Aliviado, Scott abriu um sorriso trêmulo. Tudo ficaria bem.

— Antes de hoje? Duas. A primeira foi para o meu agente. A segunda foi pro Carter, o Huff e o Bennett.

Murdock assentiu.

— Foi inteligente contar para eles primeiro.

— Também achei.

— E você está *me* contando porque…

— Não queria que você ficasse sabendo pelos outros. Vou me assumir publicamente. Em breve.

A expressão de Murdock ficou séria de novo.

— Quando, exatamente?

— Depois das eliminatórias — respondeu Scott, rápido. — Prometo. Não quero contar para o resto do time ainda. Não gostaria de distrair ninguém.

Murdock pareceu considerar a informação.

— E por que agora?

— Porque não quero mais viver uma mentira. E… porque estou com alguém. Não é justo com ele.

— Ah. Você está apaixonado. Faz sentido. O amor faz o homem cometer todo tipo de burrice.

Scott abriu um sorrisinho.

— Na verdade, acho que essa pode ser a coisa mais inteligente que eu já fiz.

— Você sabe o que vai acontecer, certo? Quando a informação se espalhar? Tem um plano pra isso?

— Mais ou menos.

Murdock murmurou um xingamento. Scott se perguntou se a conversa tinha acabado por ali. Mas, então, Murdock disse:

— Quando eu jogava, eu era um dentre dois jogadores não brancos da liga.

Scott não falou nada.

— Minha jornada na NHL foi… desafiadora, digamos assim. Acho que não teve um jogo sequer em que não ouvi um jogador, um torcedor, um pai ou, caramba, até mesmo um árbitro dizendo alguma coisa sobre ter um homem negro jogando hóquei.

— Você foi um pioneiro — disse Scott.

— Claro. Pensando com a cabeça de hoje, talvez. Na época eu não me sentia assim. Só queria jogar hóquei. Não pensava muito no meu legado para além de ser o melhor centro que o esporte já tinha visto.

Scott riu.

— O engraçado é que a imprensa só queria falar da cor da minha pele. De

como eu era revolucionário. Como eu estava mudando o esporte. Como eu tinha superado muitos obstáculos. Na época, era tudo ruído para mim.

— E agora?

— Agora eu olho para trás e vejo o porquê de todo aquele ruído ser importante. E eu *sei* que foi importante porque jogadores como o Vaughan me dizem que fui uma inspiração para eles. Eu fiz com que eles tivessem um pouco mais de certeza de que pertenciam a este esporte que todos nós amamos.

Scott assentiu.

— Sei que vai ter muito… ruído. Estou preparado para isso. Estou focado no meu jogo. No meu time. Na vitória. Mas, se eu puder deixar uma criança sequer mais confortável em ser quem é, dar um pouco mais de coragem para que ela viva sem se envergonhar… não vou fugir disso. É o que eu quero.

— Então, qual é o plano?

— Não sei. Estava pensando em oferecer a história para a *Sports Illustrated* em vez de organizar uma coletiva de imprensa. Fazer de forma mais discreta, sabe?

Murdock soltou o ar.

— Eu não te invejo, o que é algo que eu jamais pensei que diria, mas pode crer que eu te respeito pra cacete, Hunter. Vou te defender se qualquer pessoa tentar te atacar.

— Obrigado, treinador.

Eles trocaram um cumprimento de mãos e Murdock disse:

— Não é o Rozanov, é?

— Nossa. Não! Por que todo mundo acha que…?

— Que bom. Não preciso desse tipo de circo.

Scott riu e saiu da sala. Encontrou Carter no corredor.

— Como foi a parada? — perguntou Carter.

— Boa, na verdade. Queria acreditar que todo mundo vai aceitar a notícia tão bem quanto vocês.

— É, bom… — Carter enfiou as mãos nos bolsos do moletom e olhou para o chão. Scott sabia que o colega estava com dificuldades para aceitar sua sexualidade. Ele andava… mais quieto que o normal. — Olha, quero que você saiba que… se eu estiver meio esquisito ou qualquer coisa assim, não é por você ser… cê sabe. Gay e tal.

— Tá tudo bem.

— Não, é sério. Não tenho problema nenhum com isso. Mas acho que o problema foi você ter pensado que não poderia ter me contado antes.

Scott abaixou a cabeça.

— Eu sei. Deveria ter te contado. Eu até *queria*. Mas estava com medo.

— Odeio pensar que você estava, tipo, sozinho. Esse tempo todo.

Scott olhou para o amigo. *Meu deus, eu fui tão idiota.*

Ele colocou a mão no ombro do amigo, que deu um passo à frente e o abraçou.

— Valeu, Carter.

Carter deu um tapinha nas costas dele e os dois se soltaram.

— Ei! — disse Carter. — Eu, hum, fiz uma reserva pra hoje à noite. Num restaurante muito *reservado*. Escuro, cheio de cantinhos escondidos, caro pra cacete. Enfim, mas a Gloria tem que trabalhar até tarde, então eu estava pensando… talvez você possa levar seu parceiro.

Scott ficou embasbacado.

— Eu… Eu não sei. Quer dizer, a gente nunca…

— Leva seu homem na porra de um encontro, Scott. Você vai contar pro mundo essa parada toda, não vai? É bom já ir se acostumando. Como eu disse, o lugar é discreto e romântico pra caramba. E uma delícia. Porra, pensando aqui, o encontro pode ser comigo?

Scott riu.

— Vou perguntar se ele quer ir.

Scott não tinha dúvidas de que Kip adoraria ir para qualquer lugar com ele. O que não sabia era se Kip gostaria de ir a um restaurante "caro pra cacete". Mas reconheceu o significado do gesto de Carter.

— Valeu, cara — disse ele. — Isso significa muito pra mim. De verdade.

Carter deu um soquinho no braço dele.

— Vai ser feliz, seu cuzão.

— Chique tipo quanto? — perguntou Kip pelo telefone. — Acho que nem tenho roupa para uma ocasião dessas…

— Não se preocupa com isso. — Scott o tranquilizou. — Não quero soar arrogante, mas você está comigo. Pode vestir o que quiser.

— Quero ficar bonitão pra você. — Kip jogou uma camisa de botão azul-marinho na pilha de "talvez" em cima da cama.

— Você sempre está bonitão. Recebeu o endereço que eu enviei?

— Recebi. Entrei no site do restaurante. Parece chique…

— É só um restaurante. O Carter que escolheu, então deve ser bom. Ele sabe tudo sobre comida.

— Sim, tá bom. — Ele fez uma careta para o buraco na manga do suéter preto que estava pensando em usar.

Os dois combinaram de se encontrar no restaurante porque, caso se encontrassem no apartamento de Scott, provavelmente não conseguiriam sair para jantar.

— O carro vai te buscar às sete — disse Scott. — Tudo bem?

— Claro. Não precisa mandar um carro. Eu posso ir de trem. — Ele jogou um suéter cinza sobre a pilha.

— Eu vou mandar um carro. É uma noite especial!

Kip sorriu.

— Tá bom.

— Te vejo daqui a algumas horas, então.

— Tá bom. Mal posso esperar.

— Nem eu.

Encerraram a ligação e Kip suspirou, franzindo o cenho para o seu guarda-roupa triste. Quase não tinha acreditado quando Scott perguntara se ele queria sair para jantar naquela noite. Scott dissera que iria começar a ficar mais de boa quanto ao relacionamento dos dois e, com o tempo, se assumiria para o mundo, mas Kip não tinha esperado que fosse sair em encontros de verdade com ele tão cedo. Estava muito animado, mas também terrivelmente despreparado para ser levado a qualquer lugar tão sofisticado assim. A única roupa chique que tinha era o smoking que havia ganhado de Scott, mas ele achava que as peças tinham ficado no apartamento. Kip perdera o terno de vista depois que Scott o arrancara do seu corpo.

Além do mais, mesmo que o restaurante fosse muito chique, smoking já seria exagero.

Ele finalmente escolheu um look composto pelo jeans mais escuro que tinha, uma camisa social, uma gravata preta e um suéter de gola V bordô. Tirou uma foto rápida e mandou para Elena.

Kip: Esse look tá ok?

Elena: Pra quê?

Kip: Jantar com Scott!

Elena: Aonde vocês vão?

Ele mandou o nome do restaurante.

Elena: Ah, sim. Tá ótimo.

Kip assentiu para o celular, aliviado. Elena mandou outra mensagem. Você está um gostoso, aliás.

Ele sorriu.

Aquele seria o melhor primeiro encontro de todos.

Scott estava sentado sozinho numa aconchegante mesa para dois, num canto escuro do restaurante, e tentava não se importar com a possibilidade de alguém estar olhando para ele.

Ficar sozinho em público geralmente dava abertura para que fosse abordado por desconhecidos. Na maioria das vezes não tinha problema, mas aquela noite era para ele e para Kip, ninguém mais. Se bem que o restaurante era bem exclusivo, e Carter não tinha mentido quando falou que as mesas eram escuras e reservadas. Era o lugar ideal para Scott medir a pressão. Será que Carter tinha inventado a história de que não conseguiria usar aquela reserva? Talvez só tivesse reservado o lugar pensando em Scott e Kip. Scott gostou do gesto, de uma forma ou de outra.

Ele bebeu um gole de água e olhou de novo na direção da entrada do restaurante. Kip chegaria a qualquer minuto.

Scott passara um tempo absurdamente longo se arrumando, como se aquele fosse um encontro às cegas e não um jantar com o homem por quem estava perdidamente apaixonado. O homem com quem vinha compartilhando a vida havia meses. O homem com quem *esperava* compartilhar a vida para sempre.

Finalmente, pouco depois das sete e meia, Kip foi levado até a mesa pelo maître.

O coração de Scott deu cambalhotas. Kip estava tão lindo e tão feliz de vê-lo.

— Oi — disse Scott, se levantando para dar um abraço rápido.

— Oi. Você está de terno! Eu *sabia* que não estava vestido à altura…

— Você está lindo — disse Scott, deixando os olhos passearem pelo namorado. — Perfeito.

— Se você diz… — murmurou Kip, entrando na cabine semicircular. As coxas dos dois se esbarraram, mas Scott se recusou a titubear.

— Esse lugar é bacana — comentou Kip.

— Pois é, hum, o Carter disse que é… romântico.

Kip sorriu para ele, e Scott corou.

— Ir a qualquer lugar com você já me deixa feliz — disse Kip. — Não importa onde. Mas esse aqui é bem legal. Obrigado.

— Tô com um pouco de medo de o Carter aparecer aqui — disse Scott. — Acho que ele está doido pra te conhecer.

— Fofo, né?

— Sim. É mesmo. Quero te apresentar para todo mundo, mas não hoje.

Kip bateu com o pé no pé de Scott.

— Não hoje.

— Ei, hum, quer um vinho? Ou um drinque? Depois de hoje vou parar de beber álcool até a final da copa, então…

— Essa regra é sua ou do treinador?

— Do treinador. Mas eu teria imposto a mesma regra para mim mesmo, de qualquer forma.

— Difícil, mas justo.

— Ah, alguns treinadores fazem os jogadores entrarem em abstinência de sexo.

— Que merda. Já teve algum treinador assim?

— Já. Uma vez. — Scott se aproximou. — A parte mais difícil foi fingir que estava sendo difícil.

Kip riu, mas soou um pouco triste. Scott uniu os joelhos dos dois sob a mesa e viu o calor nos olhos de Kip, que o hipnotizaram imediatamente. Ele queria beijá-lo.

— Alguma pergunta sobre a carta de vinhos? — disse o sommelier, interrompendo o momento. Scott se retraiu e, imediatamente, se sentiu mal por isso.

Todo desengonçado, pediu vinho com ajuda do sommelier que parecia desesperado para agradar. As pessoas esperavam que Scott soubesse sobre coisas como vinho, ou que pelo menos tivesse interesse no assunto, porque tinha dinheiro. Mas ele não se importava com aquilo.

Pediu uma garrafa de "O primeiro que você disse. Esse mesmo. Parece bom", e o sujeito saiu.

— Desculpa — disse Scott assim que o homem se foi. — Sei que eu… dei um pulo pra trás agorinha.

— Tá tudo bem.

— Não. É que… não foi de propósito. Acho que não estou acostumado com a ideia de…

— Não tô esperando que você fique confortável com tudo, assim, do nada — disse Kip. — Vamos dando um passo de cada vez.

Scott sorriu, agradecido. No impulso, segurou a mão de Kip por cima da mesa, para qualquer um ver. Kip sorriu e virou a palma para cima, entrelaçando os dedos dos dois. Era tão bom. Era revigorante, mas não era assustador.

Kip apertou a mão dele, e depois o soltou para pegar o cardápio.

— Então, qual é a boa daqui?

— Não faço ideia — respondeu Scott. — Eu dei uma olhada no cardápio antes de você chegar. Só entendi metade.

— Só vou dizer isso uma vez porque sei que me faz parecer um pobretão, mas esse lugar é caro *pra cacete*.

— Sabe de uma coisa? — disse Scott. — Eu ainda me assusto com preços assim. Mesmo podendo pagar, acabo procurando por instinto a coisa mais barata do cardápio.

— Nada é mais barato nesse cardápio.

— Pode pedir o que quiser — disse Scott. — Obviamente. Acho que vou pedir o linguado porque pelo menos eu sei o que é.

— Meu deus. É recheado com o quê? Notas de cem dólares?

O vinho chegou e Kip obviamente estava tentando não rir quando Scott fez todo o teatro de provar e fingir que sabia se era bom ou não. Ele assentiu para o sommelier satisfeito, que encheu as taças e saiu. O garçom chegou, eles fizeram o pedido e então enfim ficaram sozinhos de novo.

— Ei — disse Kip em uma voz delicada, erguendo a taça. — Ao que estiver por vir.

— Ao que estiver por vir.

Tiveram um jantar gostoso. Beberam vinho e comeram pratos elaborados de comidas esquisitas e deliciosas. Conversaram e planejaram o futuro. O vinho deixou tudo agradável e difuso, e Kip parecia brilhar sob a luz romântica do restaurante.

Entre os pratos principais e a sobremesa, Scott se aproximou e disse:

— Eu amo estar aqui com você.

Aquele sorriso vagaroso e sexy que Scott amava se abriu no rosto de Kip.

— Eu também, meu bem.

— Quero te levar para todo canto. Lembra quando você comentou sobre sairmos para dançar? Numa balada…

— Nós vamos. Quando você quiser.

— Aposto que você fica lindo dançando.

Kip chegou ainda mais perto. Scott conseguiu sentir o cheiro da loção pós-barba. A vontade era de enterrar o rosto no pescoço de Kip.

— Eu iria dar um show mesmo — disse Kip com a voz arrastada. — Todo mundo ficaria olhando pra gente. Mas seria só pra você. E ninguém mais.

Scott se acomodou no lugar. Estava encalorado.

— Gosto assim — ele grunhiu.

Kip arregalou os olhos. Scott teve a remota impressão de que qualquer um que os visse naquele momento não teria dúvidas de que eram dois homens sexualmente atraídos um pelo outro.

Sexualmente *obcecados* um pelo outro, na verdade.

Será que ainda se importava? Nossa, ele só queria beijar Kip.

— No que você está pensando agora? — perguntou Kip.

Scott arriscou:

— Que me deu vontade de te chupar debaixo da mesa.

Kip sorriu e mordeu o lábio. Era a coisa mais sexy que Scott já tinha visto.

— Bom, isso chamaria a atenção de todo mundo — disse ele, com os olhos travessos brilhando.

Cadê a porra da sobremesa que os dois tinham pedido?

— Você é uma má influência, Grady.

— Aham. Corrompendo o garotinho perfeito de Nova York.

— Eu era tão doce e inocente antes de te conhecer. — Scott abriu um sorrisinho.

— Ah, se soubessem o tipo de safadeza que sai desses lábios lindos quando você está…

O garçom chegou com as sobremesas. Scott corou e se endireitou, agradecendo de um jeito forçado quando o sujeito serviu os pratos.

Depois que o garçom saiu, Kip sorriu e Scott balançou a cabeça, soltando uma risada trêmula.

— Esse é o problema de sair com você — disse Scott.

— Não sei do que você está falando.

— Estou falando que você tem exatamente três minutos para comer a sobremesa porque eu vou te levar pra casa o mais rápido possível, porra.

— Ué? Não vamos tomar nem um cafezinho?

— Eu faço café pra você de manhã, caramba.

Capítulo vinte e nove

Kip voltou saltitante para o apartamento de Scott (ou apartamento *deles*?) depois do seu último turno na Straw+Berry. Jogou o boné de morango em uma lixeira no meio do caminho.

Seria uma parada rápida em casa para se trocar, já que iria sair com Maria e Elena para comemorar tomando uns drinques. Mas antes queria ver Scott porque naquela noite aconteceria o sexto jogo da final, e eram altas as chances de as eliminatórias terminarem ali mesmo, com os Admirals vencendo a Copa. Kip iria assistir ao jogo mais tarde, é claro, mas torcia para ter um momento tranquilo com Scott antes da noite que, certamente, seria agitada e empolgante.

Scott tivera uma reunião com o time naquela manhã, mas disse que estaria em casa à tarde para tirar um cochilo e tentar relaxar antes do grande jogo. Os voos longos e a diferença de fuso horário entre Nova York e Los Angeles tinham acrescentado muito estresse à rodada.

No apartamento, Kip encontrou Scott na cama.

— Oi — disse Scott, se apoiando no cotovelo. Cabelo bagunçado, barba espessa, músculos por toda parte… Kip ainda não conseguia acreditar que aquele era seu namorado. — Como foi o último turno?

— Nada de mais — respondeu Kip. — Mas eu te trouxe uma coisa. Para dar sorte.

Estendeu um smoothie azul. O último que seria obrigado a fazer na vida.

— Own — disse Scott, pegando a bebida. — Espero que o novo funcionário saiba fazer um smoothie gostoso assim também.

Kip fingiu estar horrorizado.

— Vai deixar *outro homem* fazer smoothie pra você?

Scott sorriu com a boca no canudo.

— Vou pensar em você o tempo todo. Prometo.

Kip beijou o cabelo dele.

— Preciso sair daqui a pouco. Vou encontrar a Maria e a Elena daqui a, tipo, meia hora. — Ele tirou a camiseta suja.

— Acho que tenho que ir para o rinque daqui a pouco também. — Scott suspirou. — Vocês vão falar sobre mim?

— Com certeza — respondeu Kip, tirando um par de jeans limpos da cômoda. — A Maria está chamando o rolê de Sociedade Secreta de Quem Sabe Sobre Scott e Kip. Estou esperando que ela faça, no mínimo, umas cem perguntas.

Scott riu e balançou a cabeça.

— Não vai ser segredo por muito mais tempo, eu acho.

Kip vestiu uma camiseta limpa e caminhou até a cama. Inclinou a cabeça de Scott para cima e deu um beijo lento e carinhoso com sabor de mirtilo.

— Quando você estiver pronto — disse ele gentilmente. — Agora que meus pais e alguns dos meus amigos já sabem, eu me sinto muito melhor. Não precisa ter pressa para contar pro resto do mundo.

Ele se virou na direção do banheiro, mas Scott o segurou pelo punho. Kip se virou de volta.

— Obrigado — disse Scott. O rosto e tom dele estavam bem sérios. A impressão era de que os olhos tentavam falar mais, e Kip queria que falassem, porque não fazia ideia do motivo pelo qual Scott estava agradecendo.

— Pelo quê?

— Por tudo. Não sei o que vai acontecer hoje à noite. Se vamos vencer ou se vou ter que voar para Los Angeles logo depois do jogo. Mas quero que saiba que eu nem estaria jogando hoje se não fosse por você.

Kip franziu o cenho.

— Claro que estaria. O que eu tenho a ver com…

Scott balançou a cabeça.

— Eu estava infeliz, Kip. Sei que minha vida parece bem legal; e é, em partes. Mas eu estava tão *solitário*. E foi ficando mais difícil a cada ano que passava. Essa temporada, antes de te conhecer, parecia que… — Ele pareceu buscar as palavras certas. Kip segurou a mão dele e apertou. — Parecia que… — continuou Scott — … eu tinha perdido meu amor pelo hóquei. Que a… a chama tinha apagado, sabe?

Kip se sentou na cama ao lado dele.

— E você acha que a encontrou de novo… por *minha* causa?

— Sim, acho. Como eu já tinha conquistado meus sonhos e tenho sucesso, dinheiro e moro nessa cidade incrível, eu me odiava por me sentir tão infeliz, mas… tipo, foram nove temporadas voltando das viagens sem ter ninguém para encontrar. De verões sem um namorado com quem viajar junto, sem família

para visitar. Nove temporadas sem ter companhia para os eventos do time ou para a premiação da NHL. Sem ter alguém que eu amo assistindo aos jogos. Isso estava pesando demais.

O coração de Kip se partiu um pouquinho. Odiava pensar no que Scott tinha passado durante aqueles anos.

— Queria ter te conhecido nove anos atrás — disse ele, com um sorriso triste.

Scott riu baixinho.

— Sim, bom… eu provavelmente não estaria pronto naquela época.

— Se quiser jogar mais vinte temporadas — disse Kip. — Vou te receber em casa depois de cada viagem. Vou estar na arquibancada em todos os jogos que eu puder ir. E vou ser seu companheiro para qualquer lugar a que você quiser me levar.

Scott sorriu.

— E as viagens no verão?

— Desde que eu possa ajudar a pagar.

Scott revirou os olhos.

— Sabe, bem que *você* poderia dar uma repensada nessa sua teimosia em me deixar pagar pelas coisas.

Kip o beijou.

— Eu sei. Vou tentar ficar mais de boa com isso. Prometo. Eu concordei em morar com você, não foi? Já é um avanço!

Scott beijou a ponta do nariz dele.

— É mesmo. Agora vai lá encontrar suas amigas.

— Tá bom. Vai lá vencer a Copa Stanley.

— Combinado.

— Então… — disse Maria assim que o garçom entregou as micheladas. — Vamos falar do quê? Ah! Já sei! Que tal falarmos de como seu *namorado* vai disputar a *final da Copa Stanley* hoje à noite?!

Kip balançou a cabeça, mas não conseguiu conter o sorriso.

— Acho um tópico interessante — disse ele, como se não fosse nada.

— As coisas estão bem com ele, né? Vocês continuam superapaixonados? Você não pode pisar na bola, Kip!

— Tá tudo bem! Estamos superapaixonados. Não vou pisar na bola. De novo.

Ela semicerrou os olhos e apontou uma tortilha na direção dele em tom de

ameaça.

— Acho bom, hein? Estou projetando minhas experiências em você.

— Ai, meu deus. Não diz uma coisa dessas.

Kip olhou para o celular. Elena havia mandado mensagem vinte minutos antes avisando que atrasaria um pouco. Ele não tinha escolha além de encarar o massacre de perguntas de Maria.

— Como é a casa dele? É enorme? Tem, tipo, doze banheiros?

— É uma cobertura e tem *três* banheiros.

Ela grunhiu.

— Você é tão sortudo. Vai se mudar pra lá quando?

— Bom, agora, eu acho. Quer dizer, ainda tenho umas coisas aleatórias encaixotadas na casa dos meus pais para levar, mas eu já estou morando com o Scott em tempo integral.

Ela balançou a cabeça, perplexa.

— Você diz *Scott* e eu ainda não acredito que você está falando do… — Ela olhou em volta e sussurrou: — Scott *Hunter*. Tipo, você chama ele só de Scott, como se ele fosse uma pessoa normal.

— Ele *é* uma pessoa normal. Só que por acaso joga hóquei muito bem.

— E é um nenezão lindo.

— Sim. Isso também.

— Ele beija bem? Me diz que ele beija bem.

Kip revirou os olhos.

— Ai, meu deus. Cadê a Elena?

— Mais alguém sabe? — perguntou Maria. — Já contou pro Shawn?

— Não. — Ele mergulhou a tortilha a esmo num potinho de molho. Se sentia mal por mentir para Shawn, mas… — Shawn é fofoqueiro e é capaz de morrer se tiver que guardar um segredo. É melhor não contar ainda.

Pelo menos era isso que Kip dizia a si mesmo. Ele esperava que Shawn não o odiasse quando descobrisse.

— Então, numa escala de um a dez…

— Não.

— Um sendo o pior beijo do mundo, mais conhecido como o menino que foi meu par no baile de formatura…

— Não.

— E dez sendo, tipo, o beijo de *O Segredo de Brokeback Mountain* quando o Heath Ledger quebrou o nariz do Jake Gyllenhaal depois de beijar ele com muita força…

— *Quê?* Desde quando *isso* é beijar bem?

— Desde sempre. Então, onde seu boy se encontra nessa escala?

— Hum, melhor do que um beijo que quebraria meu nariz?

— Então, onze? Porra, eu sabia.

Kip riu.

— Ele beija bem, tá? Para de ser esquisita.

— Quem beija bem? — Elena tinha finalmente decidido aparecer.

— O namorado perfeito do Kip — murmurou Maria.

— Ah, ele não é perfeito — disse Elena animada, ocupando o lugar vazio. — O maxilar dele é definido demais.

— Aham — disse Kip. — E ele é alto demais da conta.

— E largo — acrescentou Elena.

— E as coxas dele são grossas demais — pontuou Kip.

— Que terror — concordou ela.

— Vocês são uns idiotas — disse Maria. — Se algum colega de time dele estiver procurando uma latina fofinha para cuidar, me avisa.

Kip riu.

— *Fofinha?*

— Fala que eu sou fofinha. Quando ele descobrir que eu só sei reclamar, já vai estar apaixonado por mim, aí será tarde demais.

Todos riram.

Os três passaram algumas horas comendo comida mexicana e bebendo (mas não muito, porque Kip não queria chegar bêbado ao jogo). Conversaram sobre a mudança de Elena para a California, sobre o novo emprego de Maria e de Kip, e sobre Kip estar voltando para a universidade. Ele se sentia bem. Pela primeira vez em anos, estava confiante em relação ao futuro. Sua vida estava mais ou menos nos trilhos, mesmo sem contar o namorado perfeito dos sonhos.

Mas ele *tinha* um namorado perfeito dos sonhos. E mais do que isso, estava apaixonado, e não importava como imaginasse o futuro, agora Scott estava sempre incluso.

— Temos que ir — disse Elena, tocando o braço dele. — Precisamos ver o homem com quem você está sonhando acordado jogar hóquei.

— Eu não estava… Tá bom. Sim. Estava. — Ele se virou para Maria. — Desculpa não ter conseguido mais um ingresso, mas esse jogo tá superesgotado.

— Ah, nem fala. Os ingressos estão custando, tipo, cinco mil dólares na internet — disse Maria.

— Te mando uma selfie no jogo, tá bom?

— Ah, vai se foder.

Quando saíram para a rua, Maria o abraçou.

— Estou muito feliz por você, Kip. De verdade. Eu finjo que não ligo pra nada, mas você é uma das melhores pessoas que conheço e merece um homem dos sonhos.

Ele beijou a bochecha dela.

— Obrigado. Talvez, no nosso próximo rolê, Scott vá junto.

— Manda ele deixar a camisa em casa. E levar um colega de time!

Kip riu.

— Pode deixar.

Maria caminhou na direção do metrô, e Kip foi com Elena para o lado oposto.

— Depois de hoje, talvez seu namorado seja um vencedor da Copa Stanley — disse Elena.

— Finalmente um motivo para ficar impressionado com ele!

Ela segurou o braço de Kip e apoiou a cabeça em seu ombro.

— Estou feliz que você vai ficar em boas mãos quando eu for embora.

— Eu também. Mas, porra, vou sentir tanta saudade.

— Eu sei.

— E…

Ele não conseguia ver os olhos dela, mas tinha certeza de que Elena estava os revirando.

— Também vou sentir saudade — disse ela. — Sem querer ficar toda emotiva e tal, mas eu gosto de você.

Kip riu e cutucou ela.

— Obrigado, parceira.

O terceiro período foi pura agonia.

Scott podia sentir a tensão irradiando do público. Certamente sentia no banco, e no próprio estômago.

O período começou com Los Angeles marcando um gol rápido e deixando o placar em 2 a 1. Com dez minutos restantes, Huff marcou um gol com ajuda de Scott e empatou em 2 a 2. A multidão rugiu enquanto os Admirals soltaram um suspiro coletivo de alívio.

Então, chegou a parte de roer as unhas.

Primeiro, Nova York levou uma penalidade, então ficaram com um jogador a menos por dois minutos, que pareceram durar vinte, mas conseguiram não

tomar nenhum gol. Faltavam cinco minutos no relógio.

Outro minuto passou e L.A. *quase* marcou, mas Bennett fez uma defesa incrível que manteve Nova York no páreo.

Então, com dois minutos restantes, Scott conseguiu o domínio do disco e jamais se lembraria de como aconteceu exatamente, mas, de repente, estava com o caminho livre. Patinou em direção à rede, completamente focado no alvo, e lançou o disco bem acima da perna direita do goleiro de L.A.

Agora Scott estava atrás do banco com o restante do time, observando o relógio tiquetaquear os segundos finais do jogo.

Oito… sete… seis…

Puta merda.

Nós conseguimos. Vamos vencer a Copa Stanley.

Cinco… quatro…

O rugido da multidão foi ensurdecedor; dezoito mil pessoas de pé, vibrando para o time da casa. Foi exatamente como Scott sempre sonhara que aquele momento seria.

Dois… um…

E acabou. Scott saltou por cima do cercado, quase derrubando dois colegas, e o time inteiro foi para o gelo junto. Tacos, luvas e capacetes voaram para toda direção enquanto eles patinavam até Bennett, que estava parado na frente da rede com os braços erguidos em pose de vitória. Em poucos segundos, todos os Admirals tinham se empilhado no goleiro, em uma bagunça feliz e extasiante de jogadores de hóquei.

Os atletas abraçavam uns aos outros e trocavam tapinhas nas costas. Scott ouviu Carter gritando "Isso aíííí!" atrás dele, e quando se virou para abraçar o amigo, quase foi derrubado pela força de Carter pulando em seus braços. Ele enroscou as pernas ao redor da cintura de Scott, forçando-o a segurá-lo por um segundo.

— Porra, Scotty, a gente conseguiu!

— Isso aí, conseguimos!

Carter o soltou e voltou para o gelo.

— Ai, caralho, a gente tem que fazer a fila, né?

Scott olhou para o centro do rinque, onde o time devastado de Los Angeles esperava sem jeito pelos tradicionais apertos de mão.

— É. Sim. Vamos lá.

Ele chamou o time para a fila e, rapidamente, cumprimentaram os jogadores de L.A. de forma respeitosa. Muitos dos caras de Los Angeles estavam com

lágrimas nos olhos. Scott compreendia. Já estivera naquela posição antes.

Mas não naquele momento. Ele conquistara seu sonho de infância.

Esperou impacientemente enquanto a taça da Copa Stanley era levada e o representante da liga dava um discurso chato. Scott foi anunciado como o melhor jogador das eliminatórias, o que era uma honra, mas não era o troféu que ele queria estar segurando. Além do mais, parecia ridículo receber destaque sozinho quando seu time inteiro havia se esforçado tanto para que chegassem até ali. Scott não era muito fã de prêmios individuais.

Finalmente, *finalmente*, Scott, enquanto capitão do time, recebeu a taça da Copa Stanley. Ele pegou o troféu gigante de prata nas mãos e era… era um troço meio difícil de segurar, na verdade. Pesado, mas também difícil de agarrar. Mas nunca que Scott deixaria o troféu escorregar das suas mãos agora. Ele beijou a taça e então a levantou, triunfante, sobre a cabeça, virando para que a multidão pudesse ver também. Ela pertencia a Nova York agora: ao time *e* aos torcedores.

E foi aí que as lágrimas vieram. Scott deixou que caíssem. Tudo naquele momento era surreal e sufocante, e eram tantos pensamentos ao mesmo tempo.

Mas principalmente: *Queria que minha mãe estivesse aqui para ver isso.*

Ela teria ficado tão orgulhosa. E foi ela, mais do que qualquer um, que levara Scott até aquele momento. Nem todas as aulas de hóquei, treinadores e agentes do mundo o teriam levado até a NHL se ela não tivesse sido a base, com todo o apoio e as longas horas trabalhadas no mercado para poder pagar pelos equipamentos de hóquei de segunda mão.

Scott não era religioso, mas olhou para o alto e sussurrou:

— Essa é pra você, mãe.

Ele entregou a taça para Carter, que a beijou, tipo, cinco vezes antes de erguê-la para o alto. Scott encontrou Kip na multidão e acenou para ele. Não teve certeza se Kip viu.

Foi só mais tarde, quando o rinque começou a se encher de esposas, namoradas e filhos dos seus colegas de time, que Scott começou a sentir. Misturada com toda a felicidade, havia a sensação de algo *errado* que o perturbava. Observou seus colegas beijando as parceiras e levantando seus filhos, e Scott quis poder compartilhar aquele momento com o parceiro *dele*. Com o homem que amava.

E que mal faria se Kip descesse até o gelo? O lugar já tinha virado um zoológico mesmo: jogadores de hóquei, a equipe, repórteres, fotógrafos e familiares. Quem notaria se o namorado de Scott estivesse ali no meio?

Decidido, ele patinou até o vidro perto de Kip. Ele acenou, e muita gente pareceu notar, mas Kip não. Então, Scott viu Elena cutucá-lo, dizer alguma coisa para ele e apontar para Scott. Kip olhou e sorriu. O coração de Scott errou o compasso. Nossa, ele o amava.

Scott gesticulou para o banco das penalidades. Kip fez uma expressão exagerada de "quê?". Scott gesticulou de novo. Ele viu Elena dizer algo para Kip mais uma vez, e então Kip assentiu e apontou para o banco de penalidades. Scott assentiu de volta e saiu para encontrá-lo.

Do banco, Scott observou Kip abrir caminho na multidão. As pessoas pareciam estar assistindo àquele showzinho a parte com muito interesse.

Sutileza mandou lembrança.

Quando Kip chegou no vidro que separava os assentos do banco de penalidades, estava corado, sorrindo e lindo.

E Scott soube que não iria conseguir se impedir de fazer algo muito estúpido dali a um instante.

Mas…

— Pula por cima do vidro! — gritou Scott. — Eu te seguro.

— Tá bom! — Kip subiu no degrau e passou uma perna por cima do vidro. Scott o ajudou e Kip caiu nos braços dele.

— Você conseguiu! — disse Kip.

— Consegui — concordou Scott.

Ficaram parados ali por um momento, ainda se abraçando e sorrindo, e talvez fosse a adrenalina pulsando dentro dele, ou talvez a noite inteira tivesse parecido um sonho maravilhoso e apenas uma coisa poderia deixá-la perfeita, e essa coisa era…

Ele pôde ver a surpresa nos olhos de Kip quando Scott se aproximou e o beijou. Scott achou que seria apenas um selinho rápido, mas, assim que seus lábios tocaram os de Kip, ele foi com tudo. Beijou Kip como se estivessem sozinhos e talvez há meses sem se verem. Ele o beijou como um homem que tinha realizado todos os seus sonhos.

Quando se afastaram, Kip ficou boquiaberto.

— Puta merda!

— Não tô nem aí — disse Scott. — Eu te amo.

E era verdade. Ele não se importava. Bom, se importava que agora *talvez* tivesse tirado o foco do restante do time e das suas conquistas. Ele sabia que se sentiria mal com aquilo, especialmente quando olhou para o telão gigante e viu uma transmissão ao vivo que mostrava ele e Kip se abraçando.

— Bom — disse Kip, todo bobo. — Agora que todo mundo já sabe…

— Hum. Melhor mergulhar de cabeça, então.

Scott o beijou de novo, e tudo ao redor desapareceu. Existiam apenas Scott e o homem que ele amava, se pegando no banco de penalidades.

Mas, então, veio a realidade. Que também estava bem excelente naquele momento.

— Acho que a imprensa vai querer ter uma palavrinha comigo — disse Scott, olhando para o rinque. Vários rostos espantados encaravam os dois.

— Vai lá — disse Kip. — Estou tão orgulhoso de você.

— Tá bom, mas escuta: eu vou para o vestiário com meu time daqui a pouco, e nós podemos levar família e amigos depois. Vem falar com a esposa do Huff, a Laura. Ela te mostra aonde ir. Já fez isso algumas vezes.

— Scott. *Vai*. Pelo amor de deus, para de se preocupar comigo. Você acabou de vencer a Copa Stanley!

Scott sorriu, radiante.

— Eu acabei de vencer a Copa Stanley!

— Sim. Vai lá ser um herói, Hunter!

Mas Scott se recusava a deixá-lo para trás. Pelo menos por enquanto. O lugar estava caótico demais e ele precisava garantir que Kip seria bem cuidado. Segurou a mão do namorado e o puxou para o gelo com ele. Kip escorregou um pouco quando seus tênis tocaram a superfície, e Scott o manteve seguro com a mão ao redor da cintura.

Um microfone surgiu imediatamente na cara de Scott. Ele soltou Kip e acenou para Huff, que patinou até eles.

— Você deve ser o Kip — disse Huff.

— Sim, sou eu.

— Imaginei. O beijo meio que entregou.

Kip corou e Scott sorriu — ele provavelmente não iria conseguir *parar* de sorrir por dias. Meses, talvez.

— Bem-vindo à família de agregados dos Admirals, garoto — disse Huff. — Vem conhecer os Huff.

Scott observou o amigo levando Kip para longe do amontoado de jornalistas que havia se formado. Huff era o melhor.

Scott se virou para os repórteres e câmeras.

— E aí? — disse ele. — Alguma pergunta?

Se Kip tinha achado o jogo uma loucura, não foi nada comparado com a festa

no vestiário.

O lugar estava *lotado* de homens suados empolgados, esposas e namoradas orgulhosas, crianças sonolentas, imprensa. Cerveja e champanhe à vontade — Scott e seu time estavam bebendo champanhe direto da taça Stanley. Homens cantando, homens gritando, homens chorando.

Scott e Kip haviam sido separados algumas vezes, o que deu a Kip a oportunidade de notar os olhares que recebia de… basicamente todo mundo.

Mas ele se recusava a se encolher. Scott o queria ali, então ele estava ali.

Carter Vaughan se aproximou quando Kip ficou sozinho.

— Olha o cara que eu queria conhecer! Chega mais, meu caro!

Antes que Kip soubesse o que estava acontecendo, Carter o embrulhou em um abraço suado.

— Kip, Kip, Kip. Eu amo essa porra desse nome, sabia? Então, que se foda, né? Você e Scott Hunter acabaram de se pegar na frente do mundo todo, não foi?

— Foi mesmo. — Kip continuava vibrando com aquilo.

— Isso vai gerar alguns tuítes.

Kip sorriu.

— É de se esperar.

— Scott Hunter tem um namorado. — Carter balançou a cabeça, sorrindo. — Cara, eu nem imagino como deve ser namorar um homem tão perfeito assim.

— É bom demais.

Alguém entregou uma cerveja para Carter, e ele disse:

— Ei, pega uma pro meu camarada Kip, tá bom?

Quando seja lá quem fosse voltou com uma cerveja para Kip, Carter perguntou:

— E qual é a sua história, Kip? Scott disse que você é estudante, certo?

— Estou prestes a ser estudante de novo, sim. Vou começar meu mestrado em setembro.

— Joga algum esporte? — perguntou o cara da cerveja (que estava bebendo uma Coca, na verdade).

— Nada.

— Desculpa — disse Carter. — Esse cuzão mal-educado é o Eric Bennett. Você pode não ter reconhecido porque geralmente ele usa uma máscara na cara.

— Oi — disse Bennett.

Kip assentiu.

— Prazer em te conhecer. Parabéns.

— Você é fã de hóquei? — perguntou Carter.

— Agora eu sou, com certeza. Sempre curti assistir aos jogos. Não acompanhava muito de perto, até…

— Até começar a namorar o maior astro do esporte?

— Isso. Sim.

Carter olhou para ele com uma certa curiosidade.

— Então você não é um fã do Scott Hunter. Conheceu ele por acaso?

— Sim. Ele não te contou?

— Não. Foi fofo?

Kip deu de ombros.

— É meio sem graça. Um dia ele chegou no lugar onde eu trabalhava. Era uma, hum… lanchonete de smoothies. Enfim. Ele comprou um smoothie, depois voltou no dia seguinte… e de novo…

— Isso — disse Carter com um sorrisão — é fofo pra cacete. Ele deu em cima de você no *trabalho*? Eu não sabia que o Hunter era bom assim!

— Na verdade, não. Ele não deu em cima, no caso. Só continuou indo lá. E eu meio que… suspeitei…

Carter trocou olhares com Bennett.

— É, aí faz muito mais sentido. Ele provavelmente estava torcendo pra você tropeçar e cair em cima dele, então continuou aparecendo lá.

— Talvez. No final, deu tudo certo.

— Está pronto para o furacão de imprensa que vai ser daqui pra frente? — perguntou Bennett.

— Não. — Kip endireitou a postura. — Mas eu estarei lá. Do lado do Scott.

Carter riu.

— Beleza, pode relaxar, soldado. Pode contar com a gente. Gostei de você, Kip. Quase tanto quanto gosto de dizer seu nome.

— Valeu.

Scott se juntou a eles, apoiando o braço pesado sobre os ombros de Kip.

— Esses caras estão te perturbando? — perguntou ele com um sorriso bobo. Já devia ter bebido muito champanhe.

— Só estamos tentando entender como um cara incrível desses acabou com um cara zoado igual a você, Hunter — brincou Carter.

— Também não sei, mas que bom que deu certo — disse Scott, beijando Kip na bochecha. Kip ficou vermelho. Ele olhou para Carter e Bennett,

esperando que desviassem o olhar, mas os dois estavam apenas sorrindo para eles.

Scott abaixou a cabeça para falar diretamente no ouvido de Kip:

— Estão expulsando todo mundo que não é do time, mas te vejo em casa, tá bom?

— Com certeza. Mas não vou te esperar acordado. É sua noite. Se divirta, tá?

— Eu vou. Te amo.

— Te amo.

E então, Scott deu um beijo rápido na boca dele. Só um selinho, mas não era um gesto pequeno, considerando o lugar onde estavam.

Kip praticamente flutuou ao longo de todo o caminho de volta para casa, repassando as últimas horas na cabeça e sonhando com o futuro.

Kip passou algumas horas em casa encarando o celular.

Tinha recebido *muitas* mensagens naquela noite.

Maria: Aaaahhh!!! Que PORRA foi essa???!! A coisa mais fofa que eu já vi?????

Shawn: Sua. Vagabunda. Do. Cacete. Puta mentirosa. Temos que almoçar juntos. LOGO.

Kyle: Primeiramente, parabéns, estou feliz por você. Segundamente, puta merda!

Megan: Hum... Oi?!

Também recebera mensagens de pessoas com quem não falava havia meses. Algumas chamadas perdidas dos pais, que iria retornar no dia seguinte.

Elena havia saído do jogo em algum momento, mas também mandara mensagem. Parabéns. Vocês dois fizeram história.

Uma segunda mensagem dizia: Sério mesmo, eu quase chorei.

Kip não parava de assistir ao mesmo vídeo, de novo e de novo. Era a entrevista que Scott dera no rinque, imediatamente após o beijo. O vídeo, assim como muitas fotos dos dois se beijando, haviam viralizado.

— Sim, claro — Scott dissera à repórter após ser perguntado se tinha alguma comentário sobre o que todos tinham acabado de testemunhar. — Eu só estava comemorando um pouco com meu namorado.

— Acho que o mundo não estava ciente de que você é…

— Gay? Sim, eu sou gay. Estava planejando fazer algum tipo de anúncio oficial, mas quem se importa, né? Tá todo mundo aqui, agora.

A jornalista passara um momento em silêncio, parecendo assustada, antes de piscar e dizer:

— E… você… tem alguma coisa queira nos contar sobre ele?

— Claro que sim. Ele é tudo para mim e eu o amo.

Kip sorria como um idiota toda vez que assistia. A voz de Scott estava tão firme. Tão confiante, como se não tivesse arrependimento nenhum. Nada de olhar para trás.

Kip tentou não prestar muita atenção no que as redes sociais estavam dizendo a respeito, mas uma olhada rápida mostrou que as pessoas pareciam mais empolgadas do que enojadas. Mas os dois lados estavam bem chocados.

— Isso vai ser loucura — murmurou Kip para o celular. Começando na manhã seguinte, a vida dele seria *muito* diferente.

Mas agora ele estava em casa, loucamente apaixonado e feliz pra cacete. Ele estava orgulhoso de Scott por vários motivos.

Assistiu à entrevista de novo.

*

Quando voltou para casa, Scott ficou surpreso, mas não muito, ao encontrar Kip sentado numa banqueta ao balcão da cozinha e não na cama. Eram quase três e meia da madrugada.

Ele vestia calças de pijama e uma regata, e era tudo o que Scott gostaria de ver naquele momento.

— Você tá acordado — disse Scott, meio bobo.

— Claro. Você parece menos bêbado do que eu esperava. — Kip desceu da banqueta e caminhou até encontrar Scott.

— Eu parei de beber já faz um tempinho. — Scott colocou a mão na cintura de Kip.

— Porra, eu estou muito orgulhoso de você — disse Kip. — Por tudo que aconteceu hoje.

Scott o beijou, e aquilo era exatamente o que ele passara a noite inteira desejando. Mesmo enquanto comemorava a vitória da maldita *Copa Stanley* com seu time, ficara sendo consumido pelo desejo de beijar o namorado.

— Eu meio que me joguei de cabeça, né? — disse ele, depois que os dois se soltaram. — Desculpa. Deveria ter falado com você antes.

— Tá tudo bem — disse Kip. — Scott, tá tudo *bem*. Eu não estava esperando, mas… tipo, foi romântico pra cacete!

Scott riu, enterrou o rosto no pescoço de Kip e deu um beijo logo embaixo do queixo.

— Te amo tanto — disse ele. Sua voz ficara bem mais rouca ao longo da noite. Ele tinha gritado demais.

— Também te amo, meu bem. Agora, vamos. Eu sempre quis levar um vencedor da Copa Stanley pra cama.

Epílogo

Scott sentiu a mão de Kip apertando a dele. Retribuiu o gesto, tranquilizando-o.

Tá tudo bem. Eu consigo.

Estavam sentados juntos na plateia da Premiação da NHL em Las Vegas. Os nomes dos indicados ao último prêmio da noite, o MVP da liga, estavam sendo lidos no palco, incluindo o de Scott. Vencer seria legal, mas essa não era bem a sua maior preocupação. O que queria mesmo era uma chance de falar.

— E o Troféu Hart vai para… — anunciou o apresentador. — Scott Hunter!

Scott soltou o ar e se levantou. *Lá vamos nós*. Kip soltou a mão dele e sorriu para o namorado, e Scott encontrou força naquele sorriso. Ele ignorou o friozinho no estômago quando se virou para caminhar até o palco. Recebeu o troféu do apresentador e ergueu o prêmio por um momento antes de colocá-lo cuidadosamente no chão, ao lado do pódio.

— Oi — disse ele quando os aplausos cessaram. A plateia riu. — Primeiramente, obrigado. Todos os meus colegas indicados também mereciam muito. Até mesmo o Rozanov. — Mais risadas.

Ele olhou para baixo por um momento, organizando os pensamentos. Provavelmente deveria ter escrito alguma coisa, mas aquele tipo de planejamento nunca fez seu estilo.

— Algumas semanas atrás… — ele começou. — Eu conquistei o sonho da minha vida, que era ganhar a Copa Stanley. Vocês que já conseguiram isso sabem como é a sensação. Não dá bem pra descrever. Mas… outra coisa aconteceu naquela noite. Uma coisa que, como vocês provavelmente notaram, chamou muito mais atenção do que os Admirals ganhando a Copa.

A plateia ficou em silêncio. Ele podia sentir a tensão no ambiente. *Será que ia mesmo falar sobre isso? Ali?*

— Tem sido um mês interessante — continuou ele. — Caso alguém aí tenha conseguido escapar da notícia, eu me assumi gay num gesto ridiculamente público. Não me arrependo, e nunca vou me arrepender. Sei que

foi um choque para muita gente. E, infelizmente, uma decepção para alguns. Sei que tem pessoas por aí até queimando seus uniformes do Scott Hunter, o que, por sinal, não é uma boa ideia. Esses uniformes são de poliéster, cheios de componentes químicos.

A plateia riu. Pareciam aliviados.

— Eu, hum, fiz uma conta no Twitter há algumas semanas — disse Scott. — Sempre fui uma pessoa muito reservada. Ou o mais reservada que conseguia ser, levando tudo em consideração. Adoro conhecer fãs, mas nunca compartilhei minha vida de forma pública. O que eu vi nessas últimas semanas é que talvez seja importante que eu compartilhe um pouco. Tenho recebido mensagens de fãs, muitos deles jovens, me contando como foi significativo eu ter me assumido.

Scott não mencionou que também recebera e-mails e ligações de alguns jogadores da NHL dizendo coisas similares. Não estava ali para fomentar rumores e especulações.

— Eu amo hóquei. Amo poder ganhar a vida jogando. Mas… — disse ele. — Sei como é a sensação de não se encaixar.

"Quando eu era adolescente, quando minha carreira no hóquei começou a parecer uma possibilidade real, duas coisas aconteceram. Uma foi que minha mãe morreu. A outra foi que comecei a perceber que eu talvez fosse aquela *coisa* que todo jogador de hóquei gostava de gritar como um insulto. O tipo de linguajar que eu ouvia no gelo e no vestiário todos os dias, um lembrete constante de que eu era diferente. Talvez isso tenha me tornado um jogador melhor. Talvez tenha me dado outro motivo para provar que eu era bom. Mas também me deixou aterrorizado com a possibilidade de alguém descobrir meu segredo."

O salão ficou em silêncio.

— Ter um segredo tão difícil de guardar quanto o meu… — disse Scott. — É exaustivo. É um esforço constante para tentar mantê-lo escondido, e o medo de descobrirem te consome. E também te deixa solitário.

Ele parou de falar por um momento. Provavelmente estava estendendo seu tempo de palco, mas ainda não havia terminado.

— Fui extremamente sortudo. Tenho muita coisa, e sou grato. Mas sempre senti falta de algo bem importante na vida. E, esse ano, eu encontrei.

Os olhos de Scott pousaram em Kip, e ele conseguiu ver que o namorado estava com os lábios cerrados e os olhos marejados.

— Eu fui a muitos casamentos dos meus colegas de time ao longo dos anos

e escutei muitos discursos sobre o amor, sobre encontrar aquela pessoa que muda tudo. Mas nunca entendi isso de verdade. Achei que nunca teria algo assim. Que não era para mim. Mas esse ano… eu conheci alguém. Conheci *aquele* alguém. A pessoa que mudou tudo. E ele me deu a confiança, a força e a *necessidade* de ser honesto quanto a quem eu sou. Medo é uma coisa poderosa, mas esse ano eu descobri uma coisa que é mais poderosa ainda.

As pessoas estavam se virando para olhar para Kip. Provavelmente havia uma câmera nele também, para a transmissão ao vivo.

— Então, divido essa honra com meu time e meus treinadores — disse Scott, precisando encerrar o discurso. — Mas também divido com você, Kip. Você me torna melhor em todos os sentidos. Eu te amo.

Kip mexeu a boca num *eu também te amo* em resposta.

— E, hum, um dos bares gays aqui em Las Vegas vai ter uma noite temática de Scott Hunter hoje, e é lá que eu estarei mais tarde, se alguém aí quiser dançar.

A risada se espalhou pela plateia, e alguém soltou um "uhuuul", que Scott teve certeza de que veio de Carter. Ele sorriu.

— Obrigado — disse ele. Então, pegou seu troféu e saiu do palco extremamente ovacionado.

Scott tamborilou os dedos no joelho, possivelmente no ritmo da música da balada. Ou talvez no ritmo do próprio coração acelerado.

Ele estava na balada. Numa balada *gay*. Lotada de gente que, ao que parecia, estava ali para celebrá-lo.

Ele conseguiria ficar de boa com aquilo. Claro que conseguiria.

Estar cercado de amigos ajudou bastante. *Mais* do que ajudou. Ele não tinha palavras para descrever como era importante ter as pessoas mais valiosas da sua vida ali naquela noite.

Carter e Gloria se sentaram no sofá na frente dele, na aconchegante área VIP. Ao lado deles, estava Huff, e Bennett sozinho em uma poltrona. Matti Jalo estava perto da grade, observando a pista de dança lá embaixo.

O convite de Scott fora sincero; adoraria ver qualquer pessoa da plateia do NHL Awards na festa naquela noite. Sendo bem sincero, não tinha esperado que alguém além de Carter, Huff e Bennett de fato fosse. Até mesmo Jalo foi uma surpresa.

— Elena disse que amou o discurso e que queria estar aqui — comentou Kip, colocando o celular na mesa diante dele. Então chegou mais perto de

Scott, pressionando o corpo contra o dele no sofá e dando um tapinha reconfortante no joelho do namorado. — Como você está?

— Bem — respondeu Scott. — De verdade. Estou feliz.

E estava mesmo. Era estranho ser famoso por um motivo tão diferente. Apenas por ser quem era. Agora tinha fãs que nem sequer acompanhavam hóquei.

Aquele seria um verão interessante.

Scott trabalharia muito com a imprensa naquele verão, incluindo uma matéria para a *Sports Illustrated*. Dessa vez, o foco seria quase inteiro na sua sexualidade e vida privada. Era assustador, mas ele entendia a importância.

Kip argumentara contra a viagem de férias para a Europa; ele estava determinado a trabalhar quantos turnos fossem precisos no Kingfisher antes de as aulas começarem. Scott sabia que não conseguiria convencê-lo do contrário, mas Kip estava *mesmo* ficando mais tranquilo quanto a deixar Scott pagar pelas coisas. Coisas como aquela viagem para Las Vegas, que fora a primeira vez dele num avião. Scott ficou feliz de ter presenciado isso e estava empolgado para viver muitas outras primeiras vezes com Kip.

Ele também gostava de visitar Kip no trabalho. O Kingfisher agora criara um drinque em homenagem a Scott. Apenas Kip e Scott sabiam por que a bebida levava suco de mirtilo.

— Você está lindo hoje — disse Scott bem baixinho, tocando na orelha de Kip com os lábios. — Já te disse isso?

E estava *mesmo* muito lindo. Para Scott, ele sempre estava perfeito, mas aquela era a primeira vez que ele vira Kip *se arrumar de verdade* para sair. Ele estava sexy sem nem tentar, sensual de um jeito que Scott sabia que jamais conseguiria ser. Vestia uma camiseta preta de gola V bem cavada e calça jeans chumbo tão justa que Scott se perguntou como ele conseguira vesti-la e como faria para tirá-la mais tarde (preocupante). Seu cabelo estava meio jogado para criar um visual que parecia, ao mesmo tempo, descuidado e meticuloso.

Mas o que *realmente* estava distraindo Scott naquela noite era o toque de lápis de olho que Kip aplicara. Havia algo naquilo que excitava Scott, como se ele estivesse subindo de nível. Ele estava oficialmente encarando *com coragem* os estereótipos homofóbicos que eram proferidos livremente nos vestiários e dizendo: sim, Scott Hunter — capitão dos Nova York Admirals e modelo de masculinidade bruta — está numa balada gay com seu namorado lindo e maquiado.

Scott entrelaçou seus dedos com os de Kip e segurou com força. Que não

restassem dúvidas para o mundo: Kip Grady era dele.

— Tá divertido, hein? — A voz de Jalo ressoou, mesmo com a música alta. — Noite do Scott Hunter!

— Eu estava esperando mais — reclamou Carter. — Cadê as coisas temáticas?

Kip riu.

— O que você estava esperando?

Carter deu de ombros.

— Gogo boys de jockstrap, talvez? Com tacos de hóquei? Talvez uma escultura de gelo do Hunter?

Era verdade que a Noite do Scott Hunter consistia apenas na presença de Scott ali, mas, mesmo assim… era legal.

— Vou ao banheiro — disse Scott para Kip. — Já volto.

Alguns minutos depois, enquanto voltava até os amigos em meio ao mar de pessoas, olhou para a direita e notou um homem alto e forte recostado com elegância numa pilastra, do lado de fora da área VIP. Scott levou um momento para reconhecê-lo, e quando reconheceu, não conseguiu acreditar no que estava vendo.

— Rozanov? — perguntou ele. Ilya Rozanov abriu um sorriso preguiçoso conforme Scott se aproximava. — O que você está fazendo aqui? — gritou Scott por cima da música.

Rozanov deu de ombros.

— Queria ver como seria a Noite do Scott Hunter. Não é tão ruim quanto parece.

Scott bufou e balançou a cabeça.

— Você veio mesmo para um bar gay em Las Vegas só para zombar de mim?

Rozanov ignorou a pergunta e, em vez disso, gesticulou com a mão pelo ar e disse:

— Então. Isso aqui é você agora?

Scott não sabia ao certo o que ele queria dizer, mas assentiu.

— Esse sou eu. Quer dizer, esse sempre fui eu. Mas agora eu sou… melhor em ser eu mesmo.

Rozanov pareceu considerar a resposta.

— Foi bom. O que você fez. Será bom para… os outros.

Havia algo nos olhos de Rozanov que chamou a atenção de Scott. Ele nunca tinha visto aquele olhar no rosto do jogador antes. Gratidão, talvez?

— Espero que sim — disse Scott.

Rozanov sustentou o contato visual por um segundo, e então desviou o olhar.

— Estou aqui com alguns dos caras — disse Scott. — Do meu time, no caso. Você quer, hum, ir lá com a gente?

Scott sabia que Rozanov estava se esforçando muito para passar a impressão de que não ligava, mas, como era de se esperar, aceitou o convite.

— Ei! O astro da Noite do Scott Hunter está de volta! — gritou Carter. — E que porra *esse cara* tá fazendo aqui?

Rozanov deu uma risadinha e acenou.

— Eu chamei ele pra vir ficar com a gente — explicou Scott. Ele lançou um olhar direto para Carter que dizia *nem começa*.

Carter ficou na dele, tirando alguns olhares desconfiados para Rozanov. Todos se sentaram e conversaram o máximo que dava com a música alta. Carter pediu garrafas chiques de coisas variadas, e não demorou muito para Scott se sentir soltinho e relaxado. Em uma hora, Kip se aninhava com Scott no sofá e conversava com Bennett; Gloria estava no colo de Carter conversando com Huff; e Matti estava num papo animado com Rozanov.

— Vamos descer — murmurou Kip no ouvido de Scott. — Quero dançar com você.

Scott assentiu e se levantou.

— Nós vamos… — disse ele para o grupo, mas ninguém pareceu se importar com o fato de que os dois estavam saindo.

No andar de baixo, ficaram no canto da pista; a batida da música ecoava pelo corpo de Scott. Kip se apoiou na pilastra, colocou as mãos atrás das costas arqueadas e levantou a cabeça, se oferecendo. Ele estava sexy pra cacete, encarando Scott com aqueles olhos escuros enquanto as luzes coloridas da festa brincavam com o rosto dele.

Scott apoiou a mão na pilastra e se aproximou, imprensando Kip e o devorando. Ciente de que estavam em público. Ciente de que seu pau endurecia na calça, criando um volume que qualquer um poderia ver. Ciente de que Kip estava ficando duro também.

— Não consigo me controlar quando te vejo assim — sussurrou Scott no ouvido de Kip.

— Vem dançar comigo — sussurrou Kip de volta. Scott o beijou no pescoço, e Kip estremeceu. Havia se barbeado naquela noite, e a pele lisa casava com a inocência delicada do visual. Feminina, quase, exceto o sotaque grave do Brooklyn e o volume duro cutucando a cintura de Scott.

A música estava alta, pulsante e incansável. A pista enorme estava cheia de homens, muitos provavelmente atraentes. Mas Scott só conseguia olhar para o que o guiava pelas mãos.

Ele estava apavorado e empolgado, se preparando mentalmente como se fosse entrar em uma partida de hóquei, silenciando tudo ao redor. Focando no objetivo.

Kip encontrou um espaço no mar de corpos e se virou para encará-lo. De tão cheio, eles estavam pressionados juntos, e Kip envolveu os braços no pescoço de Scott e sorriu para ele. Scott sorriu de volta, segurou-o pela cintura, e depois, meio sem jeito, tentou imitar os movimentos lentos de Kip.

Não demorou muito. Depois de um minuto, Scott estava perdido no jeito como Kip rebolava o corpo, o jeito como seus dedos achavam o caminho até o cabelo de Scott, e o calor intenso naqueles olhos. Scott se movia com ele, e era fácil. Ele deixou o nervosismo de lado e se permitiu sentir.

Scott nunca ficara chapado na vida, mas imaginava que deveria ser mais ou menos aquela a sensação. O estímulo sensorial das luzes giratórias e do baixo ressoante, o calor sufocante da balada e o cheiro forte de suor e gelo seco enchendo sua cabeça. O efeito anestesiante do álcool, borrando seus pensamentos e dando a ele uma sensação relaxante de euforia. A onda de tesão atravessando cada parte dele. A adrenalina das possibilidades.

Kip devia estar enxergando tudo no rosto de Scott, porque parou de se mover e chegou mais perto para tocar a orelha dele com os lábios.

— Onde você está?

Scott engoliu em seco e virou a cabeça para responder:

— Estou bem aqui.

Kip jogou a cabeça para trás e Scott deu beijos quentes e molhados em seu pescoço. Ele colocou a mão possessiva na bunda de Kip e o puxou para ainda mais perto. Deu para sentir o coração de Kip acelerar contra seu peito e na pulsação sob sua língua.

Ele sentiu as mãos de Kip deslizando por baixo da camiseta. Sabia que sua pele estava molhada de suor. Kip se aproximou e o beijou. Será que ainda estavam dançando ou só se pegando no meio de um monte de gente? Scott não ligava.

Era loucura. Estavam em *público*, sendo um espaço seguro ou não, e Scott se sentia completamente fora de controle. Precisava sair dali ou aceitar o fato de que iria comer Kip contra a parede na frente de Deus e de Ilya Rozanov.

Kip deu um passo para trás e riu.

— Calma, meu bem. Vamos ter tempo para isso depois.

Pelo menos foi isso que Scott imaginou que ouviu. Era difícil escutar com a música e o desejo ardente pulsando dentro dele.

Olhou para a área VIP lá em cima e viu Carter, Bennett e Huff apoiados na grade, sorrindo para ele. Aquilo deu uma esfriada em Scott. Kip se virou e gesticulou para que fossem dançar. Minutos depois, a cabine esvaziou e todo mundo estava junto na pista.

Carter dançou *bem juntinho* de Gloria, e Scott sorriu para si mesmo com quanto o amigo queria deixar bem claro que estava lá com uma mulher. Não importava. Carter estava *lá*, e Scott apreciava a presença dele. Eric dançou sozinho, alheio aos caras tentando dar em cima dele, e parecia estar aproveitando horrores. Huff se movia meio sem jeito, e parecia estar saindo aos poucos da pista. Matti, por outro lado, dançava com qualquer um que se aproximasse. Scott tinha certeza de que ele era hétero, mas o cara com certeza levava tudo na boa.

E Scott não tinha muita experiência em baladas, mas o jeito como Rozanov se movia com os homens com quem dançava parecia muito mais deliberado e experiente do que alguém que só estava querendo entrar na vibe do lugar.

Hum…

Em tamanho, aquele pequeno grupo de resistência de jogadores de hóquei que tinham escolhido se juntar a Scott naquela noite podia não parecer grandes coisas, mas era como uma revolução. Um ano antes — porra, um *mês* antes —, Scott jamais teria se imaginado naquele cenário. Em uma balada gay com seus melhores amigos — do *time* —, seu *namorado* e, hum, Ilya Rozanov. Dançando. Rindo. Celebrando sua sexualidade em vez de escondê-la. Era surreal e maravilhoso.

Kip levantou o queixo e Scott o beijou porque o amava, e amava estar ali com ele, e não havia mais motivo para ter medo.

— Você está feliz — comentou Kip.

Scott colou a testa na dele.

— Estou me sentindo invencível agora.

— Eu também. Vamos mudar a porra do mundo.

Scott o beijou, com força, porque Kip acabara de descrever exatamente como ele se sentia.

— Isso — disse ele. — Vamos.

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer à minha editora na Carina, Mackenzie Walton, pelo feedback extremamente útil e entusiasmado e pela orientação no processo editorial do meu primeiro livro. Gostaria de agradecer o trabalho duro da editora original deste livro, Carole Ann Galloway. As edições e os conselhos dela melhoraram *Virada de jogo* tremendamente.

Também gostaria de agradecer à minha amiga Melissa Buote por ter inventado o nome Straw+Berry para a lanchonete de smoothies. Ainda me faz rir toda vez que eu vejo.

Confira nossos lançamentos, dicas de leituras e novidades nas nossas redes:

 editoraAlt

 editoraalt

 editoraalt

 editoraalt

 Editora Alt

Copyright © 2018 by Rachelle Goguen
Copyright da tradução © 2026 by Editora Globo S.A.

Esta edição foi publicada mediante acordo com a The Knight Agency, por meio da International Editors & Yáñez Co' S.L.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *Game Changer*

Editora responsável **Paula Drummond**
Editora de produção **Agatha Machado**
Assistentes editoriais **Giselle Brito e Mariana Gonçalves**
Preparação de texto **João Pedroso**
Revisão de texto **Lígia Almeida e Vanessa Raposo**
Diagramação **Guilherme Peres**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Ilustração e design de capa **Mika Serur**
Editora de livros digitais **Anastacia Cabo**
Produção do e-book **Ranna Studio**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R284v

Reid, Rachel
Virada de jogo / Rachel Reid ; tradução Vitor Martins. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Alt, 2026.

Tradução de: Game changer
ISBN impresso: 978-65-5226-169-4
ISBN digital: 978-65-5226-180-9

1. Romance canadense. I. Martins, Vitor. II. Título.

26-104502.0

CDD: C813
CDU: 82-3(71)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

1ª edição, 2026

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Rua Marquês de Pombal, 25
20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
www.globolivros.com.br